

PPGLetras | UFMA | v. 15 | N. 30 | 2024 | ISSN 2177-8868

Littera



Revista de Estudos Linguísticos e Literários

Discursos do Norte: Insólitos excluídos

orgs.

Thiago Barbosa Soares

Damião Francisco Boucher

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

REITOR

Prof. Dr. Fernando Carvalho

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

COORDENADOR DO CURSO DE LETRAS

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante

COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva

EQUIPE EDITORIAL

Editora Científica: Prof.^a Dr.^a Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Bolsista voluntária: Andriara Costa Lima de Souza

Organizadores do Volume

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares (UFT/CNPq)

Prof. Me. Damião Francisco Boucher (UFT)

Comissão Editorial

Prof. Dr. João da Silva Araújo Júnior, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ilza do Socorro Galvão Cutrim, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof.^a Dr.^a Márcia Manir Miguel Feitosa, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof.^a Dr.^a Maria Aracy Bonfim, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof.^a Dr.^a Mônica da Silva Cruz, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof.^a Dr.^a Naiara Sales Araújo Santos, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof. Dr. Rafael Campos Quevedo, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Prof.^a Dr.^a Veraluce Lima dos Santos, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil

Ficha técnica

ISSN: 2177-8868

Periodicidade: semestral v. 15, n.º 30 – 2024

LITTERA ONLINE – ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

Departamento de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Acadêmico

Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências Humanas

Avenida dos Portugueses, s/n, Campus do Bacanga. CEP: 65085-580 São Luís – MA

Endereço para correspondência:

Revista Littera a/c Maria Aracy Bonfim

E-mail: revista.litteraonline@ufma.br

LITTERA ONLINE é uma publicação acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, e está sob licença Creative Commons Atribuição – Uso não-comercial – NoDerivative Works 3.0 Brasil.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida, seja por quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito da Comissão Editorial. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

Apresentação	p. 5
Thiago Barbosa Soares Damião Francisco Boucher	
ARTIGOS DOSSIÊ	
DISCURSO DA URBANIDADE: uma análise do crescente aumento de moradores de apartamentos no Tocantins	p. 8
Thiago Barbosa Soares	
APARELHOS DE CONTROLE: uma análise arqueogenalógica de estabelecimentos religiosos no Tocantins	p. 25
Thiago Barbosa Soares	
TRILHANDO OS CAMINHOS DA SANKOFA: Relações Étnico-Raciais nas Dissertações do PPGLi/UFAC	p. 42
Jardel Silva França	
ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PARINTINS – AM: O Ensino e a prática de leitura literária em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental	p. 73
Terciane Santos Castro Dilce Pio Nascimento Heloísa Reis Curvelo	
ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: as narrativas orais no distrito de Barreira do Andirá	p. 96
Érika Trindade Costa Dilce Pio Nascimento Heloísa Reis Curvelo	
AS NARRATIVAS ETIOLÓGICAS COMO PERPETUAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA	p. 119
Heloísa Reis Curvelo Luciara Dutra Ferreira	

TRADUÇÃO

MEANINGS ADRIFT IN THE DISCOURSE OF FORMER GOVERNOR JOSÉ
WILSON SIQUEIRA CAMPOS p. 143
Thiago Barbosa Soares
Damião Francisco Bouchet

SEÇÃO LIVRE

DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO E MOBILIZAÇÕES INTERTEXTUAIS EM
INTERAÇÕES POLÊMICAS SOBRE O PROJETO DE LEI (PL) 580/ 2007 p. 159
Ozeias Evangelista de Oliveira Junior
Jasmin Costa Mendes
Noemy Prazeres Sousa
João da Silva Araújo Júnior

SILENCIAMENTO E EFEITOS DE SUCESSO MIDIÁTICO: os dizeres de MC
Pipokinha sobre uma professora p. 176
Isabella Cristina Morais do Nascimento
Thiago Barbosa Soares
Damião Francisco Boucher

MUÁ, KA'A IARY E KA'A: lendas etiológicas de resgate da identidade indígena
paraguaia p. 193
Heloísa Reis Curvelo
Carol Silva dos Santos
Isabel Abreu Guimarães
Luana Carneiro Fortes

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS de professores de língua portuguesa do ensino
médio com a tipologia argumentativa p.205

RESENHA

DISCURSOS DO NORTE: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em
redes de dizeres sobre o Tocantins p. 223
Thiago Barbosa Soares

Apresentação

É com satisfação inefável que trazemos a público este número da *Revista Littera*, intitulado “Discursos do Norte: insólitos excluídos”. Seu nome poderia ser tomado como autoexplicativo, entretanto, ainda que isso seja uma verdade para alguns, para muitos é necessária uma devida explicação e, por conseguinte, uma sumária apresentação segue-se dessa exposição. Nesse horizonte delineado pela propositura de Discursos do Norte, sobretudo quando esses abordam o Brasil, tem-se um apagamento histórico, econômico, cultural, entre outros possíveis, que conjecturam a região geopolítica como um adendo do qual se “deve” dizer pouco, já que não possui relevância significativa. Ora, é justamente como uma insurreição desses “insólitos excluídos” que este dossiê emerge. Em vista dessa perspectiva adotada por esta organização, aqui se tem um conjunto de textos que tratam, em sua maioria, de temáticas ligadas ao Norte, ainda que de maneira adjacente.

Com nove textos, sendo sete destinados ao dossiê, um artigo livre e uma resenha, “Discursos do Norte: insólitos excluídos” possui uma arquitetura singular, como será possível visualizar adiante por meio de um breve recenseamento de seus integrantes. Seu primeiro artigo é “Discurso da urbanidade: uma análise do crescente aumento de moradores de apartamentos no Tocantins” cujo do objetivo é examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins”. Já o segundo, intitula-se “Aparelhos de controle: uma análise arqueogenalógica de estabelecimentos religiosos no Tocantins” e visa examinar as relações de poder envolvidas na constituição de instituições no Estado do

Tocantins, em especial os estabelecimentos religiosos, associados aos de saúde e educação.

Adiante, o terceiro, “Trilhando os Caminhos da Sankofa: Relações Étnico-Raciais nas Dissertações do PPGLi/UFAC”, identifica os produtos desenvolvidos com recorte étnico-racial no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLi/UFAC), mostrando as atividades que são desenvolvidas dentro do programa. O quarto, “Escola Pública Municipal de Parintins – AM: O Ensino e a prática de leitura literária em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental”, trata-se sobre a realidade dos alunos que estão crescendo em uma sociedade com pouco incentivo à leitura de textos literários e menos acesso a livros, devido ao baixo índice de leitores no Brasil.

Posteriormente, o quinto, “Engeramento e Outras Histórias: as narrativas orais no distrito de Barreira do Andirá”, discute-se a literatura oral, mais precisamente a presença e a função sociocultural das narrativas orais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. O sexto, “As narrativas etiológicas como perpetuação da literatura indígena na América Latina”, descreve como os elementos etiológicos presentes nas narrativas indígenas transparecem as relações existentes entre espiritualidade, respeito à natureza e seus elementos, manutenção da cultura na memória coletiva. Após, o sétimo, “Meanings Adrift in The Discourse of Former Governor José Wilson Siqueira Campos”, analisa o discurso político em duas ramificações distintas: o discurso fundador e o discurso de resistência e depreende-se o funcionamento das redes de sentidos da fundação do Tocantins como um processo disruptivo que afeta os sentidos de “criação” e de “fundação” do mais novo Estado da federação brasileira.

Já próximo artigo constitui o fluxo contínuo da revista.

O oitavo, “Silenciamento e efeitos de sucesso midiático: os dizeres de MC Pipokinha sobre uma professora”, analisa o discurso do sucesso midiático nos dizeres de MC Pipokinha procurando responder como os efeitos de sucesso constituem as relações de força e, por conseguinte, as formações imaginárias sobre

o sujeito de sucesso e sobre o professor. E, por fim, a resenha apreciativa do livro “Discursos do Norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Tocantins” no qual abordam-se as projeções identitárias, os apagamentos históricos e as interpelações culturais que convergem para criar uma narrativa multifacetada sobre a região do Tocantins, esquecida por muitos setores da sociedade brasileira.

Sem mais delongas, agradecemos a todos os envolvidos na produção deste número da *Revista Littera*, “Discursos do Norte: insólitos excluídos”, em especial a sua editora-científica, Prof.^a Dr.^a Maria Aracy Bonfim (UFMA), que tem dedicado enorme empenho para trazer qualidade acadêmica para este espaço de disseminação de saber.

Agora sim, cabe o desejo de uma boa leitura e uma ótima pesquisa!

Palmas, TO, setembro de 2024.

Thiago Barbosa Soares (UFT/CNPq)
Damião Francisco Boucher (UFT)
Organizadores

DISCURSO DA URBANIDADE: uma análise do crescente aumento de moradores de apartamentos no Tocantins

DISCOURSE ON URBANITY: an analysis of the growing increase in apartment residents in Tocantins

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO: Diante do objetivo de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024, este artigo mobiliza o reconhecido método da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais, a saber: as noções de formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. Esses, depois de postos em marcha no processo de descrição e interpretação das relações de poder no texto sob exame, efetivam a proposição traçada para esta investigação. Entre os resultados encontrados, tem-se a relação entre o dispositivo midiático, veículo de enunciado, relacionando-se tanto à formação discursiva conservadora quanto à episteme desenvolvimentista.

Palavras-chave: Discurso da urbanidade; Arquegenealogia; enunciado; dispositivo midiático; episteme desenvolvimentista.

ABSTRACT: In view of the objective of examining the power relations that constitute the discourse of urbanity present in the news “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), published on the information portal G1, on March 4, 2024, this article mobilizes the recognized method of Discourse Analysis, through some of its operational concepts, namely: the notions of discursive formation, utterance, device and episteme. These, after being set in motion in the process of describing and interpreting power relations in the text under examination, implement the proposition outlined for this investigation. Among the results found, there is the relationship between the media device, vehicle of utterance, relating to both the conservative discursive formation and the developmental episteme.

KEYWORDS: Discourse of urbanity; Archegenealogy; Statement; Media device; Developmental episteme.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É de conhecimento geral que a população das cidades é mais densa do que a vivente no campo, por uma série de fatores, entre esses se encontram: condições de trabalho, uso dos serviços públicos de saúde, de escolarização e de segurança. Sob a perspectiva da mudança de prioridades e da busca por espaços, em tese, ordenados para

¹Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

o desenvolvimento dos elementos da socialização urbana, tem-se um panorama que atravessa e constitui uma nação, que até bem pouco tempo era predominantemente agrícola, como sua zona rural densa em habitantes, e volta-se para a projeção de seu lastro no futuro de novos espaços desenhados para uma arquitetura coletiva.

Como o Brasil possui um quantitativo expressivo de cidades de pequeno, médio e grande porte, suas configurações referem-se a um caleidoscópio de causas, oriundas, em algum grau, da expansão de pequenas vilas à grandes metrópoles. Nesse direcionamento, “De toda maneira, vivemos já um novo patamar de integração territorial brasileira com uma nova qualidade do sistema urbano, não apenas por causa da maior densidade da configuração territorial, mas também por causa de sua maior espessura” (SANTOS, 1994, p. 125). Em forma de paráfrase do que Santos (1994) afiança acerca do processo de urbanização, tem-se que o reflexo fundamental da ocupação do solo brasileiro, conforme diretrizes de uso e da proporcionalidade distributiva de suas funções públicas e privadas, equipara-se ao ocorrido em países mais antigos.

Em uma visada compreensiva acerca da repercussão da remodelagem urbana, Orlandi (2011), na base da composição semiótica formatada pelos usos de locais, afirma: “A cidade é um espaço significante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória. Quando se fazem certos gestos em relação a essa memória – são gestos de interpretação dela – se está transformando, modificando, ou não esta memória” (ORLANDI, 2011, p. 698). Dessa maneira, tanto o que se diz sobre a cidade, e seus recortes geográficos, quanto ela mesma configura leituras que, por legítima extensão, são sentidos discursivizados. Por meio desse mirante, em conjunção com o domínio do saber das estruturas do poder (FOUCAULT, 2012) organizativas do circuito coletivo, pode-se tomar o discurso da urbanidade como passível de descrição e interpretação.

Diante da viabilidade analítica acima apontada e da demanda pela execução desse expediente, pauta-se para este artigo o objetivo de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024. Para tanto, mobiliza-se o reconhecido método da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais. Para melhor disposição do plano argumentativo-textual a ser desenvolvido, este artigo é segmentado por seções designadas em negrito adiante. **Considerações**

teórico-metodológicas, nas quais são explicitadas as noções de formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. **Análise: discurso da urbanidade no Tocantins**, na qual os operadores mencionados são postos em marcha no processo de descrição e interpretação das relações de poder no texto sob exame. Por fim, as **Considerações finais**, nas quais se verificam as possíveis contribuições acerca do trajeto ora percorrido.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Conforme a propositura deste artigo, esta seção abriga um recenseamento orgânico das noções elencadas para servir de ferramental interpretativo da matéria “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), a lembrar: formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. Entretanto, só é possível fazer um emprego efetivo desses se houver figurando no horizonte de uma análise o conceito de discurso. Para sanar tal necessidade que se faz presente, importa delinear o discurso como um conjunto relacional de sentidos cujas bases de manifestação são múltiplas a depender de um determinado prisma de observação. Nesse horizonte no qual o traçado epistemológico de discurso é pontualmente recobrado, Veyne (2011) afiança: “O discurso não é uma infraestrutura e também não é outro nome para a ideologia, seria antes o contrário, a despeito do que lemos e ouvimos todos os dias” (VEYNE, 2011, p. 50)².

É justamente a partir de uma perspectiva segundo a qual o discurso encontra-se desvinculado de certos pressupostos rígidos de compreensão das relações que se pode tomá-lo como objeto investigativo. Nesse direcionamento, Veyne (2011) ainda afiança: “Os discursos são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram; elas se impõem tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos” (VEYNE, 2011, p. 50-51). Portanto, em conformidade com a asserção veyneana sobre o discurso e algumas de suas percepções difundidas, explica Soares (2022), “o discurso não

² Cabe aqui uma explicação importante acerca da perspectiva adotada neste artigo, porquanto aqueles que se arrogam do “título” de analistas do discurso precisam frequentemente apontar suas origens como determinadoras do modo de se fazer tal investigação interpretativa. De maneira diametralmente contrária, adota-se aqui, como paradigma metodológico, o início da descolonização da Análise do Discurso, bem como a descreve Soares (2023) em “Descolonizar a análise do discurso brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica”. Assim, os determinativos “francesa”, “anglo-saxã”, “foucaultiana”, “pecheutiana”, entre outros, que mais servem a propósitos eurocêntricos são deixados de fora deste texto, como um ato revolucionário, apenas para o uso romantizado de idealizadores de nichos compartimentados da Análise do Discurso.

é uma série de falsas percepções do que se pode chamar de realidade, mas, grosso modo, das interpretações segundo as quais se podem ver *os fatos, a realidade, as coisas*” (SOARES, 2022, p. 211).

Como há no aparato teórico-metodológico escolhido para esta investigação uma conexão orgânica entre os operadores interpretativos, a ligação entre esses é fundamental para serem estabelecidas as linhas mestras do processo analítico. Sob esse ângulo de compreensão, tem-se a necessária vinculação entre discurso, formação discursiva e enunciado empreendida por Foucault (2012) que, ao pontuar esses elementos, diz: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na formação discursiva, ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (...)” (FOUCAULT, 2012, p. 143). Em outros termos, um pouco mais gerais, o discurso manifesta-se em enunciados que, como explicita Soares (2022), “não se restringem unicamente às unidades linguísticas” (SOARES, 2022, p. 212), ancorados por formações discursivas, isto é, didaticamente, as formações discursivas funcionam como “guarda-chuva” de enunciados.

Por certo, o tratamento ofertado às formações discursivas, em sua amplitude de funcionamento, carece da compreensão sobre seu potencial rarefeito de dispersão de sentidos a partir de uma deflexão das relações de poder-saber existentes no corpo social. Nessa mesma delimitação acerca das formações discursivas, Foucault (2008a) assevera que “A análise das formações discursivas e de seu sistema de positividade em relação ao elemento do saber concerne somente a certas determinações dos acontecimentos discursivos” (FOUCAULT, 2008a, p. 112). Desse modo, o exame arqueogenalógico das formações discursivas permite, não apenas trazer à luz parcela significativa do saber envolvido em sua própria confecção, mas, sobretudo, as formas de poder pertencentes às estruturas de seus enunciados constitutivos. Nesse direcionamento, o sistema de positividade interno às formações discursivas é responsável tanto pela coerência de suas unidades de discurso quanto por uma recusa de assimetrias, ou seja, o sistema de positividade engendra outro segundo o qual as negatividades possuem um funcionamento tácito em relação diametral ou adjacente aos sentidos nucleares de uma determinada formação discursiva.

Uma vez que as formações discursivas existem por meio de complexos arranjos de enunciados em múltiplos dispositivos de dispersão de seus sentidos condutores, Foucault (2008a), afirma sobre a associação entre a formação discursiva e o enunciado, “Estamos agora diante de uma figura complexa. Ela pode e deve ser analisada simultaneamente como uma formação de enunciados (FOUCAULT, 2008a, p. 110). Em tom explicativo, Kremer-Marietti (1977), embasada no método arqueogenalógico, assegura: “A função do enunciado – já que ele é essencialmente função – não é fazer aparecer um referente nem um sentido” (KREMER-MARIETTI, 1977, p. 121). Kremer-Marietti (1977), a esse mesmo respeito, afiança: “o enunciado é mais que um conjunto de signos reunido há um suporte material; eles supõem definições, regras, convenções de escrita” (KREMER-MARIETTI, 1977, p. 122).

Em perspectiva elucidativa, Deleuze (2017) declara acerca do enunciado: “este tem um objeto discursivo que não consiste, de modo algum, num estado de coisas visado, antes deriva, pelo contrário, do próprio enunciado” (DELEUZE, 2017, p. 19-20). Como tanto formação discursiva e enunciado funcionam segundo as possibilidades impostas pela ordem discursiva do dispositivo, impõe-se a compreensão desse elemento configurador. Nesse direcionamento, Veyne (2011) afirma que “O dispositivo é menos o determinismo que nos produz do que o obstáculo contra o qual reagem ou não reagem nosso pensamento e nossa liberdade” (VEYNE, 2011, p. 169). Veyne (2011), ainda sobre o dispositivo e seu impacto no circuito social, diz: “Seus efeitos sobre o conhecimento podem ser assim efeitos de poder” (VEYNE, 2011, p. 169).

Sobre o funcionamento do dispositivo, como um fator determinante na construção de práticas discursivas, Agamben (2005) sentencia: “O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e só enquanto tal e uma máquina de governo” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Segue-se da compreensão dessa operação realizada pelo dispositivo, que, guardadas as devidas proporções, seu impacto no corpo coletivo é gerir o processo de criação de subjetividades, sendo essas entendidas em seu aspecto, prioritariamente, social dos sujeitos inseridos no circuito no qual dispositivos monitoram, definem e revitalizam comportamentos, expectativas e, necessariamente, sentidos. Por essa razão, Agamben (2005) “se todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação, é impossível que o sujeito do dispositivo o use “de modo justo”” (AGAMBEN, 2005, p. 15; aspas do autor). Ora, o desempenho do dispositivo faz com

que haja um registro e transformação das subjetividades, de maneira que seus sujeitos fiquem detidos em seus tentáculos de poder.

Na linha traçada no horizonte do dispositivo segundo a qual se verticaliza sua concepção aplicada àqueles disseminados no tecido social, Agamben (2005) destaca: “Aqueles que têm discursos similares são, de resto, a seu tempo, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Em outros termos, todo o complexo de elementos integrantes da mídia, jornais, sites, programas televisivos, entre outros, compõem o dispositivo midiático por meio do qual se alastram discursos que lhe são provenientes. De acordo com essa perspectiva, é aceitável dizer que existe um conjunto de dispositivos no circuito coletivo cujo papel é tanto disseminar sentidos quanto estabilizá-los, como aventa, *mutatis mutandis*, Agamben (2005) acerca do dispositivo midiático. Portanto, um representante de tal agrupamento discursivo pode ser considerado, por via metonímica, um dispositivo e, por conseguinte, o que se diz analiticamente a seu respeito estende-se, em alguma medida, ao seu determinado conjunto.

Como o dispositivo atravessa e constitui praticamente todas as sedes decisórias das relações de poder na sociedade, pode-se compreender uma rede de ancoragens do enunciado para com a formação discursiva que, por sua vez, é formatada e amplificada por dispositivos. Esses são estruturados segundo os fundamentos da episteme que rege a conjuntura na qual vigoram. Nesse caso no qual a episteme produz seus efeitos em determinado momento histórico, Foucault (2007) afirma que “(...) a episteme do mundo ocidental isola para nós o começo de certa maneira moderna de conhecer as empiricidades” (FOUCAULT, 2007, p. 343). O que traduz, conforme a densidade da explicação anterior, como a representatividade do conhecimento humano é, principalmente, o conjunto de elementos a partir dos quais a episteme manifesta-se. Aqui, para evitar algum tipo de mal-entendido, esclarece-se que episteme não é saber, porquanto esse difere daquela não apenas em sentido qualitativo, mas também em direcionalidade e permeabilidade, que somente a primeira possui.

Em vista do aprofundamento da distância entre saber e episteme, usa-se a seguinte asserção de Foucault (2007) para delimitar com maior propriedade o primeiro elemento da relação: “Saber consiste, pois, em referir a linguagem a linguagem. Em restituir a grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar” (FOUCAULT,

2007, p. 55). Com essa definição de saber, pode-se alegar, sem o receio do equívoco, que esse liga-se à representação das coisas por palavras e, por uma extensão verticalizada, a episteme, por sua vez, refere-se à conjuntura na qual essas produzem poder operacionalizado no interior do circuito coletivo. A esse respeito e com maior precisão, Foucault (2007) declara: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme que define as condições de possibilidade de todo saber” (FOUCAULT, 2007, p. 230). Então, a episteme é a responsável pelo gerenciamento do saber, de tal forma que a expressão desse está configurada em seus aparelhos de disseminação, como as formações discursivas, os enunciados e os dispositivos.

No horizonte tracejado acima, a episteme, ao ser analisada em suas manifestações, é capaz de fornecer parte significativa do modus operandi das relações de poder-saber existentes na sociedade. Por essa razão, aliada à propositura de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada, no portal de informações G1, em 4 de março de 2024, que este recenseamento conceitual importa à aplicação da metodologia da Análise do Discurso segundo a qual se faz uma descrição tanto da materialidade do fenômeno de linguagem eleito para tal finalidade quanto das virtualidades sociais nele implicadas, de modo que essas são amplificadas sob as lentes das noções ora apresentadas. Feitas essas explicações, passa-se à efetiva investigação da matéria.

ANÁLISE: DISCURSO DA URBANIDADE NO TOCANTINS

Nesta seção, empreende-se a aplicação do ferramental teórico-metodológico exposto acima para que se possa investigar discursivamente as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024. Para que isso seja feito de maneira adequada e levando em consideração os princípios arqueológicos norteadores deste artigo, descreve-se adiante algumas das características do dispositivo no qual o enunciado, alvo deste exame, é produzido e, conseqüentemente, disseminado. Nesse direcionamento, encontra-se no portal do próprio site do G1 um conjunto de informações que orientam tanto o leitor quanto quem desconhece seu conteúdo. No início

da página, sem um autor, diz-se que: “O G1 é o portal de notícias da Globo e líder de audiência no jornalismo digital no Brasil” (G1, 2024).

Como o G1 identifica-se, traz ao plano argumentativo parte de seu compromisso com as principais estruturas de poder organizador dos dispositivos de informação, já que tal empresa é integrante de um conglomerado de outras cuja propositura comunicacional é fundamentada nos interesses políticos e econômicos historicamente elitizados, e, como afirma Soares (2018), “O grupo Abril e o grupo Globo são os maiores detentores dos meios de produção e veiculação de notícias, havendo entre ambas densas afinidades ideológicas, o que contrai as possibilidades de acesso às informações menos enviesadas” (SOARES, 2018, p. 193). Diante dessa perspectiva na qual se enquadra o dispositivo propagador do enunciado sob exame, pode-se afirmar, não por mera inferência, mas por constatação do contágio de conteúdo, que o G1 se manifesta em seus enunciados mediante a representação de uma predeterminada ordem discursiva que, por sua vez, é conduzida por uma ordem de relações de poder no interior do circuito coletivo.

A liderança apontada pelo domínio eletrônico do jornal refere-se ao próprio monopólio que esse exerce, como um dos princípios dispositivos midiáticos do Brasil contemporâneo, sobre a arquitetura e circulação da informação no país. Desse modo, a auto conferência agrega ao dispositivo em questão seu valor pujante frente a outras plataformas de mesma natureza, outorgando-se um lugar de importância. Mesmo que essa declaração não fosse absolutamente correspondente às métricas de verificação, é inegável o papel de destaque alcançado por esse portal de notícias, o que, per si, torna o dispositivo um dos de maior alcance da América latina, possuindo, como se pode averiguar em seu site, uma filial para cada Estado da Federação brasileira. Portanto, sua permeabilidade e alcance fazem do dispositivo do G1 um rico encontro das relações de poder no tecido social e, ao mesmo tempo, transformam as práticas discursivas, engendradas em enunciados como “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), uma verdade complementada por veículos de comunicação adjacentes.

Conforme a descrição acima, pode-se alegar que o referido dispositivo se trata de um veículo de mídia responsável por divulgar sentidos vinculados a uma matriz de conhecimento predominantemente conservadora, dado suas filiações e o verificável histórico de produção de enunciados. Nesse direcionamento interpretativo no interior do

qual se encontra o texto alvo deste artigo, a tessitura textual da matéria sob análise é de fundamental relevância para se descrever e compreender seus processos aí utilizados. Portanto, abaixo encontra-se a notícia que possui, em negrito, seu título, seguido do subtítulo e dos dois primeiros parágrafos do texto, que repercutem a totalidade dos principais elementos trazidos à baila pela temática abordada na orientação de leitura do enunciado.

Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins

Aumento é de quase 200% em comparação com o último levantamento do IBGE, de 2010. Entretanto, a maioria dos tocaninenses mora em casas.

A maior parte dos tocaninenses vivem em casa como tipo de domicílio. Mas o número de pessoas que optaram por morar em apartamentos pulou de 12.836 em 2010 para 38.120. É o que mostrou os dados do Censo 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados são relativos às características de domicílios e a quantidade de pessoas em 2022 nesse tipo de moradia representa 2,5% da população do estado. O número aumentou 196% em 12 anos. Já no ano 2000, segundo o IBGE, apenas 2.582 tocaninenses moravam em apartamento (LAURIS, 2024).

Em vista do caráter argumentativo para o qual se emprega números, associados à produção de verdades de outro dispositivo social, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a principal informação que se extrai do excerto é a do aumento de apartamentos no Estado do Tocantins. Todavia, por uma orientação discursiva dada ao dispositivo no qual o enunciado encontra-se, o aspecto histórico envolvido em tal crescimento de um tipo de moradia é apagado, deixando, ao leitor, uma interpretação livre para esse acontecimento, ou melhor, perfazendo uma leitura desvinculada das principais circunstâncias às quais essa ocorrência está atrelada. Eis, na constituição textual do enunciado sob exame, os efeitos discursivos da formação discursiva conservadora, que comumente preserva determinadas relações de poder, como no caso em que o crescimento de apartamentos para moradia soa como crítica. Acerca desse funcionamento agregado ao sentido da matéria, tem-se a seguinte explicação de Orlandi (2011) que o elucidada: “organização urbana, está ligada ao imaginário projetado sobre a cidade, tanto pelos seus habitantes como pelos especialistas do espaço, como urbanistas, administradores etc. que, assim, se relacionam com a cidade através desse imaginário” (ORLANDI, 2011, p. 694).

A construção da relação entre o discurso e seu objeto, no caso a disposição de moradias em cidades tocaninenses, faz-se por meio do recurso da materialização da

formação discursiva conservadora no enunciado em questão, segundo a qual o aumento de apartamentos não é um mero indicativo do crescimento populacional, já que para constatar esse fato seria suficiente o dizer sem mencionar o tipo de residências escolhidas em um determinado recorte temporal. Esse expediente, para além de trazer uma informação facilmente verificável mesmo pela empiria, emprega a lógica matemática para subsidiar o fundamento de que há um crescimento na escolha de apartamentos ao invés de casas. Nessa perspectiva, a formação discursiva, engendrada na constituição do próprio dispositivo, fundamenta-se na formatação do enunciado ao precipitá-lo na problemática urbanista da segurança pública.

Não sem razão o acontecimento discursivizado na notícia sob escrutínio vincula-se ao tema da segurança pública, porquanto, como afirma Santos (1994), uma das possibilidades de crescimento em um país profundamente desigual como o Brasil, para além da fundação de sítios autogeridos e isolados da pobreza, como condomínios de alto padrão, é justamente por meio da verticalização das construções. No tocante ao funcionamento das relações de poder verticalizadas em formas de controle, Foucault (2008b) afiança: “(...) a soberania se exerce em um território, a disciplina tem como alvo o indivíduo, e, por fim, a segurança se exerce sobre o conjunto de uma população” (FOUCAULT, 2008b, p. 16). De acordo com a proposição aventada por Foucault (2008b), é possível apontar o projeto de urbanização e suas implicações na manifestação das cidades como derivadas das relações de poder, sobretudo, porque o tripé descrito, soberania, disciplina e segurança, proporciona e/ou modifica uma série de possibilidades de discursivizá-los e, conseqüentemente, redimensiona os sentidos segundo determinados dispositivos sociais que deles possam fazer usufruto.

A partir do direcionamento apresentado, entende-se que o dispositivo midiático possui enorme força na representatividade dos discursos e, por conseguinte, um de seus efeitos é o adensamento nas relações de poder, quando da produção e circulação de enunciados cujo núcleo da formulação reside na formação discursiva conservadora, como é o caso de “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024). Sob esse ângulo, a descrição urbana do crescimento de um tipo de moradia que se difere da casa, contida no enunciado sob investigação, volta-se para projeção de diferenças menos evidentes, como já delineadas, pois se trata, com menor intensidade, do fenômeno social da urbanidade (SANTOS, 1994) e de seus

impactos diretos e indiretos na vida em coletividade. Em outros termos mais específicos, o traçado discursivizado na matéria perfaz a noção, já bastante disseminada pelo senso comum, que os centros das cidades são os melhores lugares, por conta de acessibilidade facilitada a bens e serviços e, sobretudo, por uma visão garantidora de segurança.

Com base nos dados disponibilizados no enunciado em questão, a partir dos sentidos norteadores da formação discursiva conservadora segundo a qual o núcleo do poder emana dos centros urbanos e, gradualmente, espraia-se para suas redondezas, de maneira a configurar o espaço das cidades tocantinenses inicialmente com casas circunvizinhando o eixo das principais zonas de poder que, segundo a narrativa trazida do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cujo recorte temporal é de doze anos, recebe um gradiente abundante de apartamentos. Tal composição argumentativa, performatizada por essa formação discursiva conservadora no dispositivo midiático, apresenta, na tessitura do corpo social, o poder disciplinar em sua forma menos analisada até então, porque se acredita no postulado segundo o qual a sociedade disciplinar deu passagem à sociedade do desempenho. Nesse paradigma de compreensão dos fenômenos relacionados às relações de poder e suas eventuais repercussões, Han (2017) preconiza: “A sociedade de hoje não é primordialmente uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, que está cada vez mais se desvinculando da negatividade das proibições e se organizando com uma sociedade da liberdade” (HAN, 2017, p. 79).

Tomada a propositura de Han (2017), acerca da atual sociedade do desempenho sem o modalizador “primordialmente”, uma leitura da formação discursiva conservadora sobre o corpo social e sua disposição no circuito urbano das cidades tocantinenses, voltada para a configuração na qual os cidadãos, para obter maior sensação de segurança e os benefícios e as facilidades que os centros comerciais (e residenciais) oferecem, preferem conformar-se à moradia em apartamentos, estaria equivocada, pois consideraria o saber imbuído no enunciado como mero reflexo do alto desempenho do estágio contemporâneo do capitalismo. Ora, aqui se verifica, na estruturação discursiva do enunciado “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), a disciplinarização do corpo social tocantinense de acordo com a visada na qual os edifícios, onde os apartamentos estão alocados, funcionam sob o regime tanto de aglomeração quanto de vigilância de seus moradores.

Justamente em vista de tal direcionamento das relações de poder encontrado na notícia, publicada no dispositivo midiático do G1, precisa-se uma formação discursiva segundo a qual funciona a conservação do poder disciplinar da distribuição do espaço urbano, ou nos próprios termos de Foucault (2014), sobre essa possibilidade de controle, “O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo vir perfeitamente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido” (FOUCAULT, 2014, p. 170). Desse mirante interpretativo, segue-se que o conjunto de apartamentos, cujo nome varia entre prédio e torre, mantendo o campo semântico, valida a arquitetura disciplinar do controle já que, nas palavras de Foucault (2014), “O poder disciplinar é com efeito um poder que, invés de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar” (FOUCAULT, 2014, p. 167).

A proporcionalidade do poder disciplinar (FOUCAULT, 2014) disperso no circuito coletivo e sua relação com o controle do corpo social, quando descrita a partir do discurso da urbanidade impresso nas teias do enunciado sob exame e sua formação discursiva conservadora, faz-se presente por sua vinculação à transição das relações de poder hierárquicas, verticais, para, *mutatis mutandis*, as igualitárias, horizontais, já que, ainda que de fato haja uma reordenação de fatores socioeconômicos distribuídos na virtualidade representativa da sociedade contemporânea, a residência, e, conseqüentemente, seus atributos no espaço da cidade na qual ocupa, refere-se à disciplina imposta, principalmente, pelo sistema capitalista vigente. Frente a tal aproximação elucidativa, encontra-se o necessário amparo axiológico para analisar as projeções discursivas existentes em “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024) como integrantes compósitos não apenas do dispositivo midiático, G1, da conformação argumentativo-textual do enunciado e mesmo da formação discursiva conservadora, mas, sobretudo, da episteme corrente.

Ao traçar os contornos do dispositivo midiático, da estrutura do enunciado em questão e da formação discursiva conservadora manifestada em seu interior, chega-se, pelo movimento orgânico dos operadores analíticos eleitos para esta investigação, à episteme. Vale lembrar que essa, de acordo com as palavras de Foucault (2007), “define as condições de possibilidade de todo saber” (FOUCAULT, 2007, p. 230) que molda um

determinado período histórico, de maneira que o estudo desse, em boa medida, equivale ao conhecimento daquela em uma perspectiva arqueogenealógica. Uma vez que esta abordagem contempla a compreensão, ainda que microscópica, da episteme, ressalta-se o caráter preliminar de descrição da episteme por meio de um enunciado, como “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), e suas condições de circulação no dispositivo midiático. Assim, o que se aponta, como descrição interpretativa, da episteme é, entre outros elementos, uma parcela de seu funcionamento no discurso da urbanidade acerca do aumento de moradores de apartamentos no Tocantins.

Ao tocar a episteme, encontra-se parte significativa do saber-poder que formata a possibilidade da notícia, difundida pela formação discursiva conservadora, veiculada pelo dispositivo midiático do G1 e justifica sua articulação na tessitura de saberes dispersos acerca da temática do discurso da urbanidade na contemporaneidade, em específico quando esse se encontra na exposição da proporção do crescimento de moradias em apartamentos no Tocantins de 2010 a 2022. Nesse direcionamento perfilado, a episteme atual, sob a qual se forja o enunciado sob análise e seus complexos adjacentes de sentidos, pode ser designada por desenvolvimentista, já que um de seus núcleos capilarizados, tanto pela formação discursiva quanto pelo enunciado, volta-se para o procedimento de observação crítica do tempo e espaço com o objetivo de apresentar algum progresso, como ocorre com inúmeras produções discursivas segundo a toada de revisitar dados do passado e compará-los com os novos de presente.

A episteme desenvolvimentista, cujo cerne de seu saber-poder, torna o momento presente um contínuo desdobramento, sobretudo, no tocante axiologicamente positivo, observada a partir das relações entre o enunciado “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), seu dispositivo de produção e dispersão, sua formação discursiva integrante, permite compreender a fundamentação das mudanças no discurso da urbanidade no Tocantins, segundo determinado recorte temporal. Essas organizam, ainda que de forma contraditória quando refletida a formação discursiva conservadora, a propagação de uma urbanização tocaninense no interior da qual o acontecimento discursivo é, entre outros elementos já abordados, uma retrospectiva do que já ocorreu em outras regiões mais densamente povoadas do país. Desse modo, a episteme desenvolvimentista que se alastra por

incontáveis enunciados dispersos no circuito social não obstaculiza o engendramento de saber-poder por uma formação discursiva conservadora, ao contrário, essa lhe fomenta o componente contraditório necessário para sua proliferação.

Diante da conexão orgânica entre enunciado, dispositivo, formação discursiva e episteme verifica-se que a notícia em questão, publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024, serve ao propósito delineado pelo saber-poder, aqui apontado pela episteme desenvolvimentista, de organizar as informações dispersas nos dispositivos de controle, como IBGE, sob a égide moderna do crescimento do uso de apartamentos como residências, ao passo que a formação discursiva conservadora impressa na tessitura argumentativa do texto parece soar como uma crítica, haja vista existir uma larga possibilidade de aumento das residências tradicionais, casas, por conta da pouca densidade populacional no Estado do Tocantins. Portanto, a formação discursiva, para além de seu papel de “sistema de positividade em relação ao elemento do saber” (FOUCAULT, 2008a, p. 112), no enunciado sob análise cumpre a função de ratificação, pela contradição, da episteme desenvolvimentista que, por sua vez, pode ser percebida como o saber-poder do tempo presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), foi mobilizado o aparato analítico arqueogenalógico da Análise do discurso sob a égide dos conceitos de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme. Por meio desse expediente, percorreu-se o processo de interpretação investigativa mediante a descrição perquiridora cabível à aplicação dos operadores discursivos mencionados para alcançar a propositura traçada para este artigo. Nesse direcionamento sob o empreendimento examinador realizado, pode-se afirmar que seu escopo, além de elementos adjacentes, foi exitoso, ainda que seja possível a outros procedimentos perscrutadores desta mesma natureza encontrarem mais relações de poder implicadas ao discurso presente no mesmo enunciado.

Em uma perspectiva de recenseamento do que se encontrou neste estudo, destaca-se o perfil do dispositivo no qual o enunciado alvo foi produzido e disseminado, segundo a ordem discursiva da mídia contemporânea, porquanto é relativamente conservador,

dado o teor impresso em muitos de seus textos (SOARES, 2018) e permite ao enunciado sua filiação à formação discursiva conservadora, mesmo que isso não se dê explicitamente com marcas prevalentes, como verificado na análise. Em vista desse funcionamento, averiguou-se que o aumento de moradores de apartamentos no Tocantins retrata, conforme determinadas relações de poder-saber observadas pela promoção do exame, uma condição vinculada ao regime epistêmico do momento presente, intitulada didaticamente por episteme desenvolvimentista. Essa, como arregimentadora de saber, configura-se como estruturante das relações sociais e, conseqüentemente, do discurso da urbanidade.

Com efeito, foi possível aferir a não proporcionalidade, geradora de dissimetria, entre a formação discursiva conservadora e a episteme desenvolvimentista cujo principal impacto em investigações menos consistentes é a crença de que há antagonismo entre a formação discursiva e a episteme vigente, entretanto, percebeu-se que uma alimenta-se da outra no circuito de promulgação de informações, sobretudo, quando essas se referem ao uso do espaço urbano em regiões em franco crescimento populacional, pois, assim, a contradição como refratária do processo de compreensão das propriedades positivas ou favoráveis ao crescimento de residentes de apartamentos no Tocantins também é passível de apuração em um dado enunciado, como o alvo deste artigo, sem a necessidade de retoques de outros enunciados produzidos no interior de formações discursivas de outra orientação acerca das relações poder.

Por fim, compreendeu-se que o discurso da urbanidade, além de representar os traçados políticos envolvidos na ocupação do espaço social (SANTOS, 1994), promove, principalmente quando aborda o desempenho estrutural de cidades em expansão, como é o caso das tocantinenses, uma tensão entre o saber percebido, e suas relações de controle, com o saber produzido, e suas pretensões de neutralidade. Portanto, como se procurou nas relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024) entender as implicações de tal discurso, encontrou-se, mediante aplicação metodológica dos procedimentos interpretativos mencionados, não apenas essas, mas, ao mesmo tempo, deparou-se com as condições sob as quais a matéria, em questão, engendra tanto os efeitos de uma determinada composição discursiva quanto o saber-poder que a modula.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, n. 5, Santa Catarina, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 11 de mar. 2024.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KREMER-MARIETTI, A. **Introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Trad. César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

ORLANDI, E. P. A Casa e a Rua: uma relação política e social. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18491>. Acesso em: 6 mar. 2024.

SANTOS, N. **A urbanização brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SOARES, T. B. Descolonizar a análise do discurso brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica. **Periferia**, [S. l.], v. 15, p. e74881, 2023. DOI: 10.12957/periferia.2023.74881. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/74881>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SOARES, T. B. **Percursos Discursivos: heterogeneidades epistemológicas aplicadas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, T. B. **Vozes do sucesso: uma análise dos discursos sobre os vícios e virtudes da voz na mídia brasileira contemporânea**. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

SOBRE O G1. **G1**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2024.

VAYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques Morais. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

APARELHOS DE CONTROLE: uma análise arquegenealógica de estabelecimentos religiosos no Tocantins

CONTROL DEVICES: an archegenealogical analysis of religious establishments in Tocantins

Thiago Barbosa Soares³

RESUMO: Este artigo possui o objetivo de examinar as relações de poder envolvidas na constituição de instituições no Estado do Tocantins, em especial os estabelecimentos religiosos, associados aos de saúde e educação. Para tanto, faz-se uso do consagrado método qualitativo-interpretativo da Análise do Discurso voltado para a descrição heurística dos sentidos presentes na matéria intitulada “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), publicada no Jornal Opção. Desse modo, são mobilizadas as noções operações de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme, a partir das quais se verticaliza a leitura do objeto delineado. Como resultado desta investigação, verificou-se, para além do alcance da propositura traçada para este artigo, os constituintes internos do enunciado notícia, o alinhamento do dispositivo, e a ancoragem de saberes dispostos no objeto em uma formação discursiva progressista e em uma episteme igualitária.

Palavras-chave: Discurso do Norte; Estabelecimentos religiosos; Tocantins.

ABSTRACT: This article aims to examine the power relations involved in the constitution of the institutions in the State of Tocantins, especially religious establishments, associated with health and education. To this end, we use the renowned qualitative-interpretive method of Discourse Analysis aimed at the heuristic description of the meanings present in the article entitled “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), published in Jornal Opção. In this way, the notions of device operations, statement, discursive formation and episteme are mobilized, from which the reading of the outlined object is verticalized. As a result of this investigation, it was verified, beyond the scope of the proposition outlined for this article, the internal constituents of the news statement, the alignment of the device, and the anchoring of knowledge arranged in the object in a progressive discursive formation and in an egalitarian episteme.

Keywords: Northern Discourse; Religious establishments; Tocantins.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabe-se que, com o advento da modernização das cidades, o regime de urbanização, em suas mais diversas especificidades, faz com as instituições sociais tenham seu funcionamento observado, quando não fiscalizado, pelo poder público. Os aglomerados organizados politicamente, cuja gestão funciona segundo a ótica legislativa, executiva e judiciária, são centros de desenvolvimento da vida em coletividade e, por meio dos quais, pode-se projetar novos horizontes para a socialização e uso consciente

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

dos espaços destinados a tal finalidade. Nesse direcionamento, é possível compreender a constante demanda das cidades por estruturar seus estabelecimentos, de modo a favorecer e/ou instaurar a cultura tanto global quanto a local referente a costumes, valores, instrução etc. Conforme explica Dias (2016), os trajetos e localidades urbanas também são percursos políticos, que, paralelamente, significam espaços e sujeitos, atribuindo-lhes funções e modos de vida característicos, onde conflitos ou estranhamentos expõem as fronteiras que engendram o discurso urbano⁴.

Os dizeres que alimentam, estruturam e recortam as cidades, produzem ecos cuja legibilidade pode ser observada nas práticas de seus cidadãos, entretanto, a configuração imaterial distribuída entre os poderes das instituições sociais, conforme suas respectivas importâncias, fundamenta-se, sobretudo, na maior ou na menor dependência que a população possui das atribuições daquelas. Em outros termos, ainda que haja uma necessidade comum por parte de todos os moradores tanto das regiões urbanas e rurais dos elementos básicos providos por entidades responsáveis pela distribuição de água, esgoto, energia etc., as demais organizações somente conseguem desenvolvimento por adesão e, por conseguinte, quanto maior for essa, maior será sua relevância e impacto no circuito social no qual se insere. Trata-se, em termos de compreensão materialista-histórico, de aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 1992).

Na esteira althusseriana, verifica-se o funcionamento de uma sociedade segundo a qual sua organização dá-se pela instalação de instituições, cuja representação virtual no seio coletivo introjeta valores. Nos termos de Althusser (1992), “Designa-se pelo nome de aparelhos ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1992, p. 68). Nesse direcionamento anteposto, elucida-se o fato de que tais aparelhos integram a força de atuação e permanência das formas de governo que, por sua vez, manifestam-se segundo a maior ou a menor carência da população, por um lado, e, por outro, instituem o valor dos comportamentos no interior do circuito social no qual se alastram. Por essa razão, há, segundo a perspectiva althusseriana, uma divisão entre os

⁴ Tal tipologia não será mobilizada como uma ferramenta de estabilização dos sentidos produzidos a partir de um conjunto de sintagmas disponibilizados no interior de uma cidade alvo. Essa justificativa deve-se ao fato de que existe essa possibilidade no horizonte interpretativo deste artigo, mas que, por escolha, não será um dos trajetos palmilhados por esta investigação.

aparelhos repressivos de Estado, polícia, exército e demais forças de segurança, e os aparelhos ideológicos de Estado, como escola, religião, política, entre outros. Em poucas palavras, um serve-se da força coercitiva para que haja a preservação, *mutatis mutandis*, do próprio Estado; outro emprega, por meio da disseminação de ideais, o método de disciplinarização silenciosa.

Dentre alguns dos aparelhos ideológicos de Estado, encontram-se a escola, a igreja e o jornal (como empresa física ou digital). Destaca-se o fato de que os dois primeiros carecem de representatividade institucionalizada em sedes, isto é, em estruturas funcionais de uso, ao passo que o último exemplo pode possuir apenas uma virtualidade no sistema discreto de produções de informações contemporâneas. Com base nessas elucidações, que tocam diretamente a diligência segundo a qual a propositura deste artigo ampara-se, faz-se a seguinte indagação, cuja resposta possivelmente se dê com maior precisão ao final desta investigação, há alguma relação entre a distribuição, no quesito de incidência, de certos aparelhos ideológicos de Estado em como a sociedade organiza-se? Importa lembrar que, como explicita Althusser (1992) acerca dos aparelhos ideológicos de Estado, “Pouco importa se as instituições que os constituem sejam públicas ou privadas. O que importa é o seu funcionamento” (ALTHUSSER, 1992, p. 69). Assim, em um plano perquiridor, a compreensão da disposição dos aparelhos ideológicos de Estado pode fornecer indícios, entre outros elementos, de como valores e sentidos são disseminados em determinadas regiões nas quais se instalam.

Feito esse breve levantamento sobre os aparelhos ideológicos de Estado⁵ e sua horizontalização como propagadores de discursos no interior do circuito social, a propositura deste texto é examinar as relações de poder envolvidas na constituição de tais instituições no Estado do Tocantins, em especial os estabelecimentos religiosos, associados aos de saúde e educação. Para tanto, faz-se uso do consagrado método qualitativo-interpretativo da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais, voltado para a descrição heurística dos sentidos presentes na matéria intitulada “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de

⁵ Para a melhor compreensão deste artigo, os aparelhos ideológicos de Estado são tomados não como obras de um dado governo, mas, antes, são disseminadores de ideais e valores que podem ser universalizantes e, por meio desse expediente, servem a um domínio mais ou menos pacífico, ainda que conflitos e assimetrias continuem existindo no circuito social no qual tais instituições vigorem.

educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), publicada no Jornal Opção. Diante desse objetivo e almejando a melhor arquitetura argumentativo-textual, este artigo é dividido conforme as seguintes seções designadas em negrito. **Considerações teórico-metodológicas**, nas quais são explicitadas as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme. **Análise: estabelecimentos religiosos no Tocantins**, na qual se verticaliza a leitura do objeto delineado, a partir da mobilização dos instrumentos interpretativos anteriormente mencionados. Encerra-se este estudo com as **Considerações finais**, nas quais se verificam as possíveis contribuições acerca do trajeto ora percorrido.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nesta seção, os principais conceitos operacionalizados para descrever e interpretar a notícia “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024) são expostos segundo a matriz epistemológica na qual emergem e da qual são extraídos para alcançar o alvo desta investigação. Nesse direcionamento, as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme, integrantes do arcabouço arqueogenealógico foucaultiano, compõem a força motora sem a qual não é possível um exame qualificado do objeto eleito para a compreensão das relações de poder envolvidas na constituição de determinados aparelhos ideológicos no Estado do Tocantins, muito menos a uma discussão qualificada acerca das vizinhanças dessa temática. Todavia, antes da verticalização desses operadores, cabe uma breve elucidação acerca da continuidade do emprego do sintagma aparelhos ideológicos de Estado, formulado por Althusser (1992), porquanto esse, ao fazer referência a um centro teórico materialista, diverge, em grau heurístico, do manancial no interior do qual são forjadas as noções ora propostas para análise. Desse modo, a manutenção da terminologia althusseriana volta-se mais a percepção do que ao caráter de conteúdo das instituições, ao passo que as noções arqueogenealógicas voltam-se à discriminação tanto da estrutura quanto de seus efeitos no circuito coletivo.

Após as elucidações acima, seguindo o planejamento traçado para esta seção, volta-se ao necessário recenseamento dos operadores interpretativos propostos para esta investigação que, por serem aplicados à virtualidade do funcionamento social no qual a matéria eleita para análise insere-se, não prescindem da concepção de discurso. Em vista

de tal precedência epistemológica, cabe o delineamento do discurso, segundo o mirante foucaultiano, como um conjunto de sentidos orientados, ou nas próprias palavras de Foucault (2012), o discurso é “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 131). Como, *per si*, a definição torna-se um tanto quanto vaga se não for remetida aos seus elementos integrantes, como em um processo de hiperonímia, faz-se necessário o encadeamento entre o enunciado que é englobado por uma dada formação discursiva.

Nessa toada explicativa, o enunciado, que se integra a uma determinada formação discursiva, possui uma configuração discursiva, isto é, para Kremer-Marietti (1977), embasada no método arqueogenalógico, “A função do enunciado – já que ele é essencialmente função – não é fazer aparecer um referente nem um sentido” (KREMER-MARIETTI, 1977, p. 121). Ela continua: “o enunciado é mais que um conjunto de signos reunido há um suporte material; eles supõem definições, regras, convenções de escrita” (KREMER-MARIETTI, 1977, p. 122). Por sua vez, Deleuze (2017) anuncia acerca do enunciado: “este tem um objeto discursivo que não consiste, de modo algum, num estado de coisas visado, antes deriva, pelo contrário, do próprio enunciado” (DELEUZE, 2017, p. 19-20). Nesse direcionamento elucidativo, Deleuze assevera: “O enunciado é em si mesmo repetição, embora aquilo que repita seja outra coisa, que, porém, lhe pode ser estranhamente semelhante quase idêntica” (DELEUZE, 2017, p. 25).

No encadeamento do enunciado, encontra-se a formação discursiva que, por sua vez, pode ser entendida como um “guarda-chuva” no interior do qual se ancoram os enunciados, ou melhor, a formação discursiva é a própria possibilidade de emersão desses, segundo uma restrição complementar cujo impacto é uma segmentação discursiva das eventuais regras de funcionamento do enunciado. A esse respeito, Foucault (2012) afiança que “Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam” (FOUCAULT, 2012, p. 86-87). Ele, para verticalizar essa perspectiva sobre a formação discursiva, diz: “em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações” (FOUCAULT, 2012, p. 87). Portanto, a formação discursiva possui, entre outras características que incidem na organização do enunciado, a conformação às relações de poder envolvidas na produção dos sentidos nela entrecruzadas.

Diante do horizonte desenhado acima, apreende-se a imbrincada propriedade da formação discursiva, cujo endosso de Foucault (2012) afirma que “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, (...) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (...)” (FOUCAULT, 2012, p. 43; grifos do autor). A partir da mobilização da formação discursiva, em suas diversas facetas, instaura-se sua prática por meio do dispositivo. Contudo, por mais que aqui essa noção ganhe um recorte, sua composição teórica é bastante ampla e abrangente, volta-se, como afirma Agamben (2005), “Um conjunto heterogêneo que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc.” (AGAMBEN, 2005, p. 9). Em outros termos, o dispositivo, conforme seu domínio de atuação, coloca em marcha uma ou mais formações discursivas, a depender das relações de poder segundo as quais seu funcionamento dá-se no circuito social. É justamente nesse direcionamento que Agamben (2005) assevera: “O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve em uma relação de poder. É algo geral (um *reseau*, uma “rede”) porque inclui em si a episteme” (AGAMBEN, 2005, p. 10).

Ao extrair o dispositivo de sua grande extensão, de maneira a verificá-lo nesta investigação, aqui, para fins práticos de estudo, o veículo no qual a matéria intitulada “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024) figura como um dispositivo disseminador de informações. Por essa razão, o Jornal Opção é o principal dispositivo com o qual a análise, a seguir, precisa ocupar-se, ainda que, seja preciso reconhecer, o próprio IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, do qual a notícia retira suas fontes, também seja um dispositivo com um funcionamento derivado de uma política específica de Estado, tal consideração está delineada no horizonte analítico traçado para esta investigação. Com base no dispositivo e sua arquitetura espraiada, pode-se avançar para a delimitação da noção arqueogenealógica de episteme, que, como um grande guarda-chuva, compreende necessariamente aquele.

De forma genérica e iniciante, a episteme pode ser descrita como um conjunto de crenças, cuja ocorrência dá-se a partir de sentidos estruturantes dos dispositivos que orientam as formações discursivas e materializam-se nos enunciados circulantes na

sociedade. Acerca da episteme, Foucault (2007) diz: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática” (FOUCAULT, 2007, p. 230). Assim, pode-se afirmar que a episteme liga-se ao saber, plasmado, mediante o emprego de práticas de poder, na constituição dos enunciados existentes nas diversas formações discursivas, arregimentadas pelos mais variados dispositivos. Em vista dessa configuração, é possível asseverar que a episteme de uma dada época contém saberes, e suas múltiplas relações de poder implicadas, cujo desdobramento interpretativo é o quadro funcional ou a partitura do circuito social ao qual faz alusão. Em outras palavras, a episteme, por sua complexidade inerente à performance da coletividade, trata-se da própria ancoragem heurística de sentidos vigentes, recortados segundo tempo, espaço e demais processos históricos de produção de saberes.

Com o objetivo de explicitar a relação entre a episteme e a formação discursiva, na qual os enunciados funcionam, traz-se para este recenseamento teórico-metodológico as concepções de língua que, ilustrativamente, referem-se a três epistemes relativamente distintas. Uma primeira é a de espelhamento do mundo, na qual, segundo Soares (2023), “A língua, no interior dessa concepção, serve para representar o mundo, o pensamento e o conhecimento” (SOARES, 2023, p. 176). A partir dessa episteme emergem formações discursivas cuja retratação dos objetos e sujeitos reflete seu núcleo, a língua como reprodução “fidedigna” do mundo. Outra episteme reguladora de sentidos acerca da língua, conforme explica Soares (2023), “é a de instrumento de comunicação. A língua, então, é percebida como um código com o qual um emissor comunica a um receptor mensagens” (SOARES, 2023, p. 176). Essa episteme, ainda em vigor, fundamenta a conexão entre os elementos da comunicação e, conseqüentemente, desses com a criação dos sentidos, de modo que as formações discursivas ancoradas em sua – eis a necessidade de uso de uma expressão foucaultiana precisa para esta explicação – “vontade de verdade” expressam, em maior ou menor medida, tal episteme. Portanto, explicitadas as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme, na ordem orgânica que melhor coube à estrutura argumentativo-metodológica deste artigo, passa-se à seção seguinte.

ANÁLISE: ESTABELECIMENTOS RELIGIOSOS NO TOCANTINS

Para cumprir o objetivo principal deste texto, examinar as relações de poder envolvidas na constituição de aparelhos ideológicos de Estado do Tocantins, em específico, o estabelecimento religioso, tece-se o arcabouço argumentativo derivado da proposta arqueogenológica foucaultiana, apresentada mais acima, com vistas a investigar os sentidos, e conseqüentemente, a discursividade presente na matéria intitulada “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), veiculada no Jornal Opção. Em tal horizonte delineado, as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme são mobilizadas para a compreensão das tanto das simetrias quanto das assimetrias existentes na estruturação da representatividade de alguns aparelhos ideológicos de Estado publicizada na notícia escolhida para figurar como corpus deste estudo. Assim, para iniciar o processo analítico, faz-se imprescindível a descrição do dispositivo no qual a referida informação ganhou circulação, isto é, o Jornal Opção.

Nesse direcionamento de apreensão das características de organização do dispositivo comunicativo em questão, pode-se mencionar o fato de que o veículo possui uma estrutura predominantemente virtual nos dias de hoje, porém, quando de sua fundação, em meados de 1975, possuía uma disseminação física, como todos os materiais de natureza informativa. Desse modo, cabe o destaque para dois elementos: ser anterior à fundação do Estado do Tocantins e possuir relevância nesse. Ora, como foi assinalado com bastante propriedade por Soares e Boucher (2023), o discurso do Estado do Tocantins remete ao “discurso fundador do Estado, cujo principal efeito de sentido é a importância do tamanho da obra em detrimento ou de suas explicações oficiais, ou da proporcionalidade entre obras e suas sinalizações” (SOARES; BOUCHER, 2023, p. 66-67). Em outros termos, o Jornal Opção possuir projeção em um Estado no qual as redes de sentidos políticos são predominantemente estáveis desde seu surgimento é um indício de que, em seu circuito de atuação, há o cumprimento de uma demanda, seja essa um posicionamento político distinto de outros dispositivos informativos, seja essa o próprio preenchimento de um eventual hiato aberto pela falta de um jornal crítico (ou minimamente crítico).

Quanto à orientação do periódico, em relação às próprias formações discursivas disseminadas em seus produtos informativos, pode-se afirmar que seu cerne é progressista, haja vista esta passagem acerca da criação do jornal em uma de suas próprias matérias: “Em 1975, jornalista consolidado, depois de ler atentamente vários jornais, sobretudo os da chamada imprensa “alternativa”, Herbert de Moraes decidiu criar um jornal” (GOUVEIA, 2015;). Além disso, alguns dos articulistas que inspiraram a fundação desse veículo de comunicação foram: “Adelto Gonçalves, Antonio Candido, Antonio Callado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Paul Singer, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Otto Maria Carpeaux, Hélio Jaguaribe, Paulo Francis Lauro de Oliveira Lima, Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva” (GOUVEIA, 2015). Esses, em sua maioria, intelectuais e críticos brasileiros alinhados ao espectro político de esquerda, por serem parte integrante da estrutura imaginária, cujos efeitos podem ser sentidos na profusão de novos jornalistas e seus textos, de um dispositivo de relevância para circulação de notícias, tornam-se também guias na arquitetura da discursividade ali produzida.

Como o dispositivo possui em seu nascedouro uma propensão ideológico-política, não é de se estranhar a ideia de que as formações discursivas, no interior das quais os enunciados fabricados pelo periódico, sejam guiadas pelo mesmo conjunto de preceitos, de modo que uma possível repercussão seja precisamente a configuração progressista das mensagens veiculadas pelo jornal. Um dos principais indícios dessa disposição, percebida no Jornal Opção, encontra-se no processo de formulação da matéria alvo desta investigação. Abaixo, pode-se conferir o texto, “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), na sua integralidade.

Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE

Dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022 divulgados nesta sexta-feira, 02, mostram que o número de estabelecimentos religiosos supera o total de escolas e hospitais no Tocantins. Conforme o levantamento, existem 5.151 templos e igrejas no Estado, enquanto instituições de educação e saúde somam, juntas, 4.226 edificações. Nacionalmente, a realidade se repete. No país inteiro são 511.955 instituições de ensino e de saúde contra 579.798 estabelecimentos religiosos.

O Censo também revela que em 2022 o Tocantins contava com 654.815 domicílios particulares, 1.166 domicílios coletivos, 62.054 estabelecimentos agropecuários, 31.367 edificações em construção

No cenário nacional, o Brasil destaca-se pela predominância de domicílios particulares, totalizando 90,6 milhões. Os estabelecimentos de “outras finalidades”, englobando comércio, prédios públicos e culturais, ocupam a segunda posição com 11,7 milhões. Em terceiro lugar, estão os estabelecimentos agropecuários, seguidos por edificações em construção, estabelecimentos religiosos e instituições de ensino e saúde. Além disso, o Censo 2022 revela mudanças demográficas no Brasil, com a população tornando-se cada vez mais feminina e envelhecida, apresentando uma idade mediana de 35 anos. Destaca-se também o aumento significativo da população indígena, alcançando 1,7 milhão de pessoas, explicado pela revisão na metodologia da pesquisa para identificar mais precisamente essa população (JARDIM, 2024).

Desde o título ao corpo textual da matéria, há um favorecimento argumentativo sobre determinada perspectiva social segundo a qual os estabelecimentos religiosos são menos relevantes do que os educacionais e de saúde. Ao apontar tal funcionamento discursivo, não se pretende reposicionar uma eventual discussão a esse respeito, antes, volta-se à percepção de uma configuração do próprio enunciado, que é a própria notícia acima, ou seja, ressaltar, por meio do expediente da língua e seus arranjos, uma determinada formação discursiva existente em dado artefato cultural é, entre outras formas de compreender um fenômeno discursivo, um recurso comparativo, pois, conforme explicita Orlandi (2012), escolher uma formulação é, por extensão, excluir todas as outras possíveis. Por consequência, é necessário depreender da asserção inicial que a atribuição de menor importância a instituições religiosas e de maior importância a instituições de saúde e de escolarização parte de um princípio axiológico, cuja refração integra certa episteme.

Cabe atentar-se para a textualização do efeito de crítica, cuja construção sintagmática lineariza uma possível ambiguidade no título, porquanto se fundamenta em um superdimensionamento do primeiro elemento da tríade comparativa: instituições religiosas, de saúde e de escolarização. Todavia, ao ler-se “Conforme o levantamento, existem 5.151 templos e igrejas no Estado, enquanto instituições de educação e saúde somam, juntas, 4.226 edificações” (JARDIM, 2024), fica nítido que, de fato, o efeito de ambiguidade serve mais à produção de um “choque” no leitor do que a qualquer outra razão, já que o enunciado, nomeado “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), opera segundo o funcionamento da formação discursiva progressista, no interior da qual o Estado deve deter maior importância a partir de seu conjunto de prestações de serviços e bens. Por

outro lado, há uma oposição dessa formação discursiva progressista à outra cuja previsão da mobilização da saúde e da educação, que podem ser ofertadas pelo governo em suas diversas esferas (municipal, estadual e federal), dá-se também por oferta privada.

Como a existência de uma formação discursiva predominante no enunciado não invalida a presença de outras que lhe opõem, ao contrário, faz com que haja justamente uma relação de poder entre seus núcleos de sentido e, conseqüentemente, com suas respectivas epistemes. No caso em que a crítica é feita ao quantitativo de estabelecimentos religiosos, em relação ao quantitativo de estabelecimentos de saúde e de escolarização, a primeira formação discursiva emerge do dialético compromisso com a segunda, conservadora, que é discreta e, somente, perceptível na discursividade do enunciado jornalístico em questão. Para explicitar verticalmente a significação do núcleo de uma formação discursiva e de outra, pode-se recorrer à descrição de Weber (2009), acerca da religião e seu efeito social, que afirma: “O tipo de educação propiciado pela atmosfera religiosa da comunidade e da família determina a escolha da ocupação, e, através dela, da carreira profissional” (WEBER, 2009, p. 21). Tal asserção ratifica a profusão do “receio” presente na formação discursiva progressista, já que a religião⁶, por meio de seus instrumentos, expedientes e estabelecimentos, possui, como os anais da História o provam, forte influência sobre os contornos do âmbito coletivo.

Diante do foi dito, ressalta-se a colocação de Foucault (2017) sobre o poder, pois, nas palavras dele, “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2017, p. 101). Eis que o delineamento do poder, dado por Foucault, converge para a composição das formações discursivas verificadas, uma discretamente, outra argumentativamente, na arquitetura do enunciado “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024). Nesse direcionamento no qual o jogo de forças entre uma formação discursiva e sua oposta configura o cenário discursivo no qual a descrição representativa do circuito social dá-se pela valoração dissimétrica entre regimes epistêmicos distintos, os efeitos de sentido presentes na matéria sob análise corroboram o lastro polissêmico do poder observado por Foucault (2017) ao retratá-lo: “o poder não

⁶ Weber, em sua obra, diferencia as religiões católica e protestante, mas para este artigo tal problematização não é contributiva a ponto de carecer de um aprofundamento argumentativo.

é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2017, p. 101).

O manejo do poder, em suas redes tentaculares, dissemina-se desde os menores elementos constituintes de um enunciado até os direcionamentos de uma determinada formação discursiva, como é possível verificar na notícia sob investigação. Nela, há o encaixe dos dados do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao nível textual-discursivo, como ratificador institucional do quantitativo de estabelecimentos religiosos que, por sua vez, reproduz, por extensão, uma série de números vinculados a domicílios particulares, a domicílios coletivos, a estabelecimentos agropecuários e a edificações em construção. Tais informações, quando conduzidas por uma formação discursiva conservadora, possuem um determinado efeito, quando dirigidas por uma formação discursiva progressista, possuem outro, de modo que a inserção, como já se encontra localizada, caracteriza mais uma verticalização da leitura dos estabelecimentos religiosos como fontes privadas, nas quais as relações de poder movem-se segundo dinâmicas mais restritivas, do que uma simples constatação de um conjunto de referências.

Todavia, os enunciados justificam sua própria presença no interior das formações discursivas por meio da disseminação empreendida em inúmeros dispositivos (SOARES; BOUCHER, 2023), que neste caso é o Jornal Opção, arregimentados e/ ou modulados por epistemes, cujo valor social é determinado por fatores históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos, entre outros. Desse mirante, uma dada episteme só pode ser compreendida a partir de seus produtos (FOUCAULT, 2007), dispositivos, formações discursivas e enunciados por meio de um processo, ainda que simplificado para um estudo como este, de decantação, ou seja, uma análise recursiva da decupagem dos integrantes de uma episteme é o expediente mais seguro para se depreender pelo menos parte de seu conteúdo. Com essa perspectiva delineada no horizonte deste exame, cabe uma leitura, em sua amplitude macro dimensional, para os saberes, em seu âmbito epistêmico, que conformam o enunciado “Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024) em um dispositivo, já descrito, em uma formação discursiva, já abordada.

Visto que o poder, de acordo com a perspectiva aqui tratada, volta-se para as relações que, por sua vez, constituem saberes, ora genéricos, ora especializados, a episteme, como um complexo de poder-saber orientador do funcionamento do circuito social, presente, por seu lastro, no enunciado em análise encontra-se fundamentada nos valores de igualdade tanto entre a necessidade dos estabelecimentos de saúde e de educação quanto da demanda coletiva por estabelecimentos religiosos. Para que essa equalização discursiva entre estabelecimentos religioso, de saúde e de educação, e, por consequência, uma maior homogeneização na prestação de serviços ofertada por tais instituições, possa ser mais bem percebida, é preciso entender que há em tal episteme uma vontade de poder, cuja tradução mais simples é uma vontade de verdade, explicada por Noto (2010) nos seguintes termos: “(...) em uma forma discursiva que, mesmo estando no verdadeiro, não vê na verdade do que diz seu maior valor, mas sim na modificação que este dizer produz tanto naquele que fala quanto naquele a quem se fala” (NOTO, 2010, p. 24). Desse modo, uma episteme e seus regimes de saber-poder são conduzidos por uma vontade de verdade que, no caso da matéria jornalística em questão, respondem a um igualitarismo.

O discurso do Norte, cuja materialidade atravessa e constitui o Estado mais novo da federação brasileira (SOARES; BOUCHER, 2023), formata-se a partir de uma episteme igualitária, bem como as pequenas ou grandes convulsões sociais, *mutatis mutandis*, o são. Nesse direcionamento, a proporcionalidade de funções é uma busca relativamente comum por parte dos estabelecimentos, representados por instituições (de saúde, de educação e de religiosidade), cuja participação é visada por uma vontade de verdade inerente à propositura da própria episteme em vigor. Ora, é justamente por essa razão que há no enunciado, divulgado por meio do dispositivo *Jornal Opção*, uma crítica velada ao quantitativo de instalações destinadas à religiosidade em relação às voltadas para educação e para saúde, que deveriam, segundo tal apontamento, fundado na episteme igualitária, possuir maior prioridade e, portanto, maior número de estabelecimentos. Assim, no jogo das oposições de poder-saber, a representatividade religiosa parece ser menos desejada, porquanto sua função volta-se ao âmbito da metafísica, em sua abstração de percepção e de definição de fenômenos, ao passo que instituições de saúde e de educação se inclinam para a vida em seus âmbitos biológico e social.

A força social da religião, como um disseminador de sentidos e sujeitos (ORLANDI, 2012), integra-se à episteme vigente dialeticamente a partir de sua contradição no que concerne à prestação de serviços tanto da saúde quanto da educação, por meio de seus estabelecimentos.

De acordo com o índice de funcionamento dessa episteme igualitária, as entidades de saúde e educação possuem maior importância no circuito coletivo, de modo que as organizações religiosas reverberem, nos dados apresentados pelo enunciado jornalístico e sua formação discursiva, a crescente mobilização particular, não governamental, de agremiações voltadas para uma busca metafísico-espiritual. Em confronto a tal procura, que remonta aos primórdios de constituição da civilização humana, a episteme contemporânea igualitária reveste-se do compromisso de equivalência entre todas as instituições, públicas ou privadas, que fornecem serviços de necessidade básica à população, no entanto, a religião, manifestada em suas instalações, não parece cumprir, do ponto de vista social, com qualquer serviço elementar reclamado pela episteme igualitária.

Frente ao exposto sobre o enunciado da matéria Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), publicada no dispositivo informativo Jornal Opção, e suas conexões constitutivas acerca da formação discursiva progressista e da episteme igualitária que conformam determinado posicionamento, tracejando uma cosmovisão axiológica do funcionamento do circuito coletivo, afirma-se que, para além do exame discursivo da peça jornalística e seu conteúdo, há um conjunto de elementos encadeados na arquitetura do enunciado de tal maneira que, por mais que uma análise arquegenealógica trate-se de uma leitura vertical das micro e macro relações de poder investidas na sociedade, ultrapassa, em níveis qualitativo e quantitativo, o escopo proposto por esta investigação. Portanto, o empenho analítico aqui levado a sua consumação, a partir de sua metodologia interpretativa, finda-se sob o prisma do recenseamento feito mais adiante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de examinar as relações de poder envolvidas na constituição de instituições no Estado do Tocantins, em especial os estabelecimentos religiosos, associados aos de saúde e educação, a partir dos sentidos presentes na matéria intitulada

“Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE” (JARDIM, 2024), publicada no Jornal Opção, operacionalizando as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme, oriundas do arcaibouço arqueogenealógico foucaultiano, pode-se dizer que a propositura traçada para este artigo foi cumprida e, por conseguinte, seu rescaldo gesta no discurso do Norte (SOARES; BOUCHER, 2023) novas e oportunas frentes de pesquisa acerca das redes de constituição de saberes e poderes tanto do Norte, em sentido amplo, quanto do Norte, em sentido específico, voltado ao Tocantins.

Em um direcionamento recenseur das principais contribuições deste estudo e de algumas orientações de leituras sobre eventuais possíveis mal-entendidos, faz-se um breve retrospecto tanto da primeira dimensão quanto da segunda, mas não necessariamente nessa ordem. Assim, cabe um apontamento sobre o emprego dos aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1992), delineado predominantemente na introdução para generalizar, no circuito de disseminação de informações integrativas de cidadãos, instituições cujo propósito é, entre os mais conhecidos, o de docilizar os sujeitos, de modo a facilitar o processo contínuo de socialização. A mobilização dos aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1992) não vem acompanhada da incorporação da matriz teórica na qual essa noção é forjada, ou seja, o materialismo histórico, como método interpretativo do funcionamento social, figura como plano de fundo neste artigo, viabilizando, didaticamente, a aplicação do instrumental arqueogenealógico escolhido para tal.

No que tange aos mais elementares resultados obtidos por esta pesquisa, desenhasse, no quadro geral da análise desenvolvida, uma discussão que, por mais que ainda possa ser verticalizada por meio de outras leituras instrumentalizadas, trata de um assunto um tanto quanto delicado, porque diz respeito a crenças metafísicas, e complexo, porque se refere a um conjunto de elementos dispostos no circuito coletivo que este texto toca apenas discursivamente, quando não os tangencia. De acordo com essa perspectiva, a condução do rastreamento interno e externo ao texto alvo, por intermédio da descrição do dispositivo no qual esse foi veiculado, permitiu a compreensão de uma formação discursiva progressista decupada por uma episteme igualitária. Tal verificação concerne tanto ao direcionamento da notícia, segundo a organização de suas informações, quanto à configuração pretendida para uma sociedade na qual a religião e seus estabelecimentos

possuam menor importância do que a atual. Portanto, uma parcela das relações de poder (FOUCAULT, 2012), interpretadas por meio da investigação realizada, estabelecem com formações discursivas conservadoras e epistemes transcendentais um contínuo embate, materializado em inúmeros mecanismos, como, por exemplo, um enunciado em que há apontamentos quantitativos sobre instituições religiosas, de educação e de saúde.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, n. 5, Santa Catarina, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 13 de fev. 2024.

ALTHUSSER, A. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.
DIAS, C. Linhas, redes e filamentos: no fio do discurso da cidade. **RUA**, v. 22, p. 260-278, 2016. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/verpdf?publicacao_id=100. Acesso em: 7 de fev. 2024.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOUVEIA, M. O jornalismo crítico do Jornal Opção completa quarenta anos. **Jornal Opção**. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/editorial/o-jornalismo-critico-do-jornal-opcao-completa-quarenta-anos-54798/#:~:text=Em%201975%2C%20jornalista%20consolidado%20%E2%80%94%20mais,Moraes%20decidiu%20criar%20um%20jornal>. Acesso em 16 fev. 2024.

JARDIM, E. Tocantins tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de educação e saúde, revela IBGE. Disponível em: <https://tocantins.jornalopcao.com.br/sem-categoria/tocantins-tem-mais-estabelecimentos-religiosos-do-que-instituicoes-de-educacao-e-saude-536050/>. Acesso em 6 fev. 2024.

KREMER-MARIETTI, A. **Introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Trad. César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

NOTO, C. S. Vontade e Verdade em Foucault. **Philosophos**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 11-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/9084/pdf>. Acesso em: 16 dez. 2023.

ORLANDI, E. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SOARES, T. B. Os limites da interpretação: uma reflexão sobre os usos da noção de discurso. **Revista Ratio Integralis**, Campanha, v. 3, n. 2, p. 175 - 184, jul./dez. 2023. Disponível em: https://www.seminariosenhoradasdores.com.br/files/ugd/5865b1_3fac2f34fd0c4d04a6e5e372c73ce34a.pdf. Acesso em: 16 dez. 2023.

SOARES, T. B.; BOUCHER, D. F. **Discursos do Norte**: projeções identitárias, apagamentos e interpretações em redes de dizeres sobre o Tocantins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

WEBER. M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2 ed. São Paulo. Cengage Learning, 2009.

**TRILHANDO OS CAMINHOS DA SANKOFA⁷: Relações Étnico-Raciais nas
Dissertações do PPGLI/UFAC**

***WALKING THE PATHS OF SANKOFA⁸: Ethnic-Racial Relations in PPGLI/UFAC
Dissertations***

***CAMINANDO POR LOS SENDEROS DE SANKOFA*: RELACIONES ÉTNICO-
RACIALES EN LAS DISERTACIONES PPGLI/UFAC***

Jardel Silva França⁹

RESUMO: O presente texto objetiva identificar os produtos desenvolvidos com recorte étnico-racial no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, mostrando as atividades que são desenvolvidas dentro do programa. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste texto é o “estado da arte” (Ferreira, 2002), em consonância com Revisão de literatura (Luna, 1999), no qual realizou-se um mapeamento, por meio da pesquisa bibliográfica, assentada na análise das dissertações produzidas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac) de 2007 a 2020, por intermédio do Banco de Dissertação, disponível na página oficial da referida instituição federal de ensino superior. O estudo partiu dos pressupostos teóricos de autores como: André (2009); Ferreira (2002); Megid (1999); Vosgerau e Romanowski (2014). Os estudos aqui sistematizados mostram lacunas dentro de seus espaços investigativos, sendo, fontes importantes para se pensar a construção de políticas de promoção de igualdade, a fim de suprir as ausências demonstradas nas pesquisas.

Palavras-chave: Estado da Arte. PPGLI/Ufac. Dissertações. Etnico-raciais.

ABSTRACT: This text aims to identify the products developed with an ethnic-racial focus in the Postgraduate Program in Letters: Language and Identity, showing the activities that are developed within the program. The methodology used to develop this text is the “state of the art” (Ferreira, 2002), in line with the Literature Review (Luna, 1999), in which a mapping was carried out, through bibliographic

⁷ Sankofa é um ideograma que faz parte de um sistema simbólico africano, do país de Gana, conhecido como adinkra, que traz em sua essência provérbios africanos, o significado de Sankofa remete a “aprender com o passado para construir o futuro”, onde ao retornarmos ao passado com um olhar crítico, podemos pensar novas formas de se produzir conhecimentos capazes de subsidiar a construção de políticas de promoção de igualdade racial (Dybox, 2016).

⁸ Sankofa is an ideogram that is part of an African symbolic system, from the country of Ghana, known as adinkra, which brings in its essence African proverbs, the meaning of Sankofa refers to “learning from the past to build the future”, where by returning to the past with a critical eye, we can think of new ways of producing knowledge capable of subsidizing the construction of policies to promote racial equality (Dybox, 2016).

*Sankofa es un ideograma que forma parte de un sistema simbólico africano, del país de Ghana, conocido como adinkra, que trae en su esencia proverbs africanos, el significado de Sankofa se refiere a «aprender del pasado para construir el futuro», donde al volver al pasado con una mirada crítica, podemos pensar en nuevas formas de producir conocimiento capaz de subsidiar la construcción de políticas para promover la igualdad racial (Dybox, 2016).

⁹ Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (PPGLI/ Ufac). Licenciado em História (Ufac). Aperfeiçoado Uniafro em Políticas de Promoção de Igualdade Racial na Escola. Membro do corpo editorial da Revista Das Amazônias / Revista Discente de História da Ufac (DAM/Ufac), com Qualis B3. Filiado à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras (ABPN). Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). E-mail: jardelfranca2509@gmail.com

research, based on the analysis of the dissertations produced by the Graduate Program in Letters: Language and Identity of the Federal University of Acre (PPGLI/Ufac) from 2007 to 2020, through the Dissertation Bank, available on the official website of this federal institution of higher education. The study was based on the theoretical assumptions of authors such as André (2009); Ferreira (2002); Megid (1999); Vosgerau and Romanowski (2014). The studies systematized here show gaps within their investigative spaces and are important sources for thinking about the construction of policies to promote equality, in order to fill the gaps shown in the research.

Keywords: State of the Art. PPGLI/Ufac. Dissertations. Ethnic-racial.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo identificar los productos desarrollados con enfoque étnico-racial en el Programa de Posgrado en Letras: Lengua e Identidad, mostrando las actividades que se desarrollan dentro del programa. La metodología utilizada para el desarrollo de este texto es el «estado del arte» (Ferreira, 2002), en consonancia con la Revisión de la Literatura (Luna, 1999), en la que se realizó un mapeo, a través de la investigación bibliográfica, basada en el análisis de las disertaciones producidas por el Programa de Postgrado en Letras: Lengua e Identidad de la Universidad Federal de Acre (PPGLI/Ufac) de 2007 a 2020, a través de la Base de Datos de Disertaciones, disponible en el sitio web oficial de esta institución federal de educación superior. El estudio se basó en los supuestos teóricos de autores como André (2009); Ferreira (2002); Megid (1999); Vosgerau y Romanowski (2014). Los estudios aquí sistematizados muestran lagunas en sus espacios de investigación, y son fuentes importantes para pensar en la construcción de políticas de promoción de la igualdad, con el fin de llenar los vacíos mostrados en la investigación.

Palabras clave: Estado del arte. PPGLI/Ufac. Disertaciones. Étnico-racial.

INTRODUÇÃO

O presente texto objetiva identificar os produtos desenvolvidos com recorte étnico-racial no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, mostrando as atividades que são desenvolvidas dentro do programa.

O Programa de Pós-Graduação em Letras Linguagem e Identidade tem desenvolvido suas ações desde o ano de 2006, com o curso de Mestrado, e, em 2019, após a apreciação e aprovação da propositura de Apresentação de Proposta para Curso Novo (APCN), no ano progressivo, teve a abertura da primeira turma do curso de doutorado. Segundo o site do Programa:

Desde a sua implantação, até a presente data, o Programa já titulóu 241, sendo que a maioria desses egressos atuam na educação superior, na educação básica ou em organizações que trabalham com questões relacionadas às linhas prioritárias de pesquisa do Programa. Assentadas na Área de Concentração Linguagem e Cultura estão as duas linhas de pesquisa do PPGLI: Culturas, Narrativas e Identidades Amazônicas; Língua(gens) e Formação Docente, que abrigam vinte e dois projetos de pesquisa e toda uma estrutura curricular com disciplinas obrigatórias e eletivas que permitem o trânsito e circularidade em torno de ideias, conceitos e teorias (PPGLI/Ufac, 2023, s/p).

O programa encontra-se alocado na área de Linguística e Literatura e apresenta em sua composição basilar a interdisciplinaridade, teor que possibilita ampliar

os vieses metodológicos e investigativos, direcionando a ponderações epistemológicas compenetradas as diversas viabilidade de análise.

Nessa direção o PPGLI da UFAC tem em seu foco principal o caráter interdisciplinar como meio para enfrentar os grandes desafios para a Área de Linguística e Literatura, que se configura em encarar as “demandas trazidas pelo século XXI que não encontram respostas na disciplinarização, na compartimentalização e na divisão de saberes. Ações de natureza inter e transdisciplinares, voltadas para a integração entre disciplinas e deslocamento de fronteiras disciplinares rígidas, colocam-se, portanto, como fundamentais no fazer científico da contemporaneidade” (PPGLI/Ufac, 2023, s/p).

No Programa, os estudos linguísticos e literários sempre dialogaram com estudos culturais, decoloniais, dos diversos saberes e fazeres, formação de professores, além de outros objetos investigativos dos universos amazônicos e pan-amazônicos.

Quanto ao diálogo com outras instituições de ensino superior, visibilizando a internacionalização, o PPGLI tem promovido desde sua fundação eventos no qual possibilita a troca de saberes entre os diversos pesquisadores, sempre considerando sua tríplice fronteira.

Para situar a internacionalização, a inserção e a visibilidade do PPGLI, algumas questões que dizem respeito à localização espacial ou geopolítica da Universidade Federal do Acre precisam ser ressaltadas. O campus universitário da UFAC, na cidade de Rio Branco, capital do estado do Acre, sede do PPGLI, está situado na região da tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Peru, sendo que, em um raio de 730 quilômetros de distância dessa cidade, localiza-se a capital boliviana, La Paz, com cerca de 900 mil habitantes, aonde se chega com apenas 50 minutos de voo, saindo da cidade de Cobija, capital do Departamento de Pando, separada da cidade acreana de Brasiléia, apenas pelo rio Acre. Nesse mesmo sentido, em um raio de 950 quilômetros de distância da capital do Acre, está localizada a cidade de Lima, capital peruana, com aproximados 12 milhões de habitantes, ligada por malha aérea diária com a capital do Departamento de Madre de Dios, Puerto Maldonado, que se conecta com a cidade de Rio Branco por malha viária cujo trajeto pode ser percorrido em torno de seis horas (PPGLI/Ufac, 2023, s/p).

Nesse processo de internacionalização, o PPGLI, em parceria com o Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC OEAS-GCUB), com diligência concomitante da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), com o apoio da Divisão de Temas Educacionais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (DCE/MRE) e da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), em 2018, aprovou com mérito o mestrando Jesús José Diez Canseco Carranza, com seu trabalho intitulado *Narrativas del*

descentramiento en La noche es virgen, de Jaime bayly, y la virgen de los sicarios, de Fernando Vallejo, sendo assim, o primeiro estrangeiro a obter o título de mestre no PPGLI/Ufac.

No ano de 2019, o Programa concedeu o título de mestra a discente estrangeira Teresa Di Somma, natural da Itália, com o trabalho intitulado *Representações sobre raça, gênero e “deficiência” no Festival da Canção Italiana de Sanremo*, trabalho realizado sob orientação de Miguel Nenevé.

Considerando ainda a aliança com outras universidades, o PPGLI promoveu durante o ano de 2020 a ação de extensão *Programa de Extensão Margens e Fronteiras Móveis*, um importante canal de intercâmbio de investigações, de pesquisadores internacionais e nacionais, transmitido ao vivo pelo canal do Laboratório de digitalização, recuperação e produção de fontes documentais (CEPRODOC).

Durante os meses de setembro a outubro de 2020, inserido no âmbito do Programa de Extensão Margens e Fronteiras Móveis, o Prof. Luis Lopes Herrera, ministrou o curso “Poética de la liberación”, com 30 vagas, de forma remota, desde Quebec, Canadá, para discentes, docentes do PPGLI e comunidade externa à Ufac. O referido programa de extensão, coordenador pelo Prof. Dr. Gerson Albuquerque tem permitido ainda o intercâmbio de pesquisas com a participação de professores estrangeiros convidados para os Seminários Abertos promovidos ao longo do ano de 2020, com transmissão ao vivo pelo Canal do Ceprodoc no Youtube e pelo Facebook do PPGLI. Dentre as principais participações de convidados do exterior, se destacam: Seminário Aberto: Eu não consigo respirar”, com Ana Pizarro (Universidade de Santiago de Chile), Rosa Acevedo (Universidade Federal do Pará), Gersem Baniwa (Universidade Federal do Amazonas), Bebel Nepomuceno (Universidade Federal do ABC); Seminário Aberto: Literatura em tempos de crises, com Albino Chacón (Universidade Nacional da Costa Rica) e Temas e problemas da literatura latino-americana contemporânea, com o mesmo convidado (PPGLI/Ufac, 2023, s/p).

Para além dessa ação, destacamos outros eventos como: Simpósio Linguagens e Identidades na/da Amazônia Sul-Occidental, Colóquio Internacional “As Amazônias, As Áfricas, e as na Pan-Amazônia, Seminário Internacional de linguagens e culturas indígenas, Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (GELLNORTE), XIII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana, XIX Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana de Estudantes, eventos oferecidos a fim de pensar, dialogar e indagar epistemologias produzidas nas/das Amazônias Sul-Occidental, envolvendo pesquisadores como: Gersem Baniwa (UnB), Ana Pizarro (Universidade de Santiago do Chile), Marcello Messina (UFPB/Ufac), José Ribamar

Bessa Freire (Uerj), Edson Kayapó (IFBA), Marcela Orellana (Universidade de Santiago do Chile), Adelia Miglievich Ribeiro (Ufes), Cláudia Zapata (Universidad de Chile), Emílio del Valle Escalante (University of North Carolina at Chapel Hill), Estevão Rafael Fernandes (UFRR), Agenor Sarraf Pacheco (UFPA), entre outros intelectuais.

No campo da publicação, o PPGLI conta também com o periódico científico digital *Muiraquitã – Revista de Letras e Humanidades*, com qualis Capes A4, periodicidade semestral, sem fins lucrativos, e com uma equipe editorial voluntária, que busca através dos escritos publicados na revista, massificar o intercâmbio, divulgação e publicização de estudos Linguística e Literatura, Artes, Ciências Humanas e Sociais.

Mantida por Instituição Federal de Ensino, pública e gratuita localizada em uma das mais estratégicas fronteiras amazônicas e pan-amazônicas, Muiraquitã não cobra nenhum tipo de taxa para a publicação de contribuições na forma de suas diretrizes e está disponível para leituras e downloads completamente gratuitos. Dentre seus focos principais está a difusão e circulação de resultados de pesquisas e ideias de professores e estudantes de graduação e pós-graduação de universidades dessa macrorregião, bem como conectar-se com as experiências de professores da educação básica e com as diferentes formas de produção e transmissão de saberes de comunidades humanas e movimentos sociais das florestas e cidades amazônico-andinas. Em chamadas específicas e fluxo contínuo, as contribuições (artigos, entrevistas, ensaios, traduções e resenhas) podem ser livres (miscelâneas) ou vinculadas a dossiês temáticos organizados por pesquisadores da área (PPGLI/Ufac, 2023, s/p).

Atualmente, a revista conta com 20 volumes, perfazendo-se em dossiês e edições de fluxo contínuo, veiculando 304 trabalhos, entre artigos, ensaios, resenhas, entrevistas e traduções, escrita por pesquisadores nacionais e internacionais.

É dentro desse universo acadêmico-científico-cultural que os pesquisadores e pesquisadoras do PPGLI desenvolveram os trabalhos que foram mapeados durante esta pesquisa, advindos de diversas áreas, que abordam a temática étnico-racial afetados por sua formação inicial e/ou relações sociais cotidianas.

ANALISANDO O TESOURO ENCONTRADO: DISSERTAÇÕES COM RECORTE ÉTNICO-RACIAIS

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste texto é o “estado da arte” (Ferreira, 2002), no qual realizou-se um mapeamento, por meio da pesquisa bibliográfica, assentada na análise das dissertações produzida pelo Programa de Pós-

Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac) de 2007 a 2020, por intermédio do Banco de Dissertação, disponível na página oficial da referida instituição federal de ensino superior.

Nesse sentido, este capítulo apresenta um mapeamento das produções dissertativas, levando em conta as que discutem as questões étnico-raciais. O estudo partiu dos pressupostos teóricos de autores como: André (2009); Ferreira (2002); Megid (1999); Vosgerau e Romanowski (2014).

Ao analisar a produção sobre trabalhos científicos, Ferreira (2002) já observava nos anos iniciais do século XXI um crescimento de pesquisas em caráter bibliográfico com fins de estruturar traços da específica temática acadêmica, funcionando como norteadores de políticas educacionais:

nos últimos quinze anos têm se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.” (Ferreira, 2002, p. 258).

Os trabalhos de “estado da arte” são indubitavelmente revisões, permitindo que analisemos o teor de conhecimento produzido até então sobre relações étnico-raciais, ao mesmo tempo em que nos permite constituir um panorama da produção científica no tocante à temática. A esse respeito, para Vosgerau e Romanowski (2014, p.167):

Os estudos de revisão consistem em organizar, esclarecer e resumir as principais obras existentes, bem como fornecer citações completas abrangendo o espectro de literatura relevante em uma área. As revisões de literatura podem apresentar uma revisão para fornecer um panorama histórico sobre um tema ou assunto considerando as publicações em um campo. Muitas vezes uma análise das publicações pode contribuir na reformulação histórica do diálogo acadêmico por apresentar uma nova direção, configuração e encaminhamentos (Vosgerau e Romanowski, 2014, p.167).

Indo além, da identificação das dissertações, esse tipo de mapeamento permitiu a análise, mostrando as múltiplas perspectivas de se trabalhar a temática. Para André:

Esses mapeamentos são fundamentais para acompanhar o processo de constituição de uma área do conhecimento, porque revelam temas que permanecem ao longo do tempo, assim como os que esmaecem, os que despontam promissores e os que ficam totalmente esquecidos. O material que serve de base para esses mapeamentos, isto é, aquilo que constitui o corpus sobre o qual é elaborada a síntese integrativa – relatórios de pesquisa, artigos de periódicos, textos apresentados em eventos científicos – é submetido a um olhar crítico que permite identificar redundâncias, omissões, modismos, fragilidades teóricas e metodológicas, que se adequadamente consideradas e corrigidas, contribuem para o reconhecimento do status científico da área e aumentam sua credibilidade junto à comunidade acadêmica/científica (André, 2009, p. 43).

Nesse processo, foi realizado o mapeamento das dissertações a partir do seu todo (leitura integral das dissertações), não apenas de resumos e palavras-chaves. Isto porque, Ferreira (2002) tece uma crítica quanto ao uso de resumos disponíveis em catálogos informatizados para a realização de um “estado da arte”. Segundo ela:

na maioria das vezes, os seus resumos são reproduções dos impressos, porém podem trazer mudanças tipográficas (o espaço do parágrafo desaparece, orações são juntadas num mesmo período, diminui-se o tamanho das letras, encurta-se o espaço entre parágrafos); ou de extensão (cortam-se linhas, palavras, parágrafos, tira-se o final), ou, ainda, de adaptações (palavras são substituídas por sinônimos, há acréscimos de termos): exigências do novo suporte (Ferreira, 2002, p. 263).

Nesse sentido, os resumos fornecidos por catálogos ou banco de dados de produções acadêmicas podem acarretar o fracasso da pesquisa por não fornecerem de forma evidente e real, as contribuições do trabalho analisado. Em conformidade com Ferreira, Megid (1999) expressa as limitações da utilização apenas os dados bibliográficos e resumos, dizendo:

Os dados bibliográficos dos trabalhos já permitem uma primeira divulgação da produção, embora bastante precária. Os resumos ampliam um pouco mais as informações disponíveis, porém, por serem muito sucintos e, em muitos casos, mal elaborados ou equivocados, não são suficientes para a divulgação dos resultados e das possíveis contribuições dessa produção para a melhoria do sistema educacional. Somente com a leitura completa ou parcial do texto final da tese ou dissertação desses aspectos (resultados, subsídios, sugestões metodológicas etc) podem ser percebidos. Para estudos sobre o estado da arte da pesquisa acadêmica nos programas de pós-graduação em Educação, todas

essas formas de veiculação das pesquisas são insuficientes. É preciso ter o texto original da tese ou dissertação disponível para leitura e consulta (Megid, 1999, p. 45).

Constatou-se durante a pesquisa que das 242 dissertações defendidas dentro da baliza temporal deste estudo, seis realizam um recorte racial voltado para a temática negra, não necessariamente, sendo o foco da pesquisa, mas que fica evidente dentro das investigações propostas como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 01 – Dissertações com recorte étnico-racial voltado para população negra

DISSERTAÇÕES	
COLOMBO, Nayra Claudinne Guedes Menezes. Corpos negros x falas brancas: as representações do negro na literatura de expressão amazônica. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2008.	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	Neste trabalho, a Literatura, através da obra de ficção, tem o papel de discutir, em conjunto com as fontes abordadas, como o negro é representado nas considerações dos romancistas que abordam a Amazônia. Como referencial metodológico a inspiração são as leituras de Paul Gilroy (2001), Homi K. Bhabha (2005), Edward Said (1995), Edouard Glissant (2005) e Stuart Hall (2000).
Objetivos	Dialogar com uma possibilidade identitária em torno dos negros na Amazônia através da análise de sua presença em três

	romances: A Selva, de Ferreira de Castro, Seringal, de Miguel Ferrante e Terra Caída, de José Potyguara.
Resultados	Os romances Seringal, Terra Caída e A Selva, foram, para a autora, obras que reproduziram a imagem estereotipada dos habitantes e da região amazônica, conceituadas de forma preconceituosa, sobretudo, quando direciona seu olhar para os sujeitos e sujeitas negros(as). A autora, pondera que as perspectivas apresentadas pelos romancistas advêm de suas subjetividades com o meio social no qual estão inseridos, que se materializam na escrita de seus textos. Assim, a dissertação volta-se para seus objetos de estudos na premissa de compreender a presença e a forma como o(a) negro(a) é representado por uma determinada literatura de expressão amazônica.
SILVA, Italva Miranda da. Terreiros de Candomblé na Amazônia: lutas e solidariedades na construção de territórios e identidades. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2009.	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	Compreensão da ideia de raça e crise da raciologia discutida por Gilroy (2001, 2007); processo de diáspora e reinvenção culturais africanas (atestando rupturas e trocas culturais) na perspectiva de Stuart Hall (2003) e Heywood (2008). Os negros na Amazônia nos escritos de Tocantins (1982). Abordagem acerca de como algumas áreas do conhecimento concebem a ideia de territorialidade, dialogando com Vidal (1981), Santos (1994, 1979) e Velloso (1989). As territorialidades dos terreiros e as relações constituídas dentro desse espaço. Análise da

	<p>construção da(s) identidade(s) internamento nos terreiros de candomblé e a importância desse espaço na consolidação de uma ideia de pertencimento ao universo de religiosidades africanas a partir de escritos de Glissant (2005), Bauman (2005), Ligiéro (1993).</p> <p>Utilizou-se fontes bibliográficas, hemerográficas, iconográficas, contudo, priorizou-se as entrevistas dos praticantes dessa religião (pais e mães-de-santo, iniciados, ogans, ekedes e visitantes desses terreiros).</p>
Objetivos	Abordar o universo dos terreiros de candomblé na cidade de Rio Branco, destacando a construção de suas identidades.
Resultados	<p>A permanência da cultura africana em meio ao ambiente coercitivo da escravidão e depois dos incontáveis projetos de modernização espalhados por todo o país e, em particular nessa região, indica que a constituição do candomblé possui uma dimensão de resistência.</p> <p>As relações sociais estabelecidas entre os membros da comunidade do povo – santo, onde as pesquisas mostraram quão tensa, conflituosa e, contraditoriamente, solidárias são as trocas entre eles. É mais, que as vivências nos terreiros são marcadas por relações de poder as mais diversas, sendo a maior de todas aquelas exercidas pelos pais – de – santo e mães – de - santo em razão, sobretudo, do longo aprendizado na escola do santo.</p>
<p>ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da. Inaudíveis e invisíveis: representações de negros na historiografia acreana. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2008.</p>	

Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	Percorrer os conteúdos das obras historiográficas <i>Formação histórica do Acre</i> (2021) e <i>Raízes do Acre</i> (2008). Estudo dos livros: <i>Acre: uma História em construção</i> (1985) e <i>História do Acre: novos temas, nova abordagem</i> (2002). Para se analisar o tratamento dado ao negro na historiografia acreana.
Objetivos	Identificar e compreender o tratamento que a historiografia acreana dispensou ao sujeito negro, presente na formação histórica da região, pontuando as formas de silenciamento sobre essa presença e seus significados históricos.
Resultados	<p>A pesquisa demonstrou que o negro esteve presente no Acre desde o período de colonização. Por meio de diversas diásporas nacionais, o negro chegou à Amazônia, para onde veio acompanhando seu senhor ou enviado por ele por interesses diversos, tendo encontrado na localidade um lugar de refúgio da terrível escravidão a que era submetido;</p> <p>Pesquisas já demonstravam a presença da população negra no Acre, bem como suas contribuições socioculturais, como demonstrado na dissertação de Italva Miranda; em representações literárias como expresso nos escritos de Nayra Colombo (2008). Em suma, a pesquisa demonstra que podemos encontrar sujeitos negros e suas manifestações por toda a história acreana, embora a escrita desta não demonstre está tão perceptível realidade.</p> <p>As obras não se diferenciaram muito no que se refere ao tratamento dado ao sujeito negro no Acre, pois as escolhas metodológicas dos autores levaram o negro acreano à ocultação ou à marginalização, reproduzindo o mesmo pensamento de exclusão que estava posto numa historiografia global e em vários outros gêneros discursivos.</p>

<p>ALVES, Amanda Silva. Africanismos em quatro Atlas Linguísticos regionais brasileiros e sua dicionarização. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2010.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos</p>	<p>Breves considerações sobre o léxico e as disciplinas que nos serviram como embasamento teórico: Lexicologia, Lexicografia, Dialectologia e Geolinguística. Welker (2004), Biderman (2001), Silva (2002), Antunes (2007), Zavaglia (2010), Haensch (1982), Barros (2004), Borba (1976), Câmara Junior (1979). Africanismos na língua portuguesa do Brasil e sua contribuição para a formação da língua portuguesa aqui falada. Petter (2001), Silva Neto (1950), Elia (1979), Guy (1989), Alkmim e Petter (2008) e Glissant (2005). Panorama histórico-social, no qual é tratada a escravidão no Brasil e, mais especificamente, sobre a presença de escravos e pessoas negras na Amazônia. Breve apresentação dos atlas linguísticos consultados e do corpus de referência, isto é, as obras lexicográficas utilizadas para definir e determinar o léxico dos africanismos. Barbosa (1981), Benveniste (1989), Diegues Junior (1976), Costa (1998), Silva (1999), Mattoso (2003), Iglésias <i>et al.</i> (2004) e Cunha-Henckel (2005), Rodrigues (2008)</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Verificar a presença de africanismos em quatro atlas linguísticos regionais brasileiros e examinar sua dicionarização.</p>
<p>Resultados</p>	<p>Três dicionários da língua portuguesa consultados apresentam algumas omissões e divergências quando se trata, principalmente, de determinar a etimologia de vocábulos de origem africana.</p>

<p>SANTOS, Armstrong da Silva. Haitianos na Amazônia Sul-Ocidental: identidades e narrativas em trânsito. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2012.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos</p>	<p>Realizou-se coleta e análise de entrevistas, reportagens de jornais e diversificados tipos de outros documentos alinhavados em uma proposta de reflexão sobre as narrativas produzidas sobre (mas também por) esses sujeitos diaspóricos e os efeitos da difusão dessas narrativas na modificação das maneiras através das quais grupos de haitianos dialogam com a realidade.</p> <p>As elaborações identitárias e suas relações com a diáspora haitiana foram discutidas com base nas proposições de Hall (2003), Ricoeur (1994, 2000), Arendt (1989, 2009), Certeau (1995, 1998) e Glissant (2005, 2011), autores fundamentais para compreender algumas dimensões das violências e dos papéis destinados a populações de afrodescendentes no continente americano atualmente.</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Compreender como as ações (ou omissões) oficiais e não oficiais repercutiram/repercutem na vida dos que vivenciaram tais experiências socioculturais em meio aos conflitos e tensões do debate jurídico/linguístico que gira em torno da “legalidade” de suas presenças/permanências no Brasil.</p>
<p>Resultados</p>	<p>Produziu-se ou entraram em contato com narrativas que relacionavam trabalho e amizade nos encontros e desencontros estabelecidos nos caminhos que unem e separam Haiti e Acre, a partir das quais se pôde observar algumas das implicações das formas de acolhida experimentadas por haitianos na Amazônia acreana e o papel desse tratamento na constituição de</p>

	<p>narrativas, que foram elaboradas como elementos de integração desses indivíduos no território brasileiro.</p> <p>No diálogo com a perspectiva do labor, alguns desses sujeitos reorganizaram uma série de elementos para driblar os argumentos elaborados para desvalorizar suas humanidades.</p>
<p>LIMA, Rafaela da Silva de. Os conteúdos afro-brasileiros e indígenas na escola Glória Perez: um enfoque na disciplina de Arte. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos</p>	<p>Realizou-se um estudo bibliográfico de referências aportadas em estudos de Stuart Hall (2011), Achille Mbembe (2014), Paul Gilroy (2001), Eni Orlandi (1990), dentre outros, refletindo sobre as diásporas e as formas de apagamento e exclusão, bem como as formas de resistência de negros e indígenas. Para a pesquisa de campo adotou-se como metodologia a observação e descrição das relações entre os diversos agentes escolares e entrevista semiestruturada com coordenação pedagógica, coordenação de área e professores de Arte da Escola Estadual de Ensino Médio Glória Perez, objetivando identificar os processos e fazeres docentes relacionados aos conteúdos afro-brasileiros e indígenas, metodologias adotadas, dificuldades e resistências encontradas, dentre outros.</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Analisar os processos de implementação das Leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008, que versam sobre a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, na Escola Estadual de Ensino Médio Glória Perez.</p>
<p>Resultados</p>	<p>A análise dos dados coletados apontou para a inaplicabilidade efetiva das Leis 10.639/03 e 11.645/08 no currículo da Escola Glória Perez. Foi identificado, dentre outros fatores, a falta de</p>

	conhecimento específico dos profissionais; o não engajamento da comunidade escolar; atividades isoladas sem questionamento das atitudes de discriminação racial e preconceitos.
--	---

Fonte: Autoral, baseado em dados fornecidos pelo Banco de dissertações do PPGLI/Ufac (2023)

Os trabalhos que fazem um recorte étnico-racial voltado para a população negra – mesmo quando não são seu foco principal investigativo – demonstram que seja na ficção, seja na vida social cotidiana, em documentos acadêmicos-científicos ou ditos oficiais têm-se sempre uma omissão, subalternização e marginalização quando esses(as) sujeitos(as) são retratados.

Em alguns casos, como o retratado nas dissertações *Terreiros de Candomblé na Amazônia: lutas e solidariedades na construção de territórios e identidades* e, *Haitianos na Amazônia Sul-Occidental: identidades e narrativas em trânsito* demonstram que os sujeitos da pesquisa assumem uma postura de resistência de suas mentes e corpos, reagindo as formas de opressões que buscam desumanizá-los. Tais oposições contra a dominação coadunam com os dizeres de Antonacci (2014) ao nos lembrar que os corpos são fontes vivas de nossas vivências e experiências, onde cada parte remontam um pouco dos(as) sujeitos(as) sociais, nossas identidades, culturas e tradições.

No campo da literatura e análise de documentos, a exemplo, os trabalhos: *Corpos negros x falas brancas: as representações do negro na literatura de expressão amazônica*, *Inaudíveis e invisíveis: representações de negros na historiografia acreana*, *Os conteúdos afro-brasileiros e indígenas na escola Glória Perez: um enfoque na disciplina de Arte*, as dissertações demonstram que a população negra é invisibilizada dentro dos documentos acadêmicos e oficiais, como demonstrado por Rocha (2008) e Alves (2010). Quando aguçamos nosso olhar para o campo educacional, tal situação não difere muito, mesmo tendo uma legislação específica, a Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatória a aplicabilidade da temática étnico-racial nos sistemas de ensino, seja ele público ou privado (Lima, 2016).

Quando são representados dentro da literatura, em sua maioria são descritos de formas estereotipadas e preconceituosas, como descritas por Colombo (2008) ao

retratar os habitantes da região amazônica, a partir dos romances Seringal, Terra Caída e A Selva.

Essas concepções omissas, preconceituosas e racistas também se fazem presentes em se tratando da população indígena, como pode-se ver no quadro abaixo.

Quadro 02 – Dissertações com recorte étnico-racial da população indígena

DISSERTAÇÕES	
CUNHA, Manoel Estébio Cavalcante da. O Acre e a Educação Escolar Indígena Intercultural, Diferenciada e Bilíngüe . Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2012.	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	A perspectiva teórica que embasa a análise pauta-se nos postulados teóricos da Análise do Discurso – AD, de linha francesa, sendo que neste trabalho aportamos, sobretudo as contribuições de Pêcheux (1997), Foucault (1979, 2006), Orlandi (2007), Gregolin (2000) e Possenti (2002).
Objetivos	Analisar o processo de implantação da educação escolar entre os indígenas no Brasil; investigar o discurso sobre este modelo de educação que é tido como indígena, em oposição a indigenista, significando este termo o trabalho desenvolvido por sujeitos não indígena em benefício dos índios.
Resultados	Mesmo tendo defendido nesta dissertação que a Educação Escolar Indígena, Intercultural, Diferenciada e Bilíngüe (EEIID e B) é atualmente uma proposta indigenista, que se situa no âmbito dos Aparelhos Ideológicos do Estado, interpelando sujeitos professores indígenas e os enredando nas malhas da burocracia estatal, em sua gênese ela teve uma grande

	<p>proximidade com a perspectiva indígena e nasceu – ao contrário do que ocorreu com a educação para indígenas, que foi utilizada como estratégia de transição cultural e expropriação territorial, desde que o primeiro jesuíta pisou em solo brasileiro – questionando o status quo dos grupos que, desde a constituição da sociedade brasileira como sociedade dividida em classes, domina e pratica desmandos contra os grupos de menor prestígio social, como é o caso dos indígenas.</p> <p>O pesquisador, reafirma a importância de entrar na ordem do discurso da EEIID e B, e assumir uma postura discursiva que é partilhada por outros sujeitos, uma postura que refuta a ideia apriorística e reificante de que a EEIID e B seja uma educação indígena na acepção do significado que esta expressão traduz.</p>
<p>SOUZA, Myully dos Santos. Sob mestiços olhares: leitura do indígena acreano em Darci Seles, Raimundo Moraes e Lullu Manchineri. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2011.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos</p>	<p>Pesquisa bibliográfica e análise crítica dos objetos, a partir do pensamento pós-colonial, trabalhando o conceito de identidade, mestiçagem, hibridismo e representação discutidos por Hall (1998), Silva (2009), Gruzinski (2001, 2004) Bonnicci (2005, 2009), Santos (2010) Addala Junior (2004) e Chartier (1991). A respeito da condição do indígena na Amazônia recorreu-se aos escritos de Almeida (2004), Freire (1987, 2004), Lima (2000) e Piedrafita (2008).</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Investigar a representação do indígena na Amazônia Acreana, com destaque para grupos étnicos do século XX</p>

Resultados	É preciso mudança na formação do sujeito, indígena ou não indígena, no sentido de não só reconhecer, mas também de agregar as instituições de ensino e demais áreas de conhecimento, os saberes e fazeres tradicionais, tão importante quanto as ciências modernas, pois estão enraizadas na cultura pan-amazônica.
<p>COSTA, Maria Nalrizete da Silva. Um povo que murmura no Purus: uma leitura de narrativas Madija. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2011.</p>	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	A análise crítica da literatura Madija faz-se por meio de teóricos pós-coloniais e da Teoria da Literatura: Bhabha (1998), Almeida (2004, 2009), Silva (2000), Stuart Hall (2003, 2006)
Objetivos	Analisar a identidade e as tradições do povo Madija, da Amazônia Sul Ocidental, da região do Purus, através da leitura e análise literária de algumas narrativas ou mitos indígenas dos Madijas.
Resultados	Possibilitou compreender a necessidade de reconhecer o diferente, a não excluir nem marginalizar, mas aprender que os grupos étnicos devem apresentar igual representatividade, que possam desconstruir velhos preconceitos que foram rotulados, historicamente a determinados grupos sociais. Entendeu-se que o estudo reafirma um olhar etnocêntrico, mas ao mesmo tempo abre um leque de possibilidades para perceber que a região é cheia de elementos de diferentes identidades.

<p>MARTINS, Rozangela de Melo. O perfil da toponímia indígena na zona rural do Estado do Acre. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2015.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos</p>	<p>Estudos toponímicos em Dick (1986, 1992). Levantamento de informações de caráter físico-geográfico e historiográfico coletadas no ZEE/Acre (2000, 2006, 2010), Silva (2004, 2008), Iglesias (2005), Neves (2002) e Moraes (2008) dentre outros.</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Traçar um perfil toponímico indígena referente à zona rural do Estado do Acre, além de verificar se existe ligação entre a motivação de cunho semântico dos nomes e os aspectos culturais do lugar.</p>
<p>Resultados</p>	<p>Demonstrou que a motivação toponímica se baseia, principalmente, nos aspectos da flora, da fauna e da hidrografia. No corpus do trabalho, encontramos a predominância do tupi nos topônimos.</p>
<p>CAMPÊLO, Andrea Almeida. Bilinguismo e identidade: um olhar sobre a escola Noke Koĩ/Katukina. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos</p>	<p>Insere-se na perspectiva teórico-metodológica da etnografia, localizando-se no campo da etnolinguística e da educação, e sustentando-se em autores como Orlandi (1990), Bakhtin (2014), Hall (2005), Bauman (2005), Glissant (2011), Bhabha (1998), entre outros.</p>

Objetivos	Avaliar o contexto e a influência do bilinguismo na comunidade indígena Noke Koï para a manutenção da identidade desse povo
Resultados	Os resultados apresentam as ameaças que a língua noke vana vem sofrendo com a presença cada vez mais constante do português, com substituições e empréstimos linguísticos, que carregam consigo uma carga de teor ideológico e que interferem na constituição da identidade dos sujeitos pertencentes a esse grupo.
<p>ALMEIDA, Iara da Silva Castro. História e cultura dos povos indígenas: abordagem e prática escolar a partir da lei 11.645/08 em Rio Branco / estudo do caso Cap. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.</p>	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	<p>Compreender as consequências da negação adentrando no campo da identidade realizando uma discussão com o fulcro de Stuart Hall (2005); Tadeu (2005); Woodward (2005).</p> <p>A metodologia da pesquisa é empírica e foi executada no Colégio de Aplicação – CAP, por meio de entrevistas e questionários com docentes efetivos, além de questionário escrito semiestruturados com narrativas de discentes.</p>
Objetivos	Analisar a abordagem e conteúdo da história e cultura dos povos indígenas na escola, a partir da Lei nº 11.645/08
Resultados	Embora haja a legislação vigente, há um caminho longo a percorrer, pois mesmo depois de 10 anos da Lei 11.645/08 o ensino desta temática ainda se faz ineficiente e não promove mudança efetiva no combate ao preconceito e estereótipos construídos ao longo de século devido à superficialidade na

	qual a temática é tratada, sendo os povos indígenas transformados em significantes triviais
<p>CRUZ, João Batista Nogueira. Ensino e aprendizagem na Escola Estadual Indígena Tamākāyā: um olhar sobre as tensões entre a língua materna (Noke Vana) e a Língua Portuguesa. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.</p>	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	<p>Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa se deram por meio de entrevistas com docentes indígenas, visitas ao espaço escolar, análise dos procedimentos desenvolvido pelos docentes durante o horário escolar, conversa com a gestão escolar e membro da comunidade acadêmica essenciais na relação de ensino/aprendizagem dos alunos.</p> <p>Para compreender o processo de ensino e aprendizagem adotados nas escolas recorreu-se a autores como: Bordenave (1984); Libâneo (1992); Mizukami (1986), Saviani (1984); Almeida Filho (2009). Educação Escolar Indígena em Maher (1994); Malher (2006); Vera Bambira (2012).</p>
Objetivos	Compreender as práticas do ensino da língua portuguesa junto ao povo Noke Koî, com o intuito de investigar sobre o desenvolvimento da educação escolar indígena, as conquistas, desafios e dificuldades, no ensino fundamental do 5º ao 6º ano.
Resultados	O ensino da Língua portuguesa estava sendo assimilado, mas de forma precária. Essa precariedade estava relacionada à formação dos professores e o fato destes não conseguirem uma metodologia de ensino relacionada ao dia a dia da aldeia. Constatou-se também que havia um conflito das determinações da Secretaria Estadual de Educação e o cotidiano da aldeia, pois para os indígenas todas as atividades desenvolvidas na aldeia,

	<p>como pescaria, plantio, colheitas é educação e, a Secretaria de Educação considera educação o que é ensinado só na sala de aula.</p>
<p>SILVA, Thiago Muniz da. Um curumim na Amazônia: as representações da cultura indígena em Yaguarê Yamã. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos.</p>	<p>O método utilizado foi o bibliográfico já que livros, artigos, ensaios que tratam sobre o tema se constituem os principais objetos da pesquisa. Como referencial teórico, tem-se Hall (2016) e Chartier (2002) para representação, Campbell (1990) e Eliade (1972) para o conceito de mitos e Colomer (2017) para a compreensão de literatura infanto-juvenil. A análise consiste em um constante diálogo com os teóricos citados e os críticos que trabalham a cultura indígena e amazônica, tais como Loureiro (1995), Grupioni (2000), Thiél (2012) e Graúna (2013).</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Analisar as representações da cultura indígena por meio da obra literária Um curumim, uma canoa, do escritor amazonense e indígena Yaguarê Yamã, visando ampliar as discussões sobre os povos indígenas.</p>
<p>Resultados</p>	<p>Ao estudar a obra, percebeu-se que a literatura indígena deve ser pesquisada e analisada para retirá-la do gueto a fim de que possa ser difundida com maior intensidade no Brasil e no mundo. Realizar estudos de obras escritas por indígenas permite melhor compreender a cultura dos vários povos que tanto contribuíram e contribuem para a formação da cultura brasileira.</p>

<p>NASCIMENTO, Valdirene. Identidade e práticas interculturais na escola indígena Apurinã na aldeia Camicuã – Boca do Acre. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos.</p>	<p>Para discutir essa relação entre ensino e aprendizagem e a associação de valores e tradições culturais do povo Apurinã, o autor recorreu a teóricos como: Baniwa (2011); Barth (2010); Foucault (2008); Orlandi (1990); Hall (2005); Bhabha (1998). Utilizando do método etnográfico e a observação participante, foi analisar e compreender as práticas interculturais Apurinã a partir da escola indígena.</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Compreender como os educadores concebem e constroem a educação escolar dentro da aldeia Camicuã, considerando que a legislação vigente garante o ensino escolar diferenciado, uma vez que cada povo tem seu modo singular de construí-lo de acordo com suas especificidades culturais e étnicas.</p>
<p>Resultados</p>	<p>A escola está pautada no princípio da interculturalidade, visando à transmissão dos costumes tradicionais e das práticas culturais, contemplando o modo de ser de cada povo. Entretanto, constatou-se que a Secretaria Municipal de Educação - Semed conjuntamente com a Secretaria Estadual de Educação – Seduc não tem atendido na prática a concepção de escola indígena.</p> <p>Identificou-se a falta de capacitação específica para os docentes indígenas. Constatou-se que o projeto de formação ainda não foi concluído por falta de recursos e organização dos órgãos responsáveis: Ministério da Educação, estados e prefeituras.</p>

<p>FALCÃO, Francisco Charles Fernandes. Projeto Político-Pedagógico Shanenawa: saberes, fazeres e práticas discursivas. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2017.</p>	
<p>Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos.</p>	<p>Perspectiva inter/trans/disciplinar acorada em Moita Lopes (1996, 2006). Estudos culturais de perspectiva decolonial em Castro-Gómez (2005); Hall (1997, 2003, 2005, 2015); Mattelart e Neveu (2004); Mignolo (2003, 2007); Quijano (2005); Williams (1979), assim como os Estudos Foucaultianos (2002, 2004, 2006, 2008, 2009, 2011), acrescidos em Veiga (2003, 2009, 2017).</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Investigar se os saberes e fazeres tradicionais Shanenawa estão discursivamente materializados nesse documento, de forma a se constituírem como uma estratégia de valorização cultural em fortalecimento da identidade étnica desse povo.</p>
<p>Resultados</p>	<p>Os Projeto Político Pedagógico (PPP) apresenta uma política de valorização da cultura e fortalecimento étnico, a partir dos saberes e fazeres shanenawa. Contudo, a jurisprudência que assegura os direitos dos povos indígenas é o mesmo que os restringe com processos administrativos e burocráticos impostos a escola enquanto espaço social. Por conseguinte, os shanenawa têm o desafio de compreender e executar os seus saberes, de modo a se adequar aos padrões institucionais exigidos.</p>
<p>BORTOLI, Cristiane de. Tradições orais e canções Shanenawa através das memórias de Shuayne, patriarca da aldeia Shane Kaya. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2018.</p>	

Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	Analisar a poética oral do povo shanenawa, suas canções e histórias, a partir dos pressupostos teóricos de Zumthor (2010). Definir os narradores e tradutores da poética em Benjamin ([1923] 2008) e Barthes (2004). Relacionar canções, histórias e com as formas de pensamento shanenawa (2004).
Objetivos	Apresentar e analisar a obra vocal de Shuayne (Amaral Brandão), mestre das canções shanenawa, através de sua performance.
Resultados	O principal desafio enfrentado por esse povo é a continuidade do repasse de seus conhecimentos tradicionais pela vivência de suas práticas culturais. Apesar de serem importantes os registros em diversos suportes, é pela vivência que as histórias e canções shanenawa permanecerão vivas de uma geração à outra.
<p>MANCHINERI, Soleane de Souza Brasil. Trajetórias dos Manchineri do seringal Guanabara. (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2018.</p>	
Suporte teórico-metodológico e procedimentos metodológicos	<p>Narradores da pesquisa, utiliza-se reflexões de Walter Benjamin (1994, 2013, 2018). História e Memória Portelli (1997) e Ricoeur (2014). Construção identitária (Hall, 2003). Emergências indígenas de Oliveira (2004, 1999)</p> <p>A metodologia utilizada considerou a experiência da autora enquanto indígena do povo Manchineri e o uso de entrevista realizada com seus pares.</p>

Objetivos	Estudar a trajetória dos Manchineri do antigo Seringal Guanabara revelando as tensões e lutas, com os não indígenas, em busca do direito de existir.
Resultados	Deparou-se com uma não linearidade da historicidade desses dois povos que dividem os mesmos territórios há décadas tanto na Terra Indígena (TI) Mamoadate, quanto na TI Cabeceira do Acre, nos antigos seringais do Guanabara e Guajará. Os tempos não são lineares e, sim concomitantes, diferentes povos ainda lutam contra fazendeiros e invasores, em geral, para permanecerem nas terras e/ou lutam para terem as terras demarcadas.

Fonte: Autoral, baseado em dados fornecidos pelo Banco de dissertações do PPGLI/Ufac (2023)

O estudo *Projeto Político-Pedagógico Shanenawa: saberes, fazeres e práticas discursiva*, de Francisco Falcão (2017), demonstra que o Projeto Político Pedagógico (PPP) aplicado na escola Shanenawa, na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, constata que os saberes e fazeres indígenas estão materializados no documento escolar. Entretanto, as burocracias acadêmicas dificultam o desenvolvimento de uma educação indígena ligada ao dia a dia da aldeia, desfavorecendo a transmissão de conhecimentos indígenas e não indígenas.

Tal dificuldade também é apontada em *Identidade e práticas interculturais na escola indígena Apurinã na aldeia Camicuã – Boca do Acre*, onde Valdirene Nascimento (2016), quando a autora afirma que apesar de a Escola indígena Apurinã ter seus documentos pautados no princípio da interculturalidade, dialogando com os saberes escolares não indígenas, com o cotidiano da aldeia Camicuã, tal perspectiva não é aplicada pelos órgãos responsáveis – Secretaria Municipal de Educação - Semed e Secretaria Estadual de Educação – Seduc – que não compreendem a concepção de escola indígena. Outra dificuldade apontada pela autora é a falta de capacitação para os professores indígenas para o aprimoramento de suas metodologias. Essas capacitações são responsabilidades da Semed e Seduc.

A falta de capacitações destinadas a professores indígenas e não indígenas que lecionam em aldeias é um fator preocupante, pois através delas é possível reconhecer

o diferente, como é proposto no trabalho *Um povo que murmura no Purus: uma leitura de narrativas Madija*, em que Maria Costa (2011), a partir de narrativas e mitos Madija da região do Purus, viabiliza um olhar para a diversidade de sujeitos, sujeitas e identidades que ali habitam e para a necessidade de conhecer e compreender o diferente, com o intuito de desconstruir pensamentos preconceituosos historicamente construídos.

A formação docente faz-se necessária para a formulação de documentos (PPCs, planos de aulas, entre outros) que atendam as demandas burocráticas escolásticas exigidas pelas instituições não indígenas e alcançando as demandas socioculturais indígenas, para que assim não haja a ameaça de desaparecimento da língua do povo, como demonstrado em *Bilinguismo e identidade: um olhar sobre a escola Noke Koï/Katukina*, de Andrea Campêlo (2016), ou em *Ensino e aprendizagem na Escola Estadual Indígena Tamãkâyã: um olhar sobre as tensões entre a língua materna (Noke Vana) e a Língua Portuguesa*, no qual João Cruz (2016) aponta que a falta de capacitação dos professores resulta em uma assimilação precária da língua portuguesa.

Outro fator preocupante diz respeito ao desafio da continuidade de repasse dos saberes tradicionais indígenas através da oralidade, como constatado no texto *Tradições orais e canções Shanenawa através das memórias de Shuayne, patriarca da aldeia Shane Kaya*, de Cristiane Bortoli (2018). A autora identificou esse desafio enfrentado, relativo ao repasse das tradições através da oralidade, ao estudar uma aldeia Shanenawa.

Iara Castro, em sua dissertação *História e cultura dos povos indígenas: abordagem e prática escolar a partir da lei 11.645/08 em Rio Branco / estudo do caso Cap*, de 2016, ao analisar a abordagem e conteúdo da história e cultura dos povos indígenas na escola, a partir da Lei n. 11.645/08, identificou que a temática, apesar desta legislação, demonstra ser ineficiente e não promove uma mudança significativa na mentalidade dos sujeitos e sujeitas em decorrência da superficialidade com a qual o tema é abordado em sala de aula.

Nesse sentido, é ideal que se pense uma formação, capacitação dos sujeitos e sujeitas pertencentes ao espaço escolar pautada em conhecer e agregar os saberes e fazes indígenas dentro da instituição, como propõe Myully Souza em seu texto *Sob mestiços olhares: leitura do indígena acreano em Darci Seles, Raimundo Moraes e Lullu Manchineri*.

Com uma capacitação adequada, o docente possibilitará a ampliação de olhares, como por exemplo, conhecer a relação de nomeação dos espaços com os nomes de referências a etnias indígenas, como o proposto no estudo de Rozangela Martins, *O perfil da toponímia indígena na zona rural do Estado do Acre* (2015).

Além disso, pensar metodologias capazes de subsidiar as demandas sociopolíticas da sociedade, a exemplo da literatura indígena, como orientado por Thiago Silva em sua dissertação *Um curumim na Amazônia: as representações da cultura indígena em Yaguarê Yamã*, contribuirá com uma formação consciente da pluralidade identitária, possibilitando compreender a não linearidade dos povos indígenas e suas resistências, tensões travadas com os não indígenas, como nos relata Soleane Machineri em sua dissertação *Trajéorias dos Manchinéri do seringal Guanabara* (2018).

Ao compreendermos e assimilarmos os saberes indígenas, dialogando com os conhecimentos não indígenas, seremos capazes de criar um espaço produtor de epistemologias plurais e diversas no qual atenda as demandas dos povos indígenas, considerando suas particularidades. A exemplo disso, Manoel Cunha, em seu texto de dissertação intitulado *O Acre e a Educação Escolar Indígena Intercultural, Diferenciada e Bilingüe*, de 2012, afirma que a proposta indigenista Educação Escolar Indígena, Intercultural, Diferenciada e Bilingüe (EEIID e B) foi a que melhor se aproximou do objetivo de atender as demandas indígenas no quesito educação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado das 18 dissertações que constituíram este “estado da arte” demonstrou que a temática étnico-racial – seja o sujeito(a) ou conteúdo – em suas instâncias sociais, políticas e educacionais é tratada de forma omissa, negligente e marginalizada, abordada de forma superficial, frágil, contribuindo com a ineficiência das legislações constitucionais e infraconstitucionais que a regem, favorecendo assim, para a massificação de ideias preconceituosas, que alimentam todas as formas de segregações e desigualdades da sociedade.

Os estudos aqui sistematizados mostram lacunas dentro de seus espaços investigativos, sendo, fontes importantes para se pensar a construção de políticas de promoção de igualdade racial, a fim de suprir as ausências demonstradas nas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Iara da Silva Castro. **História e cultura dos povos indígenas**: abordagem e prática escolar a partir da lei 11.645/08 em Rio Branco / estudo do caso Cap. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.

ALVES, Amanda Silva. **Africanismos em quatro Atlas Linguísticos regionais brasileiros e sua dicionarização**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2010.

ANDRÉ, Marlí Eliza Dalmazo Afonso de. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 41-56, ago./dez. 2009.

BORTOLI, Cristiane de. **Tradições orais e canções Shanenawa através das memórias de Shuayne, patriarca da aldeia Shane Kaya**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2018.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645/2008**. Brasília: Senado Federal, 2008.

CAMPÊLO, Andrea Almeida. **Bilinguismo e identidade**: um olhar sobre a escola Noke Koï/Katukina. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.

COLOMBO, Nayra Claudinne Guedes Menezes. **Corpos negros x falas brancas**: as representações do negro na literatura de expressão amazônica. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2008.

COSTA, Maria Nalrizete da Silva. **Um povo que murmura no Purus**: uma leitura de narrativas Madija. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2011.

CRUZ, João Batista Nogueira. **Ensino e aprendizagem na Escola Estadual Indígena Tamākâyã**: um olhar sobre as tensões entre a língua materna (Noke Vana) e a Língua Portuguesa. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.

CUNHA, Manoel Estébio Cavalcante da. **O Acre e a Educação Escolar Indígena Intercultural, Diferenciada e Bilíngüe**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2012.

DYBAX, Vanessa. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: produções didático-pedagógicas, volume 2, Curitiba, Paraná, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_arte_unespar-curitiba_vanessadybaxcortes.pdf. Acesso: 20 maio 2024.

FALCÃO, Francisco Charles Fernandes. **Projeto Político-Pedagógico Shanenawa**: saberes, fazeres e práticas discursivas. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n° 79, Agosto/2002.

LIMA, Rafaela da Silva de. **Os conteúdos afro-brasileiros e indígenas na escola Glória Perez**: um enfoque na disciplina de Arte. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.

MANCHINERI, Soleane de Souza Brasil. **Trajetórias dos Manchineri do seringal Guanabara**. (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2018.

MARTINS, Rozangela de Melo. **O perfil da toponímia indígena na zona rural do Estado do Acre**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2015.

MEGID, Jorge Neto. **O que sabemos sobre a pesquisa em ensino de ciências no nível fundamental**: tendências de teses e dissertações defendidas entre 1972 e 1995. II Encontro Nacional de Pesquisa Em Educação Em Ciências, 1999.

MEGID, Jorge Neto. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1999.

NASCIMENTO, Valdirene. **Identidade e práticas interculturais na escola indígena Apurinã na aldeia Camicuã – Boca do Acre**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.

ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da. **Inaudíveis e invisíveis**: representações de negros na historiografia acreana. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2008.

SANTOS, Armstrong da Silva. **Haitianos na Amazônia Sul-Ocidental**: identidades e narrativas em trânsito. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2012.

SILVA, Thiago Muniz da. **Um curumim na Amazônia**: as representações da cultura indígena em Yaguarê Yamã. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2016.

SOUZA, Myully dos Santos. **Sob mestiços olhares**: leitura do indígena acreano em Darci Seles, Raimundo Moraes e Lullu Manchineri. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. **Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade**. Disponível em: <https://posletrasufac.com/>. Acesso: 26 jan. 2024.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos, ROMANOWSKI Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

**ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PARINTINS – AM: O Ensino e a prática de
leitura literária em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental¹⁰**

***MUNICIPAL PUBLIC SCHOOL OF PARINTINS - AM: Teaching and Practice of
Literary Reading in an 8th Grade Class of Elementary School***

Terciane Santos Castro¹¹

Dilce Pio Nascimento¹²

Heloísa Reis Curvelo¹³

RESUMO: O universo literário é grandioso e vasto, é notório que não se pode apresentá-lo por completo em algumas poucas horas de aula, porém, no atual sistema educacional é visível a falta de incentivo quanto a leitura. O espaço dado a leitura é pequeno se compararmos com o espaço ordenado ao ensino da gramática, e quando estudada em sala de aula, os textos literários têm a função do ensino da gramática da Língua Portuguesa. Em nosso artigo objetivamos tratar sobre a realidade dos alunos que estão crescendo em uma sociedade com pouco incentivo à leitura de textos literários e menos acesso a livros, percebemos isso pelo baixo índice de leitores no Brasil de acordo com o Estudo Internacional de Progresso em Leitura – PIRLS (2023). Nossa pesquisa está pautado na pesquisa-ação e bibliográfica de abordagem qualitativa com enfoque dialético, na medida em que investigamos uma realidade social e o que intervém sobre ela, buscando analisar as práticas de incentivo à leitura em sala de aula frente às novas diretrizes educacionais propostas pela BNCC em uma escola pública de ensino fundamental em Parintins – AM, tendo como base teórica os estudos de Calvino (2002), Cosson (2014; 2020), Culler (1999), Freire (1989; 1992), Lajolo (2011), Todorov (2009) e Zilberman (1991). Dessa forma, mostraremos que a sala de aula, a escola e a

¹⁰ Artigo adaptado da Monografia para obtenção de título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA, em 2023.

¹¹ É Licenciada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas (2023). Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Literaturas. Atuou em monitoria na disciplina de Estudos Temáticos de Literatura Brasileira. Voluntária em Projetos de Extensão na área Teatro Clássico. Foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica (2022-2023). E-mail: anecastro3@gmail.com

¹² Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. Possui especializações em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna pela Universidade Federal do Amazonas; Especialização Aperfeiçoamento em Língua Latina e Tradução dos Clássicos. É graduada em Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa (UFAM, 2002). Membro do Núcleo de Pesquisa Núcleo de Investigação de Cultura e da Educação no Baixo Amazonas. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP-UEA). Atua nas áreas de Letras, com ênfase em Teatro, Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, Literatura Amazonense e Literatura Pan-Amazônica. Atuou como professora de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas. Ganhou o Prêmio Literário de poesia da Academia de Letras do Brasil-Amazonas no concurso "Universo poético da Mulher Amazonense". E-mail: dpnascimento@uea.edu.br

¹³ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: hrc.matos@ufma.br

família podem fazer com que as crianças e adolescentes despertem para a leitura, não apenas como uma exigência educacional para notabilizar os alunos, mas mostrar as vantagens que o hábito da leitura propicia.

Palavras-chave: Prática de Leitura. Ensino Fundamental. Parintins. Amazonas.

ABSTRACT: The literary universe is grand and vast, and it is evident that it cannot be fully presented in a few hours of class. However, the current educational system shows a noticeable lack of encouragement for reading. The time allocated to reading is minimal compared to the time dedicated to teaching grammar, and when literary texts are studied in the classroom, their role often focuses on teaching Portuguese grammar. In our article, we aim to address the reality of students growing up in a society with little encouragement for reading literary texts and less access to books, as evidenced by the low literacy rates in Brazil according to the Progress in International Reading Literacy Study (PIRLS) 2023. Our research is based on action-research and bibliographic studies with a qualitative approach and a dialectical focus, as we investigate a social reality and the factors that influence it, analyzing reading encouragement practices in the classroom considering the new educational guidelines proposed by the BNCC (National Common Curricular Base) in a public elementary school in Parintins – AM. Our theoretical framework includes studies by Calvino (2002), Cosson (2014; 2020), Culler (1999), Freire (1989; 1992), Lajolo (2011), Todorov (2009), and Zilberman (1991). Thus, we will demonstrate that the classroom, the school, and the family can inspire children and adolescents to embrace reading, not merely as an educational requirement to distinguish students, but to highlight the benefits that the reading habit provides.

Keywords: Reading Practice, Elementary Education, Parintins, Amazonas.

INTRODUÇÃO

A leitura de textos literários em sala de aula é uma importante prática que precisa ser incentivada como forma de desenvolver o pensamento crítico dos alunos. A falta dessa motivação pode prejudicar o desempenho do aluno em suas atividades escolares, considerando que a leitura é um dos pilares que propicia o desenvolvimento da análise crítica do aluno, considerando que Base Nacional Comum Curricular – BNCC estabelece o eixo da leitura no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, “participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem” (Brasil, 2018, p. 68).

A ausência da prática de experiência leitora pode resultar na formação de alunos com dificuldades de discutir, conversar e debater sobre assuntos básicos da diversidade literária existente no Brasil e no mundo, bem como desconhecer o caráter social presentes nas obras literárias. O incentivo à prática da leitura em sala de aula é uma temática importante a ser discutida, principalmente, considerando as novas diretrizes educacionais curriculares como a BNCC que dão ênfase a leitura como eixo estruturante

para o desenvolvimento das competências e habilidades da língua portuguesa, oralidade, escrita, produção textual e análise linguística/semiótica.

Considerando o que afirmamos até aqui, neste trabalho de pesquisa visamos identificar como se dá o processo de prática leitora no ensino fundamental II em uma escola pública da esfera municipal de Parintins, mais especificamente em uma turma de 8º ano, buscando apresentar informações sobre como o aluno está imergindo ao mundo da leitura dentro da sala de aula. Pretendemos compreender de que forma o aluno aplica em sua realidade social aquilo que ele aprende na escola, de que maneira isso reflete em seu mundo fora da sala de aula, uma vez que a leitura de literatura dentro da sala, ainda é vista pelo aluno como uma obrigação, apenas avaliativa, e não como algo que acrescente além das notas do boletim.

Como intuito de mostrar a importância de incentivos a leitura no Ensino Fundamental II, neste trabalho lançaremos outro olhar sobre a prática de leitura em sala de aula, mostrando que o gosto do aluno pela leitura é resultante da forma com qual a este tem contato com ela. Sendo esta pesquisa fruto de uma pesquisa-ação, pois terá contato com o social e isso é uma característica deste tipo de trabalho.

DEFININDO A LITERATURA EM SALA DE AULA

A palavra literatura tem origem no latim com a palavra “*littera*” que significa “letra”. Como tal, sua definição primária tem a ver com a capacidade e as habilidades de ler e escrever adequadamente, entende-se também que a literatura abrange outras definições, fazendo parte de outras manifestações artísticas, o que faz dela algo muito importante dentro da sociedade, pois muito se aprende através da literatura (Soares, 2000).

Conceituar a literatura é complexo uma vez que abrange muitas áreas e sempre se adequa ao contexto daquele momento. Culler (1999, p. 36) define que a “literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa”, que explora as relações entre forma e sentido, buscando compreender como os componentes do texto se integram e produzem significado.

Em sala de aula, assim como em qualquer contexto, a literatura está inserida no campo das práticas de linguagem, entendida como uma forma de discurso “cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor

fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassarem o simples consumo de textos literários” (Cosson, 2014, p. 139).

A literatura em sala de aula, nessa perspectiva, demonstra um olhar mais crítico em relação ao tratamento que deve ser dado a literatura, uma vez que, Cosson (2022) explica que a literatura é vista sob um paradigma moral-gramatical que pressupõe seu uso com a função de ensinar a norma culta da língua e a padronização da escrita.

Cosson (2020, p. 22) aponta nesse paradigma que os textos literários em sala de aula, produtos da literatura, são:

[...] tomados como modelos de escrita, determinando que suas estruturas composicionais e estilísticas sejam reproduzidas pelos alunos; por outro lado, são modelos de correção gramatical e uso adequado da língua, servindo certo ou errado de palavras, expressões e estruturas sintáticas, como se observa nos livros de gramática normativa.

Quando os professores utilizam as obras literárias de escritores como Machado de Assis, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Clarisse Lispector, entre outros nomes da literatura brasileira, a função principal da literatura em sala de aula deveria ser o desenvolvimento das práticas de linguagem e letramento literário, porém é exatamente o contrário disso que acontece nas salas de aula.

Por isso, Cosson (2020, p. 169) defende a concepção de literatura a partir do paradigma do letramento literário, “uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos”. Ao estudar a literatura nesse sentido na escola, se ultrapassa a visão limitada de perceber a literatura apenas sob a lógica gramatical, compreendendo-a em mais profundidade.

Para Todorov (2009) a literatura está em justamente por essa visão limitada acerca literatura que na escola é entendida apenas como mais uma disciplina escolar, distante da perspectiva que defende a autonomia da literatura. O autor define que “literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstante” (Todorov, 2009, p. 22), pois a literatura

abrange vários espaços e áreas, sempre está em evolução e se moldando ao espaço e lugar em que se insere para que seu uso seja de forma eficaz.

Todorov (2009) explica que não se pode compreender a literatura dissociada da sociedade, como se esta não tivesse uma ligação significativa com o mundo. Dessa forma, o autor esclarece a necessidade de se olhar para a literatura considerando contextos e épocas, mais que isso, buscar as intertextualidades presentes nos que falam sobre o mundo, o ser humano e sociedade.

É necessário defender o ensino da literatura em sua essência dentro da sala de aula, como afirma Todorov (2009, p. 10) ao dizer que o perigo pelo qual passa a literatura:

[...] está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma "disciplinar" e institucional. Para esse jovem, literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública.

Uma vez que a literatura passou a ser usada para outros fins, é justo que sua autonomia enquanto área do conhecimento precisa ser resgatada. A literatura não é estudada em sua essência mais como um recurso didático-metodológico para o ensino de gramática e ortografia. Isso acaba colaborando para a falta de hábito de leituras por parte dos estudantes, pois quanto mais se usa a literatura para o estudo da gramática da língua, sem contextualizá-la, mas a leitura se torna cansativa e menos instigante.

Voltando essas discussões acerca do que é literatura para a educação brasileira, a BNCC, ressalta a importância da promoção de atividades com alunos de forma a fomentar as práticas de leituras e a literatura como forma de ampliação dos seus conhecimentos, em um sentido mais abrangente e contextualizado:

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura (Brasil, 2017, p. 75).

Destacamos a importância do estudo da língua portuguesa por meio do texto literário, mas também devemos incentivar em sala de aula a autonomia leitora do aluno como forma de fruição e não apenas ler o livro tendo em mente as regras gramaticais. A

literatura em sala de aula acaba tomando esta finalidade e na maior parte das aulas de língua portuguesa é o recurso utilizado para o ensino-aprendizagem da norma culta, falar e escrever corretamente, o que não deveria ocorrer, pois a literatura é uma área de conhecimento autônoma (Flaubert, 1981 apud Todorov, 2009, p. 65).

A natureza da literatura perfaz o encontro entre o mundo da leitura, que corresponde ao universo da leitura da palavra escrita, e a leitura de mundo, as interpretações e perspectivas que o sujeito tem sobre mundo onde vive. A partir da leitura que o indivíduo faz do mundo, este pode perceber e se identificar no mundo da leitura. Em contrapartida, ao adentrar no mundo da leitura pode fazer novas interpretações sobre o mundo ao seu redor.

A literatura não pode ser só mais uma área de conhecimento desvalorizada, não deve perder sua essência dentro do ensino, pois a leitura de literatura é um objeto de desenvolvimento do conhecimento, no entanto cada vez mais há menos espaço para ela em comparação aos outros componentes curriculares. Nesse sentido, Todorov (2009, p. 8) explica que a literatura se encontra em constante ameaça:

Não é difícil perceber que a literatura está sob ameaça. E pior: não se trata de um velho perigo, aquele decorrente da disputa agônica com oponente de peso como a filosofia socrática, que acusava de subversiva a arte poética - temida principalmente por sua potência encantatória.

Vê-se que não é de hoje que ela está sob perigo constante e que precisa ser protegida e defendida diante desse perigo, pois com sua extinção, o ser humano não terá uma importante área do conhecimento para a sua formação em sociedade, isto já é visto, porque grande parte dos jovens não lê e nem tem interesse na leitura de verdade os grandes livros da literatura.

Deve-se ter um olhar mais atento para a forma que a literatura está sendo abordada nas escolas atualmente e como os jovens estão a recepcionado, é importante estudos que investiguem o interesse dos alunos pela leitura. O papel do professor na vida leitora do aluno é de grande importância, porque o docente poderá mostrar a eles um mundo diversificado e atrativo, em que os assuntos importantes são colocados de múltiplas maneiras. O professor pode promover práticas de incentivo à leitura e acesso à literatura dentro da sala, mostrando que há vários tipos de literaturas, livros literários e

gêneros, permitindo que os alunos experienciem a leitura de literatura em sua essência, incentivando também a autonomia leitora dos alunos.

LETRAMENTO LITERÁRIO: “DO MUNDO DA LEITURA PARA A LEITURA DO MUNDO”

A literatura pode ser a janela para conhecer o mundo, como afirma Cosson (2014, p. 15) que o “[...] princípio é sempre o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem”. A palavra tem poder e com a leitura podemos viajar por horizontes desconhecidos, assim fazer com que o mundo se torne parte do leitor e muito mais conhecido, mesmo que através de livros, essa é a magia da leitura, levar o leitor para um universo paralelo, porém, muito real para aquele que lê e se identifica com a leitura.

Cosson (2014, p. 16) fala que “[...] praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada passam, de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas”, ou seja, a palavra e a leitura estarão sempre presentes mostrando que vivemos em sociedade e em diálogo, porque a leitura da palavra é resultado da leitura de mundo, ambas fazem parte da vida humana. Para Lajolo (2011, s./p), a leitura pode ser entendida como jogo de troca que leva o aluno:

Do mundo da literatura para à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.

Isso coloca a importância da troca que deve haver entre os “mundos”, alinhando-os para que os alunos vivam a leitura das ricas literaturas. Pode-se notar isto quando, por exemplo, ao colocar um mesmo livro para uma turma toda ler e, após a leitura, cada um compartilhar sobre aquilo que leu, perceberemos várias visões e mensagens que um único texto pode mostrar dependendo do leitor.

Essa é uma das possibilidades que os professores poderiam oferecer para os alunos, atividades em que o conhecimento seria compartilhado e exposto, porém, de uma maneira prazerosa, porque “a busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de

conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor” (Paiva; Maciel; Cosson, 2010, p. 42). Não se afirmamos aqui que o uso de literaturas para explicar a evolução da língua, da fala, da escrita seja inadequado, mas salientamos a importância que a leitura literária precisa ser tomada por sua essência.

As obras literárias podem muito bem ser do interesse do aluno e fazer refleti-los, afinal, a leitura nos leva a vê além das linhas e páginas dos livros, dar “aos leitores a possibilidade de enxergar a realidade de maneira ampliada, para além de seu restrito meio social, o que podemos definir como experiência de leitura” (Paiva; Maciel; Cosson, 2010, p. 25). Essa experiência leitora permite a distinção entre a leitura do mundo e leitura da palavra que remete a visão educacional.

Freire (1989, p. 9) associa a leitura palavra escrita com a visão de mundo, sua frase célebre diz que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, temos assim, um encontro de troca de experiências que nos permite pensar novas estratégias a serem estudadas em sala de aula.

Cosson (2014, p. 10) escreve o seguinte sobre a forma como é utilizada a literatura em sala de aula:

[...] essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no Ensino Fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio.

Podemos ver a realidade do ensino da literatura e do espaço que ela tem dentro da escola, das salas de aulas, tanto no Ensino Fundamental quanto no médio. Se antes a literatura já tinha um espaço tão pequeno no ensino médio, hoje em dia isso está mais reduzido, principalmente com a implantação do Novo Ensino Médio a partir da BNCC que estabeleceu os itinerários formativos voltados para a formação técnica e profissional dos estudantes. Esse espaço que a literatura ainda tem nas escolas, é apenas o mínimo do que é possível observar em sala de aula, isso prejudica ainda mais os jovens alunos e deixa a literatura “literalmente” em perigo.

Quando os alunos nas séries iniciais não são incentivados ao gosto pela leitura, teremos pela frente alunos que terão dificuldades, na maioria das vezes, para se

comunicar, interagir com o mundo, interpretá-lo e criticá-lo de novas para a professora. É importante que os professores consigam fazer a “utilização ou articulação entre o que o estudante já sabe e o tema de aula apresentado ainda representa obstáculo para o desenvolvimento de estratégias de ensino bem-sucedidas” (Santos; Rossi, 2020, p. 2).

A LEITURA NA PRÁTICA DOCENTE

A prática da leitura tem lacunas desde a formação nos anos iniciais da vida estudantil, quando o incentivo a essa prática é pouco visto, primeiramente, em casa, o hábito de ler para as crianças não é tão comum, e os livros infantis foram substituídos pelas tecnologias. Quando adentram ao universo escolar não tem interesse pela leitura, já que durante a infância não foram motivados a uma experiência leitora. Tanto a família quanto a escola precisam mostrar ao aluno a importância da leitura e incentivá-los a se tornarem leitores.

A família e a escola devem ser incentivadores dessa busca por conhecimento através da leitura, onde o aluno se espelhará nele para estar sempre buscando novas aventuras em livros desde os mais conhecidos e até aqueles que não tem muito prestígio ou são conhecidos pela sociedade. Calvino (2002, p. 9) reflete acerca daquilo que é um clássico e como algumas pessoas identificam a leitura desses livros, uma das primeiras questões abordada no livro é que “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: Estou relendo... e nunca Estou lendo [...]”, porque tende a se imaginar que em algum momento da vida a pessoa já leu mesmo que de forma rápida aquele clássico.

Calvino (2002) ainda propõe que os jovens deveriam ler livros clássicos, mas que isso deveriam reler, pois considera que a leitura da juventude precisa alcançar uma maturidade, na qual ao ler um clássico o jovem não compreende os contextos presente nas obras, ao invés disto o que fazem é apenas “passar os olhos”, pois o contato que eles têm com os livros clássicos em sala de aula é de maneira rápida. Às vezes, na escola se o aluno conhece as histórias clássicas de forma resumida, somente fragmentos. Essa fragmentação da leitura em sala de aula, deve-se também ao currículo, pois em poucas aulas o professor precisa repassar uma grande quantidade de conteúdo. Outra questão refere-se ao espaço escolar que deve possibilitar que o alunotenha acesso a diversas obras,

mas nem sempre as escolas possuem biblioteca com acervo além dos livros didáticos, isso dificulta o acesso do aluno à leitura.

A realidade de que os livros literários estão abaixo dos livros didáticos, livros distribuídos para as escolas e neles os alunos e professores devem se basear para aquisição de conhecimento, como foi observado por Cosson (2014, p. 19), onde o autor explica como os textos literários estão ficando sem seus espaços:

[...] como se registra no livro didático, os textos literários ou considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou atividades especiais de leituras. Em seu lugar, entroniza-se a leitura de jornais e outros registros escritos, sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois a literatura já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas.

Esse é o espaço que a literatura está perdendo e o docente, de certa forma, está colaborando para a falta de gosto dos alunos pela leitura, uma vez que quanto mais textos muito formais são usados para fins do estudo da gramática e são empurrados goela abaixo para os alunos, perde-se mais leitores. Os alunos do Ensino Fundamental devem ter a gramática e o estudo da evolução da escrita como prioridades, porém deve ser também prioridade o estudo mais a fundo da literatura porque em breve eles farão as provas de vestibulares e a análise de textos literários são base para a maioria das provas.

O sistema educacional ainda é falho e, por vezes, acontece de o aluno chegar ao Ensino Fundamental II e não conseguir fazer a interpretação de um texto, mas que isso, nem mesmo conseguem ler um texto de forma fluente, o que pode ser resultado de um processo alfabetizador incompleto que, conseqüentemente, resulta em alunos que não sabem ler e interpretar um texto. Por isso, Cosson (2024) defende o letramento literário em sala de aula, não apenas que o aluno a ler um texto, mas consiga extrair dele os contextos de produção que o envolvem, bem como refletir sobre o que o texto nos diz.

Essa é uma realidade triste, mas existente, isso se torna mais grave ao vermos que esse cenário se prolonga até o ensino médio. Isso ainda se soma ao processo de adaptação curricular e didático-pedagógica que as escolas estão passando, considerando a implementação das novas diretrizes educacionais estabelecidas pela BNCC. Essa realidade de déficit em relação a leitura é umas preocupações dos documentos

educacionais e, como forma de transformar essa realidade, a filosofia que norteia a BNCC sistematiza o estudo das práticas de linguagens em quatro eixos estruturantes: leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica. Nesse sentido, a BNCC define que a leitura na educação:

[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2017, p. 71).

A BNCC prevê um ensino de língua portuguesa e literatura com base no desenvolvimento de competências e habilidade alicerçadas nesses eixos estruturantes, mas sabemos que na realidade escolar o que se aplica ainda é o ensino tradicional, a educação bancária, como explica Freire (1992), ou uma educação apenas para composições de estatísticas educacionais. Observamos que nas escolas o ensino é em sentido preparatório para alunos serem avaliados pelos exames que quantificam as aprendizagens, seja em âmbito municipal ou estadual.

Além disso, o professor não recebe um bom apoio pedagógico para o planejamento de aulas mais dinâmicas ou projetos de leitura, principalmente, se essas atividades demandarem recursos financeiros. Então, o professor que desejar “fugir” do ensino bancário em prol de uma educação libertadora, acaba tendo que subsidiar com seus próprios recursos essas atividades, ou pelas dificuldades que encontra no caminho, o professor se vê acorrentado a praticar um ensino tradicional de “dar aula”.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o ensino e a prática de leitura literária no processo de ensino-aprendizagem para alunos do ensino fundamental II, considerando isso, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que é necessário que o pesquisador conheça o universo da sua pesquisa e o

conhecimento que já foi produzido e pesquisado. Trata-se também de uma pesquisa de campo, tendo o espaço escolar como lócus da investigação e participantes os alunos e a professora de língua portuguesa do ensino fundamental II, de uma escola da rede pública de ensino de Parintins. Para a coleta de dados, foram utilizadas como técnicas a observação, aplicação de oficina e questionários, a fim de alcançar os objetivos propostos da pesquisa.

Escolhemos uma escola que não está localizada nas mediações mais centrais da cidade. O lócus dessa pesquisa foi a Escola Municipal Claudemir Carvalho, localizada em uma área periférica da cidade de Parintins-AM, no bairro Palmares, fundada em 1986 que atendia 268 alunos matriculados de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, em 2023. O corpo estudantil em 2021 apresentou desempenho educacional com média de aprovação de 93,3%, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (Brasil, 2021). Isso demonstra que a escola faz jus a frase de seu lema “educar é, antes de tudo, criar valores”.

Os textos que foram utilizados na oficina são: “Ou isto ou aquilo” e “A bailarina” de Cecília Meireles (Livro *Ou isto ou aquilo*, 1964); “Amazônia” de Márcia Wayna Kambeba (Livro *O lugar do saber*, 2020); “Rondel do Abacaxi” de Luiz Barcellar (Livro *O sol de feira*, 1973); “A velha contrabandista” de Sérgio Porto (Livro *Rosamundo e os outros*, 1963) e “A avó” de Olavo Bilac (Livro *Poesias infantis*, 1904). Os textos escolhidos foram com temáticas, gêneros e estilos literários diferentes para que os alunos pudessem ter contato com textos diversificados da literatura brasileira infantojuvenil e amazonense.

A oficina foi aplicada em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II para 16 alunos, destacamos que uma das alunas é pessoa com deficiência intelectual, por isso, a oficina também foi pensada de forma a incluí-la nas atividades propostas. Dessa forma, pensando nas dificuldades de leitura e escrita da aluna, utilizados um vídeo do poema “A bailarina”, esse texto também foi trabalhado com a aluna de maneira adaptada, pois trata-se de uma versão do poema ilustrado. Os alunos foram divididos em grupo e escolhendo um dos textos disponibilizados para colocar sua criatividade em jogo, e a partir da leitura em grupo e discussão, os alunos fizeram a interpretação e adaptação do texto lido.

Tratava-se da produção de um mural literário, em que os alunos podiam ilustrar ou reescrever o texto, por isso a turma ficou livre para deixar a imaginação fluir

da melhor maneira possível. Além da observação feita enquanto eles realizavam a atividade, foi possível perceber que os textos literários contribuíram para estimular o cognitivo e reflexivo dos alunos.

A aplicação dos questionários se deu após a realização de uma oficina na turma observada, um questionário voltado aos alunos com as seguintes perguntas: 1. Você gosta de ler. Por quê? 2. Você tem contato com livros fora da sala de aula? 3. Você consegue ler e interpretar um texto com facilidade? 4. Você tem algum livro favorito? 5. A sua escola oferece um espaço para que você possa fazer uma leitura prazerosa, sem cobranças, somente porque você quer ler? 6. As aulas de português têm espaço para a leitura mais prazerosa, sem ter a obrigação de ler para realização de trabalho? 7. O que motiva você a ler? 8. O que você acha que deve ser feito para que os alunos se interessem e tomem gosto pela leitura?

Outro questionário foi voltado para a professora da turma com o objetivo para perceber ambos os pontos de vista dos participantes sobre a prática de leitura em sala de aula com as seguintes perguntas: 1. Você costuma organizar um tempo das aulas para fazer leitura com os alunos? 2. Os alunos têm muita dificuldade com a leitura e interpretação? 3. Na sua opinião, o tempo para a prática da leitura no horário de aula ajudaria os alunos na vida escolar em geral? 4. Você utiliza métodos de ensino diferentes para chamar a atenção dos alunos para a leitura, principalmente, com aqueles que apresentam maior dificuldade para ler e interpretar? 5. Em sua análise, o que falta para que os alunos passem a adquirir o hábito da leitura?

Ao final, os questionários foram recolhidos e compõem a análise de dados desta pesquisa. Um questionário também foi aplicado com a professora da turma para compreender de que forma a prática leitora é desenvolvida nas aulas de língua portuguesa.

DIFICULDADES DE LEITURA DOS ALUNOS: PERCEPÇÃO DOCENTE

A dificuldade com a leitura e, conseqüentemente, com a interpretação de textos em grande parte das pessoas ocorre pelo fato de que ao longo do tempo e do processo de aprendizagem, há certas limitações e dificuldades para se ter acesso aos livros. Em 2018, a pesquisa realizada pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) mostra essa triste e difícil realidade dos leitores brasileiros:

Cerca de 50% dos estudantes brasileiros alcançaram o Nível 2 ou acima em letramento em Leitura [...] a outra metade não apresentou o nível mínimo de proficiência. Esse resultado provavelmente representa um grande obstáculo na vida desses jovens, dificultando ou até mesmo impedindo que eles avancem em seus estudos, tenham oportunidades melhores no mercado de trabalho e participem plenamente na sociedade (Brasil, 2020, p. 77).

Essa pesquisa foi realizada com estudantes entre 15 e 16 anos que estão cursando a partir do 7º ano do Ensino Fundamental. Os indicativos demonstram que esses jovens terão dificuldades para ingressarem no ensino superior, considerando que a maioria está nas etapas finais da educação básica. Para o Estudo Internacional de Progresso em Leitura – PIRLS, realizado em 2023, o Brasil ocupa a 58ª posição em proficiência de compreensão leitora de 65 países que foram avaliados. O estudo realizado com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental apresentou que 62% dos estudantes apresentam baixo nível de leitura (Brasil, 2023).

Algo importante de se destacar sobre a leitura, refere-se ao primeiro incentivo ao ato de ler que deveria iniciar dentro de casa, sendo o primeiro passo para começar vida/experiência leitora. A primeira dificuldade relaciona-se com o acesso aos livros, pois muitas famílias têm limitações financeiras ou os familiares provém de uma educação bancária que não incentiva a leitura, criticada por Freire (1992).

A escola e os professores teriam o papel essencial de dar continuidade a esse incentivo para manter o interesse pela leitura vivo quando as crianças se tornam adolescentes e começarem a fazer suas próprias escolhas de leitura, mas na maioria das vezes, esse estímulo é iniciado pela própria escola e falta participação da família nesse processo. Ressaltando que a leitura é importante em todos os níveis de ensino, principalmente, para os alunos que sofrem com pressão constante para o vestibular e escolha da carreira. Percebemos essa perspectiva na realidade da sala de aula analisada, quando uma das respostas da professora entrevistada indica que o ambiente escolar é o único espaço onde os alunos desenvolvem a leitura:

Os alunos sempre têm dificuldades com a leitura, mesmo que sejam incentivados todos os dias na sala de aula. Na minha opinião, as aulas de L. Portuguesa apresentam-se como o único espaço para tal prática. Desse modo, os estudantes sentem dificuldades para se expressar na leitura e interpretação (Prof. LP, 2023).

Se a criança já tem o hábito da leitura, ao chegar nos anos iniciais conseguem com mais facilidade aprender os conteúdos. Porém, a criança que não tem esse estímulo encontra mais dificuldade no seu processo de ensino-aprendizagem. Zilberman (1991) explica que o contato com a leitura desde os primeiros anos na escola é muito benéfico e alguns alunos, devido a esse incentivo, acabam adquirindo gosto pela leitura, e ao avançarem nas fases de ensino constroem sua identidade leitora, mas, às vezes, ainda encontram entraves para terem acesso a livros.

A professora destaca que a realidade de alunos que não gostam de ler ou acham que ler é chato e sem sentido, parte da falta de estímulo inicial no ambiente familiar e também do uso frequentes de tecnologias:

O hábito de ler deveria ter o incentivo inicial na família, hoje com o uso frequente das tecnologias as crianças não visualizam a escrita e sim, os vídeos, áudios, etc., ou seja, buscam a forma mais fácil para se comunicar. Assim, os materiais escritos e principalmente impressos são pouco consumidos, deixando essa “deficiência” na prática da leitura e interpretação textual (Prof. LP, 2023).

Vemos que a professora consegue a perceber a falta de incentivo dos pais com os alunos, refletindo na capacidade e do gosto por procurar ler além do ambiente escolar e sem a finalidade obrigatória que a disciplina exige por conta de trabalhos de aula. É preciso possibilitar que o aluno aprecie a leitura e crie gosto pela leitura, entendendo que ler aumenta o conhecimento.

Para além disso, a professora destaca a questão das novas tecnologias, que influenciam na escrita do aluno, partindo das novas linguagens, o “internetês”, uma linguagem curta, imediata e convergente, caracterizada pela superficialidade e pelo “[...] imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar” (Brasil, 2017, p. 61).

Mas a negação das Tecnologias de Comunicação e Informação em sala de aula, demonstra uma certa contrariedade com o que pressupõe a BNCC, pois esse documento normativo já se atualizou pensando nas novas tecnologias como parte do ensino-aprendizagem. O uso frequente das tecnologias pelos alunos não deve ser tomado como um problema, mas sim explorado em sala de aula como forma de contemplar a realidade social dos alunos que, em sua maioria, são nativos digitais (Brasil, 2017).

O professor pode fazer uso das tecnologias em favor do processo de ensino-aprendizagem, inclusive como forma de incentivo à leitura e melhoramento dos índices de rendimento escolar, aproximando a sala de aula da realidade do aluno. Atualmente as pesquisas que investigam os índices de leitura dos estudantes das escolas brasileiras, mostra a necessidade de se pensar novas metodologias para potencializar a prática de leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento escolar do aluno, não somente nas aulas de língua portuguesa, mas também em outras disciplinas que necessitam da leitura e interpretação.

A professora esclarece a necessidade da utilização de métodos de ensino diferentes para chamar a atenção dos alunos quanto a prática da leitura, principalmente com aqueles que apresentam uma dificuldade maior para ler e interpretar.

Na escola temos estudantes que não foram alfabetizados, para esses eu trago materiais adaptados ao seu nível. Outros estudantes que não gostam de ler são inseridos nas equipes com alunos mais ativos, acredito que o método sempre traz resultados positivos, pois são motivados pelos colegas (Prof. LP, 2023).

Essa é uma realidade que se replica nas escolas, alunos que estão nos anos finais do Ensino Fundamental, mas ainda não foram alfabetizados e não conseguem ler e escrever. Ainda que a BNCC defina o foco da alfabetização nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Os resultados divulgados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)¹⁴, apontam um desempenho de 238,90 de proficiência dos alunos em língua portuguesa.

O demonstrativo do desempenho dos alunos em língua portuguesa é nível 2, considerando que o Saeb define uma escala de 8 níveis de proficiência, podemos perceber que esses índices refletem a observação feita pela professora em sala de aula quanto a dificuldade dos alunos em relação a leitura e interpretação de textos, em parte, resultado da falta de práticas leitoras nas etapas de ensino anteriores.

PERCEPÇÕES LEITORAS DOS DISCENTES

¹⁴ Dados do SAEB disponíveis para consulta pública em: <http://saeb.inep.gov.br/saeb/resultado-final-externo/boletim?anoProjeto=2021&coEscola=13042262>

O alvo da pesquisa foi uma turma do 8º ano pertencente a rede municipal de ensino, uma turma composta por 20 alunos com idade entre 12 e 13 anos. Vale ressaltar que dentre esses alunos, há uma aluna com deficiência intelectual (DI), o que demanda um cuidado maior com as questões de ensino-aprendizagem e metodologia utilizada dentro da sala pela professora, por isso foi necessário pensar uma forma de incluir a aluna para que conseguisse participar das atividades da oficina de leitura e interpretação, promovendo um ensino inclusivo e contemplando os atuais documentos legais que norteiam a prática da educação inclusiva sala de aula, como Estatuto da Pessoa com Deficiência instituído pela Lei nº 13.146/2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2019).

Pensando nisso, foram organizadas atividades adaptadas para a aluna que contou com apoio da monitora. A oficina de leitura e a aplicação dos questionários foram realizadas com os alunos que estavam presentes na aula, sendo 16 alunos, nove meninas e sete meninos em que foi aplicado o questionário após a oficina realizada na turma em uma sexta-feira, tendo a professora cedido gentilmente dois tempos na turma.

Dos 16 questionários aplicados, sete foram selecionados para compor a análise dos resultados obtidos. Durante o período da pesquisa e da observação de campo acompanhamos as aulas da professora e a partir disso planejamos a oficina e os questionários considerando a realidade da turma, o que foi importante para o pesquisador conhecer o universo de sua investigação. Ao pensar na oficina nos espelhamos nas aulas da professora, todo o planejamento da oficina também foi acompanhado pela docente.

Os alunos participaram da oficina e responderam ao questionário no mesmo dia, o questionário contava com perguntas discursivas que buscavam entender o universo da leitura dos alunos. A primeira parte do questionário buscava caracterizar os participantes da pesquisa e assim começar a entender um pouco do mundo dos alunos da turma, questões que referiam-se quanto ao gosto pela leitura. As respostas foram diversas, e podemos categorizar que 10 alunos afirmaram gostar ler, 5 disseram que medianamente gostam de ler e a aluna com DI, devido as implicações de sua deficiência, não sabe ler.

A justificativa do porquê disso podemos analisar em algumas respostas que nos chamaram mais atenção pelos motivos apresentados para a negativa pelo gosto à leitura. Um dos alunos pontuou que gosta de ler “mais ou menos, porque é muito vergonhoso ler na frente dos outros”. As crianças que não desenvolvem o ato da leitura

têm dificuldade em sala de aula, onde não conseguem se expressar, destacando que a leitura em voz alta do texto ajuda no desenvolvimento da oralidade do aluno e, conseqüentemente, na sua aprendizagem.

Outras respostas justificam que a falta de interesse na leitura é influenciada por fatores internos que dificultam que o aluno tenha atenção ou possa desenvolver a leitura sem interrupções, como afirma o aluno ao dizer que lê “mais ou menos, por que sei lá não consigo me concentrar numa Leitura”. Podemos analisar que esse aluno talvez não tenha sido incentivado no ambiente familiar à prática da leitura, por isso sente dificuldade para se concentrar ao ler um texto. Analisando as respostas positivas dos alunos em relação a leitura, percebemos um reconhecimento por parte desses alunos da importância da leitura para o desenvolvimento do conhecimento e no processo de ensino-aprendizagem, justificando que:

Sim. Eu adoro ler, mas sempre leio algo. E quando vou ler, vou mais pela forma que a leitura penetra na minha mente e me faz imaginar tantas coisas, por minutos ela me tira do lugar onde estou, e me transporta para outros (Aluna A, 2023).

Sim porque a leitura é muito importante para mim, eu gosto sem de ler a leitura é muito bom pra mente, eu adoro a leitura e de ler (Aluna B, 2023).

Sim, porque ajuda a pensar melhor, refletir etc. (Aluna C, 2023).

Os alunos entendem que a leitura ultrapassa o limite do papel e potencializa sua imaginação e reflexão, vai além da decodificação mecânica das letras e auxilia no desenvolvimento do pensamento e cognição. A aluna com DI teve as respostas transcritas pela monitora, a aluno que “ainda não sei ler, estou conhecendo as sílabas, mais sei copiar do quadro” (Aluna F, 2023). Esta é uma resposta importante e que pode ser interpretada de várias formas, pois pode ser entendido como uma falha no sistema educacional de não ter proporcionado a aluno um ensino inclusivo que contemplasse suas particularidades, disponibilizando para a aluno Atendimento Educacional Especializado – AEE, uma vez que a aluna está no 8º ano e somente agora está no processo de conhecer as sílabas.

Outra questão da pesquisa foi pontuar o acesso desses alunos aos livros, sobre o contato com a leitura para além da sala de aula: 6 alunos responderam que não tem contato com livros fora da sala, um desses alunos que responderam não ter esse contato foi a aluna com DI, considerando que ela não sabe ler, e 10 afirmaram ter o contato com os livros fora do ambiente escolar. Assim, a maioria dos alunos busca ler mesmo não

estando dentro da sala de aula, sendo em casa ou na escola que os alunos desenvolvem a leitura.

Ainda sobre a caracterização dos alunos buscou-se saber se eles conseguiam ler e interpretar textos com facilidade ou se tinham dificuldade. Os questionários tiveram respostas diversas, somaram-se que 5 alunos dizem conseguir ler e interpretar com facilidade, 6 dizem conseguir ler, porém encontram dificuldades em interpretar e 5 dizem não conseguir realizar ambas as atividades. Visualizamos esse cenário a partir das respostas dos alunos citadas abaixo:

Ler e interpretar às vezes é um desafio pra mim, tenho problemas pra concentrar e releio novamente, e fazer um bom entendimento é preciso, mas complicado (Aluna A, 2023).

Sim eu conseguir sim interpretar o texto com facilidade (Aluna B, 2023).

Não porque eu axo muito difício interpretar um texto ou alguma outra coisa (Aluna D, 2023).

Ler e entender o texto consigo, mas interpretar não é muito meu forte (Aluno G, 2023).

Considerando essas respostas, analisamos a leitura e interpretação mostra-se como um desafio para os alunos, principalmente, quanto se trata do ato de interpretar o texto lido. É possível inferir também que a falta de práticas leitoras interfere na forma de escrita dos alunos, em que vemos uma escrita fora da norma-padrão no que diz respeito a ortografia e pontuação. Voltamos a apontar que o texto literário não deve ser utilizado somente com fins gramaticais, mas é importante destacar a dificuldade em desassociar a leitura da escrita e vice-versa, e uma tem influência no desempenho da outra.

A acompanhante da aluna com DI transcreveu a resposta da mesma em que ela diz que: “Não sei, eu sou DI e não consigo ler e interpretar” (aluna D, 2023). Mesmo com as limitações impostas pela deficiência, a aluna acompanha a turma e desenvolve atividades dos conteúdos, desde que adaptados para a sua realidade. Dentro do que rege a BNCC para aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas de acordo com as particularidades do público estudantil (Brasil, 2017).

Nesse processo de ensino-aprendizagem, o professor precisa considerar as particularidades da turma e dos alunos na hora de selecionar o tipo de leitura. Nesse sentido, buscamos perguntar aos alunos se eles tinham algum livro favorito e a maioria dos alunos, 10 ao todo, disseram ter livros favoritos e os outros 6 afirmaram não ter. Vale ressaltar que os livros citados por eles eram dos gêneros romance, religiosos e histórias

como “O pequeno príncipe” e livros de Monteiro Lobato. Alguns não conseguiam lembrar o nome dos livros, mas citaram o gênero ou o autor de seu livro favorito como observado nas seguintes respostas: “Sim o meu livro favorito é de romance eu achei ele interessante pra mim eu adoro ele o meu livro” (Aluna B, 2023).

A partir do conhecimento que o professor tem sobre os alunos, é possível traçar estratégias de leitura baseadas nos gostos dos alunos como forma de instigá-los a ler com mais frequência. Esse conhecimento prévio sobre os hábitos leitores dos alunos ajuda o professor a estabelecer um relacionamento de troca de experiências, em que o professor não apenas impõe uma leitura, mas pergunta aos alunos que eles gostariam de ler. Trata-se da utilização de uma metodologia ativa, pois os alunos aprendem de forma mais autônoma e participativa e são potencializadores do seu próprio ensino-aprendizagem.

É esperado que na escola os alunos tenham contato com múltiplas linguagens e saberes para que eles consigam se tornar pessoas com senso de criticidade, usem o conhecimento que estão adquirindo de forma autônoma e, claro, de maneira respeitosa nas mais diversas situações comunicativas. Quanto ao ambiente escolar, este deve oferecer para os alunos espaços onde se possa ocorrer a experiência leitora de forma confortável. Por isso quando questionados sobre se a escola oferece espaços para a leitura, os alunos responderam que:

Para oferecer, tem. Mas nem sempre tá disponível pra nós, raramente nós vamos até lá (Aluna A, 2023).

Sim a escola tem esse espaço para os alunos ler, que si chama, cantinho da leitura (Aluna D, 2023).

Sim, oferece, mas é meio difícil de usar esse espaço (Aluno G, 2023).

Considerando sua realidade, os alunos descrevem que mesmo com a existência de um espaço próprio para a leitura, eles têm dificuldade em ter acesso ao ambiente. O espaço ao qual os alunos se referem é a biblioteca da escola que nem sempre está disponível para que os alunos possam fazer uma leitura concentrada. É importante que as iniciativas propostas pela escola sejam acessíveis a todos, a exemplo, o cantinho da leitura citado pelo Aluno D.

Esse espaço também precisa ser acessado pelos alunos e possam fazer leituras dentro da escola, mas é possível pensar na modalidade de empréstimo de livros como

forma de incentivo para a continuidade da leitura em casa. Além de um espaço físico adequado e confortável para a prática da leitura, é importante também que as aulas de língua portuguesa para a leitura em sala de aula de forma compartilhada dos textos literários. Quanto a isso, os alunos apresentam como a leitura acontece em sala de aula:

Sim, sendo sincera às vezes é meio que obrigada, poucas vezes pelo prazer em querer ler (Aluna A, 2023).

Sim com certeza tem sim espaço pra mim ler (Aluna B, 2023).

Sim o Português tem espaço na leitura para ensinar (Aluno E, 2023).

Sim têm obrigação que o professor faz leitura e também ensina e também ela manda fazer o trabalho (Aluno F, 2023).

Analisando o relato dos alunos, o ato de ler ainda está baseado em uma leitura obrigatória que pressupõe somente aprendizagens quantitativas de avaliação e notas. Desta maneira, vemos a importância do papel que a escola e o professor têm na vida leitora dos alunos, eles são atores fundamentais para a formação de leitores literários, desenvolvendo atividades didático-pedagógicas de incentivo à leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, este trabalho buscou analisar e como se dá o incentivo e a prática de leitura dentro da sala de aula para contribuir com a comunidade escolar e, partir dessas observações, trazer reflexões relevantes no que diz respeito ao ensino-aprendizagem e as aulas de língua portuguesa. Uma vez que a leitura é importante na vida cotidiana de todos e também para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

Um dos objetivos deste trabalho era verificar a forma que a leitura de textos literários era realizada em sala de aula, pois partiu-se do pressuposto de que a leitura desses tipos de textos nas aulas de língua portuguesa era, exclusivamente, voltada para o ensino da gramática da língua portuguesa e não a leitura pela leitura para que os alunos lessem por prazer e adquirir o hábito de ler.

Os alunos têm seus próprios gostos literários e em suas respostas vemos como as aulas de LP estão sendo realizadas, quanto a prática de leitura dentro de sala e ao espaço que a escola disponibiliza para a leitura. As respostas dadas no questionário foram essenciais para sanar algumas questões e vê como este processo de ensino-aprendizagem

está acontecendo. Por mais que uma parte dos alunos não tivessem o contato mais frequente com a leitura, eles não deixaram de ter um bom senso para responder as questões e realizar a atividade proposta por este trabalho. É necessário que as escolas façam um momento de escuta dos alunos para que haja uma aquisição de conhecimento eficiente e eficaz, colocando-os no centro do processo de ensino-aprendizagem, sendo participantes ativos e protagonistas do conhecimento.

Aparentemente para grande parte dos educadores ainda utilizam o método tradicional por ser mais conveniente, e não levam em consideração que as salas de aula estão também recebendo alunos que antes não podiam fazer parte das turmas, alunos com alguma deficiência - PcD, seja física, visual, auditiva, intelectual etc. Esse é um dos motivos para que eles tenham que mudar seus métodos, pois o padrão antigo/tradicional não atende a todos, nem grande parte das especificidades existentes em sala de aula hoje em dia.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam que as práticas de leitura em sala de aula são iniciativas individuais dos professores e não um planejamento pedagógico da instituição. Há uma consciência docente que compreende a necessidade de se popularizar a leitura em sala, assim também há uma consciência leitora dos alunos que entendem a importância da leitura e de que forma ela impacta positivamente no seu desempenho educacional.

Assim, esta pesquisa é de relevância para a sociedade em geral, pois busca fazer um estudo sobre a realidade educacional, no que diz respeito ao ensino de literatura, destacando a importância do incentivo à leitura em sala de aula, uma leitura literária que visa despertar no aluno o ato de ler, não apenas por obrigação, mas também pelo prazer da leitura e suas contribuições no desenvolvimento de alunos pensantes e críticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018**. Brasília, DF: Inep, 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Brasil no PIRLS 2021: Sumário Executivo**. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: Ensino Fundamental Regular - Anos Finais**. Brasília, DF: Inep, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Boletim da Escola: Saeb 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beça Produções Culturais Ltda, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Maciel. **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SANTOS, Mariana Alencar; ROSSI, Cláudia Maria Soares. Conhecimentos prévios dos discentes: contribuições para o processo de ensino aprendizagem baseado em projetos. **Revista Educação Pública**. v. 20, n. 39, Santos, p. 1-7, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o Ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 1991.

**ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: as narrativas orais no distrito de
Barreira do Andirá**

ENGERAMENTO AND OTHER STORIES: oral narratives in the district of Barreira do Andirá

Érika Trindade Costa¹⁵
Dilce Pio Nascimento¹⁶
Heloísa Reis Curvelo¹⁷

RESUMO: Com esta pesquisa temos o intuito de discutir a cerca da literatura oral¹⁸, mais precisamente a presença e a função sociocultural das narrativas orais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Para isto, optou-se por uma pesquisa de campo, realizada através de entrevistas abertas, por meio da contação de histórias, com auxílio da História Oral, para coletar suas manifestações mais naturais, as variadas estórias disseminadas pelos mais velhos na comunidade de Barreira do Andirá, município de Barreirinha/AM, lugar de origem da família da pesquisadora. Os principais objetivos da referida pesquisa foram coletar narrativas orais de pessoas mais velhas, moradoras no Distrito de Barreira do Andirá com a finalidade de resgatar as narrativas orais que fazem parte da história da comunidade. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, uma vez que a intenção deste trabalho não focou somente na coleta das narrativas, mas em entender a importância do ato de contar histórias, e quais elementos importantes estavam presentes em cada uma delas. A partir do que foi coletado, pôde-se conhecer mais sobre a construção histórico-cultural da região, assim como entender as influências da tecnologia no cotidiano daqueles sujeitos, e como essas narrativas orais estão sendo trabalhadas atualmente. O local onde se desenvolveu a coleta das narrativas, foi a comunidade de Barreira do Andirá, localizada em uma área fronteira entre os municípios de Parintins e Barreirinha, onde residem cerca de 206 famílias, compostas, principalmente por agricultores e pescadores. Os sujeitos da pesquisa foram cinco moradores do Distrito: Antônio Gonçalves Viana, Maria do Carmo, Moisés Viana, Paulo Sérgio dos Santos Trindade e Basílio Tenório. O critério para a escolha dessas pessoas, deu-se, primeiramente pela idade, pois a pesquisadora focou nas narrativas dos mais velhos

¹⁵ É Licenciada em Letras-Língua Portuguesa- pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins. É professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Barreirinha (SEMED-AM). Foi bolsista de extensão no Programa de Extensão Comunitária (PROGEX/UEA – 2019 a 2020). Foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica (2022-2023). E-mail: let18@uea.edu.br

¹⁶ Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (2013). Possui especializações em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna pela Universidade Federal do Amazonas (2003); Especialização Aperfeiçoamento em Língua Latina e Tradução dos Clássicos. É graduada em Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa (UFAM, 2002). Membro do Núcleo de Pesquisa Núcleo de Investigação de Cultura e da Educação no Baixo Amazonas. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP-UEA). Atua nas áreas de Letras, com ênfase em Teatro, Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, Literatura Amazonense e Literatura Pan-Amazônica. Atuou como professora de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas (2007 a 2009). Ganhou o Prêmio Literário de poesia da Academia de Letras do Brasil-Amazonas no concurso "Universo poético da Mulher Amazonense". E-mail: dpnascimento@uea.edu.br

*Professora Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: hrc.matos@ufma.br

¹⁷ Professora Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: hrc.matos@ufma.br

¹⁸ Este artigo é a adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, sob a forma de monografia, apresentada como pré-requisito final à obtenção de grau de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas, em 2023.

moradores. Levou-se também em consideração o fato desses moradores pertencerem às famílias que protagonizaram a fundação daquele vilarejo. Os principais teóricos que embasaram esta pesquisa foram Ong (1998), Zumthor (1993 e 2000), Bosi (1979), Benjamim (1987), Cascudo (2006) e Freitas (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura oral. Comunidade de Barreira do Andirá. Amazonas.

ABSTRACT: With this research we aim to discuss oral literature, more precisely the presence and sociocultural function of oral narratives in riverside communities in the Amazon. For this, we opted for field research, carried out through open interviews, through storytelling, with the help of Oral History, to collect its most natural manifestations, the varied stories disseminated by the elderly in the community of Barreira do Andirá, municipality of Barreirinha/AM, place of origin of the researcher's family. The main objectives of the referred research were to collect oral narratives of older people, residents of the District of Barreira do Andirá, with the purpose of rescuing the oral narratives that are part of the history of the community. The research approach was qualitative, since the intention of this work did not focus only on collecting narratives, but on understanding the importance of the act of telling stories, and which important elements were present in each of them. From the data collected, it was possible to learn more about the historical and cultural construction of the region, as well as to understand the influences of technology on the daily lives of those individuals, and how these oral narratives are currently being worked on. The place where the narratives were collected was the community of Barreira do Andirá, located in a border area between the municipalities of Parintins and Barreirinha, where approximately 206 families live, mainly composed of farmers and fishermen. The research subjects were five residents of the District: Antônio Gonçalves Viana, Maria do Carmo, Moisés Viana, Paulo Sérgio dos Santos Trindade and Basílio Tenório. The criterion for choosing these people was primarily their age, since the researcher focused on the narratives of the oldest residents. The fact that these residents belonged to the families that led the founding of that village was also taken into consideration. The main theorists who supported this research were Ong (1998), Zumthor (1993 and 2000), Bosi (1979), Benjamim (1987), Cascudo (2006) and Freitas (2006).

KEYWORDS: Oral literature. Community of Barreira do Andirá. Amazonas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um dos temas que sempre estiveram presentes na vida da pesquisadora, a oralidade. O primeiro contato que as crianças ribeirinhas têm com a literatura ocorre por meio das narrativas orais, a base do imaginário caboclo. As memórias literárias da pesquisadora são formadas pelas lembranças de quando residia na comunidade de Barreira do Andirá, comunidade rural do município de Barreirinha no Estado do Amazonas. Recorda-se que nos dias em que a energia elétrica faltava, era costume criar rodas de contação de histórias, quase sempre sobre visagens, com o intuito de amedrontar as crianças. Essas narrativas, cheias de detalhes, faziam as crianças imaginar os lugares, as pessoas, e, assim, apresentavam um vasto universo literário.

A pesquisadora conheceu os clássicos da literatura infantil por intermédio da oralidade, ouvindo o programa de rádio *A hora alegre da criança*, produzido pelo Sistema Alvorada de Comunicação¹⁹. Não importava o que estivessem fazendo no momento, as

¹⁹ A emissora de rádio mais antiga da cidade de Parintins que leva as notícias aos demais municípios

crianças da comunidade iam para as suas casas ao final da tarde, esperar o programa começar, para escutar histórias como a dos “Três porquinhos”, “A bela e a fera”, “O patinho feio”, entre outras. Na universidade deparou-se com a literatura oral, agora, não mais vista como um campo menor de pesquisa, restrito aos estudos da História Oral. Saber que oralidade também faz parte da arte literária, foi o principal motivo de enveredar-se por essa pesquisa.

Esse estudo consiste em mostrar a importância que a oralidade exerce na sociedade, para tal, buscou-se discuti-las sob a ótica do resgate cultural e identitário, tendo como base as narrativas coletadas no Distrito de Barreira do Andirá. Essas histórias foram contadas por quatro moradores: Antônio Gonçalves, Maria Barbosa, Paulo Sérgio e Moisés Viana, escolhidos por serem os comunitários mais velhos. Posteriormente, foi introduzido no trabalho os relatos do Professor Basílio Tenório, de maneira que, ao todo, temos cinco narradores.

O presente artigo foi dividido nas seguintes sessões: o primeiro item trata sobre Oralidade e escrita: **breves definições**. Neste tópico, farei breve definição sobre a oralidade e escrita, partindo da ideia de que a oralidade é a gênese do discurso, e por isso precisa novamente ocupar o lugar de destaque, e não mais ser rotulada com uma mera representação do mundo letrado. No segundo item **o que é Literatura Oral**, nesse tópico apresento as relações entre o folclore e a oralidade bem como o termo “literatura oral” que foi menosprezado por não fazer parte do cânone literário. E por fim, a sessão **engeramento e outras histórias: narrativas orais no Distrito de Barreira do Andirá** que tem o objetivo dar visibilidade aos grupos sociais marginalizados, como pequenos vilarejos da Amazônia desconhecidos, mostrando suas peculiaridades culturais, através de uma polifonia discursiva.

ORALIDADE E ESCRITA

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, que pode ser feita de diversas maneiras, mas, a oralidade é sem dúvidas a sua forma de expressão mais importante, pois, através dela, conseguimos externalizar os nossos desejos e necessidades, que se ampliam no decorrer da vida, a partir do momento que nos entendemos no mundo

e interagimos com os outros ao nosso redor.

De acordo com Ong (1998, p.10), “a sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral, tornando-se letrada muito mais tarde em sua história, e inicialmente apenas em certos grupos”. Ainda hoje, não há um consenso em relação a como o homem primitivo começou a comunicar-se, mas, os estudiosos partem da ideia de que essa troca de informações se deu por meio de um processo evolutivo. A criação desses diferentes signos linguísticos possibilitou, muito tempo depois, o surgimento dos primeiros alfabetos e, com isso, a necessidade de encontrar maneiras de deixá-los registrados.

Com a invenção da escrita, a oralidade, nos moldes como era conhecida anteriormente, foi perdendo espaço, e passou a ser reconhecida como uma representação do mundo letrado, o que fez com que ela demorasse muito tempo para ganhar *status* de ciência. Foi somente nos anos 60, que surgiram estudos mais expressivos sobre o tema, com intuito de discutir a relação entre cultura oral e escrita, isso partiu da tentativa de colocar novamente a oralidade em uma posição de destaque.

Ao falar sobre a natureza do som, Ong (1998) afirmava que o som exerce um grande poder, pois todo som, especialmente a enunciação oral, vem de dentro dos organismos vivos, por isso é dinâmico. Tal afirmativa nos faz entender que a oralidade tem sua origem no som, mas, diferente da escrita, não é puramente verbal, porque quando alguém conta uma história utiliza a expressão corporal e muitos elementos. Ainda sobre o tema, o autor explica como isso era trabalhado na antiguidade grega:

No ocidente, entre os antigos gregos, a fascinação apresentou-se na formação da vasta e rigorosamente elaborada arte da retórica, o mais abrangente tema de estudo em toda a cultura ocidental por 2 mil anos. No grego original, a palavra “*techne rhetorike*” arte do discurso, (comumente abreviada como *rhetorike*) referia-se fundamentalmente ao ato de falar, muito embora como “arte” ou ciência refletida, organizada- por exemplo, na Arte retórica de Aristóteles-, a retórica fosse e devesse ser um produto da escrita. (Ong, 1998, p. 18).

A retórica significava basicamente a arte de falar em público, com um instrumento político, também conhecida como oratória, e isso permaneceu por muito tempo como o paradigma central dos discursos. Ela foi incorporada ao universo escrito, e assim se organizou quanto princípios, mas essa predominância teve consequências, pois criou-se a ideia de que oral e escritos eram coisas idênticas, pois o oral era o produto da

escrita.

Para Ong (1998) o interesse pelo estudo da oralidade teve como principal influência o pensamento de Saussure, conhecido como “o pai da linguística moderna”, por meio de um estudo iniciado por Milman Parry, (1902), e finalizado por Albert B. Lord, a respeito dos epítetos homéricos, presentes nas obras Odisseia e Ilíada. Nos estudos de Saussure, ele “[..] chamara a atenção para a primazia do discurso oral, que sustenta toda comunicação verbal, assim como para a tendência predominante, até mesmo entre os estudiosos, a pensar na escrita como forma básica da linguagem” (Ong, 1998, p. 13). Isso serviu de base para que o estudioso desenvolvesse seu pensamento sobre a cultura oral dividindo-a em categorias.

Essas divisões foram denominadas de: “oralidade primária” e a “oralidade secundária”. A oralidade primária, refere-se às culturas que não foram afetadas pela escrita: “[...] designo como “oralidade primária, a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão” (Ong, 1998, p. 19). Nesse tipo de cultura, os indivíduos não possuem o letramento alfabético, tampouco conhecem a imprensa, as suas formas de compreender o mundo são conservadoras e tradicionais pois a palavra existe no som e se relaciona com o seu modo de vida.

Já a oralidade secundária surge após a criação da escrita, a chamada era eletrônica: “[...] oralidade secundária da atual cultura da tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão, ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja experiência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. (Ong, 1998, p. 19). Segundo o autor, a oralidade secundária reforça as práticas da primeira, mas vale ressaltar que as discussões traçadas por ele foram feitas com base nas transformações e invenções de seu tempo.

Em “A letra e a voz” (1993), Zumthor já havia dividido a oralidade em categorias, mas, diferente de Ong, elas foram feitas em três. A primeira é a *primária e imediata*, que “não comporta nenhum contato com a escritura (Zumthor, 1993, p. 18), ou seja, é característica das sociedades desprovidas de todo o sistema de simbolização gráfico, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos. A segunda é denominada como *oralidade mista*, “quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada” (Zumthor, 1993, p. 18), na qual, essas culturas coexistem. E a última é denominada como *oralidade segunda*, que vem a ser característica de uma cultura letrada, e se “recompõe

com base na escritura num meio onde este tende a esgotar os valores da voz no uso do imaginário” (Zumthor, 1993, p. 18).

Observando as discussões trazidas pelos estudiosos, é notório que partem de um mesmo princípio, o de que a oralidade é a gênese do discurso pois precede ao mundo letrado. Ao relacionar com o objeto de estudo desta pesquisa, pode-se afirmar que está inserida no que Ong denomina como sociedade mista, que tem forte influência do mundo escrito e das tecnologias. Ao fazerem a divisão das culturas em antes e depois do surgimento da escrita, os autores evidenciam as mudanças sofridas pela sociedade, por consequência das transformações de seu tempo.

O QUE É LITERATURA ORAL?

Literatura oral tem sua gênese a partir da existência dos primeiros povos que habitaram a terra. Por serem ágrafos, os conhecimentos e experiências cotidianas eram passadas de maneira oral, por gerações. Somente após a transição para o universo letrado, foi possível registrar essas narrativas, oriundas da tradição oral. Como afirma Cosson (2014):

[..] a literatura faz parte das comunidades humanas desde os tempos imemoriais são testemunhos os mitos cosmológicos.[...] Essas múltiplas funções dos mitos e de outros relatos exemplares serviram de base para a literatura em diversas manifestações, gerando uma pleora de gêneros, inicialmente orais, depois escritos, como as gestas, as adivinhas, as lendas, as canções, os ditados, as sagas, as anedotas, as epopeias, as tragédias, as comédias, os contos, os provérbios e outros tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes e depois do mundo- o uso que faz essa palavra se tornar literária. (Cosson, 2014, p. 11).

Apesar da importância que a oralidade desempenha para o desenvolvimento das sociedades, ela foi relegada a segundo plano, os seus produtos eram sempre vistos como de menor importância, por estarem ligados ao popular. De acordo com Câmara Cascudo (2006), a oralidade ganhou definição quanto literatura muito tempo depois, no ano de 1881, “criou-a Paul Sébillot, com a sua *littérature oral de la Haute-Bretagne*. Definiu-a, porém, muito tempo depois” (Cascudo, 2006, p. 21).

Câmara Cascudo é um importante folclorista brasileiro, seus estudos são de fundamental importância, pois buscam por meio da oralidade, um resgate social e identitário, traçando panoramas sobre a formação do país. Segundo o autor, “a Literatura

Oral Brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual, indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças...” (Cascardo, 2006, p. 27). Desta forma, tem-se uma literatura miscigenada, rica culturalmente, importante para configurar inconsciente coletivo nacional.

O autor afirma que, “canto, dança, mito, fabula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva” (Cascardo, 2006, p. 52). Desta maneira, entende-se que por serem um produto da memória coletiva, as narrativas modificam-se e se adaptam de acordo como ambiente em que estão inseridas, e com os seus narradores, um exemplo disso, é que mesmo fale um tema comum, ganham características próprias de acordo com a ambientes em que estão. Estudos como os de Câmara Cascardo, trazem discussões importantes sobre a oralidade e o cânone literário.

Segundo Moreira (2011), o termo cânone era utilizado originalmente por religiosos, e foi introduzido no campo da literatura, então, passou a ser entendido como uma coleção de obras, reconhecida como “melhores”. A respeito disso, Cosson (2014, p. 23), afirma que “a literatura vai muito além do cânone com sua teoria dos polissistemas, também pode contribuir para uma outra maneira de compreender os modos de existência da literatura”. É necessário compreender que a literatura não pode ser estudada apenas tendo como base as obras clássicas, e que também está relacionada com as histórias que não estão registradas de maneira escrita. Mesmo dentro das universidades há poucas disciplinas voltadas para a literatura oral, o que demonstra a distância de seu reconhecimento como um objeto científico relevante.

Apesar desse cenário, vem crescendo um movimento que busca, por meio das narrativas orais, fazer um resgate cultural e identitário, principalmente de comunidades tradicionais, como os quilombolas, indígenas, entre outras. Isso ajuda a preservar os costumes e tradição de seu povo, contadas por pessoas pertencentes a esse meio social e não mais por terceiros. Cascardo (2006), diz que ao lado da literatura pertencente ao pensamento intelectual letrado correm as águas paralelas, solidárias e poderosas da memória e da imaginação popular. É por meio da oralidade que os indivíduos têm o primeiro contato com a literatura, por isso ela é detentora de vastos conhecimentos que precisam ser mais bem explorados.

A questão em debate não é a substituição do cânone, mas que o estudo sobre a

literatura se torna mais democrático, dando o reconhecimento aos saberes trazidos pelos povos que ajudaram a construir o país, saberes esses que ajudam a entender a maneira como a sociedade é constituída.

Ao fazer uma pesquisa sobre a oralidade, faz-se necessário discutir a respeito do papel do narrador, da memória e da performance, pois são elementos fundamentais nesse processo. As narrativas são construídas, contadas e recontadas com base nas reminiscências das pessoas, principalmente dos mais velhos. Quando se fala sobre narrativas orais, é comum que as pessoas relacionem com suas memórias de infância, e isso não é por acaso pois é nessa faixa etária que se tem o primeiro contato com elas, independente da maneira que isso acontece. Nas comunidades tradicionais, como é o caso das ribeirinhas, os narradores são quase sempre pessoas da família que tradicionalmente possuem a responsabilidade de educar os mais novos e repassar adiante as tradições de sua comunidade.

No decorrer da vida, quem antes era ouvinte torna-se narrador e conta as histórias que viveu ou as experiências de outras pessoas. Segundo Benjamin (1987), a arte de narrar está em vias de extinção, porque são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Um dos principais motivos são os avanços tecnológicos, que mudaram a maneira de se comunicar e, com isso, o hábito de contar histórias da maneira tradicional não é mais visto com frequência.

Essas narrativas são misturas de experiências que passam de geração em geração e acabam sendo introduzidas no imaginário coletivo. As pessoas se identificam nos lugares, personagens e modos de vida, como uma forma de reconhecimento indetentário. Em relação a esse intercâmbio de experiências, pode-se dizer que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos diversos narradores anônimos” (Benjamin, 1987, p. 198). O que caracteriza a existências das narrativas orais são as vivências do narrador, pois o ato de contar histórias consiste em uma constante relação entre a nossa percepção do mundo e a percepção dos outros, um intercâmbio de experiências.

Benjamin (1987), classifica os narradores em dois grupos: o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”, sendo o primeiro aquela pessoa não tem experiências para além do seu lugar de origem, e o segundo alguém que viajou diversos

lugares e conheceu muitas culturas. Neste trabalho, entende-se que ambos os narradores possuem o mesmo grau de importância, entretanto, o foco da pesquisa está no primeiro, o “narrador sedentário”, os indivíduos que não viajaram por muitos lugares, mas são grandes conhecedores das histórias do seu lugar de origem.

Desta maneira, tem-se como exemplo os moradores do Distrito de Barreira do Andirá, que através de suas reminiscências, resgatam a tradição de seu povo e ajudam a preservar os elementos culturais e indenitários da comunidade. Para Benjamim (1987) a verdadeira narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, pois parte da natureza artesanal, tem suas raízes no povo. Essas narrativas são contadas pelas pessoas mais velhas, conhecedoras das histórias que circulam no local, que as repassam para as outras gerações.

O autor fala que a memória é musa, a mais épica de todas as faculdades, porque somente uma memória abrangente permite à narrativa apropriar-se do curso das coisas. Nesse mesmo sentido, Zilberman (2006) diz que ela é uma faculdade humana, encarregada de reter os conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo que armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Sobre o estudo da memória na antiguidade clássica, Freitas diz que:

Na Antiguidade Clássica, os gregos fizeram da memória uma deusa, Mnemósine. Essa deusa lembra aos homens os heróis e os seus altos feitos e também preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem que quando possuído pela memória é transportado por ela ao coração dos acontecimentos antigos, tornando-se, assim, um adivinho do passado. (Freitas, 2006, p. 52).

A memória tinha grande importância na Grécia antiga, pois era uma civilização sem escrita, que dependia da oralidade para a transmissão de seus costumes e tradições. Todavia, eles tinham uma concepção diferente do que era memória, pois significava algo sagrado, privilégio apenas de alguns homens, uma maneira de se conectar com os deuses.

No que diz respeito à memória das pessoas mais velhas, Bosi afirma que “eles são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se preserva e o presente se prepara” (Bosi, 1979, p. 18), não apenas na ideia de lembrar das coisas, mas porque os velhos têm uma memória social vasta e definida, pois presenciam vários acontecimentos no decorrer de sua existência. Essa memória dos velhos é coletiva,

primeiro, parte de uma lembrança individual, mas depois se constitui na memória de uma comunidade. Ainda sobre isso, Bosi (1979, p. 22) aponta que “nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas, elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis...”

A memória dos velhos se constrói entre a história e a ficção, um elo entre o presente e o passado, ela ultrapassa até o sentido da vida desses sujeitos, porque através das histórias de famílias, das narrativas de uma comunidade ou das tradições, conhecemos personagens que já não existem. Quando contam as suas histórias, os mais velhos sentem-se valorizados pois percebem que as suas experiências são válidas e que existem pessoas interessadas em ouvi-los. Bosi (1979) diz que essa felicidade só é sentida por consequência da opressão de seus processos de envelhecimento, sejam por intermédio das questões institucionais, psicológicas, técnicas ou científicas, é uma espécie de esvaziamento, que faz essas pessoas buscarem em outra época uma forma de se sentirem úteis novamente.

A respeito da performance, Zumthor (2000, p. 31) discute que ela se situa em um contexto que é ao mesmo tempo cultural e situacional, como uma “emergência”, e quando isso acontece é porque atingiu sua plenitude. Ele a considera não somente nela mesma, mas em sua qualidade de emancipação do corpo, que sonoramente o representa de forma plena, “[...] gesto e voz, regulados um para o outro, asseguram uma harmonia que nos transcende [...] o elo que liga a voz ao gesto é de ordem funcional, resultando de uma finalidade comum (Zumthor, 1993, p. 48). A performance acontece na prática da contação das histórias, uma vez que as narrativas são direcionadas a um público, que interage e ajuda o contador a lembrar dos fatos, e esse processo é feito usando o corpo, as expressões faciais, o ambiente, dentre outros.

ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: AS NARRATIVAS ORAIS NO DISTRITO DE BARREIRA DO ANDIRÁ

O distrito de Barreira do Andirá, é uma das maiores comunidades do Município de Barreirinha, como afirma Cruz (2017), ele está localizado em frente ao Rio Paraná Ramos, e faz fronteira com o município de Parintins. Possui cerca de 206 famílias, como indicam os registros feitos pela presidente da comunidade e pelo posto de saúde

local. Segundo Gonçalves²⁰, um dos moradores mais antigos:

A fundação da comunidade, foi uma professora de Barreirinha e o marido dela que fundou essa comunidade. A professora eu não sei o nome, mas o marido dela chamava Zé da Silva. É a mulher do Zé. A gente chamava “da Silva” pra ele. Eles que vieram fundar essa comunidade aqui. E eu estava no meio, eu estava assim, um rapaz de quinze anos, mas eu já trabalhava. (Gonçalves, 28 de outubro de 2022).

Essas informações passadas pelo morador não estão registradas de maneira documental, entretanto, neste trabalho não nos preocupamos em apontar uma narrativa verdadeira, mas mostrar os diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto. Um exemplo disso, é que outras pessoas da comunidade, relacionam a sua fundação e organização a partir da implantação de uma sede religiosa, no caso, a igreja de Nossa Senhora das Graças. Para o historiador Basílio Tenório:

Barreira do Andirá, que começa com o ajuntamento indígena autóctone (Sateré- Mawé), passa ao logo dessa história pelo crescimento de Vilarejo Barreira de Andirá. Ela foi um ajuntamento indígena, e a prova disso é o sítio arqueológico que existe lá, inclusive, onde mora os teus avós.² [fala para a pesquisadora] .Tem uma terra preta, chamada ‘terra preta de índio’²¹. [...] Se você já vem de lá da Terra Preta, tinha aquela baixa, e na subida da baixa, tinha um aterro, a chamada ‘terrada da Barreira’, ali existiu uma casa portuguesa, dos antigos Tenório. Nessa época, a Barreira era o misto de comunidade indígena e de imigrantes portugueses, que vieram a partir do século XVI. [...]. As famílias que chegaram, se misturaram aos indígenas que estavam ali, no final do século XVIII, e vão gerar os seus filhos. (Tenório, 28 de outubro de 2022).

Ao analisar essa evolução sobre a origem da comunidade é perceptível que houve uma espécie de hibridismo cultural por consequência do deslocamento desses diferentes povos e culturas para uma mesma região, o que contribuiu para a formação do Distrito. Canclini (1997, p. 19), conceitua o hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Todos esses elementos foram se transformando, e deram origem à

²⁰ Morador da Comunidade de barreira do Andirá, que concedeu entrevista no dia 28 de outubro de 2022.

²¹ Terra preta de índio: “São solos que se depositam acima das matrizes de solos originais, são muito escuras e bastante férteis [...]. Atualmente não há dúvidas de que são formações situadas em antigos locais de moradias de povos indígenas. Mais que isso, foram criadas por sociedades complexas, principalmente entre 500 e 2. 500 anos atrás”. (LINS, 2019, s/p).

comunidade quanto espaço físico, mas principalmente a esse ambiente multicultural. Quando o historiador fala sobre a “terra preta²² de índio”, dá um exemplo de como esse processo acontece na prática, porque fala de um lugar onde a cultura indígena e a portuguesa coexistiam, se misturaram e construíram uma cultura mista.

Atualmente, as principais atividades culturais existentes na comunidade, são as pastorinhas natalinas²³ e o boi-bumbá, na figura do Boi-Fofinho, que se apresenta todos os anos no mês de agosto, com suas toadas e alegorias próprias, que contam narrativas existentes no local. Todas as apresentações são feitas de maneira amadora, com a colaboração dos moradores. Nas apresentações, são mostradas muitas situações do cotidiano daquelas famílias, formadas majoritariamente por agricultores e pescadores.

A memória é um dos principais elementos constituintes da narrativa, pois guarda os conhecimentos e experiências adquiridas durante a vida. De acordo com Le Goff (2003), são relatos pessoais, vistos como narrativas dos sujeitos, artificiais da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desses sujeitos, que acionam a sua capacidade psíquica de memorar, propriedade humana de conservar informações sobre o passado. Ao narrar as pessoas acionam as suas reminiscências, e esse processo de certa maneira se liga com o campo da história. É comum que os narradores façam um apanhado histórico, como uma forma de contextualizar seu ouvinte, principalmente quando se trata de pessoas mais velhas. Isso pôde ser observado quando seu Antônio começou a narrar suas histórias:

A primeira história que eu vou contar, é que eu nunca mais vi, foi aqui na colônia dos Japoneses, aqui na boca do Andirá, em Pedras. Eu ainda vi, eu era menino, assim, mas eu vi, uma grande colônia com família de japoneses. Ia pra cá, [faz o movimento com a mão], lá da Santa Luzia, lá pro Uaicurapá. (Gonçalves, 28 de outubro de 2022).

No relato acima, ele conta sobre o processo de migração japonesa na Amazônia, que de acordo com Sá (2012, p. 02) teve várias fases, “a segunda, a partir de 1931, em Parintins, com a chegada dos chamados *koutakusei*²⁴, cuja atuação envolvia não

²² O historiador faz referência ao local chamado Terra Preta, onde fica a casa dos avós da pesquisadora.

²³ A celebração natalina das pastorinhas é formada por pessoas que representam os personagens dos presépios natalinos como José, Maria, anjos e estrela. Os personagens dançam e visitam lugares da comunidade onde foram montados presépios, cantando louvores ao Menino Jesus.

²⁴ *Koutakusei* significa “aluno da *Koutou Takushoku Gakkou* (Escola Superior de Colonização)”. A palavra “colonização” é amplamente utilizada na tradução da palavra japonesa *takushoku*, que significa, na verdade, “fazer a terra produzir”, e não tem a acepção de vilipêndio e expropriação que geralmente acompanham a

apenas produção agrícola, mas também pesquisas e cuja principal contribuição foi a aclimação da juta no Brasil”. Com isso, pessoas de diferentes partes do país vieram para a região norte e ajudaram a desenvolver a economia, a ciência e cultura da região.

Esses acontecimentos presenciados durante a infância de seu Antônio, nortearam o desenvolver das narrativas seguintes, e contribuíram para que a pesquisadora conhecesse mais sobre momentos históricos que ajudaram a construir a comunidade e seus arredores. Para Bosi (1979, p. 21-22) “[...] a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, ressignificação pelo desfiguramento de paisagens caras...”. Mesmo que o ouvinte nunca tenha ido a esses locais, consegue imaginá-los, pois o narrador deu a ele elementos que afloram a sua imaginação.

Dos diversos tipos de narrativas existentes, as fantásticas são uma das mais conhecidas, elas ganham características específicas, de acordo com o contexto em que estão inseridas, e nas comunidades ribeirinhas, recebem nomes, como por exemplo, ‘histórias de visagem (fantasmas)’. Para Camarani:

A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza, que não se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais. (Camarani, 2014, p. 07).

Por mais estranhas e improváveis que essas histórias pareçam para um ouvinte de fora, nas comunidades ribeirinhas ninguém ousa desacreditá-las, pois é aprendido desde muito cedo a respeitar aquilo que ninguém consegue explicar. Em relação a isso Wawzyniak (2003) diz que, na concepção dos ribeirinhos, o lugar que eles habitam, além de possuírem características ecológicas, específicas, são dotados de significados próprios e tidos como domínios de seres demiúrgicos, considerados seus donos e sua mãe. Crê-se que a natureza é sagrada, uma figura matriarcal, onde tudo tem mãe, os rios, a floresta, os animais. Como afirma Galvão:

[...]algumas crenças derivam de tradições européias, conservadas e transmitidas pelos colonos do primeiro dos primórdios do povoamento ou mesmo por

palavra portuguesa (Sá, 2011, p. 293).

imigrantes recentes, outras trazidas pelos escravos africanos e, finalmente, se atribuem ao ancestral ameríndio. Essas crenças se modificaram e se fundiram ao catolicismo construindo a religião do caboclo. (Galvão, 1976, p. 66).

Os moradores desses locais possuem tanta fé em suas orações, quanto no banho de ervas e benzimentos para tirar os maus-olhados. Essas diferentes expressões são frutos da mistura cultural que deu origem ao país e se relacionam harmonicamente. Durante a coleta das narrativas na comunidade de Barreira do Andirá, surgiram algumas histórias de visagem, contadas por: Antônio Gonçalves Viana (86), Maria do Carmo (79) e Paulo Sérgio dos Santos Trindade (66) e Moisés Viana (50):

Eu vi três tipos de visagem. A primeira vez quando eu vi uma visagem, eu estava jovem ainda, eu tinha dezesseis anos. Eu estava rezando essa reza que chamam de recomendação das almas²⁵. Eu estava rezando e avistei uma, e era a formatura²⁶ dum homem, mas não era homem não. Sumia assim na minha frente. Era uma hora da madrugada. Essa visagem eu vi. Pior é quando você tem medo, mas eu não podia dormir. (Gonçalves, 28 de outubro de 2022).

Nessa narrativa, observa-se que o seu desenvolvimento se deu a partir do sincretismo religioso existente no local, influenciado pela igreja católica. A reza da recomendação das almas, uma prática já extinta na comunidade, consistia em uma oração em forma de canto, direcionada às almas que precisavam de salvação.

No diálogo abaixo, Seu Paulo falou sobre essa mesma prática, e com isso, percebeu-se uma interligação entre histórias, não só pelo tema, mas por ele contar a sua narrativa, tendo como base, os relatos e vivências do narrador anterior.

Senhor Paulo Trindade: - A estearina²⁷ era um osso...o Antônio Carneiro que contou a história ele mesmo, que andavam nas casas rezando, depois ofereciam caveira pra ele. **Pesquisadora:** Que roupa eles usavam? Ouvi dizer que eles usavam a roupa toda branca? - Sim. Tudo branca. Eles usavam roupa tudo branca, toda coberta, pra ninguém saber que era eles que estavam na casa rezando. Quando eles chegavam na casa, eu acho que era uma coisa mandada, não sei...cachorro brabo não latiam em nenhum não. Só faziam rosnar e se

²⁵ Recomendação das almas” é uma expressão ritual religiosa realizada por um pequeno grupo de pessoas chamadas de encomendadores de almas ou, como são chamados na região, “recomendadores”. Estes saem às ruas vestidos de roupas brancas, mantos ou toalhas na cabeça e sinetas nas mãos, com o objetivo de “recomendarem” as “almas do purgatório”.

²⁶ A expressão “formatura”, nesse contexto, refere-se às configurações físicas.

²⁷ Um dos componentes da vela, mas na situação, trata-se de uma metonímia, em que o narrador nomeia a substância como se fosse o produto.

quietavam. **Pesquisadora:** Mas, eles só iam na casa das pessoas que tinham parente morto? - Não, qualquer uma casa eles io. Qualquer uma casa eles io fazer aquele ritual deles. Eles rezavam também em canoa. Rezavam n'água. Quando o pessoal morria afogado, eles iam rezar. Eles começavam bem baixinho, depois io. Não podia brechá as pessoas que rezavam, porque eles davam osso. Davam osso pra pessoa. Seu Antônio Viana, era padre, era primeira voz, segunda voz.... Aquela alma que morria acompanhava ele, a estearina dos morto, era aquele o osso da canela. Quando ficavam brechando quem tava rezando, quando chegavam, diziam assim: - Pega essa estearina! Aí agarrava. - Não conta pra ninguém. Guarda.... Disque, alguém guardava nas malas. Quando de manhã iam vê era um osso. Era osso mesmo de gente. As almas acompanhavam. Eles recomendavam as almas, porque sentiam que aquele era o ritual deles, os antigos. E aí, rezam. Batiam o sino assim: - Teneneném! Teneneném! Iam todos de cabeça amarrada. Eram sete elementos. Se sentavam calados na casa dos outros. Batiam o sino e começavam a cantar. Iam devagar, igual guariba. Quando não demorava já estavam cantando bem alto (Trindade, 26 de outubro de 2022).

Um ponto importante que pôde ser percebido nas narrativas é a presença de muitas vozes, um jogo que torna tudo dinâmico, pois o narrador precisa dos estímulos do seu ouvinte. Seu Paulo descreve detalhadamente como acontecia essa reza para recomendar as almas, as vestimentas, os ritos; e esses relatos mostram como as diversas crenças se misturam com a maneira como esses indivíduos percebem o mundo.

Outro elemento característico desse tipo de narrativa, é o fato das visagens aparecerem como uma forma de aviso ou punição pela desobediência. Como afirma Wawzyniak (2003), “quem transgredir as normas de convivência com a natureza é punido”, de maneira que, para conviverem em tal ambiente, o indivíduo e o grupo precisam conhecer ou criar, as regras que os rodeiam. Ao observar a maneira saudosa como seu Paulo contou suas histórias, a pesquisadora pergunta a ele qual a diferença de antigamente para os dias atuais:

Antes, eu contava história, de um certo tempo, tudo mudou. A gente não fala mais bom-dia pro lado do outro, né? Não se abraça mais pra matar aquela saudade quando a pessoa está longe. Hoje não tem mais isso. Não tem mais menina que brinca de roda, brinca de manja. Não tem mais isso.

Depois que inventaram o celular, nem filho toma bença de pai nem de mãe. Hoje em dia, os filhos querem sabe o quê? fazer pai e mãe de empregado. No meu tempo era na lei da porrada, não tinha conselho que desse jeito. (Trindade, 26 de outubro de 2022).

As tecnologias modificaram a maneira como as pessoas se comunicam, como evidenciado no trecho: “*Depois que inventaram o celular, nem filho toma bença de pai nem de mãe*”. Os antigos hábitos característicos do seu local de pertencimento vão sendo esquecidos, e assim ocorre uma perda cultural muito grande, como o que

aconteceu com a reza de recomendação das almas, que foi extinta do local por falta de pessoas interessadas em aprender. E por não estar registrado de maneira escrita, os mais velhos quando morrem, levam esse conhecimento consigo.

Outro narrador que contou sobre histórias de visagem foi por Moisés (50), o mais novo dentre as pessoas entrevistadas, seu relato diz respeito a acontecimentos da vida de seu pai:

Essa história é do papai, ele morava no Laguinho²⁸ na época. Nessa época, não tinha estrada que vai agora direto, eles tinham que ir pela Terra Preta, pela frente da comunidade, e era feio a estrada. Tinha uma fama aí que aparecia visagem, aparecia uns homens de branco lá, quando passavam pelo toco da sumaumeira. Quando passavam por lá, já ia arrepiando o pessoal, porque lá tinha fama que aparecia visagem. O papai não acreditava muito nisso, mas respeitava. Aí quando foi um dia, ele estava tendo um treino aqui na Barreira, ele veio jogar a bendita bola, e foi embora a partir das seis horas, já estava escuro. Aí quando ele chegou na dita samaumeira, lá estava o cara, de branco, bem branco mesmo, com uma bandeja na mão. O papai olhou assim, e aí ele, foi, né?. Ele disse: Eu não vou mexer com ele não. Ele tinha muita coragem, e foi. Tava na beira da estrada. O papai passou e ainda disse assim: - Eu só não quero que mexam comigo.

Quando ele chegou bem mesmo de frente da figura lá, não conseguiu mais andar. A perna travou, e ele começou a rezar. (...). Aí, tinha uma casa, da mãe de uma senhora, que ficava bem na rua, quase pra chegar no Laguinho. Chegou lá, ele nem foi perguntando, ele bateu em cima da porta, e varou lá pra dentro com a mulher. Ela até se espantou. - Quem é?

- É o Mário Viana. Vim me esconder de um homem que andava atrás de mim, com uma bandeja, tudo de branco. Ele ficou um pouco com a mulher lá, depois, de um tempo ela deu uma poronga²⁹ pra ele, aí ele pegou e foi embora andando. Mesmo assim, ele ia com Deus, né? Até chegou no Laguinho, olhou pro cachorro brabo, e foi nesse dia que ele perdeu o medo de cachorro brabo. Quando os cachorros avançaram em cima dele, ele ficou feliz. E ele ficou assombrado um tempo por causa disso. Nunca mais ele passou por aquele lugar (Viana, 26 de outubro de 2022).

Ao comparar com as outras narrativas, percebeu-se que existem dois principais tipos de narradores, pensamento desenvolvido por Benjamim, ao que diz: “o cronista é o narrador da história [...] o historiador é obrigado a explicar de uma outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo (Benjamim, 1987, p. 209).

Deste modo, um primeiro que vivencia as experiências na prática, e outro que

²⁸ Nome de uma comunidade da Barreira do Andirá.

²⁹ Um tipo de luminária, feita a partir de latas de óleo.

repassa a história de terceiros. Ambos possuem a mesma importância, pois ajudam a preservar as narrativas e o hábito de contá-las; são os verdadeiros “percussores da historiografia moderna”. Para além, percebe-se pelas histórias de visagem uma forma de punição por desobedecerem às regras pré-estabelecidas socialmente ou como uma espécie de aviso para respeitá-las.

Em seu texto “Engerar em bicho”, Wawzyniak (2003), diz que “a categoria “engerar” está associada a transformações do corpo, “para as pessoas, os encantados possuem a capacidade de se transformarem em seres de outras espécies e em determinadas criaturas, lançarem o seu olhar sobre os homens, encandeando-os ou adoecendo-os”. Na narrativa abaixo, as pessoas transformaram-se em Matim e Porco, no decorrer da história, aparecem muitas das características citadas pelo autor. Essas histórias de engeramento foram contadas por dona Maria do Carmo:

Vocês conheceram a mulher dos Tavares? [Perguntou à pesquisadora]. Como é mesmo nome dela? [Tentou lembrar de quem se tratava]. A Júlia. A Julinha. Ela parava sempre aqui pela Barreira com as parentage dela. Ela se engerava³⁰ de aves. Porque a tia Maria do Carmo não está aqui, se não ela ia contar... A mãe da Dona Júlia estava muito mal, nós fomo embora todos nós lá de casa. Só ficou os homens. Fomo embora... chegamo lá, ela estava na rede. - Nós viemos lhe ver. Trouxe um açúcar para senhora.-Tá bom.Ficamos lá... Quando foi umas seis horas, eu disse: -Olha, vamo embora que daqui pra casa é longe, e nós vamos por terra. Quando chegou no meio da viagem, eu disse: -Maria do Carmo [filha de dona Maria], quando for daqui a pouco a comadre Julia vai cantar lá na porta lá de casa.-Será, mãe? -Vai sim. Porque ela não tem medo. Quando nós temo jantando, ela já está cantando lá embaixo do biribazeiro. Ela se engerava pra Matim. Matim! Quando terminamo de jantar e fomo se deitar...ela [filha de dona Maria] tava conversando do lado do finado Joia [apelido do genro de dona Maria]. Nem demorou, mana, ela cantou três vez. Ela [filha de dona Maria] deu um pique e correu. Eu só entendi assim: - Mamãezinha, a senhora bem que me disse que ela ia cantar perto da porta onde eu durmo! E olha, ela se atracou com o finado Joia. Isso era toda noite. Tinha dias que a gente estava jantando, ela vinha di fora e cantava perto do biribazeiro, e ela assoviava. Aí ela ia imbora, assoviar lá perto da casa da comadre Júlia. Daí ela ia embora assoviar lá na casa da comadre Creuza. O marido dela ia pescar, e ela ia embora assoviar bem na beira do casco dele. Já era senvergonhamente. A finada Maninha também, dali do Laguinho. Não sei se vocês conheceram a finada Maninha, mãe da Júlia, que é mãe do Manel. Ela também se engerava. Uma viagem, ela espantou o Tiozinho. Ele estava pescando, porongando. Quando ele deu, amodo que assoviou no canto do casco dele. Ele agarrou, desconjurou ela, e quando ele escutou, ela já estava assobiando lá pra banda do Bodó. Isso tinha e tem. Tem gente que se engera pra pássaro, pra porco... A finada Maria Odete se engerava pra porco. Até que ela foi comer macaxeira do companheiro dela, lá no Zé Açú. Ele passou o tiro na perna dela e ela se desengerou. Aí ele se espantou, ficou espantado e gritou. Carregaram ela, e aí levaram pra Parintins. Ainda bem que foi na

³⁰ Engerar significa transformar-se em algo.

perna, mana. Se fosse no bucho dela, tinha morrido. Aí que ele foi saber.
(Dona Maria do Carmo, 26 de outubro de 2022).

Foi possível perceber que nas narrativas contadas por dona Maria, diferentemente de outras histórias de engeramento, as pessoas que se transformavam eram moradores da comunidade ou de comunidades vizinhas, não necessariamente seres míticos. Não se transformaram por consequência de algum castigo ou contravenção das normas sociais, mas porque isso fazia parte de sua natureza.

Outro elemento que chama a atenção é a utilização de vários personagens, moradores antigos da comunidade, dos quais a pesquisadora não tem conhecimento. São as várias pessoas do discurso, que vão conectando as histórias, como um fio condutor de memórias coletivas. Dona Maria consegue sequenciar as histórias fazendo com que elas se completem. Ao ler sobre essas mulheres que se engeravam, veio em mente um episódio do livro *Macunaíma*, no qual Mario de Andrade fala sobre um acontecimento parecido, que ocorreu com a mãe do personagem.

[...] chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando, tinha sido uma peça do Anhangá. Não era viada não, era mas a própria mãe Tapanhumas, que Macunaíma flexara e estava ali morta, toda arranjada com os espinhos das titaras e mandacarus do Mato. (Andrade, 2010, p. 30).

Pela obra se tratar de uma rapsódia, ou seja, ser construída a partir de várias narrativas orais, se assemelha ao que foi contado pela moradora. Nela, é possível encontrar representações do folclore indígena e expressões da região amazônica. Outro ponto em comum, é o fato do engeramento - apesar do autor não utilizar esse termo - significa algo negativo, um castigo. Quem se engera, transforma-se quase sempre em animais. As toadas falam sobre o cotidiano daquelas pessoas, os mitos, lendas e lugares encantados. A festa não possui grande estrutura, é pensada e executada por quem mora no local. Nos últimos anos, o planejamento da “noite cultural”, como é chamada, fica sob a responsabilidade da equipe que trabalha na Escola Municipal Nossa Senhora das Graças.

Percebe-se assim que, a partir da criação da toada, há o registro das narrativas orais da comunidade. Já foram gravados alguns CDs, e isso mostra como a oralidade

pode se aliar os avanços tecnológicos para que não desapareça, a fim de que possa ser amenizada a carência por um contato humano direto. Apesar da prática antiga da oralidade não ser vista com frequência, esforços como os dos moradores da comunidade fazem/farão com que as novas gerações conheçam a cultura do lugar. As comunidades tradicionais têm uma forte ligação ao núcleo familiar, por serem fundamentais para a manutenção dos saberes e tradições. É no ambiente familiar que as pessoas constroem as suas primeiras memórias e tem um dos exemplos do viver em sociedade.

É por meio das pessoas que a cercam que a criança conhece mais sobre a cultura, crenças e tradições do lugar origem, por isso entender as suas origens é tão importante. A pesquisadora foi criada em uma comunidade ribeirinha, chamada Barreira do Andirá; na referida localidade, vive parte de sua família, que migrou do Pará e firmou moradia em um lugar afastado da comunidade, chamado Terra Preta.

De acordo com os relatos que a pesquisadora ouviu durante a infância, seus familiares chegaram à Barreira do Andirá, em meados de 1930, de uma região chamada Curumcuri, em Juruti. Dentre as pessoas que migraram, estavam: Francisco Trindade, sua irmã, chamada “Velha Tapuia”³¹, Geraldo Trindade, Antônio Trindade, Francisco, entre outros. O que motivou a migração foi a busca por melhores condições de vida, pois tinham a promessa de conseguirem trabalhar com os japoneses, na construção da “Colônia Modelo Andirá”. Em relação a isso, Clarindo (2019) diz que:

A imigração japonesa na Amazônia surgiu como uma esperança para a recuperação da economia na região. Essa esperança estava deposita em um acordo entre o governo brasileiro e os japoneses para o desenvolvimento de um projeto agrícola derivado de um produto de fácil cultivo e forte demanda. (Clarindo, 2019, p. 268).

O processo migratório dos japoneses para Amazônia, já havia sido relatado por seu Antônio logo no início das narrativas, de maneira que, pode-se perceber que tais acontecimentos causaram um grande impacto na vida das pessoas que residiam na região, porque além de simbolizarem novas oportunidades de trabalho, também representavam a inserção de uma nova cultura, muito diferente de tudo que eles conheciam. Ao conversar com o professor Basílio a respeito dessas lembranças

³¹ Não se tem conhecimento de seu nome

familiares, ele contou que Francisco Trindade, se casou com Adalgisa Castro, filha de Idemila Viana, mulher conhecida pela função de “matadora de onça”:

Eles vieram do Nordeste, ela e o pai dela. Ele chamava-se, José Nepubuceno de Castro. Chegou aqui, quando ele desembarcou do navio, segundo consta, o finado Cláudio Brandão foi lá receber uma partida de gado que vinha no navio, e aí perguntaram para ele: Já conseguiu montar a fazenda? -Não. -Rapaz, mas por quê? Lá tem muita onça. É só botar o gado que a onça come. Aí o Nepubuceno, que estava doido para trabalhar, disse: Se o senhor me contratar como vaqueiro, onça não vai mais comer o seu gado não. -Você está falando sério? Tô. Então já está contratado! Aí veio ele e sua filhinha, uma garotinha nova, loirinha. Era a Idemila Castro. E aí ele foi trabalhar com o Cláudio Brandão do outro lado do Amazonas. Ficou um tempo para lá. Depois, ele veio trabalhar com o Janco Brandão, aí em frente à Barreira. Atravessou o rio e colocou uma casa lá perto, onde é a Vila Manaus, lá era a casa dele. Tinha um outro nordestino aqui que eles não se davam bem, que era o Leucádio. O velho Leucádio, Manoel da Silva Laucádio, morava no Aninga, e deu o nome da propriedade dele de “Canta Galo”, que não é exatamente lá onde é o Canta Galo, mas pra cá um pouquinho, aquela baixada ali era o Canta Galo. E o velho Cazuzza, só para desafiar, deu o nome da propriedade dele lá do Ramos de “Canta Galinha”. E apelidaram ele de Cazuzza Galinha. Qual era a função do Cazuzza Galinha?! E ele era matador de onça. Segundo consta, ele não matava onça de tiro, matava onça de faca, para não espantar as outras. A dona Deca (Idemila), cresceu acompanhando o pai, porque era única filha. Aprendeu a caçar onça, era matadora de onça. (Tenório, 28 de outubro de 2022).

Essas histórias não eram de conhecimento da pesquisadora, e após conhecer mais sobre a origem de sua família, ela pôde perceber o quanto essa mistura cultural influenciou em sua vida, no modo de agir e se entender no mundo. Seus antepassados são uma mistura de indígenas, portugueses e nordestinos, e isso só descoberto no decorrer da pesquisa, por meio contação de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais são um componente marcante da cultura amazônica. Contar uma história não se trata apenas de relatar ou inventar um enredo, viu-se a partir de tudo aqui apresentado, que a literatura oral, mesmo com todos os empecilhos de natureza elitista, está longe de ser inferior. Narrar, sobretudo, é resistência. É a resistência cultural milenar de tradições, de memórias, de vivência.

Estar diante da própria história encarnada em pessoas, em lembranças, é resgatar toda marca de um povo, o que desencadeia no descobrimento de si mesmo. Ao

iniciar este estudo, levou-se em consideração o laço afetivo com as histórias nas quais envolvia a pesquisadora, quando criança, na comunidade de origem.

Percebe-se que, em um mundo globalizado, onde todos querem seu lugar de fala, a audição ainda é importante, e deve ser considerado como tal. A sabedoria do amazônica não necessita estar entre as plataformas digitais mais populares para mensurar sua relevância para a humanidade; nem o próprio contador precisa ter milhões de seguidores em suas redes sociais para defini-lo como grande historiador. Contudo, o universo digital também não se pode ser apenas tido como uma ferramenta deste neocolonialismo que tenta apagar os valores mais intrínsecos das pessoas. Em uma realidade onde todos alcançam a informação em segundos, contar e ouvir histórias é uma infinidade de um longo processo histórico que construiu toda a humanidade moderna atual. No decorrer desse trabalho, a pesquisadora percebeu a importância de valorizar as narrativas do lugar onde cresceu, assim como olhar as pessoas, mais velhas da comunidade, como uma fonte inesgotável de conhecimento. Por meio das narrativas a pesquisadora pode aprofundar seus conhecimentos sobre a origem de sua família, e entendeu que o que realmente motivou a abordar tal temática foi a necessidade de se conectar com aquilo que lhe ajudou a se construir, quanto pessoa, pertencente a um lugar, pois é nesse ambiente que se reconhece como porta-voz dos velhos moradores do Distrito da Barreira do Andirá.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **Macunaíma**. Editora Agir: Rio de Janeiro, 2010.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história na cultura**. Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velho**. São Paulo: Tao Editora, 1979.

CAMARANI, A.L. S. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

CASCUDO, L. C. **Literatura Oral no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

CLARINDO, R. N. L. **Fomos traídos e traímos: Migração de cametaenses para Tomé-Açu -1950/1970**. XVI Encontro Estadual de História ANPUH- RS. História Agora: Ensinar, Pesquisar, Protagonizar. Rio Grande do Sul, 2022.

COSSON, R. **Círculos de Literatura e Letramento Literário**. São Paulo: contexto, 2014.

CRUZ, E. T. **O fenômeno das terras caídas: uma mudança natural na paisagem e suas implicações na comunidade de Barreira do Andirá no município de Barreirinha-AM**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2017.

FREITAS, S. M. **História Oral, possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanas, 2006.

GALVÃO, E. **Santos e Visagens**. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/INL, 1979.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

MOREIRA, F. M. **O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em em o presidente negro, de Monteiro Lobato**. 2011. 14f. Dissertação (Mestrado em Letras), Frederico Westphalen, RS, Brasil, 2011.

ONG, W.J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Trad. Enid Abreu Dobránszy. Campinas: Papirus, 1998.

SÁ, M. E. **Presença Japonesa no Município de Parintins-Am**. In: XXII Encontro e professores universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Curitiba, 2012.

WAWZYNIAK, J. V. “'Engerar': uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo”. In: **Revista Ilha**. [s/d], 2003.

ZILBERMAN, R. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, setembro, 2006.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. Jerusa Pires Pereira e Amálio Pinheiro. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

ENTREVISTADOS:

CARMO, Maria do **Entrevista**. [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am. Entrevista concedida para esta pesquisa.

TENÓRIO, Basílio **Entrevista**. [28/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Parintins-Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

TRINDADE, Paulo Sérgio dos Santos. **Entrevista**. [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

VIANA, Moisés. **Entrevista.** [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

VIANA. Antônio Gonçalves. **Entrevista.** [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá.

As narrativas etiológicas como perpetuação da literaturaindígena na américa latina

Narrativas etiológicas como perpetuación de la literatura indígena en américa latina

Heloísa Reis Curvelo³²
Luciara Dutra Ferreira³³

RESUMO: Os períodos históricos conhecidos como *Descobrimiento* em que, tanto a Coroa Espanhola, em 1492, com o explorador Cristóvão Colombo, quanto a Coroa Portuguesa, em 1500, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, dominaram durante muitos séculos em regiões predominantemente povoadas por povos indígenas das Américas Central, do Norte e do Sul. Nesse cenário de exploração e subjugo, os Impérios dos Incas, Maias e Astecas foram afetados a partir da ação dos espanhóis, porém legaram influências que até hoje podem ser contempladas através de sua literatura e hábitos de plantio, de vida, de contato com a natureza, de forma geral. A ação de conservar a memória cultural das civilizações americanas originárias contribuiu para que haja uma notável relação entre a religiosidade e a natureza dentro das narrativas orais utilizadas pelos indígenas a partir do que afirmamos, ressaltamos a importância que o estudo dos mitos/relatos/lendas etiológicas indígenas possuem, para que conheçamos a origem dos elementos antropoculturais e naturais a partir dele. Dessa forma, para este estudo, delimitamos as lendas etiológicas do Paraguai (Mandioca, Urutau, Ka'á Iary) e da Amazônia Brasileira (Mandioca, Uirapuru, Curupira), em que descrevemos como os elementos etiológicos presentes nas narrativas transparecem as relações existentes entre espiritualidade, respeito à natureza e seus elementos, manutenção da cultura na memória coletiva. Nosso aporte teórico-metodológico baseia-se em pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa e utiliza, principalmente, obras de Bayard (2002), Campbell (1949, 1991), Eliade (1972), Montesino (2019), Gómez Platero e Palma Ehrichs (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Mitos Etiológicos; Literatura Indígena paraguaia; Literatura brasileira; Lendas.

RESUMEN: Los períodos históricos conocidos como *Descubrimiento* en los que tanto la Corona española, en 1492, con el explorador Cristóvão Colombo, como la Corona portuguesa, en 1500, bajo el mando de Pedro Álvares Cabral, dominaron durante muchos siglos regiones predominantemente pobladas por pueblos indígenas de Centro, Norte y Suramérica. En este escenario de exploración y sometimiento, los Imperios de los Incas, Mayas y Aztecas se vieron afectados por la acción de los españoles, pero legaron influencias que aún hoy se pueden apreciar a través de su literatura y hábitos de siembra, vida, contacto con la naturaleza, en general. La acción de conservar la memoria cultural de las civilizaciones originarias americanas contribuyó a una notable relación entre religiosidad y naturaleza dentro de las narrativas orales utilizadas por los pueblos indígenas. Con base en lo expuesto, destacamos la importancia del estudio de los mitos/cuentos/leyendas etiológicas indígenas, de modo que conozcamos el origen de los elementos antropoculturales y naturales a partir de ellos, por ello, para este estudio, delimitamos las leyendas etiológicas del Paraguay (Mandioca, Urutau, Ka'á Iary) y de la Amazonia brasileña (Mandioca, Uirapuru, Curupira), en el que describimos cómo los elementos etiológicos presentes en las narrativas revelan las relaciones entre espiritualidad, respeto por la naturaleza y sus elementos, mantenimiento de la cultura en la memoria colectiva. Nuestro aporte teórico-metodológico se basa en una investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, utilizando principalmente trabajos de Bayard (2002), Campbell (1949, 1991), Eliade (1972), Montesino (2019), Gómez Platero y Palma Ehrichs (2011).

PALABRAS CLAVE: Mitos Etiológicos; Literatura Indígena paraguaya; Literatura brasileña;

³² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: hrc.matos@ufma.br

³³ Graduanda do Curso de Letras/Espanhol Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: luciara.dutra@discente.ufma.br

Leyendas.

INTRODUÇÃO

O hábito de contação de histórias é um traço marcante na Literatura Indígena, no qual há respeito pelas rodas de conversa e constitui-se uma tradição que perpassa às épocas, fomentando a conservação da produção coletiva de narrativas. Essas produções literárias, embora sejam muito férteis, adquirem elementos de maneira intercultural, o que é uma situação provocada pela oralidade, pois mesmo mantendo os seus padrões, não é vista como algo invariável, podendo sofrer variações e interferências. A literatura oral é entendida como uma vertente de cunho pioneiro, visto que para sua reprodução, basta-se a atividade de reprodução através da fala.

O cenário de apagamento cultural é exemplificado pela interferência dos espanhóis nas culturas dos povos, Incas, Maias e Astecas na região do Paraguai, México, Equador e adjacências, onde houve uma represália forçada no que tange à identidade desses indivíduos. No Brasil, da mesma forma, no entanto com a presença dos portugueses no período conhecido na história como “Descobrimento”. Seja pela ação de Cristóvão Colombo ou por Pedro Álvares Cabral, as interferências produzidas por essas culturas inferiram mudanças nos hábitos das primeiras civilizações, o que interpelou sua cultura.

Assim, nos tópicos seguintes do trabalho estão dispostos os procedimentos metodológicos usados para a realização da pesquisa, com o objetivo de apresentar como aconteceu e a motivação acerca da preferência dos materiais bibliográficos selecionados. Além disso, posteriormente está disposto o embasamento teórico, seguido das análises das lendas selecionadas como *corpus* do trabalho, respectivamente: A lenda da Mandioca “*El fruto de um amor imposible, alimento eterno*”; “*Urutau: El llanto lastimero y la eterna espera del amor perdido*”; “*Ka’ a Iary: La protectora de yerba mate y de los montes*”; lenda da Mandioca; lenda do Uirapuru e lenda do Curupira. Posterior às análises, situam-se as considerações finais apresentando os resultados obtidos, além das referências bibliográficas ao final.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossos procedimentos metodológicos são pautados na pesquisa bibliográfica em obras impressas que trazem um compilado de lendas latino-americanas, mas necessariamente, obras escritas em língua espanhola, portuguesa ou mesmo edições bilíngues, uma vez que descreveremos os elementos etiológicos presentes em narrativas de povos que compartilham a mesma realidade espaço-geográfica quanto a condição de terem sido colônias de povos europeus. Nossa pesquisa tem cunho qualitativo uma vez que pretendemos, com a coleta bibliográfica, fazer a descrição dos elementos de natureza antropocultural e naturais presentes em mitos/lendas/relatos/narrativas etiológicas que sobrevivem no imaginário coletivo dos povos autóctones até hoje. Essas que possuem muitas versões, modificando-se a depender do lugar onde ela sobreviveu.

Diante do que expusemos, a pesquisa bibliográfica em livros impressos de língua espanhola deu-se, impreterivelmente, em Montesisnos (2019) e Gómez Platero (2011). A opção pela coleta de dados na primeira obra deu-se em virtude de: (i) o autor trazer a lenda em sua versão integral, (ii) ser evidenciado que são relatos pertencentes à cultura popular indígena; (iii) em cada lenda ter agregada a elas, informações adicionais referentes a outras versões das lendas, assim como a ocorrência delas em outros âmbitos, como a música.

Em Gómez Platero (2011), temos 17 lendas amazônicas brasileiras escritas em espanhol e português. A obra valoriza a literatura oral brasileira a partir da homenagem ao quinto centenário do nascimento de Francisco de Orellana, explorador espanhol que descobriu o Rio Amazonas, dessa forma, *Leyendas de la Amazonia brasileña* está ilustrada com desenhos de Tito Mendes, artista brasileiro contemporâneo. As autoras ressaltam que, entre os objetivos do livro, figuram: (i) a publicação de um volume que contemple a preservação do folclore local; (ii) a divulgação da riqueza cultural da Amazônia; (iii) um passeio mágico e real pela alma do povo amazônico. É interessante pontuar que a obra foi pensada, também, para ser explorada em sala de aula, por isso conta com propostas didáticas para o trabalho

efetivo com as lendas.

No que se refere às categorias de análise das paraguaias (Mandioca, Urutau, Ka'a Iary) e brasileiras (Mandioca, Uirapuru, Curupira), utilizaremos os seguintes elementos que devem figurar em toda lenda/narrativa/mito etiológico, a saber: (i) a **gênese** ou origem de algo: que pode ser do universo, mundo, seres, objetos, animais, plantas, peixes, rochas, montanhas, rios, mares; (ii) **os eventos inexplicáveis** da vida/existência humana, como os costumes, origens de alguma etnia, uma tribo, elementos antropoculturais, os fenômenos naturais, como a chuva, luz, vento, fenômenos raio, cataclismo, meteorológico ou dos fenômenos sobrenaturais dos submundos em que vivemos ou do mundo dos deuses e seres malignos, como os elementos da espiritualidade/crendice); (iii) a **natureza dicotômica**, isto é, a presença de elementos e/ou personagens que se contrapõem: vida vs morte, criação vs destruição, bem vs mal, deuses vs seres malignos; (iv) a **reconciliação dos polos antagônicos/opostos** numa tentativa de mostrar que o bem sempre vence o mal ou que mitigam a angústia por eles gerada; (v) a **moral implícita** para persuadir pelo senso comum, de onde se justifica sua caracterização próxima ao que entendemos como fábulas, uma vez que pertencem a um fantástico sistema de crenças ou cosmogonia popular que nos chega, muitas vezes pela oralidade e de forma lúdica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Literaturas Pré-colombianas são entendidas como manifestações literárias que já existiam antes da interferência do Descobrimento e Conquista da América do Sul. Os povos originários que habitavam tanto as regiões como do México, Peru, Bolívia, Equador e etc. detinham uma enorme cultura sociopolítica e literária, cujas foram suprimidas após o evento de sobreposição da cultura espanhola, efetivando o apagamento forçado dessas tradições. Dentre essas civilizações, destacam-se três: Astecas, Incas e Maias. A civilização Asteca possuía como idioma próprio, a língua *náhuatl*. A sua literatura é composta por poemas sacros, líricos e religiosos. Em se tratando da civilização Inca, eles desenvolveram uma rica literatura baseada em lendas, narrações de caráter histórico-mitológico, inclusive representações dramáticas, na

grande maioria recuperadas por cronistas. Ademais, a civilização constituída pelos Maias foi uma cultura que alcançou reconhecimento de excelentes matemáticos e astrônomos. É importante ressaltar que o calendário maia era considerado mais exato que o europeu na época. Esses povos tradicionais, mencionados acima, atuaram de maneira significativa, influenciando avanços sobre a agricultura, religião e política. Além disso, sua cultura, que foi marcada pela presença de religiões distintas, mitos, lendas, culinária, hábitos e literatura, trouxe marcadas influências para os povos onde esteve tão presente.

A Literatura Indígena, caracterizada como a produção literária que é formada e produzida verdadeiramente por indígenas, traz em sua composição não somente os moldes para uma boa produção escrita, mas uma ferramenta importante para trazer à tona as ideias, crenças, mitos, saberes e valores dessas comunidades. É, em sua originalidade, composições culturais que transmite imaginários de outras épocas, pois configura-se como um grande livro formado por diversas vozes. Nesse ínterim, é necessário ressaltar o diálogo que pode ser desenvolvido em parceria com a Etiologia, vertente do conhecimento que visa pesquisar e entender a determinação das causas e origem de determinado elemento. Assim, a partir do entendimento que essas duas áreas podem andar em complemento, a fim de uma servir como método de análise para outra, é prioritário conceber as definições de Mito e Lenda, assim como sua importância, também a relação que esses termos possuem com o folclore existente na cultura literária dos povos indígenas, o que veremos a seguir.

Em Bayard (2002), temos um detalhado estudo histórico e analítico acerca da origem das lendas. Em sua obra, o autor busca apresentar a evolução das lendas, bem como suas características constituintes, além de exemplos específicos de tais narrativas. O “folclore mundial” apresentado pelo autor, representa os pensamentos e ideias de um povo em determinado período da história, significando assim, um estudo da humanidade que vislumbra trazer à tona e explicar fatos, concepções morais e individuais. A lenda por ele conceituada, é tida como “um precioso documento: ela exala a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimento que nos comove mais do que a rigidez cronológica de fatos consignados” (Bayard, 2002, p. 8). Assim, entendemos que as lendas indígenas se constituem um elemento fundamental para a manutenção identitária de sua cultura, e por isso a importância de seu estudo.

Em se tratando das definições e diferenciações das narrativas, o autor escreve e designa a lenda como “produto inconsciente da imaginação popular” (Bayard, 2002, p. 10), o que constatamos com a permanência desse imaginário no passar das gerações, mesmo que não haja escrita desse folclore, situação que ocorre predominantemente nos povos tradicionais indígenas. O mito, para o autor, é como uma forma de lenda, em que os personagens humanos se tornam divinos, em que as ações são sobrenaturais e irracionais. Desse modo, ele evoca que as categorias de lenda e mito tendem a se entrelaçar, pois ambas são produto da literatura coletiva dos povos, nas quais as pluralidades culturais se relacionam.

Outro importante nome que busca trazer à tona questões ligadas à mitologia, é Campbell. Em sua entrevista com Bill Moyers, em que se denomina “O poder do mito” (1991). O autor afirma que, atualmente, os indivíduos não estão interessados pela “literatura do espírito”, e por isso ficam tão distantes de seu próprio interior, despejando as preocupações e energias com os fatos exteriores, com os problemas à fora. Tratando mais assertivamente sobre sua definição, Campbell (1991) conceitua os mitos como “pistas para as potencialidades da vida humana” (p. 17) complementa dizendo que “o mito o ajuda a colocar sua mente em contato com a experiência de estar vivo.” (p. 18). Nesse contexto, ele fomenta a busca pela leitura e busca dos mitos de outros povos e religiões, para que a mente adentre à experiência de vida.

O mesmo autor, em sua obra “O Herói de mil faces” (1949), traz em sua composição a exploração e análise de distintos mitos que circulam no mundo, onde procura encontrar elementos semelhantes que estão presentes nessas histórias. O autor busca investigar e estudar acerca do conceito de monomito, que designa “uma estrutura narrativa atuante tanto em mitos e histórias ao redor do mundo que conta a jornada do herói, sendo um padrão que é repetido em distintas e variadas épocas e culturas pelo mundo.”³⁴. O objetivo da obra é defender a ideia de que todos os mitos, sejam lá de onde forem, como africanos, indianos, possuem uma verossimilhança e são

³⁴ Jornada do Herói (Monomito): o que é, os 12 estágios e exemplos. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/jornada-do-heroi-monomito-o-que-e-os-12-estagios-e-exemplos/>

próximos.

Outro autor que possui ideais e teses acerca do mito é Mircea Eliade. Em sua obra “Mito e Realidade” (1972), o autor contempla “a importância do mito vivo”, em que faz um apanhado geral sobre a significação do mito para diversas perspectivas, desde os conceitos de “real” e “ilusão”. Desse modo, ele busca entender o mito nas sociedades tradicionais onde ele é vivo, que agrega valor e significado para a conduta humana. Assim, para ele, o conceito de mito está atrelado a um fato sagrado, e sendo ele sacro, torna-se verdadeiro, ressalta também a questão do mito cosmogônico, que se refere à origem e criação do mundo, pois a própria existência do Mundo faz prova sobre si. Dessa forma, Eliade (1972, p. 9) assevera que

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

Segundo Eliade (1972), o mito, de acordo com a vivência de sociedades arcaicas, possui algumas funções, entre elas: a constituição de ações de Entes Sobrenaturais, a existência de uma história sagrada e verdadeira, que o mito é sempre a explicação sobre a existência e criação de algo e etc. Os mitos são os padrões simbólicos universais da experiência humana. O autor também destaca que, tendo em vista o crescimento da racionalidade no mundo, a mitologia foi suprimida por um olhar mais atípico, em que o homem deixa a misticidade distante, apontando que corrobora com a elucidação de Campbell citada anteriormente, em que a “literatura do espírito” está em caráter de apagamento. Além disso, nesta obra, observa-se um trabalho estimar a importância do mito para as sociedades e para a construção identitária dos povos.

A partir de todo aparato teórico exposto, encontramos as noções que, apesar de algumas distinções, são complementares, pois ambas entendem a importância de estudar e conhecer os mitos para a evolução humana, pois é um folclore que conta a história dos povos, das razões da vida humana, da origem de tudo, da identidade dos indivíduos e da relação a que estão sujeitos. Apesar da modernidade e da distância provocada pela racionalidade, em qualquer religião ou ideia que seja filiado, é

perceptível os diálogos verossímeis que são constituídos em lendas/mitos/narrativas, pois os seres humanos possuem um imaginário que está entremeadado através da história, dos movimentos migratórios, da dominação de povos sob outros, tudo isso corrobora para que, mesmo divergentes, exista uma semelhança entre esses mitos e tudo que eles simbolizam para as sociedades.

As lendas, sejam folclóricas, urbanas ou mitológicas, são narrativas que buscam a materialidade da cultura, no qual o consciente e inconsciente coletivo fomentam o seu papel importante para a identidade. A partir disso, concebemos a definição de mito etiológico que “são narrativas que buscam explicar a origem ou causa de determinados fenômenos, objetos, lugares ou comportamentos. Muito presentes nas mais diversas culturas ao longo da história da humanidade, esses mitos têm como objetivo fornecer uma explicação simbólica e mítica para aspectos da realidade que não podem ser compreendidos de forma racional”.

Por isso, visando trazer análises de cunho etiológico, mitológico e cultural, a referida pesquisa busca traçar e identificar os elementos da Etiologia das lendas paraguaias de *Ka’á Iaryou* lenda erva-mate, lenda do *Urutau* ou ave do emenda-toco, e da lenda da Mandioca, também, das brasileiras, especificamente da Amazônia, lenda da Mandioca, lenda do Uirapuru e lenda do Curupira, a fim de ressaltar os elementos que contribuem para a manutenção cultural e identitária dos povos indígenas, visando a exibição de seus saberes e a valorização que é devida, ademais, delinear as relações que existem entre as narrativas, sendo elas frutos de uma literatura coletiva interpelada pela história e inconsciente dos indivíduos das sociedades indígenas.

AS NARRATIVAS ETIOLÓGICAS COMO PERPETUAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA

A LENDA PARAGUAIA DA MANDIOCA

A lenda da Mandioca “*El fruto de un amor imposible, alimento eterno*” faz parte da obra “*Leyendas y Creencias populares del Paraguay*” de Montesino (2019), é composta de quatro páginas e possui, em seu final, esclarecimentos a fim de

complementar a compreensão da narrativa, mostrando outras versões da lenda apresentada e também dados importantes para o leitor. A lenda é iniciada narrando o sentimento de temor a que uma indígena chamada Mandi estava sujeita, pois pertencia a uma tribo (*Marahyva*) em que o contato com homens era muito restrito, e temendo as consequências ruins que a serpente devoradora poderia atribuí-la, tentava fazer de tudo para tirar o homem a quem amava de sua mente. A tribo de mulheres a que Mandi pertencia tolerava o contato com os homens apenas uma vez por ano, especificamente com os indígenas da tribo *Guakara*. Nesse dia as mulheres que não estavam consagradas a lua adormeciam a serpente que guardava as portas do *Pindoráma* e recebiam os homens para a “*jornada del amor*”.

Mbo-rotúva é o nome do jovem indígena a quem Mandi amava, e apesar de ele ser integrante da tribo *Guakara*, eles não podiam se relacionar pelo fato de Mandi já ser consagrada à lua. Mesmo só tendo trocado olhares uma vez, já foi o suficiente para enraizar esse amor proibido no coração de ambos. Chegado o dia para acontecer a jornada do amor entre as tribos, *Mbo-rotúva* sentia em seu coração que sua amada apareceria, o que de fato aconteceu, ela de alguma forma conseguiu despistar as anciãs que a guardavam e conseguiu encontrar-se com seu amor à beira de um rio. Com o objetivo de viver esse amor impossível, *Mbo-rotúva* convidou Mandi para fugir com ele pelo rio, utilizando uma canoa. Porém, temendo por sua vida, diz a ele que jamais poderiam escapar da serpente devoradora, ela tinha em seu coração o sentimento de que já estava condenada pelo amor proibido. No entanto, diferentemente do que Mandi pensava, o que a matou não foi a serpente, mas a tristeza e a decepção pelo amor não vivido. Seu amado, porém, desapareceu após ser perseguido pela serpente. A narrativa conta que Mandi nunca pertenceu à lua, mas a *Mbo-rotúva* desde o momento em que cruzaram os seus olhares.

A indígena Mandi foi enterrada ao lado dos pertences que mais gostava, e após algum tempo, no lugar em que foi enterrada surgiu uma planta que até então não era conhecida, as *Marahyva* chamaram de “*mandi`ôga*” servindo de homenagem a jovem indígena que partira. A planta possuía raízes muito fortes e vistosas, e após o desaparecimento das *Marahyva*, os Guaranis herdaram a raiz e utilizavam como

alimento em toda tribo, eles atribuíram o nome à raiz de *Mandi'o*, também homenageando a jovem indígena apaixonada que segue renovando-se dia após dia na mesa dos indígenas.

A lenda apresentada está escrita de maneira clara e objetiva, é uma narrativa que mostra de maneira fantástica, o surgimento da raiz que conhecemos no Brasil como: mandioca, aipim, maniva, a depender da região em que está. Em sua composição, é possível claramente encontrar a presença de elementos dos Mitos Etiológicos, pois há fortemente a influência da religiosidade em sua temática. A impossibilidade de amor trazida pela lenda é resultado de uma crença em que Mandi já estava consagrada à lua, e por isso não poderia relacionar-se com outro homem, nem mesmo na noite reservada para tal. Além disso, a presença da personagem da serpente evoca a vertente Sobrenatural da narrativa, que é uma das características dos Mitos Etiológicos. Além de existir para proteger as portas do Pindorama, a serpente desenvolvia um papel de punidora caso as leis estabelecidas na tribo fossem desobedecidas, o que também está relacionada à presença da espiritualidade, pois instiga a obediência a um ser superior. Ademais, a lua também evoca a temática da espiritualidade e do divino, pois ao Mandi estar consagrada a ela, atribui-se a característica de transformar um elemento da natureza, sob a perspectiva da cultura indígena, em uma divindade. E, assim, o elemento central que atesta a relação entre a referida lenda com os Mitos Etiológicos é a explicação da origem da mandioca, atribuindo uma visão fantástica e sobrenatural sobre seu surgimento.

Assim como o amor de Mandi por *Mbo-rotiva* não pôde ser contido apesar das circunstâncias, da mesma forma são as raízes da mandioca que crescem de maneira fortificada e constante, representando um amor proibido que cresceu no mais difícil cenário e foi perpetuado pelo nascimento da mandioca.

LENDA A LENDA PARAGUAIA DO URUTAU OU AVE DO EMENDA-TOCO

A lenda do “*Urutau: El llanto lastimero y la eterna espera del amor perdido*” também faz parte do agrupamento de lendas presentes da obra de Montesino (2019)

“*Leyendas y Creencias populares del Paraguay*”, é uma narrativa apresentada em cinco páginas e, assim como a lenda anterior, possui em seu final um compilado de dados que reforçam as informações presentes na lenda, também contendo outras versões da mesma narrativa.

Em resumo, a lenda conta a história do amor proibido de dois indígenas de tribos distintas, *Uriti*, filha de *Arake*, chefe da tribo Guarani, e *Jaguarainga*, de uma outra tribo não mencionada. Além das tribos serem diferentes, a liderada pelo chefe *Arakare* subjugava a tribo de *Jaguarainga*. Certo dia, *Uriti* aguardava ansiosamente seu amado no lugar onde costumavam se encontrar às escondidas, e após um atraso significativo de *Jaguarainga*, ele chega para a felicidade dos dois. No entanto, durante esse encontro, o pai de *Uriti* aparece e acaba vendo sua filha com o indígena da tribo rival, o que lhe desagradou muito. Decidido a oficializar aquela união, *Jaguarainga* não se intimida com as declarações de *Arakare* e declara o seu amor por *Uriti*. Com a resposta negativa de *Arakare* para aquela união, a relação entre ele e o amado de sua filha fica ainda mais difícil após uma certa ameaça de *Jaguarainga*, referindo-se ao poder que poderia ser retirado da tribo rival com as ações impensadas de seu líder.

Após o retorno para a tribo, o pai de *Uriti* decide ofertar a virgindade de sua filha aos espíritos em um ritual para obtenção de proteção e prosperidade para a tribo, porém, durante a celebração, *Uriti* acaba desmaiando e todos observam aquilo como um sinal ruim. No mesmo ambiente, um jovem indígena foi encontrado nas árvores, era *Jaguarainga* tentando proteger sua amada. Após sua descoberta, o indígena foi sentenciado à morte, a condenação deveria ser assistida por *Uriti*. Porém, após despertar do desmaio, *Uriti* vendo a situação de perigo em que seu amado estava, ela preparou uma bebida que fez a todos adormecerem e desprende o indígena das cordas que o amarravam. Eles fogem, no entanto, uma comitiva de guerreiros armados invade o local onde estavam escondidos e são levados presos à tribo de *Arakare*, onde os dois seriam mortos. *Uriti* seria devorada por serpentes, porém o seu pai a perdoou após ouvir conselhos dos grandes sábios, já o seu amado foi morto em pedaços em sua frente, e mesmo com os gritos de *Uriti* para que aquela situação acabasse, isso não deteve o seu pai.

Posterior a terrível situação vivenciada, *Uriti* decide ir embora e sua mãe a segue, deixando o chefe dos Guaranis, seu pai, para trás. Os deuses, observando o sofrimento de *Uriti* após perder seu grande amor, decidem transformá-la em um pássaro noturno que chora todas as noites e descansa durante o dia, e sua mãe é transformada em uma árvore onde o Urutau, pássaro que *Uriti* se transformou, pousa durante o dia. Com o seu canto estridente, o *Arakare*, chefe da tribo e pai de *Uriti*, não conseguia dormir. E, além da tribo perder posses e poder, ele envelheceu e morreu sozinho, ouvindo o terrível canto do Urutau todas as noites da sua vida e até depois de morto.

A presente narrativa está recheada de simbologias que permeiam o folclore indígena. As temáticas de valorização ao saber dos mais velhos, representada pela orientação recebida por *Arakare* para perdoar sua filha, a relação entre o misticismo entre a ameaça de *Jaguarainga* e a concretização posterior, todos esses aspectos que corroboram para a identidade da literatura indígena que conta sobre si e perpetua sua identidade. Em Montesino, (2019, p. 47) vemos que “*Arakare* perdona la vida de *Uriti* aconsejado por los avars... Las señales de desastre para la tribu de *Arakare*, aquellas que *Jaguarainga* le había anticipado em el primer encuentro, no se hacen esperar”.

Além disso, a maneira como são tratadas as questões religiosas, especificamente do ritual em que *Uriti* foi submetida e depois desmaia, demonstra a sensibilidade do indígena que ali estavam presentes, em que logo observaram a situação como o presságio de que algo ruim aconteceria. Novamente, assim como constatamos na grande maioria das lendas indígenas, a presença da religiosidade e da forte influência que ela desempenha na vida dos integrantes da tribo. A presença dos espíritos em consonância com as ações reprováveis do líder *Arakare*, demonstram a superioridade com que se é enfrentada a espiritualidade no ambiente onde a crença é tão valorizada. Desse modo, os Mitos Etiológicos dialogam com a referida lenda no que tange aos seus elementos sobrenaturais e da maneira divina que foram criados tanto o pássaro *Uirapuru*, como a árvore em que ele repousa. É evidente a relação de compaixão dos deuses que ao observarem o sofrimento de *Uriti*, decidem transformá-

la em um ser que poderálamentar pela morte de seu amado, e não só isso, mas que irá punir, com o seu canto estridente, a quem colaborou para tal atrocidade, o seu pai. Além de ser uma lenda que mostra a origem do pássaro Uirapuru, ela serve como lição para o que não fazer, pois tudo o que se planta, colhe.

Além de seus aspectos etiológicos, a lenda do Urutau corrobora com a ideia da semelhança que os mitos podem ter, pois em sua composição encontram-se correspondências com a lenda da região Norte do Brasil, especificamente da Amazônia, a lenda do Uirapuru. Embora sejam narrativas construídas a partir do imaginário indígena, elas não são iguais, mas contam de maneira distinta o surgimento de um mesmo elemento, o pássaro Uirapuru.

Na lenda amazonense, o pássaro Uirapuru é criado também a partir da interferência de uma divindade, o deus Tupã, e diferentemente da lenda paraguaia, ele possui um dos cantos mais belos do que todos os outros pássaros, pois quando canta, todos os outros prestam atenção ao seu canto. Já na lenda paraguaia, o pássaro é criado não por um, mas vários deuses, e o seu canto não é belo, mas estridente, que incomoda e atormenta. Além disso, ele não é um pássaro diurno, mas noturno.

Ademais desses aspectos conflitantes, a própria história que permeia seu surgimento não é igual, mas as razões porque ele foi criado, sim. Em ambas as narrativas, tanto a do Paraguai quanto da Amazônia, o pássaro Uirapuru surge após a impossibilidade amorosa da personagem feminina, essa que lamenta constantemente por não poder viver com seu amado são contempladas pela sobrenaturalidade em suas vidas. Outro fato importante é que na lenda de origem paraguaia, além da transformação de *Uriti*, a sua mãe também muda para uma forma de elemento da natureza, ela é transformada em uma árvore. Na lenda amazonense, a mesma situação, pois devido ao choro incessante de Oribici, surgem uma fonte e um lago. Assim, com a leitura das duas lendas, podemos observar a universalidade dos mitos apresentados, em que um mesmo elemento recebe diversas formas de simbologia, ambas importantes e que devem ter o seu valor devido, pois a pluralidade da Literatura Indígena é um dos fatores que a tornam tão valiosa como tal.

LENDA A LENDA PARAGUAIA DE KA´A IARY OU LENDA DA ERVA MATE

A lenda de “*Ka´a Iary: La protectora de yerba mate y de los montes*” também faz parte da compilação de lendas existentes na obra de Montesino (2019). A narrativa é apresentada em seis páginas e, assim como as lendas anteriormente analisadas, possui uma escrita de fácil compreensão e uma nota informativa ao final.

A narrativa conta a história de mineiros que trabalham colhendo a erva-mate, e, após um dia de árduo trabalho, realizam uma pequena reunião para dialogarem e também compartilhar relatos, histórias e lendas que levam em suas memórias. Nesse grupo de trabalhadores, há dois que recebem destaque, pois são novatos, Júlio e *Taní*. Em um local mais afastado, eles ouvem atentamente as histórias que os colegas de serviço contam, e com o objetivo de colocar à prova a lenda de *Ka´a Iary* contada pelos veteranos, resolvem, sem que o outro saiba, levantar à noite e ir à igreja a fim de declarar sua fidelidade ao ser sobrenatural responsável pela proteção das ervas que eles trabalham colhendo. Feito isso, *Taní* leva um papel com seu nome e data e o deixa na plantação, ação reproduzida também por Júlio, sem que ambos soubessem.

No domingo, *Taní* vai à plantação e recolhe o papel que havia deixado, e logo apareceu seu primeiro desafio, um tigre que queria atacá-lo, porém em seguida surge uma serpente que ataca o felino, logo após começam a surgir macacos, escorpiões, papagaios. Apesar do cenário de medo em que *Taní* estava sujeito, ele permaneceu fiel a sua fé e não se amedrontou com aquela situação, essa que surpreendente teve o seu fim. Chegado o término daquela confusão, *Ka´a Iary* aparece e comprova que ao permanecer fiel à sua fé, *Taní* havia vencido a sua prova, e como resultado receberia proteção e ajuda na colheita da erva-mate. No entanto, para que isso ocorra, *Taní* não poderá envolver-se com outra “mulher” e deve a sua lealdade à Protetora. Após *Taní* retornar para onde estavam todos os mineiros, procurou por seu amigo Júlio para ir à missa, porém não o encontrou. Depois de procurá-lo novamente, encontrou seu amigo morto, então ele percebeu que seu amigo também havia sido posto à prova, porém, infelizmente, não obteve êxito como ele, pois sentiu medo e teve sua fé abalada,

resultando na sua morte.

A lenda demonstra, de maneira alegórica, o hábito da contação de histórias entre os indígenas, onde são formuladas rodas de conversas e os mais velhos ensinam os mais novos, visando a manutenção da tradição e dos saberes que tornam os povos originários como um dos mais ricos, devido a sua pluralidade religiosa e identitária. Tratando mais especialmente sobre os elementos constituintes da lenda, tem-se como personagem principal a divindade *Ka'a Iary* que atua com grande veemência em sua atividade de proteger a floresta e os devotos fiéis que colocam sua fé diante dela. Essa divindade representa a característica etiológica dos mitos, pois é um Ser Sobrenatural, que possui uma grande influência para os que creem nela e constitui uma relação de troca (fé/proteção), como podemos averiguar em Montesino, (2019, p. 40): “Note acerques, tu sinceridad me ha traído hasta aquí y aquí estoy para protegerte. Celebro que estés junto a mí y desde ahora estaré a tu lado. Hay una sola condición que deberás cumplir y segurarme ya sabes cuál es...”

Além disso, os Mitos Etiológicos apresentam a existência de personagens da natureza em suas lendas, o que pode ser exemplificado pelos animais que aparecem para provar a fidelidade de *Taní* para *Ka'a Iary*. Dessa forma, observa-se a junção de elementos da fauna e flora em se tratando das narrativas, comumente também associados à religiosidade predominante das narrativas indígenas. Além disso, partindo da ideia de que há um grande respeito dos indígenas pela natureza, assim como demonstrado na referida lenda e também na lenda Mandioca do mesmo autor, por exemplo, entendemos que esses elementos são parte também da cultura desses indivíduos, e por isso a presença tão marcante em sua literatura, além da culinária. A perda de fé e fidelidade apresentadas pela lenda, possuem uma consequência. Para Júlio, foi a morte, e para *Taní*, a proteção. Assim, observa-se também a influência que os povos indígenas sofreram ao estar em contato com o catolicismo, em que constantemente há dualidades, como: céu e inferno; medo e coragem; fé e descrença, o que pode ter contribuído para a formulação dessa narrativa.

A lenda da Mandioca está inserida na obra denominada “*Leyendas de la Amazonia Brasileña*” (2011), que é composta por uma compilação de lendas Amazônicas, especificamente indígenas, atividade realizada por Ana María Gómez Platero e Victoria PalmaEhrichs em parceria com a embaixada da Espanha no Brasil, tendo como objetivo a propagação da Literatura Oral da Amazônia Brasileira, a fim de valorizar o folclore local. A obra conta com ilustrações e está escrita de maneira bilíngue (Português/Espanhol).

Posterior a essa introdução, a narrativa inicia e conta que havia uma família composta por um cacique já envelhecido, possuía mais de cem anos, que era casado com uma indígena também já idosa, eles eram pais de uma bela filha, caracterizada como maravilhosa e radiante como o Sol. Era uma jovem que gostava de cantar cantigas de guerra e de amor, muito talentosa com as mãos, fazia belas redes de repouso e vistosos cocares com pena de animais para os guerreiros da tribo. No entanto, em um certo dia, a indígena descobriu que estava grávida e contou ao seu pai, homem bastante respeitado na aldeia. Após receber a desaprovação de seu pai e cacique com a notícia, a indígena ficou muito triste e começou a chorar. Observando a situação em que a filha estava, o cacique empenhou esforços para encontrar o pai da criança, no entanto, chegando o dia do parto, um certo homem de aparência misteriosa surgiu e contou ao cacique que sua filha havia engravidado ainda estando virgem e que ele seria avô de uma linda menina, alguém que traria muitas alegrias para a tribo, e ao tentar conversar com esse mensageiro misterioso, o cacique não mais conseguiu encontrá-lo, pois havia sumido.

Passado um ano, a pequena Mani crescia com alegria e muita leveza, porém em determinado dia acabou ficando doente. Por mais que tentassem, o motivo da doença de Mani não era descoberto, o que acabou resultando em sua triste e precoce morte. A menina foi enterrada perto da aldeia em meio aos rituais indígenas, em que, segundo a tradição, as mulheres indígenas iam todos os dias regar o local com a água do rio. Essa atividade acontecia porque Mani faleceu antes de completar seus dois anos de idade.

No entanto, de maneira surpreendente e para a felicidade de todos os indígenas da tribo, brotaram algumas folhas e uma suntuosa planta com grossas e fortes raízes do lugar onde Mani estava enterrada. Posteriormente, foi descoberto que, após cozidas, essas raízes transformavam-se em um delicioso e nutritivo alimento. Após a realização do Grande Conselho Tribal, que contava com a participação tanto do avô como da mãe de Mani, a planta acabou recebendo o nome de maniva em sua homenagem. A planta pode ser consumida de diversas formas, transformada em aguardente, farinha e goma. É uma raiz que compõe diversos pratos típicos indígenas, e acredita-se que no fio que aparece quando a mandioca é cozida, está localizado o espírito de Mani.

A narrativa apresentada possui uma linguagem clara e é de fácil compreensão, além de possuir muitos detalhes e possibilitar a aproximação do leitor com o cenário narrado. A lenda da mandioca é uma importante fonte literária para o estudo dos mitos etiológicos, pois detém elementos e características que ressaltam essa linha teórica, como a presença de um personagem, esse que não tem o nome citado, que surge misteriosamente e some logo após cumprir sua “missão”, a de mensageiro, que pode ser entendido como um ser sobrenatural. Além desse aspecto, a lenda corrobora para explicação do surgimento da mandioca, pois explica, misticamente e de maneira sobrenatural, o surgimento da planta. Segundo Eliade (1972, p.9), os mitos têm o objetivo de trazer à tona o caráter sobrenatural do surgimento de algo, o que acontece na lenda da Mandioca de maneira evidente, pois é um evento celestial uma planta surgir a partir da morte de alguém e de onde essa pessoa está enterrada, é algo para além da racionalidade, mas que dialoga com a misticidade, segundo os preceitos defendidos por Eliade(1972, p. 9):

Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora, e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’ de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje.

Através da leitura da referida lenda, concebemos como é a visão dos indígenas acerca do surgimento da maniva, que faz parte de uma literatura local/oral, pertencente aos povos originários e mantida/transmitida com o passar das gerações. Apesar de no

início, a morte de Mani representar algo ruim, logo após o nascimento da mandioca o seu falecimento recebe uma nova simbologia, o renascimento. Gómez; Palma (2011, p. 31), por exemplo, afirmam que “Segundo a tradição indígena, naquele fio que encontramos quando cozinhamos a mandioca, é aproveitada das folhas às raízes, e é considerada um verdadeiro símbolo de alegria e de total abundância”.

É necessário inferir que a imersão dos povos indígenas a esses mitos “vivos” que permeiam sua realidade, revelam a importância da religiosidade para a manutenção de sua identidade universal, pois ao estarem em constante diálogo com sua espiritualidade, a experiência mística traz o reforço para seguirem com suas crenças, a fim do bem-estar da coletividade onde estão inseridos.

Partindo do pressuposto apresentado por Joseph Campbell em sua obra “O Herói de mil faces” (1949), as lendas, ainda que apresentem questões mitológicas de diversas religiões, seguem o princípio da universalidade dos mitos, pois embora as narrativas sejam constituídas e reproduzidas em ambientes distintos, possuem verossimilhança em seus traços. Desse modo, é possível identificar semelhanças nas lendas da Mandioca do Paraguai e da Amazônia, pois além de tratarem acerca do mesmo elemento, a raiz da mandioca, atribuem a sua origem através da morte de um personagem, seja ele de Mani, a pequena indígena que morreu em circunstâncias misteriosas antes mesmo de completar seus dois anos de idade, e Mandi, jovem indígena que morreu após a tristeza de não conseguir viver o seu amor proibido. Ambas as lendas ressaltam o aspecto do ressurgimento desses personagens ao aparecimento da mandioca, representando sua continuidade em outro plano. Além disso, a presença da religião é muito forte nas duas lendas, evidenciando o envolvimento de seres sobrenaturais ao cotidiano do indígena, como exemplificado na aparição da serpente e do seu caráter punidor, também da relação entre a lua e as jovens consagradas a ela, do surgimento de um mensageiro misterioso no dia do nascimento de Mani. Assim, evidencia-se a tese de que os mitos dialogam, o que pode ser explicado pela questão fronteiriça entre Paraguai e Brasil, além de ambas as origens das lendas seja do rol da Literatura Indígena.

A LENDA BRASILEIRA AMAZÔNICA DO UIRAPURU

A lenda do Uirapuru, assim como a anterior, está inserida no rol de narrativas pertencentes a obra *“Leyendas de la Amazonia Brasileña”* (2011) mantendo a sua estrutura de iniciar comentando sobre os aspectos do pássaro uirapuru, que é reconhecido como um dos que possui o canto mais belos no Brasil. É uma ave pequena, porém de um “talento” que faz com que os outros pássaros da floresta silenciem enquanto ele canta. Possuindo essas características, o Uirapuru é tido como um ser sobrenatural, isso deve-se também ao significado do seu nome na língua tupi, que significa “pássaro que não é pássaro”. Além de ser reconhecido pelo seu canto, é uma ave que, após sua morte, torna-se um precioso amuleto da sorte, que traz prosperidade e sorte no amor.

A lenda do Uirapuru inicia contando que, no Sul do Brasil, havia uma tribo indígena em que o cacique era muito amado por duas belas mulheres, porém só poderia casar-se com uma. Buscando então a sua esposa, o cacique impôs que casaria apenas com aquela que possuísse a melhor pontaria. As duas concorrentes aceitaram o desafio, e atirando suas flechas, somente uma conquistou a vitória, então casou-se com o cacique. A outra indígena, chamada Oribici, ficou muito triste por não ter conseguido casar-se com o homem a quem amava, chorando incessantemente até formar uma fonte e um lago. Sofrendo por amor, ela pediu ao poderoso Tupã para que a transformasse em um pássaro, pois possuía o objetivo de visitar o cacique sem que ele a reconhecesse. O deus dos indígenas, Tupã, realizou o pedido da triste indígena e a transformou em pássaro. Porém, observando que o cacique amava verdadeiramente a sua bondosa esposa, a Oribici decidiu voar para o norte do país e acabou chegando nas matas da Amazônia. Procurando trazer conforto e consolar a tristeza que a indígena sentia, Tupã a transformou em um pássaro com um belo canto, e por isso ela vive cantando, a fim de esquecer a tristeza e a mágoa por não poder casar com a pessoa que ama, tornando-se o pássaro com o canto mais lindo da floresta.

A lenda do Uirapuru é uma narrativa que apresenta a existência de uma divindade, Tupã, que é reconhecido na língua tupi como “trovão”, o deus dos povos

originários indígenas, traço que está interligado aos mitos etiológicos. Além disso, apresenta elementos da natureza, como a fonte e o lago que surgiram após o impiedoso choro da indígena Oribici.

Eliade (1972, p.9) aponta que o conceito de mito está atrelado a um fato sagrado, e sendo ele sacro, torna-se verdadeiro, ressalta também a questão do mito cosmogônico, que se refere à origem e criação do mundo, pois a própria existência do Mundo faz prova sobre si. Dessa forma, entendemos que a divindade Tupã na lenda, reforça a sua veracidade, pois narra a história em que um deus participa ativamente da história. Para Eliade (1972, p. 9).

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

Além disso, como mito etiológico, a transformação de Oribici em pássaro (Uirapuru) traz a característica fantástica e sobrenatural à tona, pois a ave surgiu a partir da sua solicitação a Tupã, que também é um personagem divino. Em consonância, temos a relação entre o ser humano e o divino, ressaltando o aspecto da espiritualidade. Assim como a lenda anterior, a atual narrativa dispõe de uma leitura muito fluida, trazendo perspectivas religiosas, fantásticas e românticas acerca do surgimento do pássaro.

A LENDA BRASILEIRA/AMAZÔNICA DO CURUPIRA

A lenda do Curupira também está presente na compilação de narrativas existentes na obra *“Leyendas de la Amazonia Brasileña”* (2011), em que se comenta sobre as características físicas do Curupira como sendo um “pequeno ser, de cabeça pelada, corpo coberto de pelos, pernas sem articulações, dentes azuis ou verdes, orelhas grandes, e com os pés voltados para trás” (Gómez, Palma, 2011, p.54). Além

disso, é uma criatura que possui muita força, cuja função é proteger as florestas, então, quando observa alguém cometendo algum ato que possa fazer mal à natureza, ele pune fazendo com que o indivíduo se perca. É um personagem que está presente em diversas lendas tanto na região Norte como no Sul do Brasil.

Em resumo, a lenda conta que o Curupira é um personagem da floresta que é famoso por perseguir caçadores utilizando assobios e a sua flecha mágica. Ele não permite que animais novos sejam mortos, nem aqueles que estejam amamentando, como as fêmeas. Quando há um indivíduo perdido na floresta, para se quebrar o feitiço feito pelo Curupira, é necessário fazer três cruces de pau e colocá-las no chão de forma triangular, também fazer rodinhas de cipó e deixá-las ao chão. Alguns caçadores já até tentaram capturar o Curupira, porém utilizando os pés que são avessos, os rastros que ele deixa servem somente para confundir quem o procura.

A lenda do Curupira é muito conhecida no Brasil, e não necessariamente em territórios majoritariamente indígenas, mas também nas regiões urbanas. Ela ressalta, em sua composição, um personagem sobrenatural, com características físicas, a certo modo, tenebrosas, o que pode ser justificado com a missão que ele exerce, como protetor das florestas. Dotado de pés avessos, o Curupira provoca a ira de quem decide procurá-lo, pois não conseguirá achar alguém que fogetão bem. Além de ser um personagem do folclore indígena brasileiro, é possível traçar um paralelo com a divindade *Ka'a Iary*, que também é conhecida por sua atuação em defesa das florestas do Paraguai, em especial da erva-mate.

Ambos os personagens possuem aspectos espirituais fantásticos, que permeiam o imaginário religioso e mitológico de seus defensores. É novamente necessário destacar a valorização que os povos indígenas possuem acerca dos elementos da natureza, e por isso há grande diversidade de narrativas que perpassam por esse cenário. No entanto, para eles, não se trata apenas de plantas, ervas, ou animais, mas são elementos que estão inteiramente ligados com a sua própria vida, pois fazem parte de quem eles são, de como se representam e do que eles têm como riqueza. Campbell (1991) aponta sobre a questão da veracidade desses mitos, pois ainda que dessemelhantes por possuírem construções de diversas culturas e em períodos

distintos, eles são verdadeiros porque agem na integração do indivíduo à sociedade e atuam como equilíbrio para a experiência de vida a que estão inseridos, demonstrando extensão, o autor elucida que “todos são verdadeiros em diferentes sentidos. Toda mitologia tem a ver com a sabedoria da vida, relacionada a uma cultura específica, numa época específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza. Une o campo da natureza à minha natureza. É uma força harmonizadora. (Campbell, 1991, p.60).

Desse modo, a semelhança dessas narrativas conta não somente a história do Curupiraou a história da Ka'a Iary, e sim como os indígenas observam e tratam as suas crenças, como partede quem são, da sua identidade como povo e de sua cultura. Em ambas lendas, observam-se os elementos etiológicos que embasam os mitos que delineiam as crenças dos povos indígenas, além de figurarem no rol de sua literatura geral, como exemplificamos pela existência de uma mesma narrativa contada por diversos olhares

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do estudo dos Mitos Etiológicos manifestado através de lendas/mitos/relatos do imaginário dos povos tradicionais indígenas não pode ser mensurada, uma vez que ela carrega em sua composição, riquezas literárias, históricas e sociais que auxiliam não somente no reconhecimento da Literatura Indígena para a sociedade, mas contribui para como ela observa a Literatura Oral e sua representatividade no repasse de valores e memórias culturais dos povos indígenas. A partir do entendimento que uma das temáticas centrais das narrativas indígenas é fomentada pela religiosidade e sua relação com a natureza, observamos que elas se constituem verdadeiras, pois trata-se de histórias sagradas com a presenças de suas respectivas divindades, como exemplificado com a presença de Tupã na lenda do Uirapuru.

Com a referida pesquisa, pudemos constatar a teoria da universalidade dos mitos, em que suas composições, através de traços dos seus elementos, estão relacionadas através das culturas onde circulam, uma vez que são narrativas orais

construídas e reproduzidas por povos indígenas na América Latina. As lendas analisadas demonstraram a sua verossimilhança em muitos aspectos, sejam em seus âmbitos substantivos, tendo em vista a semelhança nos seus nomes, como na lenda da Mandioca onde as personagens que dão origem à raiz são Mani e Mandi, como na lenda do Urutau e do Uirapuru, em que as personagens que originaram o pássaro são denominadas *Uriti* e Oribici.

Ademais, semelhanças acerca de sua representatividade, como as lendas de *Ka'Iary* e a lenda do Curupira, em que ambos atuam na defesa de elementos da natureza, especificamente da floresta. Ademais, compreende-se que os Mitos Etiológicos, relacionados à Literatura Indígena, servem como moldes para suas análises e interpretações, mesmo que essa teoria não seja suficiente para esgotar os estudos sobre a Literatura Indígena, uma vez que ela é tão plural quanto rica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYARD, Jean- Pierre. *História das lendas*. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.

CABRALES, José Manuel. *Literatura Española y Latinoamericana* 1. Madrid: SGEL, 2015, p. 70-73.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Editora Palas Athena, 1991.

_____. *O herói de mil faces*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1949.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GÓMEZ PLATERO, Ana María Gómez; EHRICH, Victoria Palma. *Leyendas de la Amazonia brasileña*. Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España/Secretaría General Técnica, 2011. Disponível em: <https://www.educacionyfp.gob.es/brasil/dam/jcr:81a1f03b-7697-4240-bb0f-251ec75a1bc7/leyendasamazonas.pdf>. (edição bilingue, com proposta pedagógica no final).

MITOS ETIOLÓGICOS. Disponível em: (<https://maestrovirtuale.com/mito-etiologico-caracteristicas-e-exemplos/>). Acesso em: 18/03/2024.

MONTESINOS, Jorge. *Leyendas y creencias populares del Paraguay*. Asunción/Paraguay, 2019.

MEANINGS ADRIFT IN THE DISCOURSE OF FORMER GOVERNOR JOSÉ
WILSON SIQUEIRA CAMPOS

*SENTIDOS À DERIVA NO DISCURSO DO EX-GOVERNADOR JOSÉ WILSON
SIQUEIRA CAMPOS*

Thiago Barbosa Soares³⁵

Damião Francisco Bouchet³⁶

ABSTRACT: This article analyses political discourse in two distinct branches: the founding discourse and the discourse of resistance. In order to do this, the networks of meanings of the founding of Tocantins are analysed as a disruptive process that affects the meanings of "creation" and "foundation" of the newest state in the Brazilian federation. The theoretical-methodological approach adopted is based on the well-established references of Discourse Analysis, applied to a discourse by Siqueira Campos, the former governor of Tocantins, delivered in the Chamber of Deputies on 5 May 2004.

Keywords: Discourse of the North; Political discourse; Foundation; Siqueira Campos; Tocantins.

RESUMO: Este artigo analisa o discurso político em duas ramificações distintas: o discurso fundador e o discurso de resistência. Para fazer isso, depreende-se o funcionamento das redes de sentidos da fundação do Tocantins como um processo disruptivo, que afeta os sentidos de “criação” e de “fundação” do mais novo Estado da federação brasileira. Como percurso teórico-metodológico, adota-se os consagrados referenciais da Análise do Discurso, aplicada a um recorte discursivo de Siqueira Campos, ex-governador do Tocantins, proferido na Câmara dos Deputados, no dia 5 de maio de 2004.

Palavras-chave: Discurso do Norte; Discurso político; Fundação; Siqueira Campos; Tocantins.

INITIAL CONSIDERATIONS

If, like Ayn Rand (2009), we consider that governments are institutions that have the exclusive power to impose certain social behaviors on society in certain spatialities,

³⁵Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

³⁶Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional e graduação em Letras, Português e Inglês e suas respectivas literaturas, por essa mesma instituição; Especializado em Análise do Discurso Político e Jurídico e Psicologia Analítica Junguiana - Perspectiva Multidisciplinar, ambas especializações pela Faculdade Unyleya (FU), Rio de Janeiro; colaborador do projeto de pesquisa intitulado O sucesso midiático como ponte para o sucesso político sob o número de registro 3536 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFT, com o objetivo de descrever e interpretar as diversas manifestações discursivas na interseção do campo político com o midiático. É professor substituto da UFT e membro do Corpo Editorial do Grupo de Estudos de Análise do Discurso (GESTADI), Palmas, Tocantins. E-mail: boucherplace@gmail.com

then we should also admit as a fact that political discourses are, as Soares (2022b, p. 74) states, "the virtualisation of the waging of battles in which different worldviews clash over how to confer legitimacy on a power project that is entrenched in the fabric of each and every government".

In this sense, the position occupied by governments presupposes a discursive order that determines the way of thinking, the positions of each subject in the world and how events are projected in society. For this reason, founding or creating a state can imprint other meanings depending on the conditions of production and emergence in which the statement emerges (SOARES, 2018). Recognizing that the vision of power is projected through thought, reaching and affecting subjects and (de)constructing history in its own way, we propose to analyse political discourse in two of its distinct ramifications, namely the founding discourse (ORLANDI, 2001) and the discourse of resistance as a response to the politics of silence (ORLANDI, 2007).

With this reading gesture, we try to decipher how the networks of meanings of the foundation of Tocantins work, which sustain the imaginary of the creation of Tocantins as a disruptive process in which the foundation of this state takes place at once, by a single subject. Secondly, we check how this discursive functioning affects the meanings of "creation" and "foundation", which sometimes work in the semantic region of geopolitical exploration, sometimes sliding into the field of human fertilisation, inoculating the "effect of discursive acceptability, that is, what causes subjects to adhere to analogies or comparisons" (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 123), linked to paraphrases, functioning as metaphorical effects, "a sliding of the saying in the discursive process" (SOARES, 2018, p. 117).

In order to deal with this semantic-discursive path, we have chosen the theoretical-methodological references of Discourse Analysis. Notions such as ideological formations (hereafter IFs), discursive formations (hereafter DFs), imaginary formations, interdiscourse, intradiscourse and others will be mobilised throughout our analysis, with the aim of verifying how the aforementioned discourses circulating in society work. Our corpus is part of a chain of sayings about the founding of Tocantins and consists of a clipping from the discourse by José Wilson Siqueira Campos, former governor of the state, delivered in the Chamber of Deputies in Brasilia on 5 May 2004.

After our discursive journey, we hope to be able to perceive the discursive subtleties in the functioning of the forces that regulate the ideological networks of the founding and resistance discourses in the state of Tocantins. We also hope to understand how constitutive silence works as a process of erasing historical events. Finally, we hope that these reflections can shed light on the various socio-political debates that revolve around the (un)continuous process of creating the state of Tocantins.

THEORETICAL CONSIDERATIONS

In order to achieve the objective listed above, it is extremely important to situate, in the following lines, our position as an analyst of discursive practices, the political-media field and our analytical device. We start from the principle that Discourse Analysis as a theoretical-methodological framework does not seek to pinpoint the truth of events, but to conceive of this truth as an effect of meaning that can be relativised.

This is because discourse analysis, as Soares (2020, p. 167) states, is based on the confluence of two major works "namely Automatic Discourse Analysis by Michel Pêcheux and The Archaeology of Knowledge by Michel Foucault. Each of these carries a flank of Discourse Analysis".

The event of Discourse Analysis (henceforth DA) makes it possible to break away from an interpretative behaviour about knowledge and power that regulate social functioning (SOARES, 2020) and to adopt semantic-discursive notions whose mobilisation makes it possible to break away from the simply psychological, purely linguistic and merely social reading of subjects and meanings.

From the development of DA, according to Courtine (2008 apud Soares, 2018, p. 116) Pêcheux undertook "the formulation of a reading machine with the aim of helping people to read the discourse produced within politics", based on re-reading the work of Ferdinand de Saussure and the contributions of Althusser and Lacan, who also reinterpreted Marx and Freud, respectively (SOARES, 2018).

From this interweaving of different fields (Linguistics, Psychoanalysis and Historical Materialism), Pêcheux makes it possible to mobilise principles and procedures that will define some key notions for analysing the object of DA, namely discourse. Thus, the author, in questioning the transparency and autonomy of language, the transparency

of the subject and of history, disregards the notion of message in Jakobson's informational scheme, preferring the term discourse, which implies that it is not just a transmission of information between A and B, "but more generally, an 'effect of meanings' between points A and B" (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

From these considerations about the object of DA, later, in his constant theoretical-methodological reformulations, Pêcheux (1997) arrives at the basic assumption that DA becomes a relevant field of linguistics which, as well as breaking with the positivist vision of its time, works in between, touching on linguistic structure, through semantic-semiotic concepts, and the event (PÊCHEUX, 2015), based on notions that threaten the historical stabilisation of relations of knowledge and power (SOARES, 2022a).

At the intersection of history and language, DA has also made it possible to see man and his social relationship, conceiving him not as the individual of psychoanalysis, but as a subject who positions himself in the world. Thus, "individual" and "subject" are distinct terms for DA, since the former occupies an empirical space in the world, while the latter is constituted as a discursive position (ORLANDI, 2015). Thus, for the theory of enunciation, which also has its place in DA, what is considered is the subject making sense, not the individual. According to Fiorin (1995):

All space and time are organised around the "subject", taken as a point of reference. Space and time are thus dependent on the "I", which enunciates in them. The here is the space of the self and the present is the time in which the moment of the event described and the act of enunciation that describes it coincide. From these two elements, all spatial and temporal relations are organised (FIORIN, 1995, p. 26).

Based on what Fiorin (1995) says about enunciative theory, we can say that, when positioning themselves in the world, it is the subject who imprints meanings, a discursive position, an individual who, when interpellated into an "I", a "you" or a "he" by different worldviews (SOARES, 2022b), situated in a certain spatiality and at a given time, reorganises the existing power relations within society and projects reality based on images historically constituted by the various discourses circulating in society.

Based on this assumption about the place that the "I" and the "you" occupy in social formations, the rules of projection "establish the relationships between *situations* (objectively definable) and *positions* (representations of these positions)" (PÊCHEUX,

1997, p. 82, author's italics and brackets). This fact allows us to understand that ideological formations, i.e. the set of beliefs and customs (constitutive of the subject's point of view), regulate class struggle, allowing the place from which the politician, representative of the people, speaks to be restricted to the people themselves.

In this asymmetrical relationship in which the position of command and obedience is established, the discursive formations (PÊCHEUX, 1997) are responsible for materialising the various social worldviews (SOARES, 2022b). Thus, the DFs "determine what can and should be said, from a given position, at a given conjuncture" (PÊCHEUX, 2011, p. 73). For this reason, every discourse is materialised in the form of an utterance, whether verbal or multimodal. In verbal utterances there are always relations of meaning working in silence (ORLANDI, 2007, 2015). On the other hand, discourse in the intradiscursive sphere, in the current enunciative event, is "a direct or indirect response to another given discourse" (PÊCHEUX, 1997, p. 77) whose place is constitutive of the effects of meaning emerging on the surface of the current utterance.

Thus, the linguistic elements semantically charged by these effects of meaning, referring to an anteriority and exteriority, independent and opposite to what is constructed in the act of enunciation, are called by Henry (1990) pre-constructed. According to Courtine (2014, p. 74), pre-constructions mark "the existence of a mismatch between the interdiscourse as the place of construction of the pre-construction and the intradiscourse as the place of enunciation of a subject".

Thus, when a political subject, situated in a certain position of prestige (SOARES; BOUCHER, 2020), in certain conditions of production, utters the statement "the struggle for the liberation of the people", a given enunciative construction brings out the memories of the struggle; the historical projections in which the relations of force are presented in the clash between the discourse of conservative ideological currents and the antagonistic discourse of resistance.

For this reason, the notion of interdiscourse (axis of constitution) and intradiscourse (axis of formulation) is fundamental to the analysis device, since these two axes (vertical and horizontal, respectively) allow the analyst to observe: a) the work of pre-constructions; b) the constitutive effects of memories (ACHARD, 2015) and; c) the functioning of the metaphorical effect, "an expression by which Pêcheux defines paraphrases within the same text" (SOARES, 2018, p. 117).

Interconnected by this natural tension of semantic stabilisation and displacement, metaphorical effects, i.e. "the semantic phenomenon produced by a contextual substitution to remind us that this 'slippage of meaning' between x and y is constitutive of 'meaning'" (PÊCHEUX, 1997, p. 96, author's quotes), allow for the maintenance of a semantic anchoring through a variation of what is established in the intradiscursive field.

From this brief explanation of the notions and mechanisms at work in the discursive act, we come to an understanding of imaginary formations, i.e. the images of subjects, their positions "which result from projections" (ORLANDI, 2015, p. 38). It is the imaginary formations that are responsible for constantly maintaining the historical images of subjects. Thus, the images of self and the other in interlocution are constituted from antagonistic power relations. In other words, in the act of ideological repulsion, the self and the other are mutually constructed in a heterogeneous discursive space in which intersections are part of the (re)organisation of knowledge and power in society (SOARES, 2022b).

For this reason, we admit that in the imaginary formations projected by political discourses, there is always dissent, because the IFs, materialised in the DFs, are far from homogeneous, because discourse is also "constitutively crossed by the 'discourse of the Other'" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69, author's quotes). Consequently, in the confrontation between conservative forces and their opposite, the discourse of resistance emerges. This delineates spatialities, forges the new out of divergence from the old, emancipates itself from conceptions and ideals that were once acceptable and convergent, reorganising history out of its own rupture, forgetting that "there is no 'personal' or 'collective' control of the processes and history in which subjects and meanings participate. What there is is the appearance of control and certainty of the meanings because socio-historical practices are governed by the imaginary, which is political" (ORLANDI, 2001, p. 7).

In this sense, the founding discourse (ORLANDI, 2001), to a certain extent, presents itself as the sayings of resistance, is crossed by the desire for the new and has, in the figure of the pioneer, the founding subject, who establishes the principle of something. In this way, the functioning of the founding discourse is based on constitutive silence, that is, the erasure of other figures, other subjects participating in the foundation (ORLANDI, 2007) to make way for the "creator", the one who gives birth to something.

Thinking about the city or the founding of a state, the founding discourse (ORLANDI, 2001), in its regularity, presents and consecrates the image of the subject who was given the task of signing, of resistance, erasing in his saying, other subjects whose effort and work culminated in the final act of founding, such as, for example, the subjects involved in the historical process of construction, namely the pioneers. In the words of Orlandi (2001, p. 13), this saying "breaks into the significant process in such a way that by its very emergence it produces its 'memory'".

In the light of the above illustration, it can be understood that the erasure of other subjects to the detriment of the founding subject is "an effect of discourse that installs the anti-implicit" (ORLANDI, 2007, p. 73) in which "x" symbolises the exaltation of the image of the founder, thus silencing "y", or rather the other agents of resistance and struggle who are discarded from what is said about the foundation.

Finally, we emphasise that the erasure instituted by the constitutive silence is maintained by the imaginary formations, which sustain, through the continuum of history, the images of the positions occupied by the subjects in the projections of the founding discourse (ORLANDI, 2001, 2015). After making the mobilising census of our analytical device and consequently establishing our descriptive-interpretative position, we move on to the analysis section.

ANALYSIS: TOCANTINS' FOUNDING DISCOURSE

In order to achieve the scope of our analysis in a more dynamic way, we have established a didactic process, starting from what is enunciated in the Chamber of Deputies, in Brasília, in Session: 076.2.52.0, at 10:48 a.m. on 5 May 2004, by the former governor of the state of Tocantins, José Wilson Siqueira Campos.

Starting from what is said, we try to follow an interdiscursive path to investigate what has already been said and forgotten (ORLANDI, 2015) and silenced (ORLANDI, 2007), in other words, the memories whose meanings constitute what is put into the utterance through the pre-constructed (COURTINE, 2014).

Finally, we take an investigative look at the roots of the founding discourse, which is intertwined with another, more comprehensive discursive force, namely the sayings

about creation. After these didactic considerations, we move on to describing and interpreting the object of our analysis:

[...] This reunion, which brings back the best memories of the times of the long and historic struggle for the creation of Tocantins, brings me the strongest emotions, even greater than those felt when I first entered this plenary - the womb from which my state was born - today full of Senators, Federal Deputies, State Deputies, Mayors, Councillors, Leaders, men and women who are fighting for the conquest of autonomy, for the liberation of their people. Brazilians coming from the most distant regions of Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão and Piauí, so full of joy and hope, just as I came to this house on 1 February 1971 to begin the fight for the liberation of the northern people of Goiás. Mr President, ladies and gentlemen, I have the honour of submitting a suggestion in the form of a proposal for the consideration of this General Committee. [...] The people of Tocantins have always dreamed, believed and fought for autonomy, and have never lost faith in God and hope for a future of peace, prosperity and social justice. Tocantins was born here. I hope to God that, in this House of the People, the states for which you and so many men and women have fought for so long will be born as soon as possible (BRASIL, 2004).

From what is said in our object, the enunciating subject José Wilson Siqueira Campos revisits the meanings of the discovery in the nominal phrase "reunion". This syntagm presupposes not a meeting between friends, nor even a friendly gathering, but a timely reunion in which ideological forces contrast. When we consider the conditions of production and emergence of its utterance, as well as the subject positions involved (PÊCHEUX, 1997), we realise that the aforementioned syntagma works in the semantic region of the clash and conflict of political interests.

This statement is based not only on the effects of the passage "long and historic struggle for the creation of Tocantins", which in itself denounces the aforementioned semantic region through the syntagma "struggle", but also by considering the conditions of production and emergence of the discourse.

If we consider, like Fiorin (1995), the epistemological space that separates "person" from "subject" and, like Pêcheux (1997), the interpellation of the "individual" into a "subject" by the ideology that defines "place" and "position", respecting the differences between the respective authors' fields of knowledge, we can distinguish from this passage the distinctive features that differentiate referentiality from imaginary formations. In enunciative referentiality, people are considered to be individuals in a given space, occupying places and meeting each other. Through imaginary formations,

this individual is interpellated into a politician and positioned as a federal deputy by the various subjective projections that surround him (SOARES, 2018).

Thus, José Wilson Siqueira Campos, in reminding his audience of a "long and historic struggle for the creation of Tocantins", places his enunciator in a specific space/time, namely the historic division of the state of Goiás and the creation of Tocantins on 5 October 1988, consequently erasing (ORLANDI, 2007) the historical lines that would probably point to other subjects "in the struggle" for the emancipation of this state. Consequently, in doing so, he organises this space/time around himself, projecting the metaphorical image of the "fertilising subject", or rather, the one who gives birth to the new state.

By enunciating this space, the "plenary" and projecting it from his discursive position, also metaphorising the image of pregnancy, the subject projects the image of himself as the seed, as "the semen that enters the womb". From this point, we can see the work of imaginary formations which, according to Pêcheux (1997), make society function from: a) relations of forces; b) relations of meanings and c) anticipations.

The relationship of forces reveals a subject capable of generating, fertilising a state and promoting the "liberation of its people", of "starting the fight for the liberation of the northern people of Goiás". Thinking about interdiscursivity, the effects of meanings continuously reverberating in history and emerging in intradiscourse, these two statements intertwine: 1) the founding discourse (ORLANDI, 2001), in which subjects affiliated to this network of meanings project themselves as co-creators of a world already created and pioneers of a space already cleared and; 2) the discourse of resistance, in which these same subjects, by positioning themselves as founders, also establish a struggle against the contrasting ideologies that seek to maintain the *status quo* of a given region.

From the aforementioned discursive interweaving, an asymmetry is created between the generating/liberating subject, capable of emancipating Tocantins from Goiás, and the subject-other (AUTHIER-REVUZ, 2004), the one who has not yet been able to achieve this feat and who appears in the enunciator's discourse as an effect of the relationship of meaning. This effect, in turn, projects the image of a political circuit in which Siqueira Campos uses the image of superiority as a response to his opponents.

In this way, the projection of himself as a subject of political success (BOUCHER; SOARES, 2020) shifts the position of the enunciating subject from a mere deputy (the other) to a great statesman (himself), a subject capable of overcoming the limits of his position and unleashing a historical struggle whose end unfolds through his presence, through the marking of his memory in the line of history. On the other hand, by projecting the image of himself in the discourse, he ends up delineating the position of the enunciators, "Senators, Federal Deputies, State Deputies, etc.", as "subjects who struggle", presupposing a "non-achievement", since struggle represents the continuous act of an objective that has not yet been achieved.

By observing these two effects of meaning, we try to look vertically at the functioning of relations of meaning, which link the enunciative formulation to other events in history. As mentioned in the theoretical considerations, Orlandi (2015) emphasises that one discourse points to another in an endless temporal relationship of regularities in which the enunciative actuality is a response to previous discourses, reinforcing or annulling them.

In the case of our object of study, in the intradiscursive field, Siqueira Campos affiliates himself with the networks of meanings of emancipation in order to respond to the demands that this network proposes, presenting a "suggestion in the form of a proposal" to the General Committee of the Chamber of Deputies. In the interdiscursive field, his statements revisit the historical basis of the founding and resistance discourses; they are marked by the phrases "struggle", "creation", "liberation" and "hope", preconstructions (COURTINE, 2014) associated with the semantic field of clash/combat and the discursive field of class struggle. This establishes the historical relations between the subjects of the situation and those of the opposition, regulates command and obedience and maintains imaginary formations.

In view of the functioning of imaginary formations, we finally have anticipations. In the game of anticipations in which the images (and positions) of the interlocutors are established (PÊCHEUX, 1997), in other words, the images that the enunciator makes of himself and of the other, based on what is enunciated in the intradiscursive field by Siqueira Campos, we observe that the space and time of the enunciation (FIORIN, 1995) are organised around the subject of political prestige who enters the Chamber of Deputies

on the 1st of February 1971. February 1971, "to begin the struggle for the liberation of the people of northern Goiás".

This statement shows the effects of the primacy of place. On the other hand, even without the apparent opposition of the other, we see "the virtualisation of combats in which different worldviews clash" (SOARES, 2022b, p. 74), namely the position of the founder and his antagonistic position, of those who also took part in the process of territorial emancipation. In this semantic region, the meanings in the syntagma "initiate the struggle" reverberate the image of initiation, presupposing that the struggle for the emancipation of Tocantins never existed before Siqueira Campos. This opposite inoculates the imaginary formations of Tocantins politics with the image that the glory of the emancipation conquest is due to Siqueira Campos and begins with the figure of the liberator, there being no one else capable of this great feat.

These projections erase the fact that the struggle for the division of Goiás began in earnest in 1821, in an attempt to oust Captain-General Manoel Sampaio, led by Captain Felipe Antônio Cardoso and Fr Luiz Bartolomeu Marques; after they were expelled from the capital Vila Boa and left for the north of Goiás, another figure in the emancipation struggle emerged, namely Teotônio Segurado, ombudsman of the Northern District. Segurado presided over and established the provisional junta until January 1822 (ALENCASTRE, 1979).

Based on these memories, or rather their erasure, we corroborate the maxim that "all power is accompanied by silence in its symbolic work" (ORLANDI, 1990, p. 49). In this sense, the constitutive silence erases other regions of meaning that would make it possible to trace the history of the struggle for emancipation in the northern region of Goiás. For this reason, the effect also points to Siqueira Campos' discourse as being the first cry of resistance, erasing, for example, that:

It was in the context of the mining economy, in the first half of the 18th century, that the first concrete manifestation of opposition from the north to the centre-south of Goiás took place. This was due to the "imposition of a higher capitation tax on the northern mines than on the 'mines of the Goyazes'" (CAVALCANTE, 1990, p. 64).

Considering what was said by Cavalcante (1990), but silenced in Siqueira Campos' discourse, we see the ramifications of the founding discourse (ORLANDI, 2001)

and the discourse of resistance, in which the aforementioned enunciator is situated in the extreme position of consolidating the separatist struggle in favour of the state of Tocantins. Thus, statements such as "Tocantins was born here" and "I hope to God that, in this House of the People, the states that you and so many men and women have been fighting for for so long will be born as soon as possible" feed the imaginary formations that sustain Siqueira Campos as "the creator of Tocantins".

The aforementioned pre-construction is linked to the name Siqueira Campos in various titles that form the networks of meanings of the founding and resistance discourses, not only causing a paraphrastic effect, but a semantic-discursive interweaving that reorganises the networks of memories about Tocantins, brings out the effect of anteriority and exteriority (COURTINE, 2014) and projects the image of the enunciator as the founder of the state, so that it is not possible to point to one without hitting the other.

These networks of meanings about the founding subject intensify with the death of José Wilson Siqueira Campos, making the presence of these imaginary formations more explicit, with headlines such as: "From rubber tapper to politician: find out who Siqueira Campos was, the first governor and creator of *Tocantins*" (G1, 2023, italics ours), "Former governor Siqueira Campos, '*creator*' of the state of *Tocantins*, dies" (CARTA CAPITAL, 2023, author's quotes, italics ours).

From these considerations, we can see that in all the discursive traces analysed and what is said about Siqueira Campos, there are the meanings of the progenitor working in silence (ORLANDI, 2007), because the one who founds, establishes the beginning of something, builds a construction, but the one who "fertilises", gives rise and perpetuates for generations, overriding any previous struggle, because the act of "fertilising" establishes the exclusivity and primacy of the libidinal act and presupposes not a pioneer who founds a three-dimensional space, but a "father who fertilises", in the Northern Region (in the despised belly of Goiás), Tocantins, projected as a subject, because it is not established as a new region, but, in the words of Siqueira Campos himself, "is born from the womb" which he himself fertilised.

FINAL CONSIDERATIONS

By prescribing and tracing through intradiscursion the effects of interdiscursion, or rather, the constitution of meanings through the memories of the founding of Tocantins, we tried to observe Siqueira Campos' discourse working in heterogeneous semantic spheres that sometimes point to the meanings of foundation/constitution and sometimes to fertilisation/conception. In this way, both in the political field and in the family sphere, the syntagms "creation", "womb", "birth" and "liberation" have shifted meanings.

These linguistic elements form an interweaving between distinct semantic fields and reinforce the argumentative potential by inoculating effects of meaning. These effects project the image of a political subject who is both the founder of a geographical space (the creation of Tocantins), an icon of resistance, and the fertiliser of a child (the womb from which my state is born).

This discursive interweaving creates "the effect of the reality of thought" (ORLANDI, 2001, p. 7), establishing the referential illusion organised around the effect of primacy, the illusion that the founding of a state like Tocantins took place at a single time and in a single decision, delegating "to the last" the honours and legacy not conferred "to the first". On the other hand, in the imaginary formation about the creation of Tocantins, the networks of sayings work subtly to erase the continuous struggle that runs through this history by focussing on the synchronic history of the acts of a single subject, disregarding the struggle of the other political actors involved.

From this point, it should be stressed once again that the analysis undertaken did not seek to belittle or diminish the historical event that culminated in Siqueira Campos' acts to create the state of Tocantins, but rather to verify how statements and phrases from the political field, such as those analysed above, produce the effect of exclusivity, the illusion of the founding subject who, affiliated to the networks of meanings of the foundation, (re)organises the meanings of primacy around the image of the father, the sole genitor who gives birth "in the womb", or rather in the Chamber of Deputies, to a state-subject, thus erasing the separatist movements that in historicity made the final act possible.

Through this research, we make it possible to relativise the founding of Tocantins, deconstructing the certainties consolidated from a semantic territorialisation in which the act of founding is attributed to a single political subject, constitutively silencing, for example, the explorers of northern Goiás "who in fifteen years opened paths and roads,

scoured rivers and mountains, diverted currents, deforested entire regions, repelled the Indians, explored, inhabited and populated an immense area" (PALACIM; MORAES, 1979, p. 30). 30); in 1809, the creation of the Comarca do Norte and the demand by the ombudsman Teotônio Segurado and the people who inhabited the region for the construction of the headquarters (ALENCASTRE, 1979). Finally, we are also silenced by so many other pioneering individuals who contributed to the construction of urban spatialities, political figures such as Ailton Lélis, an architect, landscaper and urban planner who took part in the landscaping project for Goiânia, Brasília and, above all, Palmas, the capital of Tocantins, serving as secretary of both the municipal and state governments (SECOM, 2011).

From this descriptive-interpretative movement, it was possible to shed light on the forces that regulate the ideological networks of the founding and resistance discourses in Tocantins. These discursive organisations, each at their own time, retrieve the memories that sometimes stabilise and sometimes destabilise the meanings of foundation and creation. For the subject situated in the position of the founding figure, the creation of Tocantins is part of an individual struggle, even if thought of collectively; it culminates in the act of fertilising, of symbolically giving life to a state as a purely singular action.

For the subject displaced from this discursive position, the illusory effect of the foundation dissolves and in this semantic territorialisation, in this ideological disorganisation (ORLANDI, 2001), the figure of the founding subject dissipates and the creation becomes semantically conceived as part of a broader continuous historical process, traced, thought out and executed by the sequence of events that make up the historicity of the foundation.

Given the above, we recognise the relevance of continuing studies on the political discourse about the North and its various other subsidiary networks, such as the founding discourse (ORLANDI, 2001), the discourse of possession (SOARES, 2022b) and the discourse of political success (SOARES; BOUCHER, 2020) as well as other ramifications. We also hope that this analysis can contribute to other epistemological fields such as the History of Tocantins and Sociology, shedding light on the various socio-political debates that revolve around the (un)continuous process of creating the State of Tocantins.

REFERENCES

ACHARD, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Anais da Província de Goiás. Goiânia: SUDECO/Governo de Goiás, 1979.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do sucesso político nos dizeres de Donald Trump. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. especial, p. 228–243, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9967>. Acesso em: 24 jul. 2023.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discursos de ódio e resistência: sucesso e apagamento na manutenção das relações de poder. **Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 76, p. 126–141, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14426>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. DETAQ, Sessão: 076.2.52.O. 5 de maio de 2004. Brasília, Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=076.2.52.O&nuQuarto=7&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:48&sgFaseSessao=CG%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=05/05/2004&txApelido=JOS%C3%89%20WILSON%20SIQUEIRA%20CAMPOS&txFaseSessao=Comiss%C3%A3o%20Geral%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=10:48&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acesso em: 15 ago. 2023.

“Morre o ex-governador Siqueira Campos, ‘criador’ do estado do Tocantins”. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/morre-o-ex-governador-siqueira-campos-criador-do-estado-do-tocantins>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Tocantins: **O Movimento Separatista do Norte de Goiás**, 1821-1988 - Goiás: Luiz Palacim, 1990. f. 332. Dissertação (Mestrado) – História, Departamento de História da Universidade de Goiás, 1990.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. Trad. João Wanderley Geralde e Celene Margarida Cruz. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, SP (19): p. 43-64, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636825/4546>. Acesso em 6 set. 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 2 ed., 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

PALACIN, Luís, MORAES, Maria Augusta Sant'anna. **História de Goiás (1722-1972)** 5 ed. Goiânia: Ed. Da UCG, 1989.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagem, discurso [1971]. In: PIOVEZZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

RAND, Ayn. **Capitalismo**: el ideal desconocido. Trad. Luis Kofman. Buenos Aires: Grito Sagrado Editorial, 2009.

SECOM. Pesar pela morte de Ailton Lélis. **Secretaria de Comunicação do Estado do Tocantins**, 2011. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/pesar-pela-morte-do-arquiteto-ailton-lelis/2ctjnn6bo7az>. Acesso em 12 ago. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da Análise do Discurso. In. BUTTURI Junior, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (org.). **No campo discursivo**: teoria e análise. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 167-187.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022a.

SOARES. Thiago Barbosa. Uma análise das imagens de si no pronunciamento de posse presidencial de Jair Messias Bolsonaro: um (im)provável Presidente do Brasil. In: SILVA, ANTONIO, Edson Alves da (org.). **Discurso político na pós-modernidade**. Tutóia, MA: Diálogos, 2022b.

DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO E MOBILIZAÇÕES INTERTEXTUAIS EM INTERAÇÕES POLÊMICAS SOBRE O PROJETO DE LEI (PL) 580/ 2007

DISQUALIFICATION OF THE OTHER AND INTERTEXTUAL MOBILIZATIONS IN CONTROVERSIAL INTERACTIONS ABOUT THE BILL (PL) 580/2007

Ozeias Evangelista de Oliveira Junior³⁷

Jasmin Costa Mendes³⁸

Noemy Prazeres Sousa³⁹

João da Silva Araújo Júnior⁴⁰

RESUMO: A expansão das redes sociais e as discussões que nela se desdobram advindas de temas da esfera social, intensificaram o fluxo de discursos que se entrecruzam nessas redes antagonicamente. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo analisar a partir das interações polêmicas sobre o PL 580/ 2007, o modo que os processos intertextuais são mobilizados em interações polêmicas com o objetivo de desqualificar o outro. Fundamentamo-nos nos estudos sobre a polêmica pública (AMOSSY, 2017), classificação do argumento ad hominem (FIORIN, 2015), interface entre Linguística Textual e a Teoria da Argumentação no Discurso (CAVALCANTE et al. 2020) e a intertextualidade no que diz respeito aos processos intertextuais estritos e amplos (CARVALHO, 2018). Para a análise dos dados, selecionamos uma publicação do perfil @ivetesangalo, em que a cantora se posiciona sobre o projeto de lei (PL) 580/2007, desta publicação, analisaremos interações polêmicas realizadas nos comentários da postagem. A análise permitiu constatar que a intertextualidade é mobilizada nas interações polêmicas com a intenção de desqualificar o outro e prosseguir vinculando-se a novas ideias e propagando-se nos ambientes virtuais, com a proposta argumentativa de defender o ponto de vista do locutor.

Palavras-chave: Argumentação, Intertextualidade. Polêmica Pública.

Abstract: The expansion of social networks and the discussions that unfold within them, arising from themes in the social sphere, have intensified the flow of discourses that intersect antagonistically in these

³⁷ É graduando em Letras - Língua Portuguesa, língua espanhola e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA) pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na cota 2024/2025, com plano de trabalho intitulado Intertextualidade na Ciberviolência, sob orientação da Profa. Dra. Graça Faria. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estratégias e Procedimentos de Organização Textual - GEPOT (UFMA/CNPq).

³⁸ Estudante de graduação em Licenciatura Plena em Letras- Espanhol na Universidade Federal do Maranhão. Possui curso técnico em Manutenção de Máquinas Industriais reconhecido pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA- MA.

³⁹ Graduanda em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

⁴⁰ Doutor em linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras/PGLETRAS, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor do departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do grupo de pesquisa em Linguagem e Tecnologia (LINTEC).

networks. Therefore, this research aims to analyze, based on controversial interactions about PL 508/2007, how intertextual processes are mobilized in controversial interactions with the aim of disqualifying the other. The theoretical foundation uses studies on public controversy (AMOSSY, 2017), the classification of the ad hominem argument (FIORIN, 2015), the interface between Textual Linguistics and the Theory of Argumentation in Discourse (CAVALCANTE et al. 2020) and intertextuality with regard to strict and broad intertextual processes (CARVALHO, 2018). To analyze the data, we selected a publication from the profile ivetesangalo, in which the singer takes a position on the bill (PL) 580/2007. From this publication, we will analyze two controversial interactions carried out in the comments. The analysis revealed that intertextuality is mobilized in controversial interactions with the intention of disqualifying the other and continuing to link to new ideas and propagate themselves in virtual environments, with the argumentative proposal of defending the speaker's point of view.

Keywords: Argumentation; Intertextuality; Public Controversy.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se dentro do arcabouço teórico-metodológico da Linguística Textual, doravante LT, de vertente brasileira, mais especificamente a praticada pelo Grupo Protexito (UFC) que nos últimos anos vem desenvolvendo atualizações pertinentes aos seus postulados e procedimentos investigativos, encarando as problematizações feita à área a partir da interface com outras perspectivas teóricas.

Para a LT, não existe coerência sem contexto, e isto implica aspectos pragmáticos e discursivos que estão em constante ligação uns com os outros (CUSTÓDIO FILHO; CAVALCANTE, 2023). Dentre os muitos fatores que afetam a coerência nos textos, destacamos como fundamental a argumentatividade dos textos, pois é “no agir sobre o outro que reside a condição argumentativa de todo texto e, conseqüentemente, a sua coerência” (CUSTÓDIO FILHO; CAVALCANTE, 2023, p. 382).

Tomando como base os pressupostos admitidos atualmente pela LT, é possível afirmar que a argumentação é constitutiva de todo texto, dentro ou fora do ambiente digital (CAVALCANTE et al., 2019; 2020; 2022). Podemos admitir assim, que a argumentação está presente nos mais variados tipos de interações do dia a dia, isso implica dizer, que a mesma está presente nos mais variados gêneros do discurso, ainda que em graus diferentes, pois, para Amossy (2011, p. 129) “toda troca verbal repousa sobre um jogo de influências mútuas e sobre a tentativa, mais ou menos consciente e reconhecida, de usar a fala para agir sobre o outro”.

Amossy (2018) concebe uma ampla visão da argumentação na Teoria da Argumentação no Discurso, doravante TAD, propondo uma relação entre os postulados da retórica clássica e da nova retórica, com os postulados analíticos da análise do discurso de linha francesa não materialista. Para Cavalcante et al. (2016, p. 116) a TAD reivindica “uma análise do discurso que considere a interpretação de estratégias persuasivas [...] considerando a rede interdiscursiva e o contexto comunicacional em que eles operam”.

Ao considerar a presença da argumentação em todo discurso, Amossy (2008) apresenta as maneiras pelas quais se pode argumentar, e, concebe seis tipos de modalidades argumentativas, contudo, nesta pesquisa nos dedicaremos à modalidade polêmica, principalmente ao critério de desqualificação do outro. Amossy (2018) discorre sobre os critérios da polêmica pública e sua importância no espaço público e esclarece que o contexto atual da sociedade, possibilita uma livre circulação de posicionamentos que favorecem a disseminação de debates e interações polêmicas, centradas na retórica do dissenso.

Com o advento das revoluções tecnológicas e o surgimento da web 2.0, as diversas interações passaram a ocorrer de forma *online*, e, é nesse contexto que as interações polêmicas desabrocham. As redes sociais são importantes ferramentas para a disseminação de confrontos verbais públicos, Cavalcante et al. (2020) defende que as mídias digitais facilitam as “interações cada vez mais poligeridas e com níveis cada vez mais altos de sincronicidade, com grande potencial para debates acirrados”. Nas interações polêmicas, os sujeitos valem-se de estratégias textuais para realizar o processo argumentativo, ou seja, para influenciar o outro. A intertextualidade, a metadiscursividade e a referência são exemplos dessas estratégias. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar, a partir das interações polêmicas sobre o PL 508/ 2007, como os processos intertextuais são mobilizados em interações polêmicas com o objetivo de desqualificar o outro.

Para além desta parte introdutória, este trabalho segue esta ordem: primeiramente, tratamos sobre a Modalidade Polêmica na LT e TAD com base em Cavalcante et al. (2020; 2022) e Amossy (2011; 2008; 2017; 2018). Em seguida, abordamos os estudos sobre intertextualidades estritas e amplas, com base em Carvalho (2018). Por último a análise dos dados e as considerações finais.

ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO: O CASO DA POLÊMICA PÚBLICA

Segundo a analista do discurso Ruth Amossy (2017, 2018), a argumentação está contida em todo discurso. Corroborando com isso, os atuais estudos da LT brasileira defendidos por Cavalcante et al. (2022), estabelecem uma interface com a TAD de Amossy, pois, para a LT, o discurso se manifesta em textos, e, é orientado por uma argumentatividade do ponto de vista configuracional e textual-discursivo (CAVALCANTE, 2016). Portanto, para a LT a argumentação deve considerar aspectos próprios da textualização e o discurso deve ser apreendido pelo texto, que é sempre argumentativo. Amossy (2011) concebe a argumentação como uma “tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p.130).

Para Amossy (2008) existem nos textos graus diferentes de argumentatividade, pois, para a teórica nem todo texto deseja levar um auditório à adesão de uma tese, por essa razão, Amossy designa dois graus de argumentatividade nos textos: visada argumentativa e a dimensão argumentativa. Custódio Filho e Cavalcante (2023, p. 384) pontuam a diferença destes graus:

[...] há textos cujo projeto de dizer pressupõe, deliberadamente, a validação de uma tese – como proposição opinativa principal (explícita ou implícita) em um texto – em confronto com outras, o que revela uma finalidade expressa de propor uma tese e de investir em modos de persuadir o interlocutor a admiti-la. Assim são os textos de visada argumentativa, identificados, em LT, como textos de sequência argumentativa dominante (ADAM, 2011). E há textos (dominantemente narrativos, explicativos ou de outra natureza) cujo projeto de dizer se constrói por outro modo estrutural de se organizar, que não o de propor uma tese e argumentar por meio de provas. O fato de esses outros textos não se organizarem composicionalmente dessa maneira não significa, contudo, que não expressem também a tentativa do locutor de influenciar o outro; significa apenas que não se estruturam pelo esquema “tese inicial – argumentos – conclusão/nova tese”. Quando não têm essa visada, ou finalidade, eles têm somente uma dada dimensão argumentativa.

É possível afirmar, de acordo com Amossy (2011), que a argumentação orienta os modos de ver, de pensar e até de sentir do interlocutor. Dessa forma, Amossy concebe a noção de modalidades argumentativas em contraposição ao argumentativo e não argumentativo, definindo as modalidades argumentativas como: “tipos de troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico” (AMOSSY, 2008, p

.232). Desse modo, não há só uma maneira pela qual se pode argumentar, a partir dessa concepção Macedo (2018) afirma que os diversos modos de argumentação são definidos por três fatores:

i) os papéis desempenhados pelos participantes no dispositivo enunciativo (parceiros, adversários); ii) maneira pela qual ocorre a tentativa de persuasão (apaixonada, racional, colaborativa, instrutiva); e iii) o modo como o interlocutor é concebido (ser de razão e/ou de sentimento, aluno ou discípulo, cúmplice ou rival etc.). (MACEDO, 2018, p.51).

De acordo com esses fatores, Amossy (2008) classifica seis tipos de modalidades argumentativas: 1) modalidade demonstrativa: em que o locutor busca adesão do interlocutor a uma tese; 2) modalidade patêmica: se dá por meio do apelo aos sentimentos do auditório para adesão de uma tese; 3) modalidade pedagógica: quando há um locutor autorizado a transferir um saber para um auditório que se encontra na condição de aprendiz; 4) modalidade de coconstrução: quando os participantes levantam uma questão e buscam resolvê-la; 5) modalidade negociada: aquela em que os participantes debatem sobre um problema que os dividem, mas buscam uma negociação; 6) modalidade polêmica; consiste no confronto de teses antagônicas, em que não há possibilidade de consenso.

A modalidade argumentativa polêmica, que é o foco neste trabalho, é um fenômeno muito presente nos diversos tipos de interações. Amossy (2017) afirma que a polêmica se caracteriza por “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura” (AMOSSY, 2017, p.49), assim a sua primeira marca como debate da atualidade é uma oposição de discurso e o antagonismo de opiniões dentro de um confronto verbal, pois é “a atividade que consiste em trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa que constrói a fala polêmica” (Amossy, 2017, p.49). Portanto, essa modalidade se dá a partir de casos concretos, entre textos, pois se atualiza nas relações intertextuais.

Na polêmica não há a possibilidade de consenso, ou seja, de uma solução, então se há um choque de opiniões contraditórias é porque, segundo Amossy (2017), a oposição do discurso é objeto de uma dicotomização na qual duas opções se excluem mutuamente, enquanto em um debate comum há a possibilidade de solução. Na construção polêmica a autora explica que ocorre a busca em:

Construir as oposições como dicotomias, ou seja, como pares de noções excludentes uma da outra, sem possibilidade de compromisso, consiste em bloquear toda possibilidade de solução e aprisionar as partes em um face a face em que cada uma defende posições inconciliáveis (AMOSSY, 2017, p.54).

Nas interações polêmicas é o espaço em que se engendram os papéis sociais envolvidos, ou seja, os actantes envolvidos em uma estrutura actancial, que envolve: um proponente, um oponente e um terceiro. Segundo Amossy (2017, p. 56) “não se trata aqui de pessoas, mas de papéis: defensor da posição proposta, opositor dessa posição, ouvinte-espectador da confrontação”. Essa divisão explica como essas interações instauram uma operação de polarização, que é própria da polêmica, consistindo na divisão de um público diversificado em dois ou mais grupos, na tentativa de expressar numerosas divergências. A polêmica, para Cavalcante (2022), vai além de um simples desacordo e está intrinsecamente ligada ao dissenso no espaço público e traz a possibilidade de permitir aos proponentes e oponentes de uma tese a expressão de seus diversos posicionamentos, definindo a polêmica como uma modalidade argumentativa democrática.

DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO E O ARGUMENTO *AD HOMINEM*

A propriedade de polarização provoca manobras de difamação do outro, isso é um traço definatório do discurso polêmico, denominado desqualificação do adversário, que é uma estratégia retórica para desacreditar o oponente e sua tese/ponto de vista. Segundo Amossy:

Nessa relação com o outro, todo um leque de abordagens antagônicas se abre. O procedimento mais atenuado consiste em atacar a palavra do outro, tendo ele como alvo apenas por meio dela. O oponente refuta, assim, as razões do adversário, mostrando que seu discurso é indigno de confiança e não merece que o apoie. A polêmica responde, então, ao discurso adverso, enfraquecendo-lhe os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação dos propósitos... (AMOSSY, 2017, p. 59)

Neste contexto, é importante destacar que a polêmica participa e se materializa nos textos presentes na construção do espaço público, dessa maneira, há o advento da polêmica pública, que nasce da circulação desses discursos e constitui um modo de gestão de disputas. Partindo destas considerações, é necessário entender que essas interações diretas na discussão pública, só se tornaram possíveis através das mídias digitais, pois, é nesse ambiente que circulam as opiniões contraditórias, como afirma Amossy (2017, p.

201), “as mídias desempenham, em consequência, um papel central na construção da polêmica pública - um papel que não basta teorizar ou lamentar. É preciso examinar na prática, sem preconceitos”.

A desqualificação do outro, também objeto de interesse para este trabalho, é muito frequente nas diferentes interações, especialmente as de ambiente digital, evidenciadas nos mais diversos gêneros discursivos que circulam em ambiente online e offline, em que, o ato de desqualificar e deslegitimar o outro pode chegar em medidas extremas, como o uso de expressões linguísticas depreciativas e até mesmo, a violência verbal. Amossy (2017) afirma que as táticas mais comuns consistem em atacar a imagem do outro ou do grupo ligado a ele, é nesse critério que se manifestam os papéis desempenhados pelos actantes, em que, o proponente poderá, com o objetivo de desqualificar o outro, utilizar o argumento *ad hominem*, que de acordo com Amossy (2017), é dirigido ao ator social que é colocado na posição de oponente na interação, com a intenção de colocar em dúvida sua competência e reputação. A respeito desse tipo de argumento, Fiorin (2015) destaca:

Esse argumento, em que não se discutem os méritos intrínsecos do ponto

de vista ou da dúvida do oponente, mas se desqualifica o adversário como interlocutor sério, apresentando-o como alguém incompetente, não confiável ou incosequente, recebe o nome latino de *argumentum ad hominem* (= argumento dirigido à pessoa). Essa forma de resposta dirige-se à audiência e não ao oponente. Ela busca silenciá-lo, ao pôr em dúvida sua confiabilidade. Nesse argumento, confrontam-se a pessoa com seus discursos ou atos. (FIORIN, 2015, p.171)

Nesse caso, em que se põe em dúvida a credibilidade da pessoa, há três tipos de variantes, como destaca Fiorin (2015, p.171-172):

1. *o ataque pessoal direto*: dirige-se a qualquer aspecto pessoal do argumentador, como o caráter, a competência, a honorabilidade, pois o objetivo é atingir a ética do oponente, considerando-o desonesto, não íntegro, não digno de confiança.
2. *o ataque pessoal indireto*: coloca-se sob suspeita a imparcialidade do argumentador, pois se apresenta uma característica do oponente, que a princípio, não seria negativa, como filiação política, crença religiosa, etnia etc. Entretanto, mostra-se que se trata de alguém tendencioso, que defende pauta oculta, que tem motivações pessoais, que levam a preconceitos ou visão parcial (questiona-se a equidade do orador).
3. *a apresentação de contradições entre posições do oponente ou entre suas palavras e suas ações*: consiste em apontar contradições entre a posição atual do oponente e pontos de vista sobre o mesmo tema no passado ou entre suas palavras e suas ações.

O ataque à pessoa, em que se atinge a ética do oponente, constitui a principal marca desse tipo de argumento, o que configura uma importante estratégia argumentativa na tentativa de desqualificar o outro, levando em consideração que isso reforça o enfraquecimento dos argumentos apresentados pelo adversário.

INTERTEXTUALIDADES ESTRITAS E AMPLAS

Partindo dos pressupostos de Amossy (2011), para quem todo texto é repleto de argumentatividade, porque utiliza de determinadas estratégias para persuadir e/ou influenciar o outro. Nesse sentido, Cavalcante et al. (2020) defende que as diferentes formas como os textos se repetem entre si, servem como importantes condutores para a projeção dos pontos de vista e suas relações com crenças, valores e posicionamentos.

Partindo dessa concepção, é necessário reconhecer a importância dos recursos da linguagem para o engendramento da argumentatividade, dentre estes recursos, a intertextualidade, que é um recurso que confere criatividade e força argumentativa aos textos, que pode se estabelecer por remissões do léxico, estruturas fonológicas, estruturas sintáticas, gênero, estilo e temática (CARVALHO, 2018). Assumimos, neste trabalho o seguinte conceito para intertextualidade: [...] assumimos a intertextualidade, à luz da Linguística Textual, como fenômeno pontual, dado geralmente por planejamento do enunciador, mas sempre indiciado, tangível, além de comprometido com funções discursivas. (CARVALHO, 2018, p. 20).

Os estudos realizados por Carvalho (2018), propõe uma reorganização com base, no quadro das transtextualidade defino por Genette (2010), sobre os tipos de intertextualidades, centrada na (sub)divisão distinta, mas não excludente, entre intertextualidades estritas e amplas, como definidas no quadro:

Figura 1: Classificação das Intertextualidades Estritas e Amplas



Fonte: Carvalho (2018)

Na proposta definida por Carvalho (2018), as intertextualidades estritas podem ocorrer de duas formas: pela relação de copresença ou derivação, ambas se dão pelo diálogo de textos específicos ou pela presença explícita ou não de um texto em outro.

As relações de copresença, segundo Carvalho (2018), ocorrem quando um texto-fonte se faz presente em outro texto, podendo ocorrer por meio de: Citação (com ou sem referência), Alusão (solicitando maior observação por parte do leitor para perceber a presença do texto-fonte) e a paráfrase (citação indireta). Já as derivações, como o nome sugere, ocorre quando um texto específico serve de base para a criação de outro e pode ocorrer por: Paródia (reescrita do texto com um caráter humorístico ou crítico-apreciativo), transposição (transformação de um texto em outro, como livros em filmes, entre outras possibilidades) e Metatextualidade (um texto surge com o objetivo de comentar outro) (CARVALHO, 2018).

Para as intertextualidades amplas, Carvalho (2018) compreende como um diálogo entre um texto e um conjunto de textos, no qual não é possível retomar um texto-fonte:

Conforme mencionamos, entendemos por intertextualidade ampla o diálogo

tangível entre um texto e um conjunto de textos. Esse tipo de intertextualidade se diferencia constitucionalmente da estrita porque não é possível retomar o texto-fonte a que se recorreu. (CARVALHO, 2018, p.101)

Para Carvalho (2018), as intertextualidades amplas podem ocorrer: pela imitação do estilo do gênero, imitação de estilo do autor e por alusão ampla a textos específicos. Na condição de imitação do estilo do gênero é possível compreender a perspectiva das intertextualidades amplas:

Para essa postulação, assumimos como princípio que, para o processo imitativo, ocorre a abstração de um paradigma de gênero tomado como modelo para um sem-número de outros textos. Há, em nosso entendimento, não a retomada de um texto específico, mas de parâmetros de gêneros constituídos historicamente, o que remete a um conjunto de textos. (CARVALHO, 2018, p. 98-99)

Um texto sempre imita outro no que se refere ao gênero, visto que há determinadas normas para que um texto se enquadre na definição de determinado gênero textual. Contudo, Carvalho (2018) ressalta que a imitação ao estilo do autor sugere o diálogo para além da estrutura textual, ocorrendo entre o individualismo da criação e a marca discursiva e artística de um locutor ou movimento no qual está inserido.

Por fim, o fenômeno da alusão ampla, realiza a menção a um conjunto de textos ou determinada situação compartilhada coletivamente por diversos textos. Dentre as diferenças entre alusão ampla e estrita, a autora pontua:

Opõe-se, evidentemente, à alusão estrita, uma vez que esta se refere à remissão indireta manifestada em modificações formais, no apelo a expressões referenciais ou, ainda, por mencionar título, personagens, nome de autor etc, aponta para uma relação imediata com texto(s) específico(s), ainda que por marcas menos explícitas. (CARVALHO, 2018, p. 107).

Os conceitos apresentados servirão de base para análise dos casos, ressaltando a ocorrência de intertextualidades amplas e estritas de forma simultânea e não excludente, no processo argumentativo para a depreciação do outro no contexto digital.

ANÁLISE DO CORPUS

O Projeto de Lei 580/2007 foi apresentado, originalmente, em 2007 pelo então deputado federal Clodovil (PL-SP), apresentador de televisão e figura pública que morreu em 2009. O texto apresentado por Clodovil permitia que o Código Civil Brasileiro previsse a possibilidade de que duas pessoas do mesmo sexo pudessem constituir uma união homoafetiva, por meio de um contrato em que se tratasse sobre suas relações patrimoniais. Porém, o relator do texto atual, deputado Pastor Eurico (PL-PE), rejeitou

todo o texto original do deputado Clodovil e adotou o que era de autoria do ex-deputado Capitão Assunção (ES). A atual versão do texto, inconstitucional, afirma que “nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo pode equiparar-se ao casamento ou a entidade familiar”.

O texto final que voltou ao debate atual, além de ser inconstitucional, reforçar muitos preconceitos e retrocessos, gerou uma indignação em muitos usuários de diversas redes sociais. Como já esperado, o debate entre pessoas de opiniões divergentes lotou os meios de comunicação de mensagens, principalmente quando figuras públicas se posicionaram sobre o assunto.

No presente trabalho, serão analisados os comentários na publicação realizada pela cantora, baiana, apresentadora e atriz Ivete Sangalo, no seu perfil @ivetesangalo, na rede social Instagram, se posicionando acerca do tema, postagem essa que viralizou em diversas redes sociais e ficou no centro do debate entre os usuários, como apresentado a seguir:

Figura 2: Publicação de @ivetesangalo, no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CyROR5GpSPn/?igsh=ZG9jaTZyOXp3bHU=>

Na figura 2, temos a publicação de carácter opinativo à proposta defendida pelo projeto de lei. O texto central publicado pela cantora, faz alusão ao posicionamento da deputada Erika Hilton, que em seu discurso, proferido no dia da votação do texto na camara dos deputados, afirma que “aceitar ou não o casamento gay deve ser uma escolha apenas de quem foi pedido em casamento”. O comentário feito pelo internauta 1, traz à tona a metatextualidade, pois, possui o objetivo de comentar o texto-fonte de maneira a opinar sobre o mesmo, nesse caso, assumindo o papel de oponente ao que foi defendido pelo proponente @ivetesangalo.

Figura 3: Comentários realizados na publicação do Instagram da cantora Ivete Sangalo.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CyROr5GpSPn/?igsh=ZG9jaTZyOXp3bHU=>

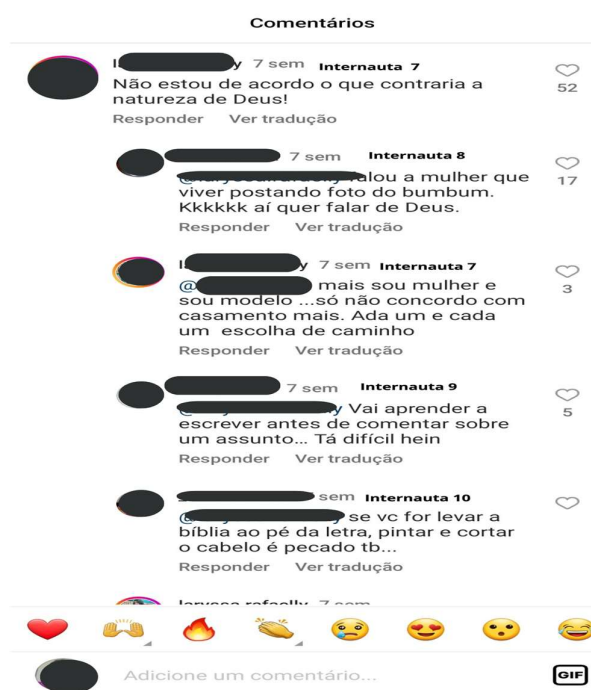
A polêmica surge a partir da imagem postada pela cantora, em que ela defende o casamento gay. A partir disso, surgem diversas opiniões nos comentários que metatextualizam a postagem. É importante destacar que, em concordância com Cavalcante (2017), uma notícia sozinha não atualiza nenhuma dicotomização, pois é na relação intertextual que a polêmica eclode. A dicotomização apresenta dois polos opostos, logo, @ivetesangalo toma o papel de proponente, que norteia o embate, a partir de sua postagem. E assim os actantes vão assumir os papéis sociais, que segundo Amossy (2017), são o de Proponente, Oponente e Terceiro.

O primeiro comentário da figura 3 diz respeito a uma tese contrária à proposta pela postagem, o que caracteriza a pessoa como oponente, a actante então expõe sua tese em seguida, há outros comentários que refutam a ideia antes defendida. O comentário do internauta 5, que é uma resposta ao da internauta 2, caracteriza um *argumento ad hominem*, esse que ocorre na tentativa de deslegitimar o outro, ou seja, o usuário dirige-

se a um aspecto pessoal do argumentador, atacando-o de forma direta e oposta, com o objetivo de alcançar adeptos na interação.

De um lado há um público que apoia a ideia defendida pela cantora e no outro pessoas que discordam completamente. ocorre, nesse ponto a polarização, propriedade que consiste na divisão da sociedade em grupos com ideias divergentes. Nos comentários é possível perceber a tentativa de desqualificar o outro, por meio de ataque ao que foi dito por ele. Nota-se a tentativa de enfraquecer os argumentos do adversário, seja pela negação ou pela ironia, como podemos observar nos comentários dos internautas 3 e 6.

Figura 4: Comentários depreciativos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CyROr5GpSPn/?igsh=ZG9jaTZyOXp3bHU=>

Na Figura 4 observa-se de forma clara, a concepção proposta por Amossy (2017) em que o proponente utiliza de argumentos com a intenção de pôr em dúvida a competência de seu oponente. Há um ataque direto ao outro, no comentário feito pelo

internauta 7 em defesa da religiosidade, e se posicionando de maneira contrária ao texto-fonte em questão.

A figura 4 inicia com um comentário que atende a interação polêmica e deixa claro que se trata de uma tese antagônica. O internauta 8 assume o papel de oponente da ideia anterior e até utiliza um ataque direto ao comportamento e caráter da pessoa do comentário anterior, em seguida o internauta 7 pontua: “mais sou mulher e sou modelo... só não concordo com casamento. Ada um e cada um escolha de caminho”, em oposição à tese defendida por Ivete. Por fim, na sequência, um outro perfil se posiciona e ataca a tese defendida por laryssa.rafaelly e o comentário consiste no ato de desqualificar o outro através do ataque pessoal direto.

Desse modo, há no corpus selecionado a presença da polêmica pública, evidenciadas nas diversas interações de postagens do Instagram. Observa-se que através da intertextualidade e do argumento *ad hominem*, são construídos os argumentos que auxiliam nos posicionamentos dos participantes da polêmica, inseridos em um processo que consiste principalmente em desqualificar o adversário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho preocupou-se em apresentar como a mobilização de processos intertextuais auxilia no processo argumentativo de desqualificação do outro em interações polêmicas. Obtemos aporte teórico, principalmente, nos trabalhos desenvolvidos por Amossy (2017) com base em seus estudos sobre a modalidade polêmica, Cavalcante et al. (2020) para a interface entre TAD e LT e Carvalho (2018) para as intertextualidades estritas e amplas.

Para análise, destacou-se a plataforma digital instagram e a importância do uso de recursos da linguagem, para este trabalho, especificamente, o critério analítico da intertextualidade, no auxílio da instauração da modalidade polêmica. A classificação definida por Carvalho (2018), sustenta a concepção de que a polêmica e a desqualificação do outro encontra suporte na metatextualidade para prosseguir vinculando-se a novas ideias e propagando-se nos ambientes virtuais, com a proposta argumentativa de defender o ponto de vista do locutor.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. Tradução: João Gomes da Silva Neto et al. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução Eduardo Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Coordenação de tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; Tradução: Rosalice Botelho, Walkim Souza Pinto ... [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. “As modalidades argumentativas do discurso”. *In*: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander. (org). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 233-237

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris, Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. –Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, M.M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et alii. **Linguística Textual e Argumentação**. Campinas: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica; PINTO, Rosalice; BRITO, Mariza. Polêmica e argumentação: interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. **Diacrítica**, v. 32, n. 1, p. 5-24, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Souza; PINHEIRO, Clemilton Lopes. **O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória (ES), v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CUSTÓDIO FILHO, V.; CAVALCANTE, M. M. Ponto de Vista em Linguística Textual: Efeitos Argumentativos e Aplicações no Ensino de Língua Portuguesa. **Revista Ensin@ UFMS**, v. 4, n. 8, p. 379-403, 31 dez. 2023.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Tradução: Cibele Braga et al. 2.ed. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

MACEDO, P. S. A. **Análise da argumentação no discurso:** uma perspectiva textual. Tese (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

**SILENCIAMENTO E EFEITOS DE SUCESSO MIDIÁTICO: os dizeres de MC
Pipokinha sobre uma professora**

*SILENCING AND EFFECTS OF MEDIA SUCCESS: MC Pipokinha's words about a
teacher*

Isabella Cristina Morais do Nascimento⁴¹
Thiago Barbosa Soares⁴²
Damião Francisco Boucher⁴³

RESUMO: Este artigo analisa o discurso do sucesso midiático nos dizeres de MC Pipokinha procurando responder como os efeitos de sucesso constituem as relações de força e, por conseguinte, as formações imaginárias sobre o sujeito de sucesso e sobre o professor. Com o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo as noções de relações de força e de formações imaginárias, entre outras de igual valor, busca-se também responder em que medida as projeções do sucesso materializam a luta de classes, bem como a aparente dissolução de uma alta cultura e uma baixa cultura na sociedade contemporânea. Para tal empreendimento, utiliza-se como corpus os dizeres midiáticos, em filigrana, sobre MC Pipokinha a partir de uma resposta dada a um fã em um vídeo no Instagram, veiculado no dia 6 de março. Além disso, o estudo explora o impacto das plataformas digitais e redes sociais na propagação do discurso da MC Pipokinha. Ao final, busca-se refletir sobre o papel da cantora como uma figura pública que não apenas reflete, mas também refrata a projeção das formações imaginárias acerca do sujeito de sucesso.

Palavras-chave: Mídia; Sucesso; Silenciamento; Redes sociais.

Abstract: This article analyzes the discourse of media success in the words of MC Pipokinha, seeking to answer how the effects of success constitute power relations and, consequently, the imaginary formations about the successful subject and the teacher. With the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis, especially the notions of power relations and imaginary formations, among others of equal value, we also seek to answer to what extent the projections of success materialize the class struggle, as well as the apparent dissolution of high culture and low culture in contemporary society. For this undertaking, the media's filigree statements about MC Pipokinha were used as a corpus based on a response given to a fan in a video on Instagram, broadcast on March 6th. Furthermore, the study explores the impact of digital platforms and social networks on the propagation of MC Pipokinha's speech. In the end, we seek to reflect on the role of the singer as a public figure who not only reflects, but also refracts the projection of imaginary formations about the successful subject.

⁴¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: isabella.cristina@mail.uft.edu.br

⁴² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br

⁴³ Possui graduação em Letras, Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Tocantins - UFT; Especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico e Psicologia Analítica Junguiana - Perspectiva Multidisciplinar, ambas pela Faculdade Unyleya (FU), Rio de Janeiro; mestrado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional e; colaborador do projeto de pesquisa intitulado O sucesso midiático como ponte para o sucesso político sob o número de registro 3536 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFT, com o objetivo de descrever e interpretar as diversas manifestações discursivas na interseção do campo político com o midiático. É professor substituto da UFT e membro do Corpo Editorial do Grupo de Estudos de Análise do Discurso (GESTADI), Palmas, Tocantins. E-mail: boucherplace@gmail.com

Keywords: Media; Success; Silencing; Social media.

INTRODUÇÃO

A língua é capaz de refletir as dinâmicas sociais na totalidade. Seu uso possui o poder de causar impactos, especialmente em um contexto tecnológico, digital, uma vez que age na (re)construção dos sentidos, até mesmo remoldando ideias e opiniões. Nas redes sociais – e, por consequência lógica, fora delas –, os sujeitos compartilham suas vozes – tendo ou não embasamento para sustentar seus posicionamentos. Por conseguinte, a internet permite ampliar o alcance e repercussão dos discursos e das ideias/opiniões compartilhadas indiscriminadamente, muitas vezes dificultando o processo de distinção entre discursos com maior ou menor credibilidade por parte dos usuários, que em muitos casos não buscam outras informações ao integrarem as discussões.

Pierre Bourdieu (2006), ao continuar suas pesquisas sobre as classes sociais e como elas se relacionam com as práticas culturais e como elas são governadas, traz compreensão de que os bens culturais apresentam uma economia própria, não apenas financeiramente, mas também socialmente, fundamentada em necessidades culturais, as quais são produtos da educação, ou seja, do nível cultural de uma pessoa, e, posteriormente, em relação à sua origem. Dessa forma, sustenta-se que os gostos e preferências são uma forma de estabelecer uma vinculação social, a saber, as relações de poder, como categoria de dominação, o capital cultural e a interrelação entre essas relações de poder entre as pessoas (BOURDIEU, 2006).

No entanto, ainda segundo o autor, essas diferenças sociais não se sobressaem, uma vez que as heranças sociais são baseadas em títulos de nobreza, estética e gostos, constituindo o que se denomina hábitos que, na perspectiva discursiva, está relacionado ao poder dominante das formações imaginárias, projeções constituídas a partir de discursos circulantes em sociedade, os quais afetam sujeitos e sentidos (ORLANDI, 2015), de modo a assegurar um capital cultural baseado em bens simbólicos e na contínua luta de classes (BOURDIEU, 2006).

Nesse mesmo sentido Segundo Soares (2020, p. 8), ao falar sobre a (não) neutralidade do analista e da própria Análise do Discurso (doravante AD), aquela como uma posição-sujeito e esta como um movimento de verticalização da interpretação,

respectivamente, o gesto de leitura baseado na AD “é, de certa forma, uma ‘recriação’ narrativa cuja representação são os nossos princípios axiológicos ligados às leituras, pesquisas e preferências.” Compreendendo tais narrativas discursivas, o caminho torna-se relativamente fácil para (re)construirmos os processos interativos e midiáticos que ocorrem, bem como as suas influências sobre os sujeitos.

Ao considerar o que foi mencionado sobre as classes sociais, como elas se relacionam com as práticas culturais e como essas práticas são governadas por discursos midiáticos, o discurso do sucesso (SOARES, 2018a) se apresenta como efeitos de sentidos que colocam em jogo as relações de força e de poder em sociedade, renovando, a partir do sucesso midiático como um desejo comercializável e comercializado, a luta de classes na sociedade contemporânea (SOARES, 2018a). Assim, o sucesso midiático, atrelado às redes sociais, está vinculado à praticidade de conectar pessoas com apenas alguns toques na tela de um aparelho. A presença crescente das redes sociais nas interações da sociedade vem causando grandes impactos, uma vez que as redes sociais se baseiam em curtidas, comentários e compartilhamentos instantâneos que influenciam diretamente na relação com o outro.

Esse fator estabelecido nas redes sociais é baseado em trabalhos que agradam ao público, os quais, devido aos fatores desse fenômeno midiático, pode-se atrelar a um processo intrinsecamente conectado ao capitalismo, pois já não há um indivíduo, mas sim uma matéria/objeto do mercado digital.

Depois das matérias-primas e das mercadorias de consumo material, era natural que as técnicas industriais se apoderassem dos sonhos e dos sentimentos humanos: a grande imprensa, o rádio e o cinema os revelam e, por conseguinte, a considerável rentabilidade do sonho, matéria-prima livre e etérea como o vento, que basta formar e uniformizar para que atenda aos arquétipos fundamentais do imaginário (...). Os deuses tinham que ser fabricados um dia, os mitos tinham que se tornar mercadoria. (MORIN, 1989, p. 77).

A rede *Instagram*, a exemplo de quaisquer outras redes sociais digitais, é determinada pelo engajamento. Isso implica que produtores de conteúdo buscarão visibilidade, muitas vezes à revelia de convenções ou possíveis consequências de seus discursos, repercutindo, em muitos casos, de maneira considerada negativa por uma

grande parcela da sociedade. Assim, por conta de as redes sociais influenciarem tanto na vida de grupos sociais, exercem poder e reproduzem ideologias, expressam as crenças e compreensões do mundo.

Segundo Fiorin, (2007, p. 6) “A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim, como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação”. E, em função da praticidade da comunicação instantânea, há uma propagação de informações imediatas, que age significativamente nos processos de significação para chegar até os usuários, influenciados, como breves discursos, muitas vezes mobilizados de modo mercadológico, que conseguem captar a atenção de um ou mais grupos inseridos nas redes.

A sociedade em geral possui uma necessidade de se relacionar com o outro e cada geração é marcada pelo impacto existente em sua época. A denominada “geração X” (nascidos entre 1965 e 1981), por exemplo, vivenciou a internet discada; os avanços tecnológicos ocorridos ao longo das duas últimas décadas, a “geração Z” e “geração Alpha” (pessoas nascidas, em média, entre a segunda metade da década de 1990 até o início do ano 2010; nascidos a partir de 2010, respectivamente) estão sendo marcadas pela praticidade de se conectarem em segundos com a internet móvel e de alta velocidade de transferência de dados (COSTA, 2017). Com os avanços dos meios de comunicação, persistem as práticas de manipulação sobre os sujeitos que ocorriam a partir de mídias analógicas, como o rádio, televisão e cinema, em que as redes sociais, a exemplo de suas antecessoras, buscam (apesar de não deverem) determinar os sujeitos e guiar seus comportamentos.

A busca pela compreensão dos fatos novos, como dos parâmetros algorítmicos das redes sociais e da avaliação dos impactos de sua influência na vida dos usuários é necessária para a compreensão de inúmeros e fundamentais processos sociais. Por essa razão, empreendemos nesta investigação a busca pela compreensão dos sentidos e dos efeitos nos dizeres de uma das celebridades brasileiras atuais, MC Pipokinha, quando divulgou uma declaração acerca dos salários dos professores em relação aos seus shows.

A cantora, no dia 06 de março de 2023, fez uma postagem em sua conta na rede social *Instagram* num momento de interação com os fãs, quando respondeu a uma mensagem acerca de um desentendimento no ambiente escolar. O posicionamento da influencer causou um grande alvoroço na mídia. O site *O Hoje*, no dia 16 de março,

publicou a declaração da MC Pipokinha pedindo desculpas após uma série de shows cancelados.

Nesse sentido, analisa-se o discurso do sucesso midiático nos dizeres de MC Pipokinha procurando responder como os efeitos de sucesso constituem as relações de força e, por consequência, as formações imaginárias acerca do sujeito de sucesso, representante de uma cultura massificada e do professor, símbolo da alta cultura (BOURDIEU, 2006). Com o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo as noções de relações de força e de formações imaginárias, entre outras de igual valor, busca-se também responder em que medida as projeções do sucesso materializam a luta de classes, bem como a aparente dissolução de uma alta cultura a partir da cultura de massa na sociedade contemporânea.

Para tal empreendimento, utiliza-se como corpus os dizeres midiáticos, em filigrana, sobre MC Pipokinha a partir de uma resposta dada a um fã em um vídeo no Instagram, veiculado no dia 6 de março. Ademais, o estudo explora o impacto das plataformas digitais e redes sociais na propagação do discurso da MC Pipokinha. Finalmente, nas considerações finais, busca-se refletir sobre o papel da cantora como uma figura pública que não apenas reflete, mas também refrata a projeção das formações imaginárias acerca do sujeito de sucesso.

APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As condições de produção discursivas se dão na compreensão do lugar social que o sujeito está, dado o seu momento de interação, ou seja, vinculado às interações imediatas – curtidas, comentários, compartilhamentos, sempre com grande destaque para as validações, quer sejam positivas, quer sejam negativas – importando o engajamento e visibilidade. Conforme salienta Pêcheux (1995):

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p.160).

A palavra expressa existe na relação do significante sendo determinada pelos fatores ideológicos no processo social, constitui então uma (re)produção das expressões. Entendemos que o processo discursivo do “sucesso” é dinâmico e constante, uma vez que se altera e atualiza mediante as configurações contextuais nas quais está inserido. O discurso afeta direta e indiretamente nas relações dos sujeitos e na composição dessas relações na sociedade (SOARES, 2018b). Nas redes sociais essas interações partem dos comentários.

Sabe-se que os discursos provocam no outro a planificação da comunicação, ou melhor, a ilusão da objetividade, como se aquilo que fosse dito só pudesse ser enunciado de um jeito e não de outro (ilusão enunciativa) e; a ilusão da originalidade, como se o sujeito enunciator fosse a origem do próprio dizer (PÊCHEUX FUCHS, 1997). Assim como afirma Pêcheux (1997, p. 82), discurso é “efeitos de sentido entre os pontos A e B”, sendo A enunciator e B enunciatário, uma constante tomada de posição enunciativa. Para compreendermos a maneira como o outro se posiciona em um dado discurso é necessário termos em mente os efeitos de sentido em que isso resultará, ainda mais quando se trata dos recursos midiáticos, dentre os quais a internet é um dos menos regulamentados.

Dessa forma, as forças discursivas se constituem a partir das formações imaginárias, projeções de dizeres “que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si e ao outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82, aspas do autor). Entendemos que os mecanismos de produção são vários, assim como sua propagação, não deixemos de nos atentar à afetação dos sentidos a partir dos discursos que se encontram na mídia. Em outras palavras, de acordo com Soares (2022, p. 37), “mais do que divertir e informar, a mídia gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”.

Afetados pelo discurso do sucesso midiático (SOARES, 2018a), deparamo-nos com uma sociedade movida pelo imediatismo e, na era digital, a busca pelo sucesso imediato afeta a cultura de massa de tal forma a projetar o aparente desfalecimento da alta cultura (BOURDIEU, 2006). De acordo com Adorno e Horkheimer (1995, p. 57) “Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear”. Por essa razão, os efeitos da fama e do prestígio interpela o indivíduo em sujeito do sucesso (SOARES, 2018a).

Além disso, o sujeito passa a ser constituído por uma ordem discursiva do sucesso a qual determina aquilo que pode e deve ser dito em dado espaço interativo. Esse conjunto heterogêneo que materializa as formações ideológicas de cada sujeito, isto é, aquilo que cada um pensa saber e aquilo que cada um julga ser verdade, é denominado por Pêcheux (1997) de formações ideológicas. De acordo com Orlandi (2011):

A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. Por outro lado, podemos dizer que o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica. Assim, podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico (ORLANDI, 2011, p. 132).

Ao considerar o trecho acima, sobre a composição de dada formação discursiva, compreender-se que as performances midiáticas partem dos fatores ideológicos que afetam a produção dos sentidos, conforme o nicho social estabelecido, ou seja, o “conteúdo” a ser trabalhado e exposto aos sujeitos que se identificam. Assim, a formação discursiva, no campo interdiscursivo, isto é, no campo das memórias, dos já-ditos, funciona como balizador do dizer, na atualidade, ou melhor, no campo intradiscursivo, no contexto atual da enunciação (ORLANDI, 2015).

Segundo Soares (2017), há uma busca por compreender e descrever os mecanismos acerca de como ocorre o funcionamento do discurso, tendo como foco o discurso do sucesso contemporâneo. Nesse sentido, presenciamos a grande necessidade de estar na mídia, de colocar o sucesso como mecanismo de felicidade/realização, como um objeto de desejo alcançável por todos (SOARES, 2018a). Por esse motivo, os sujeitos se baseiam na construção do sucesso imediato sem a devida preocupação quanto aos efeitos que podem causar.

Dessa perspectiva, acredita-se que os discursos do sucesso midiático podem influenciar a agenda pública, determinando quais tópicos e questões são considerados importantes pelo público. Principalmente, quando dado sujeito de sucesso causa uma perturbação nessas redes ideológicas de natureza heterogênea, as quais sustentam as formações sociais. Logo, como a sociedade é constituída por essas formações ideológicas e, por conseguinte, pelas relações de poder estabelecidas por cada posição, os discursos podem entrar em conflito, causando, por conseguinte, o silêncio local (ORLANDI, 2007).

Sobre o silêncio local, Orlandi (2007, p. 76) o trata como censura e destaca que “poder-se-ia falar do modo como a censura funciona do lado da opressão. Mas isso não tem nenhum mistério: proíbe-se certas palavras para se proibirem certos sentidos”. Assim, o cancelamento pode ser considerado uma censura de dizer, porquanto esta põe cheque o próprio lugar de fala do sujeito enunciador, impedindo-o que prossiga com a produção de sentidos em dado âmbito discursivo. Na próxima seção, examinamos os dizeres de MC Pipokinha que causaram comoção nas redes sociais e, por conseguinte, seu temporário cancelamento.

ANÁLISE: OS DIZERES DE MC PIPOKINHA

No dia 06 de março de 2023, a cantora de funk MC Pipokinha gravou um vídeo, em seu perfil no Instagram, respondendo a uma fã que pediu um conselho para lidar com um desentendimento que teve no ambiente escolar com a professora. A cantora fez um comentário sobre o salário dos professores comparando-o ao que recebe. Bastou isso para causar um grande alvoroço na mídia, promovendo uma série de comentários negativos a respeito da cantora e até cancelamento de shows. A seguir, segue o trecho dos dizeres de MC Pipokinha:

Ser professora tem que amar muito a profissão, porque ouve desaforo dos filhos dos outros, não tem nada pra fazer em casa mesmo, tem que ser professora. E ainda receber o que um professor recebe que é quase nada. Professor é humilhado pra c... só de ser um professor. Meu baile está R\$70 mil: 30 minutinhos no palco, eu ganho R\$70 mil. Ela não ganha nem R\$5 mil sendo professora às vezes. Precisa estudar muito" (VIEIRA, 2023).

O discurso de MC Pipokinha pode influenciar o diálogo em torno da educação e dos desafios enfrentados pelos professores. Indiretamente, tais dizeres propõe-nos uma reflexão acerca da desvalorização educacional e como foi proferido pode influenciar a maneira como a sociedade irá reagir. No caso em questão, a cantora foi duramente criticada nas redes sociais pelo seu posicionamento a respeito dos docentes.

O pronunciamento da cantora gerou uma ação entre os docentes, espalhando nas redes sociais *TikTok* e *Instagram* publicações em prol de exaltar os profissionais da educação, trajetórias e afetos estabelecidos no ambiente de trabalho com os alunos. Após

a comoção nas redes sociais, a cantora se pronunciou e pediu desculpas pela maneira como se posicionou.

Os processos giram em torno do lugar que o sujeito está inserido, a partir de Pêcheux, “Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” (PÊCHEUX, 2011, p. 73). Nesse sentido, os sujeitos são marcados por formações sociais - o posicionamento da cantora causou uma revolta e uma reflexão a classe docente, e sua interdiscursividade nos proporciona ir além, tendo como foco a mídia, seus personagens e a praticidade de lucro baseado em likes.

A fala da MC Pipokinha propõe-nos refletir acerca da discrepância salarial entre as classes no Brasil. Um profissional da educação trabalha em média de 40h a 44h semanais com uma base salarial. Conforme o piso estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC), o salário inicial para o professor da rede pública é de R\$ 3.845,63. Ou seja, uma cantora de funk recebe aproximadamente 16,5 vezes a mais em 30 minutos que um professor da educação básica. O mecanismo da produção do discurso da cantora instiga-nos um desconforto sobre a educação e o seu reconhecimento perante a sociedade.

Nos veículos de comunicação, mesmo constatando a realidade material do que ela profere, isto é, o fato comprovado historicamente sobre a desvalorização do professor, o posicionamento da cantora, ao enunciar “Ela não ganha nem R\$5 mil sendo professora às vezes”, foi declarado como deboche, resultando em um cancelamento imediato no mundo das redes sociais e dos shows. O diálogo interdiscursivo (ORLANDI, 2015) sempre permeia entre os enunciados, agindo diretamente nas produções de sentidos.

Segundo Orlandi (2007, p. 76), “como no discurso o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proíbem-se certas ‘posições’ do sujeito”. Dessa explanação, percebe-se que, se por um lado a censura é uma ferramenta estatal na mão dos governos, por outro lado, o cancelamento, como representação atual das memórias do boicote e a excomunhão⁴⁴, se encontra nas mãos da mídia, colocando-a como “uma reguladora dos

⁴⁴ Esse conceito tem raízes em movimentos sociais anteriores tais como Movimento Antiparthoid na África do Sul, Movimento dos Direitos Civis dos Estados Unidos (BRITTOS; JÚNIOR, 2007)

discursos” (SOARES, 2022, p. 37), como aquela que decide o que pode ser dito de um professor.

A interação midiática e a circulação do discurso do sucesso agem de maneira a influenciar o público. “No enunciado Meu baile está R\$70 mil: 30 minutinhos no palco, eu ganho R\$70 mil. Ela não ganha nem R\$5 mil sendo professora às vezes” conduz a quem ouve tais dizeres, a refletir sobre dois pontos: a) a realidade da precariedade da educação e, talvez menos perceptível; b) os efeitos de sucesso que conduzem a superioridade de sua performance erotizante em detrimento das práticas pedagógicas do professor, a saber, “amar muito a profissão e ouvir desaforo dos filhos do outros”, como a própria MC Pipokinha discursiviza.

Seus dizeres vão de encontro a outra formação ideológica antagônica, a conservadora a qual a mídia também se encontra inserida. Essa formação heterogênea que abarca também o valor do politicamente correto, o prestígio do profissional facilitador, a alta cultura simbolizada na profissão que ainda se confunde com o sacerdócio religioso. Esse embate entre formações ideológicas distintas resultou em um cancelamento, pelo menos momentâneo, dos dizeres de MC Pipokinha, pois a cantora continua seguindo com os shows de funk, enquanto isso a classe da educação continua exercendo 40h semanais e ainda recebendo pouco.

Os efeitos de sentido da sua fala foi considerado uma afronta, um deboche devido a forma como se pronunciou, um tom de voz considerado exaltado e/ou soberbo, tomando um caminho diferente do esperado, mas avaliando o contexto que a cantora está inserido, a forma como seus shows funcionam - que giram em torno da sexualização do corpo feminino e esses fatores influenciam a relevância que o discurso terá, nesse caso, o foco se voltou ao giro capitalista, uma mulher que usa o corpo como meio de trabalho não tem um local de fala acerca de uma profissão considerada de muito vigor e respeito perante a sociedade, como é vista a educação.

Dessas reflexões, compreende-se que reconhecer e valorizar o trabalho dos professores não é apenas uma questão econômica, mas também uma questão social e moral. Conforme dito anteriormente, a educação é responsável por formar sujeitos, a educação gira em torno de uma formação imaginária na qual dizer debochadamente de um professor, é cometer, entre outras coisas, o perjúrio, sacrilégio, calúnia, mesmo que

esses dizeres se baseiam em uma parresía, uma verdade⁴⁵ historicamente constituída na desvalorização da educação, porquanto, na formação imaginária sobre o professor, assentam-se as relações de força.

Ora, são essas relações de força historicamente comprovadas que se encontram atualizadas no enunciado “professor recebe [...] quase nada. Professor é humilhado pra c... só de ser um professor [...]. Na interdiscursividade de um “recebe quase nada, observa-se reverberar a lutas históricas dos Parâmetros Curriculares Nacionais em seu primeiro parágrafo (BRASIL, 2001, p. 14), afirmando que “a busca da qualidade impõe a necessidade de investimentos em diferentes frentes, como a formação inicial e continuada de professores”.

Portanto, o que MC Pipokinha afirma, mesmo de forma debochada, classifica-se como uma parresía, um dizer a verdade que tem consequências. O exercício da parresía, segundo Soares (2021, p. 1), “é mais do que um dizer-a-verdade, é um fazer ético cuja implicação é a conjuração dos efeitos do discurso” que, em muitos casos comprovados na história da humanidade (veja a história de Sócrates vida e morte), pode implicar em morte ou apagamento do sujeito em nossa sociedade, assim como acontece com MC Pipokinha.

Nesse diapasão, são essas relações de força históricas entre o sujeito de sucesso, representante da cultura de massa, e o professor, representante da alta erudição (BOURDIEU, 2006), que causam o embate nos dizeres de MC Pipokinha. No cancelamento do sujeito de sucesso, MC Pipokinha, assenta o trabalho de uma formação discursiva conservadora. Desse modo, as simbologias da alta cultura (BOURDIEU, 2006), ainda sobrepondo aos dizeres de uma representante valorizado pelo capital “eu ganho R\$70 mil”, pelo discurso do sucesso (pela produção da pornografia em palco), vem para valorizar um sujeito desvalorizado, “não ganha nem R\$5 mil”; coloca em embate, na discursivização de MC Pipokinha e na contra resposta das redes sociais, a produção do sensível (dos desejos mais básicos do ser humano) contra a produção do inteligível (a intelectualidade, o subjetivo, provocado pela educação).

⁴⁵ termo grego antigo que significa falar livremente, com franqueza e honestidade, mesmo que isso implique em correr riscos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse percurso analítico, foi possível compreender que o sucesso não é somente simbólico, em tempos digitais, mas também um produto do meio capitalista encadeado por uma série de efeitos de sentidos que afetam sentidos e resultam na forma de como os sujeitos se comportam em sociedade. Assim, o sujeito de sucesso é aquele que pode dizer que ganha R\$70 mil, que até pode afirmar que um professor ganha “quase nada”, mas deve ser feito segundo as regras que a formação discursiva do sucesso midiático impõe, caso contrário, pode sofrer as consequências do desrespeito a uma ordem discursiva historicamente retroalimentada por instituições como a mídia e seus apoiadores. Como ressalta Soares, (2019, p. 33) “o sujeito do sucesso não pode ser mau, ao contrário, precisa ser um sujeito bom para ter seus atributos inflamados pela mídia”.

Dessa perspectiva, compreende-se que falar francamente a uma maioria de sujeitos os quais se encontram sob o efeito de formações imaginárias que projetam a profissão do professor como algo sacro, e desse sujeito fazer objeto de comparações, pode ser altamente perigoso, porquanto quem perpetra essa atitude pode, por vários motivos, ser considerado “sujeito mau”. Nesse sentido, MC Pipokinha é medida não somente por esse dizer franco (SOARES, 2021), mas principalmente por enunciar de uma posição que mesmo tendo uma alta visibilidade midiática, não representa, na sociedade contemporânea, um lugar de fala apropriado para proferir comentários sobre uma questão política.

Ademais, o problema da desvalorização dos professores e o descaso com a educação são temas que não representam a cultura de massa, isto é, as questões puramente mercadológicas de natureza sensível, mas fazem parte de uma problemática de alta complexidade e de caráter inteligível, subjetivo e que, apensar de não parecer relevante em uma sociedade na qual a maioria se encontra afetados pela busca do sucesso como um objeto de desejo simbólico, é por meio da educação que acontece o desenvolvimento de tantos campos do saber, entre eles o da cultura musical.

Desse ponto, entre a indissociabilidade de sujeito, história e da simbologia da linguagem, entende-se que para uma análise discursiva, é crucial reconhecer que a compreensão do discurso vai além do enunciado, envolvendo uma apreciação das dinâmicas mais profundas de relações de força e de poder, identidade, sentido e

significado, reiterando a importância da reflexão crítica sobre a linguagem, sobre a história e também sobre os sujeitos e suas implicações, destacando a necessidade contínua de investigação e interpretação cuidadosa para uma compreensão mais completa e informada do mundo ao nosso redor.

Ao desvendar os mecanismos subjacentes à comunicação humana, revela não apenas a superfície das palavras, mas também as estruturas de poder, as ideologias e as dinâmicas sociais que permeiam nosso discurso. Ao mergulhar nos implícitos, na interdiscursividade (ORLANDI, 2015), somos confrontados com a complexidade das relações de poder e das construções de identidade que moldam nossas interações cotidianas. Nesse sentido, a análise discursiva não é apenas uma ferramenta acadêmica, mas também uma lente crítica através da qual podemos interrogar e desafiar as narrativas dominantes.

As nuances discursivas permitem concluirmos e aprimoramos como uma prática contínua de questionamento e reflexão, em busca de uma reavaliação do comportamento social a partir dos vários contextos. No caso das condições de produção e de emergência do discurso abordado, nota-se como as redes sociais são um mecanismo capaz de afetar os sentidos de sucesso e do próprio sujeito. Ora, como um sujeito de sucesso pode dizer o que diz, isto é, o “dizer franco” sobre um professor e não sofrer as consequências históricas da luta de classe? Como um representante da cultura de massa, do sucesso midiático pode ser bombardeado de críticas ao dizer a verdade sobre o descaso com a profissão de um professor?

As respostas para essas reflexões, encontram-se no ritual discursivo, em uma ordem ideológica que rompe as barreiras do espaço/tempo; que, mesmo pela aparente ilogicidade dos tempos modernos, a qual valoriza o sujeito de sucesso, representação da cultura de massa, com altos salários e o professor, representante da continuidade do desenvolvimento da humanidade com “quase nada”. Nesse ritual discursivo, operam as relações de força, na sociedade, pela lógica do capital e pelo sucesso como um bem altamente valorizado.

Dessa forma, entende-se que o sucesso nos permite visualizar como se dá as percepções da sociedade contemporânea, do qual resume seus valores ao consumismo, uma reformulação das ideologias, uso da língua e voz a partir de um mecanismo tão ágil quanto às tecnologias digitais. A voz, o sucesso são formações sociais que dependem de

produções de poder em grandes ou pequenos feitos, essas produções estão ligadas às práticas de serem vistos.

Nos deparamos com uma sociedade cada vez mais rendida à liquidez, os produtos de sucesso possuem uma grande circulação no contexto digital, se limitando ao reconhecimento instantâneo nas mídias, uma relação de produto/objeto simbólico e capitalista do mundo digital, no qual a difusão do erotismo, do sexo, da violência, ou seja, da “gratificação instantânea” (BOURDIEU, 2006) é altamente rentável, porquanto é um retorno a culturas mais elementares do ser humano.

Diante dessas reflexões, responde-se às questões inicialmente indagadas no começo desse percurso analítico e, talvez, uma das questões mais relevantes, a saber, em que medida as projeções do sucesso materializam a luta de classes, bem como a aparente dissolução de uma alta cultura e uma baixa cultura na sociedade contemporânea? Ora, a partir do exame proposto, percebe-se que existe um efeito de verdade subterrânea na qual a educação não vale a pena; na qual a erudição, a intelectualidade, o incremento do conhecimento científico, apesar de contribuir para uma sociedade mais próspera, não rende “R\$ 70 mil”, em “30 minutinhos”, como rende uma rebolada e uma simulação de sexo explícito em cima do palco.

E mesmo que essa realidade, referencial, material e historicamente comprovada, seja silenciada (ORLANDI, 2007) por formações ideológicas que insistem em afirmar que houve uma dissolução entre “baixa cultura” e “alta cultura”, o que se apresenta é um fortalecimento, uma massificação de uma (baixa cultura) em detrimento da outra (alta cultura), projetando efeitos dessa dissolução, porquanto os valores sociais contemporâneos ainda continuam reproduzindo a contínua luta de classes. Assim, essa aparente dissolução é o trabalho do discurso do sucesso que se apresenta entrelaçado no discurso meritocrático para reforçar que é possível o sujeito da “classe baixa” atingir a “classe alta”, o espaço da fama e do prestígio.

Por essa razão, se antes víamos a valorização de Moser, de Beethoven, das sinfonias e das grandes campanhas teatrais como símbolo do desejo de uma sociedade ávida pela posição de alto prestígio, e do professor como uma posição de respeito, hoje, o sucesso se desponta como um objeto de dominação das massas, passa a ser a busca incansável dos desavisados imediatistas. O sucesso como um objeto simbólico da superestrutura desejado pela infraestrutura (SOARES, 2018a), representa o produto,

sobretudo, do desejo de uma cultura do sensível e do imediato, fazendo com que, aparentemente, a educação caia de preço “no mercado financeiro das massas”, uma vez que, em contraposição com o imediato, leva-se tempo para alcançar o tão almejado sucesso.

A partir dessa reflexão, chega-se a conclusão que, se para Bourdieu (2006) a divisão entre alta e baixa cultura é uma forma de dominação simbólica exercida pelas classes dominantes e que, ao impor seus próprios padrões de gosto e legitimar sua cultura como superior, as elites reforçam as desigualdades sociais e marginalizam as culturas populares, para Soares (2018a), no mundo contemporâneo, o sucesso é um produto que se encontra sob o domínio dessas elites que procura, por meio dos discursos midiáticos, perpetuar sua relação hegemônica pela valorização do consumo cultural na qual a sensualidade e a vulgarização do sexo está em voga e pelo silenciamento (ORLANDI, 2007) da desvalorização da educação, ao ponto de cancelar qualquer pessoa que ouse sequer mencionar o óbvio: “Professor é humilhado pra c... só de ser um professor”.

Por fim, acredita-se na continuidade dos estudos sobre os efeitos do sucesso midiático como um avanço relevante para a compreensão do funcionamento dos discursos midiáticos e, conseqüentemente, o desenvolvimento das teorias do campo discursivo, uma vez que esses, apresentam-se como discursos de uma classe dominante a qual reproduz os dizeres sobre o sucesso, sendo esse um catalisador de sujeitos, atuando também como gerador de ressignificações no campo semântico-discursivo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2 ed., Editora Zouk: Porto Alegre, 2006.
- MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3.ed. Brasília; MEC. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- BRITTOS, Valério Cruz; JÚNIOR, Ary Nelson da Silva. Mobilização social e o poder do boicote. **Observatório da Imprensa**, 2007. Disponível em:

https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/mobilizacao_social_e_o_poder_do_boicote/. Acesso em 31 mar. 2024.

COSTA, Anette Maria Correia da. **O trabalhador de escritório e as TICs: percepções das mudanças no cotidiano do trabalho**. 2017. 199 f.: il. color. ; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2017.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: Ou como o país se deixa manipular pela elite**. Editora Leya, 2015.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

VIEIRA, Victória. MC Pipokinha pede desculpas após declarações sobre professores: 'Em nenhum momento eu quis ofender'. **O HOJE. COM**. 16 de mar. 2023. Acesso em 1º maio de 2023. Disponível em: <https://ohoje.com/noticia/celebridades/n/1485265/t/mc-pipokinha-pede-desculpas-apos-declaracoes-sobre-professores/>

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, François; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**: organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, François; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**: organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discurso contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (orgs.) **Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso linguístico: Conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa. **Composição discursiva do sucesso: efeitos materiais no uso da língua**. / Thiago Barbosa Soares. – Brasília: EDUFT, 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. Um caso de parresía: a coragem no discurso e seus efeitos. **Alfa:** Revista de Linguística (São José do Rio Preto), v. 65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e12419> Acesso em: 30 mar. 2024.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo:** heterogeneidades epistemológicas aplicadas, Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do sucesso: a produção de sujeitos e sentido do sucesso no Brasil contemporâneo.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 285p.

MUÃ, KA'A IARY E KA'A: lendas etiológicas de resgate da identidade indígena paraguaia

MUÃ, KA'A IARY AND KA'A: etiological legends of rescue of indigenous Paraguayan identity

Heloísa Reis Curvelo⁴⁶
Carol Silva dos Santos⁴⁷
Isabel Abreu Guimarães⁴⁸
Luana Carneiro Fortes⁴⁹

RESUMO: Durante os séculos em que a América do Norte, Sul e Central estiveram sob o domínio dos europeus, como Espanha e Portugal, as etnias originárias, e tudo o que as envolvem, estiveram subjugadas, dominadas pelos povos europeus. Contudo, o Império espanhol não conseguiu suplantar completamente os Impérios Inca, Maia e Asteca, que resistiram às intempéries do tempo, da dominação, da miscigenação inevitável. Seus saberes permaneceram, principalmente os que resgatam e memorizam as relações desses povos com a natureza, dessa forma, as narrativas etiológicas, isto é, as lendas, mitos e relatos dos povos originários que mostram as causas, motivos, razões, fundamentos, e bases da existência de algum elemento de suas culturas, servem como documentação oral que nos atestam e justificam a existência de qualquer elemento antropocultural ou natural. Dito isso, nos propomos a mostrar como, nas lendas etiológicas paraguaias (argentinas/brasileiras) *Muã*, *Ka'a* e *Ka'a Iary*, explicam a existência do politeísmo/sincretismo religioso (Caipora, Tupã), os elementos da fauna (vagalume), da flora (erva mate) e de aspectos antropoculturais dos povos originários com os Guaranis que habitavam essas bandas de cá. Para desenvolver nossa pesquisa de cunho bibliográfica e qualitativa, fundamentamo-la nos estudos de Montesino (2019), Campbell (1949, 1991), Eliade (1972), Bayard (2002), Thompson (1992), entre outros que tratam das literaturas dos Povos originários da América Latina. Os resultados preliminares obtidos a partir da análise dos elementos etiológicos das referidas lendas, nos mostram que a cosmovisão das etnias originárias era distinta da nossa, pois além de serem profundos conhecedores da natureza, a respeitavam, pois se achavam como parte integrante dela.

Palavras-chave: Narrativas etiológicas; Literatura indígena paraguaia; Mito; *Muã*, *Ka'a Iary* e *Ka'a*.

ABSTRACT: During the centuries in which North, South and Central America were under the rule of Europeans, such as Spain and Portugal, the original ethnicities, and everything that surrounds them, were subjugated, dominated by European peoples. However, the Spanish Empire was unable to completely supplant the Inca, Mayan and Aztec Empires, which resisted the ravages of time, domination and inevitable miscegenation. Their knowledge remained, especially those that rescue and memorize the relationships of these peoples with nature, in this way, the etiological narratives, that is, the legends, myths and reports of the original peoples that show the causes, reasons, foundations, and bases of the existence of some element of their cultures, serve as oral documentation that attests to and justifies the existence of any anthropocultural or natural element. That said, we propose to show how, in the Paraguayan (Argentine/Brazilian) etiological legends *Muã*, *Ka'a* and *Ka'a Iary*, explain the existence of polytheism/religious syncretism (Caipora, Tupã), the elements of fauna (vagalume), flora (yerba mate) and

⁴⁶ Heloísa Reis Curvelo é doutora, mestre e especialista em Linguística, Professora de Língua e literatura espanhola, do Curso de Letras/Espanhol, Campus Dom Delgado/UFMA, Professora Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado acadêmico, Campus Bacabal/UFMA, Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Toponímia Maranhense. Tem desenvolvido/orientado pesquisas em iniciação científica, Lexicologia, Toponômica, Língua e Literaturas de expressão espanhola, Metodologias Ativas de aprendizagem, Andragogia e de práticas pedagógicas que envolvem gamificação. E-mail: hrc.matos@ufma.br

⁴⁷ Carol Silva dos Santos é acadêmica do 9º período do curso de Letras/Espanhol, na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: carol.santos@discente.ufma.br

⁴⁸ Isabel Abreu Guimarães é acadêmica do 9º período do curso de Letras/Espanhol, na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: isabel.guimaraes@discente.ufma.br

⁴⁹ Luana Carneiro Fortes é acadêmica do 10º período do curso de Letras/Espanhol, na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: fortes.luana@discente.ufma.br

anthropocultural aspects of the original peoples with the Guaranis who inhabited these parts here. To develop our bibliographic and qualitative research, we based it on studies by Montesino (2019), Campbell (1949, 1991), Eliade (1972), Bayard (2002), Thompson (1992), among others that deal with the literature of Peoples originating from Latin America. The preliminary results obtained from the analysis of the etiological elements of the aforementioned legends show us that the worldview of the original ethnicities was different from ours, as in addition to being in-depth knowledge of nature, they respected it, as they considered themselves an integral part of it.

Keywords: Etiological narratives; Paraguayan Indigenous Literature; Myth; Muã, Ka'a Iary and Ka'a.

1. INTRODUÇÃO

Como já citado, o principal objetivo deste estudo é verificar como as lendas etiológicas são importantes para o resgate da identidade de povos originários, nesse caso em específico, os indígenas paraguaios. *Muã, Ka'a Iary e Ka'a*, lendas que serão analisadas posteriormente, pertencem ao livro intitulado como *Leyendas y creencias populares del Paraguay*, de Jorge Montesino (2019). Adiante, Montesino, transcritor da quinta edição dessa obra, deixa claro que ela foi revisada, ampliada e corrigida, isso se deu com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, fez um ordenamento dos relatos, correção de erros que tinham nas edições anteriores, além de ter acrescentado mais informações do presente século que facilitam a leitura e interpretação, sobretudo de leitores não fluente em guarani.

O livro tem um compilado de 30 lendas, nelas são retratados algumas temáticas relacionadas ao surgimento de elementos referente à natureza, cultura popular/indígena e religião, mais precisamente à religião Católica, devido a sua imposição dos jesuítas a fim de catequizar povos originários, porém em todas as lendas há um cuidado para respeitar o politeísmo típico dos povos originários. Então, em todas as narrativas etiológicas esses serão os temas pertinentes retratados nelas, haverá sempre elementos fantásticos, folclóricos, de espiritualidade e, acima de tudo, a preservação da imagem do indígena, pois nas edições anteriores tinha-se a imagem de um índio europeu.

Os povos indígenas sofreram uma tentativa de apagamento de suas características originais, isso ocorreu porque durante um longo prazo a América do Norte, Sul e Central estiveram sob o domínio dos europeus, como Espanha (1492) e Portugal (1500), com isso etnias originárias foram subjugadas, como Incas, Maias e Astecas. Logo, as lendas funcionam como um resgate de um povo que sofreu por muito tempo nas mãos

dos europeus, não é só um mero mito, mas um símbolo de resistência e memorização de saberes e relação com a natureza.

Dito isso, é válido ressaltar a importância das lendas não só para povos originários, mas para pesquisadores, estudantes e a todos que desejam conhecer mais sobre essas histórias que muitas vezes serviam até para colocar crianças para dormir ou em rodas de conversa familiar de pessoas que não tinham descendência indígena.

Por último, nos tópicos seguintes deste trabalho será discutido acerca dos procedimentos metodológicos, em seguida, sobre as lendas etiológicas, suas definições e reflexões e a análise detalhada das lendas *Muã*, *Ka'a Iary* e *Ka'a*.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, utilizamos os estudos desenvolvidos por Montesino (2019), Eliade (1972), Thompson (1992), Campbell (1949, 1991), Bayard (2002) que se dedicam a mostrar a importância dos mitos/lendas como instrumento de perpetuação de identidade para um povo, que inicialmente circulavam apenas por vias orais. O trabalho também assume um caráter qualitativo porque busca compreender, por meio da interpretação e análise do material supracitado, como a etiologia contribuiu para formar a imagem que se tem dos indígenas da região.

Sendo uma pesquisa de natureza básica, os resultados obtidos contribuirão para o avanço e valorização da etiologia, as verdades e valores universais encontrados em nossos objetos de estudo servem de mecanismo de constatação. As lendas foram analisadas panoramicamente à luz dos teóricos que suportam esse trabalho e o que se constata é que elas ajudaram a formar e hoje contribuem para manter os princípios de um povo.

3. LENDAS ETIOLÓGICAS

Lendas etiológicas são narrativas que tratam da mitologia dos povos originários, transmitidas de forma oral, de geração em geração, elas têm o intuito de explicar acerca do surgimento de algo, por exemplo, objetos, elementos da fauna e flora, fenômenos da natureza, da espiritualidade, entre outros.

De acordo com Eliade (1972), a palavra “mito” pode se referir tanto a algo ilusório, como uma ficção ou fábula, quanto pode remeter-se a algo de tradição sagrada.

No contexto dos mitos etiológicos, eles assumem um aspecto sagrado, pois é algo que os indígenas carregam no peito como verdade, como algo que deve ser respeitado e que é primordial para o seu povo. Ainda conforme o autor:

“Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente.” (Eliade, 1972, p. 9).

Partindo desse raciocínio, é possível compreender que um mito tem a função de contar como algo surgiu, há a presença de figuras sobrenaturais, que estão fora do mundo natural e real, que agem de alguma maneira para criar e fundamentar alguma coisa, como poderá ser visto ao decorrer deste trabalho.

A princípio, alguns podem pensar que tais mitos não têm importância, porém, deve-se levar em consideração que, por meio delas, a identidade dos impérios originários permanece viva, afinal, sempre foi desejo de alguns outros impérios (como Espanha e Portugal) dominarem as etnias originárias, como resultado disso houve uma modificação das características e costumes indígenas os transformando em “brancos europeus” inclusive nas edições anteriores da obra *Leyendas y creencias populares del Paraguay*, no prólogo de seu livro, Montesino (2019, p. 8) discute essa questão e afirma:

“En los relatos indígenas se ha tratado de que la imagen del indio sea real, quitando de las historias, por ejemplo, los templos suntuosos, las vestales, las doncellas, la belleza asociada a la piel blanca, las túnicas extravagantes y los vestidos maravillosos, elementos todos inexistentes en la cultura de los grupos indígenas de nuestra región, propios de palacios y reyes europeos, pero no de las comunidades originarias del Paraguay.”⁵⁰

Sendo assim, tendo em vista que eles são uma forma de valorizar a existência de um povo, são de extrema relevância para as pessoas em geral, pois como dito por

⁵⁰ “Nos relatos indígenas se tratou de que a imagem do índio seja real, tirando das histórias, por exemplo os templos luxuosos, as vestes, as donzelas, a beleza associada à pele branca, as túnicas extravagantes e os vestidos maravilhosos, elementos todos inexistentes na cultura dos grupos indígenas de nossa região, próprios de palácios e reis europeus, mas não das comunidades originárias do Paraguai” (Tradução das autoras)

Campbell (1991), o mito contribui em colocar na mente do ser humano a experiência de estar vivo.

De um modo geral, por meio dos mitos pode-se construir conexões entre os povos originários, e, entre eles e os demais povos, possibilitando um senso de responsabilidade para manter a identidade dessas etnias. Campbell (1949), em sua obra *O herói de mil faces*, discute sobre a importância e função das mitologias para a sociedade: “E sua função conhecida consiste em servir como poderosa linguagem pictorial para fins de comunicação da sabedoria tradicional. Isso já se aplica, inclusive, às chamadas mitologias folclóricas primitivas.”

Campbell (1949) também atesta que os mitos criados pelos homens têm florescido e são instrumentos para que a inspiração de todos os produtos possíveis se mantenha viva, ou seja, embora o tempo passe, as histórias míticas seguem vivas, servindo de combustível para inspirar a criação de novas coisas, seguindo o viés de quem criou o mito, seja uma pessoa específica ou uma comunidade como um todo, ainda Bayard (2002, p. 8) fala que as lendas são até mais verídicas que as histórias, pois nas lendas têm um “sentimento, romance” enquanto na história são somente fatos reais.

“A lenda, mais verdadeira do que a história, é um precioso documento: ela exala a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez cronológica de fatos consignados; desta forma, o romance é a sobrevivência das lendas.”

Vale pontuar ainda que algumas das características de um mito etiológico (ou lenda etiológica) são: explicar um fenômeno natural; os acontecimentos sucedem-se em lugares desconhecidos; há narração anônima de como determinado povo compreende a criação de algo; eventos fantásticos; presença da natureza; apresentar uma moral.

Cabe dizer que essas particularidades são gerais, pode ocorrer de uma ou outra lenda não apresentarem todas as características expostas aqui. Sendo assim, abaixo serão apresentadas algumas lendas etiológicas que contribuem com o resgate da identidade indígena paraguaia.

4. MUÃ, KA'A IARY e KA'A: LENDAS ETIOLÓGICAS DE RESGATE DA IDENTIDADE INDÍGENA PARAGUAIA

4.1 LENDA DE MUÃ

A lenda de *Muã*, pertencente a obra “*Leyendas y Creencias populares del Paraguay*”, de Montesinos (2019), é uma narrativa curta, de apenas quatro páginas e de fácil compreensão. no final da narrativa, o autor apresenta informações complementares para auxiliar no entendimento da história, além de trazer dados e outras versões da referida lenda.

Em resumo, a lenda começa com a narrativa de que algumas mulheres estavam trabalhando à beira de um riacho, chamado Mbokaja, eram mulheres felizes, embora tivessem sofrido algumas frustrações durante a vida. Bonichua, que é descrita como uma mulher velha, feia e desdentada, estava observando as lavadeiras, começaram a conversar e compartilhar suas histórias de como faziam para atrair o amor por meio de roupas ou alimentos.

Concomitantemente a isso, havia um homem muito bonito, conhecido como Asukape, que estava arrastando um cervo e foi ao rio para limpar manchas de sangue adquiridas ao capturar o animal. Asukape sempre carregava um talismã no pescoço, feito com uma pedra extraída das minas de Yuty. Por ser um homem muito atraente, ele chamava a atenção de Bonichua, que sempre tentava atraí-lo com suas artimanhas mágicas, mas sempre falhava de forma surpreendente. A realidade é que o motivo de suas falhas recorrentes era porque Asukape era extremamente cuidadoso e sempre estava com o seu talismã, no qual carregava como se o objeto fosse um amuleto de proteção contra as coisas ruins que o cercavam.

Asukape tinha uma mulher, Avatiky, caracterizada como jovem e bonita, ele a advertiu para que não caminhasse sozinha, justamente por conta da bruxa, mas Bonichua a viu enquanto ela estava sentada em uma pedra, a bruxa conseguiu enganar a jovem e arrastá-la para sua caverna, Avatiky a insultou e teve o seu braço cortado, foi esquartejada e teve os pedaços do seu corpos enrolados em um pano, que posteriormente foram jogados em uma colina e magicamente se transformam em pequenas luzes que se moviam com vida própria. As tais luzes se puseram entre a velha e suas tentativas de conquistar Asukape e, por isso, todas as noites, Bonichua perseguia as luzes para destruí-las, mas não obtém sucesso.

Os pequenos animais luminosos e voadores, denominados de *muã* pelos povos originários, se transformaram na luz do amor de Asukape e Avatiky que jamais poderia ser apagada, mesmo com todas as tentativas de Bonichua. Por meio de uma

análise assertiva, nota-se que a temática dessa lenda é o surgimento do *muã*, conhecido popularmente como “vagalumes”. Além disso, ela atende as características de um mito etiológico, haja vista que narra um evento fantástico, que é a criação de um animal por meio da morte de uma pessoa e há também o surgimento de um elemento da natureza, o vagalume.

Outra característica é que se observa a presença da natureza, pois a história se passa em um riacho e em uma caverna. Por último, a lenda de *muã* tem uma das grandes particularidades de um mito etiológico, que é o fato de existir uma moral, nesse caso, a narrativa traz a reflexão moral de que nenhuma circunstância ou qualquer investida pode apagar a luz de um amor verdadeiro. Eliade (1972, p. 9) afirma que:

Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje.

Dessa maneira, o que ocorre na lenda de *Muã* é exatamente o que Eliade (1972) descreve acima, há uma atividade criadora (surgimento do vagalume) de forma sobrenatural (a partir dos pedaços de um ser humano), ademais, isso acontece de forma dramática e fora do que é considerado normal e natural.

4.2 LENDA DE *KA’A*

A lenda de *Ka’a* se encontra na obra “*Leyendas y Creencias populares del Paraguay*”, organizada por Montesinos (Op. cit.) e é mais uma narrativa que busca explicar o surgimento da erva-mate. Em países como Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia há registros de lendas que justificam a importância que a referida erva possui; grupos guaranis se estendem por esses países, por isso há alguns relatos semelhantes para mostrar como surgiu essa planta tão valorizada atualmente.

A narrativa começa quando uma índia muito bonita passeia pelas terras do seu povo e se depara com um grupo de guerreiros, eles estavam a procura de aparatos para confeccionarem uma oferenda para o seu deus *Ñanderuvusu*, o chefe do grupo, um guerreiro mbya, logo chamou a atenção da moça que rapidamente se apaixonou; ela começou a pensar no que faria para conquistar seu amor, descobriu que ele pertencia a uma tribo que não tolerava casamentos impuros, apenas pessoas da mesma tribo poderiam

se casar, isso a entristeceu mas não a impediu de ir atrás do guerreiro e contar-lhe o que estava sentindo.

Mesmo sabendo das proibições, a moça vai atrás do jovem altivo para revelar sua paixão, quando estavam para partir, ela finalmente o encontra e enfim expõe os seus sentimentos; o rapaz também a ama, nunca havia experimentado sentimento igual, mas a dúvida surge em sua mente. Fora educado por muito tempo para cumprir os deveres com o seu povo, de um lado está sua atração e do outro está a sua missão e o seu propósito; deixando a responsabilidade falar mais alto, ela mata a jovem e volta para a sua tribo.

Depois de muitos anos, ao passar pela localidade onde havia assassinado a jovem índia, ele se depara com uma planta de coloração verde que muito lhe apetece, atraído pelas folhas, começa a mastigá-las e se surpreende ao sentir nada mais nada menos que o gosto da vida em sua boca. Enquanto comia, lembrava-se do amor que matara anos atrás, concluiu que havia experimentado a reencarnação de sua amada porque, depois de ter matado Ka'a, somente ali se sentiu revigorado; era como se estivesse diante dela.

Para entendermos essa lenda como uma narrativa etiológica precisamos considerar alguns fatores. A estrutura desse gênero apresenta aspectos como: tópico, personagens, tempo, visão de mundo, lugar e finalidade; agora veremos como eles se apresentam em *Ka'a*. O tópico diz respeito ao tema que é exposto, na lenda analisada se refere ao surgimento da erva-mate, planta muito conhecido por conter ricas propriedades medicinais; os personagens também estão presentes, vemos os guerreiros e dentre eles se destaca o líder mbya, que era um jovem forte e altivo, a índia Ka'a que origina a erva e o seu pai, cacique da tribo em cujas terras os jovens procuravam os aparatos para as oferendas.

O tempo na história não fica bem definido, esse contexto indígena leva a mente do leitor a viajar por muitos anos no passado, mas a falta de precisão desse aspecto em nada prejudica a compreensão da narrativa. O lugar fica muito claro ao longo do texto, trata-se de uma floresta, considerando o enredo e os personagens, não poderia ser diferente, as lendas etiológicas abordam a questão da natureza para, de certa forma, elevá-la, mostrando belezas, mistérios e encantos.

A finalidade da lenda é mostrar de que forma mística a erva-mate surgiu e justificar a sua relevância com base nos mistérios da natureza. Hoje sabemos que o chá que é feito dessa planta é muito valorizado, acredita-se que possua capacidades

revigorantes e medicinais, promovendo o bem-estar daqueles que o ingerem; quando olhamos para história, ka'a poderia ser para o guerreiro a representação do vigor e do bem-estar mas ele preferiu matá-la e voltar para seu povo, alma da índia reencarnou em forma de planta e agora fornece vigor para todos os que se dispõem a consumi-la.

No último aspecto - visão de mundo - encontramos a moral da história. A história da índia e do guerreiro mbya fornece profundas reflexões; na narrativa, vemos que o homem era apaixonado por Ka'a, mas também era ligado ao seu dever e ao seu compromisso com a tribo, ele foi educado para cumprir suas missões e sua existência se resumia a isso, quando o amor surgiu, ele viu uma nova perspectiva na vida e a oportunidade de viver coisas diferentes mas a ligação com as suas responsabilidades sufocou o novo sentimento.

Em vez de entregar-se ao que acabara de descobrir, escolheu priorizar os seus deveres; ao matar Ka'a ele matou também a chance de viver um amor pleno, exterminou a oportunidade de trilhar o caminho da paixão, decretou para a sua vida a sentença das obrigações. Ele poderia simplesmente ter negado o amor dela e voltado para o seu povo, mas preferiu assassiná-la; sabia que enquanto ela estivesse viva, seus deveres estariam ameaçados pois constantemente seria tentado a vê-la e a ela se entregar, preferiu cortar o mal pela raiz.

A dualidade apresentada na lenda não se distancia muito das reflexões tecidas em nossos dias. O querer e o dever continuam sendo dois opostos que frequentemente levam os indivíduos a se encontrarem dentro de conflitos internos. Por um lado tem aquilo que a pessoa quer fazer, seu objeto de desejo, sua realização e plenitude, por outro, existe a sua obrigação, o seu compromisso e a sua responsabilidade. Enquanto uns se reprimem e optam pelas obrigações, outros se “rebelam” e seguem as suas vontades.

4.3 LENDA DE KA'A IARY

Na ordem do compilado de trinta lendas, a de *Ka'a Iary: La protectora de yerba mate y de los montes* é a terceira, possui uma escrita de fácil entendimento e com uma narrativa pequena com apenas seis páginas, porém muito cativante e fantástica, sobretudo com as aparições e menções religiosas, animais e seres sobrenaturais.

Em síntese, *Ka'a Iary* conta a história de mineiros que colhem erva-mate, ao final de um dia de trabalho esgotante se reúnem para conversar e, conseqüentemente,

contar histórias e lendas de seus antepassados. Há dois trabalhadores que chegaram recentemente para trabalhar na colheita e escutam de longe todas as histórias dos veteranos, são Julio e Taní, então resolvem pôr a prova e verificar se essas lendas contadas oralmente nessas rodas de conversas são verdadeiras, esse teste só poderia ser executado no período de semana santa, então esperaram até essa data para fazer o teste.

Embora Taní não saiba que Júlio também fez o mesmo teste que ele, desconfia, ambos separadamente vão à igreja à noite e juram lealdade à fada do bosque e protetora das ervas, a *Ka'a Iary*, depois disso Taní vai à plantação de erva e deixa um papel com seu nome e data, e Julio fez o mesmo, Taní retorna no domingo à plantação e busca o papel que deixou, nesse momento ocorre sua primeira prova, um tigre surge diante dele com a intenção de atacá-lo, mas também surge uma serpente e ataca o tigre, depois desses animais também surgem macacos, escorpiões e papagaios, Taní permanece firme e com fé diante de toda essa prova de fogo que acontece em sua frente, com isso, de repente toda a luta entre os animais para e surge a *Ka'a Iary*, essa aparição demonstra que Taní venceu a prova de fogo e que a partir daquele momento terá a proteção e, sobretudo, a ajuda na colheita de *Ka'a Iary*, mas Taní deve total fidelidade à Fada e jamais poderá se envolver com outra "mulher", Julio sofreu a mesma prova de fogo, mas infelizmente não foi aprovado, pois não teve fé e ficou com medo, a consequência disso foi sua morte, Taní encontrou seu corpo e chorou a morte do amigo.

Adiante, os parágrafos seguintes deste tópico analisará elementos dessa lenda que são traços típicos das narrativas etiológicas, por conseguinte, como já supracitado, as narrativas etiológicas têm características próprias, uma delas é a tradição de serem repassadas oralmente, o que é possível perceber no início da história:

“Ahora es hora de cuentos en la rueda que forman los hombres. En la oscuridad rojiza los mineros se transforman en voces que se van alternando en el relato. Historias de malavisión, de pombéro, de póras, fantásticos relatos que mueven la adrenalina de los mineros (Montesino, 2019, p. 37)”⁵¹.

Thompson (1992, p. 17) atesta sobre a importância da comunicação oral para o resgate da memória de um determinado grupo:

⁵¹ “Agora é hora de contos na roda que formam os homens. Na escuridão avermelhada os mineiros transformam-se em vozes que se vão alternando no relato. Histórias de má visão, de pombéro, de pórticos, fantásticos relatos que movem a adrenalina dos mineiros.” (tradução das autoras)

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Por muito tempo essa tradição foi uma arma contra as tentativas de apagamento que esses povos sofreram, ou seja, repassando histórias oralmente em rodas de conversa de geração para geração manteria viva a memória de um povo que tinha seus próprios costumes e crenças, indo na contramão dos escritos europeus sobre eles.

Adiante, a prova de fogo que é o momento que a fé dos mineiros é colocada em teste é outro elemento comum das lendas, pois aparecem várias espécies de animais e a aparição principal da narrativa que é a da protetora do bosque a *Ka'a Iary*, além do cenário que ocorre essa prova ser a plantação de erva-mate. Após Taní vencer a prova de fogo, chega a recompensa.

Los animales han desaparecido. La joven lo mira con tranquilidad. Taní se levanta y quiere ir hacia ella pero ella lo detiene con su voz: “No te acerques, tu sinceridad me ha traído hasta aquí y aquí estoy para protegerte. Celebro que estés junto a mí y desde ahora estaré a tu lado. Hay una sola condición que deberás cumplir y segurarme ya sabes cuál es... (Montesino, 2019, p. 40)⁵².

Percebemos que há a junção da fauna, flora, elementos sobrenaturais ligados à fé e a crença popular dos indígenas para explicar sobre o respeito e lealdade à uma plantação de uma erva com muito significado histórico para um povo originário.

Além disso, há também a representatividade da religião, porém, mesclada, uma vez que aparecem credences de um determinado povo, nesse caso de uma protetora da plantação de erva e a ocasião específica para que ela apareça, a semana santa que é uma tradição da religião cristã/católica. Diante disso, pode-se perceber que isso é resultado de uma doutrinação que esses povos sofreram por parte da igreja católica, embora tenham absorvido particularidades dessa religião não deixaram de lado suas próprias crenças, mas sim juntaram as duas, como é o exemplo observado nessa lenda.

Ainda sobre a representatividade da religião, tem a relação fé/medo simbolizado nos personagens Julio e Taní, a diferença de reações de um para o outro é crucial para o desenrolar da história, enquanto Taní tem uma fé e coragem exemplar, Julio

⁵² “Os animais desapareceram. A jovem o olha com tranquilidade. Taní se levanta e quer ir até ela, mas ela o detém com sua voz: “Não se aproxime, sua sinceridade me trouxe até aqui e aqui estou para te proteger. Eu estou feliz que você está ao meu lado e de agora em diante eu vou estar ao seu lado. Há apenas uma condição que você deve cumprir e me garantir você sabe qual é...”

mostra-se inseguro e com medo resultando em sua morte, essa diferença de reações dos dois mostra a importância da fé e coragem para obter uma proteção sobrenatural. “La protectora del monte, Ka’ a Iary no perdona las ofensas. Taní siempre lo supo y vivió cada uno de sus días enmarcados en el respeto y la fidelidad. Ka’ a Iary siempre lo protegió.” (Montesino, 2019, p. 42)⁵³

A morte é consequência direta para aqueles que não tem fé e sentem medo, além disso mostra que o ser sobrenatural só protegerá aqueles que respeitarem a plantaçãõ e são totalmente devotos a ela. “Si te refieres a que de hoy en más deberé serte fiel, ya estoy avisado”, contestó Taní atragantado por las emociones. Entonces, la protectora del bosque contestó con una sonrisa y desapareció.” (Montesino, 2019, p. 40)⁵⁴.

Por último, as características presentes na lenda etiológica de *Ka’ a Iary* mostram a importância da preservação cultural/natural, exemplificando o respeito e cuidado que deve-se ter com a erva-mate que até os dias de hoje serve para bebida (chimarrão, chá mate, tereré) e até mesmo fins medicinais, a explicação de fenômenos sobrenaturais, como a aparição dos animais brigando e da protetora da plantaçãõ, e o ensino de ética e moral, ilustrado em Julio e Taní, pois a divergência de escolhas dos dois mostram de forma clara a importância de qualidades como a fé, coragem e lealdade na vida cotidiana. Além disso, ainda promovem um pertencimento social, pois ao compartilharem oralmente histórias comuns, a comunidade estreita seus laços e constrói um sentimento de pertencimento compartilhado com os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das lendas nos permite perceber que, além de transmitir conhecimentos acerca dos elementos da natureza, elas também retratam a visão de mundo que um determinado povo possuía. Os aspectos naturais são exaltados e isso contribui para a sua preservação, além de impressionar a mente dos leitores/ouvintes, os povos originários se enxergavam como parte integrante da natureza, por isso, sua visão de mundo se atrelava ao que contemplavam no meio ambiente; os valores que são abordados

⁵³ “A protetora do monte, Ka'a Iary não perdoa ofensas. Taní sempre soube e viveu cada um de seus dias enquadrados no respeito e na fidelidade. Ka'a Iary sempre o protegeu.”

⁵⁴ “Se te referes a que de hoje em diante deverei a ti ser fiel, já estou avisado”, respondeu Taní engasgado pelas emoções. Então, a protetora do bosque respondeu com um sorriso e desapareceu.”

nas lendas demonstram que os povos também priorizavam a perpetuação de princípios e lições.

Ao serem transmitidos oralmente, os mitos podem ser compreendidos como uma ferramenta pedagógica que os mais experientes usavam para imprimir na mente dos mais novos os ensinamentos que julgavam importantes para a vida. Considerando o contexto paraguaio, percebemos que eles ajudaram a moldar uma sociedade, eles ainda são repassados, ensinados, estudados, catalogados e persistem no imaginário das pessoas, daí a sua relevância.

REFERÊNCIAS

BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. [s.l.]: Editora Palas Athena, 1991.

_____. **O herói de mil faces**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1949.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MONTESINO, Jorge. **Leyendas y Creencias populares del Paraguay**. [s.l.]: Servi Libro, 2019.

Mitos Estiológicos. **Enciclopedia de Ejemplos**, 2015. Disponível em: <<https://www.ejemplos.co/mitos-etiológicos/>>. Acesso em: 24 de fev. de 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad.: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS de professores de língua portuguesa do ensino médio com a tipologia argumentativa

The Pedagogical Practices of Portuguese Language Teachers in High School with the Argumentative Typology

Ellen Rodrigues⁵⁵

Maria Aparecida Gomes⁵⁶

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas com a tipologia argumentativa por professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio. A pesquisa é de natureza qualitativa e inspirada na pesquisa-ação como princípio teórico-metodológico, com base nos parâmetros estabelecidos por Tripp (2005). Os pressupostos teóricos se fundamentam em Imbernón (2010); Nóvoa (1991); Marcuschi (2002, 2005); e Koch (2000, 2004). Os resultados apontam o interesse dos professores quanto aos diferentes tipos de uso da linguagem e estratégias para o ensino por meio do texto argumentativo. Contudo, os dados analisados apontam o conhecimento lacunar das participantes em relação aos tipos de argumentos, mecanismos referenciais e o uso de conectores, bem como estratégias metacognitivas e contextuais de leitura e interpretação do texto, essenciais para a habilidade argumentativa do aluno.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Língua Portuguesa; Tipologia Argumentativa.

Abstract: The article aims to analyze the results of pedagogical practices with the argumentative typology by Portuguese language teachers who work in High School. The research is qualitative in nature and inspired by action research as a theoretical-methodological principle, based on the parameters established by Tripp (2005). The theoretical assumptions are based on Imbernón (2010); Nóvoa (1991); Marcuschi (2002, 2005); Koch (2000, 2004). The results indicate teachers' interest in different types of language use and strategies for teaching through argumentative texts. However, the data analyzed point to the participants' lack of knowledge regarding types of arguments, referential mechanisms and the use of connectors, as well as metacognitive and contextual strategies for reading and interpreting the text, essential for the student's argumentative ability.

Keywords: Pedagogical Practices; Portuguese Language; Argumentative Typology.

INTRODUÇÃO

O ensino nas escolas vem vivenciando uma transformação significativa ao se privilegiar a formação de professores. A formação continuada dos professores auxilia a

⁵⁵ Professora do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Doutora em Educação (PhD in Curriculum and Instruction) pela Andrews University (EUA). O título de doutorado foi revalidado no Brasil pela Unicamp como doutorado em educação (área de concentração: ensino e práticas culturais). Mestre em Ensino de Línguas com Segunda Língua pela Andrews University. Pós-doutorado na área de Educação e Ética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

⁵⁶ Mestre em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Atualmente é professora de Escola Básica.

comunidade educacional na melhoria da qualidade de ensino e estabelece conhecimentos profissionais necessários para a educação integral da pessoa. Segundo Nóvoa (1991), a formação de professores desempenha um papel relevante na configuração de uma nova profissionalidade docente, ao estimular uma cultura profissional e organizacional no seio das escolas. Na formação continuada, os professores problematizam a prática com base na teoria, o que gera uma reflexão profunda e compartilhada sobre a prática docente (Imbernón, 2010).

A prática de reflexão deve ser uma constante na formação do educador possibilitando uma visão crítica de suas ações, valores e crenças relacionadas as vivências de aprendizagem proporcionadas em sala de aula. No ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, os gêneros textuais constituem formas significativas de trabalho com o texto. Contudo, há necessidade de compreendermos como os gêneros textuais são utilizados no contexto da sala de aula. Os gêneros textuais são significativos porque exploram o uso da língua nos diversos contextos sociais. Conforme afirma Marcuschi (2005, p. 19), “Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Assim, por meio da aprendizagem do gênero textual o aluno é capaz de comunicar-se pelos diversos atos comunicativos. Entretanto, muitas vezes, os professores da Língua Portuguesa utilizam o gênero textual a serviço da gramática, impossibilitando os alunos de conhecerem conceitos que aprofundam as perspectivas do texto. Desse modo, percebe-se a necessidade de trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, ao priorizar a função sociolinguística do ensino da língua.

Bagno (2002) também alega que o ensino tradicional visa a gramática ao invés de explorar a variedade de gêneros textuais existentes na vida social. Percebe-se que o ensino da gramática, de alguma forma, sempre esteve associado ao ler e escrever amparado pelo uso da gramática. No entanto, é preciso que a escola promova experiências que assegurem ao aluno o domínio das habilidades linguísticas nas diversas situações comunicativas. Portanto, o objetivo desse artigo é analisar as práticas pedagógicas com a tipologia argumentativa por professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio.

Genêro Textual

Segundo Possenti (1996, p. 17), “o objetivo da escola é ensinar o Português padrão, ou talvez, mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Contudo, além do ensino da gramática normativa, descritiva e internalizada, deve preparar o aluno para utilizar a língua de forma adequada aos diferentes conceitos de uso da língua.” Na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias são propostas sete competências específicas em diálogo com as competências gerais da Educação Básica. Tais competências no componente curricular de Língua Portuguesa buscam aprofundar a análise sobre as “linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos [...]” (Brasil, 2017). Nota-se, dessa maneira, a incumbência conferida aos professores quanto ao uso efetivo da língua, ao se trabalhar as práticas sociais que as envolvem. Nessas práticas, vislumbra-se um lugar especial para o desenvolvimento do pensamento crítico através da argumentação.

Desse modo, o professor de Língua Portuguesa, preocupado em desenvolver as habilidades de leitura e escrita de seus alunos, deverá possibilitar a reflexão “sobre os gêneros textuais, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens” (Brasil, 2017/2018). Assim, o educando terá melhores condições de uso da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem. Autores como Geraldi (1993) e Silva (2006) defendem o emprego dos gêneros textuais como recurso fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Silva (2006, p. 187) afirma que, “o trabalho com gêneros textuais ajuda o indivíduo a adquirir habilidades e competências que lhe permite interagir na sociedade em que vive”. O trabalho com gêneros textuais favorece a aprendizagem da oralidade, da leitura e da escrita em textos diversos.

Nesse sentido, Marcuschi (2002, p.19) defende que, os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” e integram-se às práticas escolares. Ensinar a língua por meio de gêneros textuais tem demonstrado resultados satisfatórios quanto ao envolvimento dos alunos nas aulas, bem como quanto à melhoria da produção oral e escrita nas funções sociais da língua. Isso porque, os gêneros textuais verbais e não-verbais estão presentes em todas as esferas da vida das

pessoas (Geraldi, 1993). O gênero textual possibilita o uso contextual da língua, pois a falta de relação das atividades escolares com o contexto social, dificulta a aprendizagem.

O uso dos gêneros textuais no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa promove a capacidade de reflexão, ao perceberem a função social e ideológica presente no texto. Destaca-se o emprego do texto argumentativo como significativo para a construção do pensamento crítico e aperfeiçoamento da escrita em sala de aula, especialmente com alunos do Ensino Médio. O texto argumentativo desempenha um papel significativo na vida escolar dos jovens brasileiros, uma vez que é frequentemente solicitado em exames de avaliação educacional, processos seletivos para colégios, universidades, estágios e empregos.

De acordo com Citelli (1994), a argumentação, seja ela verbal ou escrita, é uma forma de organização textual que utiliza uma variedade de estratégias linguísticas para estabelecer um debate ordenado e coerente, com o objetivo de influenciar a opinião do interlocutor em relação ao problema em discussão. Seguindo essa mesma perspectiva, Koch (2004) sustenta que a argumentação é estruturada por meio da conexão articulada de enunciados, conferindo-lhe um papel fundamental na construção do discurso.

Tipologia Argumentativa

Por meio da argumentação, o estudante é capaz de defender sua perspectiva de mundo, organizando pontos de vista em uma estrutura coerente e convincente. Na redação, o aluno deve expressar sua posição em relação a questões filosóficas, políticas e ideológicas, buscando influenciar o leitor a aceitar os argumentos apresentados como verdade. Nesse sentido, é de extrema importância que o professor auxilie o aluno no desenvolvimento da argumentação persuasiva, uma vez que os seres humanos precisam compartilhar opiniões e perspectivas com as pessoas ao seu redor. Em relação a atividade de persuasão, Koch (2000, p. 56) ressalta que: “A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende 'neutro', ingênuo, também contém uma ideologia - a da sua própria objetividade”. A autora explica que argumentar envolve direcionar o discurso a conclusões planejadas, sendo um ato linguístico essencial para a interação, uma vez que todo discurso possui uma ideologia subjacente.

Segundo Rodrigues (2014), persuadir envolve a capacidade de influenciar a vontade e a dimensão afetiva das pessoas por meio de argumentos convincentes, possuindo um caráter ideológico e subjetivo. A argumentação visa um público específico e busca levá-lo a fazer inferências para que apoiem os argumentos apresentados. Portanto, é fundamental que os professores desempenhem um papel crucial no desenvolvimento da habilidade argumentativa em sala de aula.

Considerando que argumentar implica defender um ponto de vista de forma persuasiva, o dissenso se torna essencial para a prática argumentativa. Nesse sentido, é essencial levar os alunos a se engajarem em situações de confrontos ideológicos e afrontamento de ideias, nos quais eles possam examinar seu ponto de vista. Para ensinar a construção do texto dissertativo-argumentativo é preciso auxiliar o aluno na escolha e análise do tema. Cabe fornecer estratégias e conhecimentos que despertem o conhecimento prévio e que possibilitem a compreensão de textos para referência. Segundo Mendonça (2003), ao conhecer o conteúdo é importante saber construir argumentos bem articulados, que possuem força persuasiva para convencer o leitor. O aluno precisa entender que a exposição de um tema diz respeito à habilidade de apresentar a situação-problema a ser discutida, enquanto a persuasão se refere à capacidade de argumentar e articular o tema escolhido. Esses aspectos são essenciais para que o texto alcance seu objetivo, conectando-se ao leitor e promovendo uma discussão embasada e convincente.

Outro aspecto importante na construção do texto argumentativo é o uso dos conectores (mas, porque, entretanto), que são elementos de coesão, palavras ou expressões que criam relações semânticas entre os segmentos do texto. São elementos linguísticos responsáveis pela conexão sequencial e se manifestam de duas formas: coordenação semântica e subordinação semântica. No primeiro caso, os enunciados derivam de diferentes sentidos e são sequenciados de maneira independência. No segundo caso, temos um único enunciado que resulta de orações que dependem de outras orações. Ducrot (1987, p.10) também aponta os “operadores argumentativos” como elementos responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados. O autor elaborou uma teoria da argumentação, na qual propõe que o valor argumentativo dos enunciados é estabelecido com base nas expressões linguísticas de níveis inferiores como os

conectores, seguindo uma abordagem bottom-up. Sendo assim, é importante o uso dos operadores argumentativos na construção do texto argumentativo.

Koch (2004) argumenta acerca da necessidade dos mecanismos da coesão e coerência para criação de um texto argumentativo. A coesão proporciona a organização dos elementos linguísticos dentro de uma sequência válida e organizada. Há a coesão referencial e a coesão sequencial. A primeira estabelece conexões entre palavras e expressões de um texto, facilitando a identificação de seus elementos. Por exemplo: pronomes, numerais, artigos, advérbios, sinônimos, etc. Já a segunda, promove o sentido do texto por meio das diferentes variações de tempo e modo dos verbos, assim como as conjunções, paralelismo e paráfrase.

A compreensão acerca do funcionamento dos conectores, operadores argumentativos, bem como a coesão e a coerência textual facilitam a organização, interpretação e produção do texto argumentativo pelo educando. O texto argumentativo requer conhecimentos linguísticos e leitura de mundo para a construção de uma linha de raciocínio e organização de ideias e argumentos acerca de uma temática. Contudo, o grande desafio dos professores é conduzir o aluno a construção de um conjunto de conhecimentos e saberes acerca da realidade. Em grande parte, os alunos do Ensino Médio não conseguem estabelecer conexões dos assuntos abordados na redação dos vestibulares e ENEM com sua vivência e visão de mundo. Cabe aos professores auxiliá-los a desenvolverem de forma aprofundada, conhecimentos, crenças, valores e perspectivas diversas acerca de temas importantes e significativos para uma cosmovisão pessoal. Contudo, a literatura aponta a falta de conhecimentos acerca da prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa com o texto argumentativo. Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas com a tipologia argumentativa por professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio.

Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa e optou-se por adotar uma metodologia inspirada na pesquisa-ação como princípio teórico-metodológico, com base nos parâmetros estabelecidos por Tripp (2005). Cinco professoras de uma escola confessional

do estado de São Paulo voluntariamente participaram do estudo. Quanto a coleta de dados optou-se pelo uso de entrevistas semiestruturadas com as professoras que participaram das oficinas investigativas. As professoras escolheram o melhor lugar e horário para realização da entrevista. Houve também a aplicação de um questionário com perguntas sobre estratégias específicas relacionadas ao ensino da tipologia argumentativa nas oficinas investigativas. Seis oficinas investigativas foram realizadas via WhatsApp com as professoras acerca das práticas pedagógicas utilizadas para o ensino e aprendizagem da tipologia argumentativa.

Os dados foram coletados durante quatro meses do ano de 2023, nos quais uma das pesquisadoras direcionou os encontros de cinco professoras de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

Após coleta do questionário, foi elaborada uma análise preliminar e, em seguida, realizou-se discussões acerca da temática e dos desafios que as participantes enfrentam ao ensinar a tipologia textual argumentativa em sala de aula. Nas oficinas houve atividades que possibilitaram problematizar ações e soluções para as dificuldades identificadas pelo grupo. Mediante análise de textos dissertativos-argumentativos, efetuou-se um plano de ação colaborativo com o intuito de abordar efetivamente os obstáculos relacionados à construção da argumentação.

Por meio das narrativas orais e escritas das professoras busca-se aprimorar a prática do ensino da tipologia textual argumentativa no desenvolvimento do pensamento crítico do aluno. Para os questionários e entrevistas, bem como atividades das oficinas investigativas, os dados da pesquisa serão analisados com base em Bardin (2011), ao seguir os seguintes passos: ordenação dos dados recolhidos das observações, oficinas e entrevistas, a classificação e categorização ao realizar inferências que nos permite chegar aos resultados.

Descrição dos Dados de Pesquisa

A partir da coleta de dados da pesquisa foi possível agrupar os dados em três categorias: (1) As ações pedagógicas com o texto argumentativo; (2) As dificuldades e

estratégias para ensino do texto argumentativo; e (3) A sequência pedagógica do texto argumentativo.

1. As Ações Pedagógicas com o Texto Argumentativo

Nas discussões e questões levantadas com as participantes, primeiramente, elas referiram-se às competências essenciais de um professor de Português que privilegia o ensino e aprendizagem da tipologia argumentativa. As respostas recorrentes indicam que:

P1 - É necessário dominar a língua portuguesa e capacidade de apresentar informações segundo uma linha lógica.

P2 - Ter o domínio sobre sua área de atuação e fazer um planejamento adequado de suas aulas, escolhendo as atividades e a forma de avaliação.

P3 - É fundamental que o professor conheça o processo das provas e de correção.

P4 - Precisa dominar a sua área de conhecimento, atualizar-se constantemente e participar ativamente no processo de escrita dos alunos.

P5 - Precisa saber a estrutura do texto, como é sua organização e elaboração de uma tese argumentativa.

As professoras apontam a necessidade de planejamento quanto aos objetivos, a sequência das atividades instrucionais e a avaliação. Por outro lado, valorizam os conhecimentos teóricos e práticos para ministrarem aulas mais eficazes, o que inclui o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e análise textual. Há também menção ao papel ativo do professor no processo de escrita dos alunos. Além disso, destacaram o domínio da Língua Portuguesa pelo professor, dando ênfase a estrutura do texto argumentativo. Quanto ao momento em que as professoras começaram a utilizar o texto dissertativo-argumentativo e quais fontes orientam o desenvolvimento desse tipo de texto, as seguintes respostas emergiram dos dados:

P1 - Minha bagagem maior foi como corretora do Enem. Reuniões constantes de aprimoramento didático.

P2 - Com o advento do Enem, passei a buscar maior interação do assunto em livros publicados com ênfase na dissertação, ou seja, o texto dissertativo-argumentativo.

P3 - Minhas principais fontes foram o Inep e a Fuvest. Li os editais e as redações com nota máxima, a fim de elucidar os padrões de correção. Também participo do curso de avaliadores.

P4 - Antigamente eu recebia vários livros de redação da Editora Ática, cursos de capacitação e internet.

P5 - Pesquisas em livros de redação, autores renomados, cursos de capacitação, internet e outros

As professoras P1, P2 e P3 destacam que o estilo de redação utilizado no Enem foi predominante para trabalhar o texto argumentativo na produção textual dos alunos. As participantes P4 e P5 informaram acerca da leitura de livros de redação, cursos de capacitação, pesquisas em obras de autores consagrados e informações disponíveis na internet como o primeiro contato com o tema. As participantes expressam também acerca dos recursos e atividades práticas a serem desenvolvidas com o texto dissertativo, conforme as respostas abaixo:

P1 - Estimular a criatividade através de escrita criativa como a produção de todos os tipos de textos.

P4 - Fazer projetos de leitura, dinâmicas e atividades práticas são importantes para desenvolver as habilidades necessárias para a leitura e interpretação textual. Inserir atividades em que a tecnologia possa ser usada (Vídeos, podcast, paródias etc.)

P5 - Desenvolver habilidades de leitura e interpretação textual, através de inovações e ferramentas conseguidas pela internet ou outros entre elas: música, fantoches, teatro de sombras etc.

Para as professoras, é preciso explorar a imaginação e a escrita criativa apresentando os diversos tipos de uso da linguagem como recurso para a produção do texto argumentativo. Elas ressaltam a necessidade de incorporar projetos de leitura e atividades dinâmicas como música, fantoches, teatro de sombras, vídeos, filmes, folders e paródias. Assim também, valorizam as inovações e ferramentas disponíveis na internet.

Há um foco na abordagem variada de estratégias e nos meios, não necessariamente no design instrucional e na sequência didática que privilegie o trabalho com o texto argumentativo.

Mais especificamente sobre a perspectiva e ações pedagógicas para o trabalho com o texto argumentativo em sala de aula, os professores apontam as seguintes concepções:

P1 - Enriquecimento da inclusão de imagens expressivas, estimulando a interação ativa entre eu e os alunos, deixando os alunos refletirem suas próprias ideias.

P2 - Uso de análise de textos em conjunto com imagens, buscando uma interação dinâmica no desenvolvimento das ideias dos alunos.

P3 - A produção oral pode ser valorizada para a iniciação da argumentação.

P4 - O processo de escrita exige que o aluno desenvolva argumentos, posicionamentos críticos e a capacidade de tomar decisões. É uma forma de explorar os pensamentos, sentimentos e a sua identidade diante do mundo.

P5 - Produção por meio de imagens...Valorização da produção oral. A troca de informações entre estudantes e professores.

Observa-se que as professoras P1, P2, P3 e P5 compartilham da necessidade de haver trocas de ideias entre professor-aluno e aluno-aluno para a construção do texto argumentativo. Elas enfatizam a leitura semiótica de imagens, bem como a produção oral e o diálogo entre os alunos, a fim de explorarem uma temática que desencadeará na produção do texto argumentativo. Importante observar a necessidade de práticas pedagógicas que envolvam a leitura de imagens e a produção oral, a fim de gerar ideias e organizar o pensamento do aluno para a criação do texto argumentativo. A professora P4 destaca a necessidade de o aluno desenvolver argumentos e posicionamento crítico por meio do texto argumentativo, o que irá exigir dele/dela a avaliação e não apenas análise do conteúdo. A interação entre os alunos é indicada como fundamental para gerar interpretações significativas e críticas.

2. As Dificuldades e Estratégias para o Ensino do Texto Argumentativo

Ao buscar explicitar o ensino da tipologia textual argumentativa em sala de aula foi possível observar que as professoras centram nos desafios e estratégias ao desenvolverem o raciocínio crítico do educando. As principais respostas pelas professoras indicam que:

P1 - O principal desafio é administrar e trabalhar incentivando-os à leitura constante, busca por argumentos e opiniões.

P4 - O gênero textual dissertativo-argumentativo é muito importante para despertar o senso crítico dos alunos e fazê-los cidadãos participativos. Ao fazê-lo pensar criticamente sobre um problema social, serão adultos que poderão lutar pelos seus direitos em sociedade.

P5 – A dissertação-argumentativa, quando bem elaborada e utilizada, faz com que o meu aluno seja um ser pensante e crítico diante dos problemas sociais e dificuldades que apareçam.

Os desafios relatados pelas participantes apontam a dificuldade dos alunos na construção de argumentos e opiniões embasadas. A falta de interesse pela leitura reduz o repertório cultural do aluno e a possibilidade de posicionamento crítico sobre a realidade. Por outro lado, uma estratégia para promover o interesse pela leitura é engajá-los nos problemas sociais e nos discursos socialmente enraizados pela elaboração do texto argumentativo. O desenvolvimento da argumentação pessoal contribui para a formação do pensamento crítico e reflexivo do aluno.

As professoras compartilharam as estratégias para trabalharem o texto argumentativo em sala de aula. Observe as respostas mais marcantes:

P2 - Argumentação: movimentos argumentativos, tipos de argumento e força argumentativa.

P3 - Quando os alunos comparam as redações que produzem durante o ano e percebem o crescimento na escrita...

P5 - Através da leitura de um livro paradigmático ou apresentação de um filme, acompanhado de um debate, finalizando com os assuntos comentados através da escrita.

A participante P2 indica a importância de explorar os tipos de argumento e a força argumentativo, de modo a levar o aluno a compreensão das estruturas argumentativas. Essa perspectiva é relevante para se trabalhar o pensamento crítico por meio da argumentação. Embora as professoras P4 e P5 não especifiquem processos argumentativos para serem trabalhados com os alunos, elas destacam o debate como estratégia para promover a escrita argumentativa. Observa-se que o texto argumentativo requer um trabalho intencional por meio de leitura, uso variado de linguagens, diversas modalidades textuais, textos multissemióticos, debate de ideias e perspectivas para gerar conhecimentos e ampliar a visão do aluno.

3. A Sequência Pedagógica do Texto Argumentativo

Para compreender de maneira aprofundada a sequência pedagógica usada pelas professoras com o texto argumentativo foi sugerido às participantes que analisassem uma tirinha. O objetivo era que elas destacassem como abordariam a coesão e coerência textual em sala de aula. A proposta era estabelecer conexões entre as diferentes partes do texto, considerando a construção composicional e o estilo do gênero. Desse modo, uma tirinha foi fornecida como exemplo. Na tirinha existem poucos elementos coesivos e questiona-se a possibilidade de compreensão.

Quadro 1: Mecanismos de Coesão/Coerência

NÍQUEL NÁUSEA - Fernando Gonsales



Fonte: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/proposta-aula-coesao-coerencia.htm>

Assim, perguntamos como elas trabalhariam esse texto em sala de aula. Observe as respostas a seguir:

P1 - Apresentaria a tirinha como um exemplo de como é importante saber utilizar coesão e coerência para que as informações do texto sejam entendidas.

P2 - Trabalharia mais na construção do texto pois percebo que os alunos não conseguem expressar informações e opiniões de forma coerente dentro do texto.

P4 - Ler e analisar o texto verbal e não verbal. Analisar os personagens, cenários e detalhes relevantes. Em seguida, pedir aos alunos que analisem o diálogo e qual a intenção do autor. Perguntar se a história ou mensagem do autor é clara e lógica. Incentivar o aluno a considerar o contexto da tirinha, o que está acontecendo antes e o que poderia acontecer depois. Isso ajudará a compreender melhor a intenção do autor e a construção da narrativa. Reescrever a tirinha e criar uma continuação, aplicando os conceitos de coesão e coerência.

P5 - O aluno precisa elaborar seu texto, utilizando e organizando suas ideias, questionamentos, hipóteses e percebendo a

necessidade de que a coerência e a coesão são necessárias para que ele possa dar vida ao texto e esse se fazer entender através do conteúdo trabalhado e analisado.

As professoras P1, P2 e P5 enfatizam a importância de trabalhar os mecanismos de coesão/coerência com os alunos para aprimorar a interpretação e construção textual, pois esses mecanismos auxiliam na elaboração dos textos, ao organizar suas ideias, questionamentos e hipóteses. Já a participante P4 se atém na descrição do cenário e caracterização dos personagens, bem como os aspectos contextuais da tirinha. Ela desperta a imaginação, a descoberta e possíveis pressuposições do texto, ao requerer processos metacognitivos antes da leitura da tirinha. Todos os elementos contextuais atestam o caráter argumentativo do texto e são significativos para a produção do texto argumentativo. Reconhecer os processos referenciais contribui para o desenvolvimento da escrita argumentativa proficiente no aprendiz.

Discussão dos Resultados

Os resultados do estudo indicam que para as participantes, as competências de um professor de Língua Portuguesa abrangem o domínio dos aspectos instrucionais, o que envolve o domínio das estruturas da língua e do texto, de modo que o professor exerça um papel ativo no processo de escrita do aluno. As professoras procuram explorar diferentes meios como música, teatro de sombras, filmes, paródias, o que reflete a preocupação em prover os diversos tipos de uso da linguagem e gêneros textuais ao aluno. Sobretudo, as participantes enfatizam a necessidade de estratégias relacionadas com a leitura de imagens e a produção oral, bem como o debate e diálogo entre os alunos e professor-alunos para promover a argumentação pessoal e o posicionamento crítico.

O texto argumentativo é reconhecido como meio imprescindível para despertar o interesse do aluno pela leitura é engajá-los na elaboração crítica de ideias e perspectivas sobre temas cruciais, bem como os problemas sociais e discursos socialmente enraizados. Desse modo, o desenvolvimento da argumentação pessoal contribui para a formação do pensamento crítico e reflexivo do aluno.

As participantes indicam que o texto argumentativo requer um trabalho intencional por meio de leitura, uso variado de linguagens, diversas modalidades textuais, textos multissemióticos e debates. Contudo, há um foco nas estratégias de ensino, não necessariamente no design instrucional, nas abordagens e conhecimentos específicos de uso do texto argumentativo em sala de aula. Apenas uma professora enfatiza a necessidade de explorar os tipos de argumento e a força argumentativa dos textos, de modo a conduzir a compreensão das estruturas argumentativas.

Embora as participantes ressaltem a interação e comunicação como fundamental para gerar interpretações significativas e críticas, observa-se também que, a maioria das professoras buscam o aprimoramento das habilidades linguísticas, do domínio mecânico focado na estrutural gramatical, ao invés de aprimorar as habilidades de argumentação e o pensamento crítico do educando. Os textos devem ser pensados como atividade de interação e comunicação, na qual os aspectos contextuais do texto, os processos referenciais e estratégias metacognitivas para leitura e interpretação promovem a descoberta e a habilidade argumentativa.

Considerações Finais

O texto argumentativo nas produções textuais da sala de aula do Ensino Médio é indispensável, sendo utilizado para preparação do ENEM/Vestibulares. Considerando esse contexto, o objetivo do estudo foi analisar as práticas pedagógicas com a tipologia argumentativa por professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio. Os dados da pesquisa indicam que as participantes compreendem o papel ativo do professor no processo de escrita do aluno, bem como os diferentes tipos de uso da linguagem e gêneros textuais dos quais o educando precisa ter acesso. Há um foco nas estratégias e meios para engajamento dos alunos na leitura semiótica de textos, produção oral, debates e diálogo, dando abertura para práticas sociocomunicativas. Contudo, os dados analisados apontam para um conhecimento lacunar em relação aos tipos de argumentos, mecanismos referenciais e o uso de conectores, bem como estratégias metacognitivas e contextuais de leitura e interpretação do texto, essenciais para a habilidade argumentativa do aluno. Cabe

aos professores articularem o planejamento de ensino e os processos de conhecimento linguístico e contextuais do texto argumentativo que conduzem a leitura de mundo e construção de ideias pessoais pelo posicionamento crítico da realidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino** / Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michael Stubbs. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª edição – Revista e atualizada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Brasília, 2017/2018.

CITELLI, A. O. **O Texto Argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

IMBERNÓN, F. **Formação Continuada de Professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha Porto Alegre: Artmed, 2010.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão** / Luiz Antônio Marcuschi – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MENDONÇA, Marina Célia. **Língua e ensino: políticas de fechamento**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v. 2. São Paulo: Cortez, 2003. p. 233-264.

NÓVOA, A. "**Concepções e práticas de formação contínua de professores**". In Formação Contínua de Professores - Realidades e Perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991, pp. 15-38.

Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Coord. Zuleika Felice Murrie. Consult. Isabel Gretel M. Eres Fernández (et al), 2000.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RODRIGUES, L. de A. M. **Redação**: Um estudo de caso sobre o gênero no ensino fundamental II. Universidade Federal de Pernambuco. (Monografia). 2014.

SILVA, W. R. Articulações entre gramática, texto e gênero em sequências de exercícios didáticos. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Gêneros catalisadores**: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SUÁREZ, A. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Atelie, 2003.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 443-466, 2005.

SOARES, Thiago, Barbosa.; BOUCHER, Damião Francisco. **Discursos do Norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Tocantins**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 253.

RESENHA

DISCURSOS DO NORTE: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Tocantins

Thiago Barbosa Soares⁵⁷

É com grande entusiasmo que apresentamos o livro “Discursos do Norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Tocantins”⁵⁸, publicado em dezembro de 2023, pela Pontes Editores. Esta obra, de autoria dos professores Thiago Barbosa Soares (UFT/CNPq) e Damião Francisco Boucher (UFT), representa uma investigação profunda e abrangente das complexas dinâmicas discursivas que envolvem o Tocantins, explorando as projeções identitárias, os apagamentos históricos e as interpelações culturais que convergem para criar uma narrativa multifacetada sobre esta região tão esquecida por muitos setores da sociedade brasileira.

O Estado do Tocantins, apesar de sua jovem existência, carrega consigo uma rica tapeçaria de culturas, histórias e perspectivas. No entanto, essas narrativas são frequentemente moldadas por fatores históricos, políticos e sociais que nem sempre refletem a diversidade discursiva conflagrada na complexidade da região. Este livro, “Discursos do Norte”, busca preencher as lacunas abertas por tais atravessamentos, oferecendo um exame crítico e esclarecedor das projeções identitárias, dos apagamentos

⁵⁷Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

⁵⁸ Esta obra foi subsidiada pelo apoio da UFT/PROPESQ (Edital Propesq N° 034/2023) ao projeto de pesquisa “Discursos do norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Norte”.

e das interpelações presentes nos discursos que orbitam o Tocantins, uma das regiões mais estratégicas do Norte brasileiro.

Para compor o traçado epistemológico dos capítulos desta obra, convocamos uma potente teoria discursiva. A aplicação da Análise do Discurso no livro “Discursos do Norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Tocantins” desempenha um papel fundamental na compreensão e desvelamento das camadas adjacentes de significados presentes nas narrativas que cercam essa região. A abordagem analítica proporciona uma lente crítica e reflexiva que permite explorar de maneira profunda e abrangente as complexas dinâmicas discursivas que moldam a percepção do Tocantins e suas projeções identitárias.

A abordagem analítica também permite a identificação de silenciamentos e apagamentos presentes nas narrativas discursivas sobre o Tocantins. Ao escavar as montanhas dos discursos, é possível destacar as vozes marginalizadas, histórias omitidas e elementos regionais sub-representados. Essa análise crítica auxilia no resgate das partes da identidade do Tocantins que foram negligenciadas ao longo do tempo, contribuindo para uma compreensão mais completa e inclusiva da região. Adiante, em negrito, encontram-se recenseados os capítulos da obra ora resenhada.

Feita essa explicação inicial, passamos a uma breve apresentação dos capítulos desta obra. O capítulo I, **Fundação e criação: sentidos à deriva no discurso do ex-governador José Wilson Siqueira Campos**, analisa o discurso político em duas ramificações distintas: o discurso fundador e o discurso de resistência. Para fazer isso, depreende-se o funcionamento das redes de sentidos da fundação do Tocantins como um processo disruptivo, que afeta os sentidos de “criação” e de “fundação”. Como percurso teórico-metodológico, adota-se os referenciais da Análise do Discurso, aplicada a um recorte discursivo de Siqueira Campos, ex-governador do Tocantins, proferido na Câmara dos Deputados, no dia 5 de maio de 2004.

O capítulo II, **Dizeres sobre a fundação do Tocantins: uma análise das placas do monumento aos Pioneiros de Palmas**, à luz das noções da Análise do Discurso, objetiva descrever e interpretar os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas, na Praça dos Girassóis, como parte

do funcionamento do discurso fundador do Estado do Tocantins. Para a organização argumentativa deste texto, têm-se as seguintes seções descritas: Aparato teórico-metodológico, cujo recenseamento das noções de condições de produção, relações de sentidos, formação discursiva, interdiscurso, processamento parafrástico e silêncio constitutivo faz-se necessário; Análise: memórias da fundação da capital do Tocantins, na qual os dispositivos de análise expostos são aplicados, com objetivo de examinar a discursividade investida na Placa de Proclamação, marco fundador da capital definitiva do Estado do Tocantins, em 20 de maio de 1989.

O capítulo III, **O discurso fundador do Tocantins: uma análise da placa do Palácio Araguaia**, descreve e interpreta, à luz do consagrado instrumental interpretativo da Análise do discurso, os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na placa do Palácio Araguaia, sede do governo do Tocantins, de 9 de março de 1991 e, desse modo, compreende parte do funcionamento do discurso fundador do Estado. Para organizar a disposição dos integrantes do edifício argumentativo deste texto, têm-se as seguintes seções delineadas: Aparato teórico-metodológico, na qual são recenseadas, de maneira contributiva tanto para esta pesquisa quanto para outras com objetos e escopos similares, as noções de condições de produção, formação discursiva e interdiscurso; Análise: o discurso fundador do Tocantins, na qual os vetores analíticos anteriormente expostos são aplicados, com objetivo de examinar a discursividade investida na placa do Palácio Araguaia de 9 de março de 1991.

Analisa-se neste capítulo IV, **Metáforas e hiperbolização no pronunciamento de posse da prefeita Cinthia Ribeiro**, a materialidade enunciativo-discursiva do pronunciamento de posse da prefeita de Palmas, TO, Cinthia Ribeiro. Nesse percurso investigativo, busca-se examinar o funcionamento dos processamentos metafóricos e suas implicações para a manutenção das formações imaginárias, sobretudo as projeções geradoras do sucesso político nos discursos de posse. Para executar tal esforço perquiridor, lança-se mão das noções de interdiscurso, de intradiscurso, bem como das noções de sucesso, de memória discursiva, de metáfora e de hipérbole para descrever e interpretar o acontecimento discursivo “pronunciamento de posse”, da prefeita de Palmas, Tocantins, Cinthia Ribeiro, no dia 1º de janeiro de 2021.

Neste capítulo V, **“Humor”, ódio político e apagamento do Tocantins em Paulo Vieira**, o objetivo é rastrear e analisar sentidos acerca da região do Norte brasileira, a fim de tornar acessível à compreensão de como funcionam tais redes de dizeres e como estas afetam sentidos e sujeitos circulantes na sociedade brasileira. Direcionados pelos referenciais teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, sobretudo pelos princípios e procedimentos que redimensionam a própria noção de língua, de sujeito e de história, visa-se debruçar sobre um corpus heterogêneo e interseccionado nos campos humorístico e político, constituído pela mídia. O objeto desta análise consiste na materialidade discursiva manifestada em um meio de comunicação de grande circulação, o G1, a partir do acontecimento discursivo enunciado em forma de piada por Paulo Vieira, humorista tocantinense, no dia 25 de dezembro de 2022, na premiação dos Melhores do Ano, transmitida pela *Rede Globo*, no programa Domingão com Huck.

O capítulo VI, **Sucesso e apagamento dos sujeitos nortista e nordestino na manutenção das relações de poder**, analisa uma das várias redes de dizeres sobre o Norte e Nordeste e os sujeitos nordestino e nortista. Utiliza-se como corpus os dizeres de Raiam Santos, influenciador e proprietário do Canal no *YouTube*, “Raiam Santos”, proferidos em 11 de novembro de 2020, de um internauta anônimo apresentado pelo site *Yahoo* em 2018 e de Flávia Aparecida Moraes, enunciados em 5 de outubro de 2022, originalmente postados em um vídeo em seu *Instagram* e posteriormente difundidos por diversas plataformas do *YouTube*. Verificando-se os possíveis efeitos e suas prováveis contribuições para a construção das formações imaginárias sobre o nordestino e o nortista, através do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo pelas noções de sucesso e de silêncio constitutivo, nele, entende-se como estes, nordestino e o nortista, são interpelados em sujeito inútil, parasitário e como seus espaços geográficos são discursivizados como sendo lugares sociais e culturalmente inócuos.

O capítulo VII, **Tocantinense em representação: discurso sobre o Norte**, investiga como determinados discursos constituem o sentido de tocantinense. Nessa iniciativa de empreender um percurso descritivo-interpretativo acerca de uma das várias redes de dizeres sobre a região Norte do Brasil, utiliza-se mais uma vez o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso com o intuito de averiguar como os discursos sobre o nortista produzem determinados efeitos e, conseqüentemente,

promovem a manutenção de certas formações imaginárias que constituem o “desenho” do sujeito nortista e, especificamente, do tocaninense. O corpus deste estudo é instituído pelos dizeres de Paulo Vieira, humorista tocaninense, e pelos comentários de Victor Camejo, Rominho Braga, Osmar Campbell e Murilo Couto, humoristas paraenses e integrantes do canal no *YouTube* de grande circulação nacional e internacional, “Em Pé na Rede”. Os dizeres são veiculados no vídeo “Comentando Histórias #20 - um coroinha no Superpop”, de 15 de março de 2019.

Em toada semelhante à anterior, o capítulo VIII, **A representação da imagem tocaninense em Paulo Vieira**, analisa a imagem que a mídia faz do nortista. Utilizando-se do mesmo arcabouço teórico- metodológico da Análise do Discurso, Utiliza-se como corpus os dizeres de Paulo Vieira, de Antonio Tabet e de Fábio Porchat, humoristas tocaninense e cariocas respectivamente, integrantes do canal no *YouTube* de grande circulação nacional e internacional, Porta dos Fundos. Os dizeres são veiculados no vídeo “Promovido” e na entrevista com Paulo Vieira denominada “Paulo Vieira – Que história É Essa, Porchat?”, ambos exibidos pelo canal GNT, em 3 de outubro de 2019, nos quais a imagem construída é representativa dos costumes nortistas, especificamente do sujeito tocaninense.

O capítulo IX, **Uma análise dos dizeres sobre a voz de sucesso em sites do Tocantins**, analisa o discurso do sucesso, especificamente, os efeitos de sentidos nos pré-construídos “nacional” e “nacionalmente”. Tenciona-se depreender o que se diz sobre as vozes tocaninenses e como se diz, na perspectiva da Análise do Discurso. Para a sistematização dos dispositivos argumentativos deste percurso analítico, o capítulo é organizado nas seguintes seções: Aparato teórico-metodológico, cuja mobilização das noções, de pré-construído de sucesso, silêncio constitutivo, de interdiscurso e de outras noções faz-se necessário; Análise: sucesso e apagamento da voz tocaninense, na qual mecanismos analíticos expostos são aplicados para examinar os efeitos das projeções midiáticas em três notícias de sites tocaninenses. O corpus é composto pelos textos “Conheça o cantor e compositor tocaninense que vem se destacando no cenário nacional” (2022), publicada no site de notícias Diário Tocantinese, “Produção da música tocaninense é valorizada na I Mostra Premiada” (2014) e “Fábio Jr, Melim e Zezo são

atrações confirmadas para o 16º FGT” (2022), ambas publicadas no site oficial da Prefeitura de Palmas, Tocantins.

Por fim, o capítulo X, **Sentidos e sujeitos nas projeções midiáticas de espacialidades discursivas do Tocantins**, descreve e interpreta uma das várias redes de dizeres sobre os espaços urbanos tocantinenses, a saber, o Aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues e a Estação de ônibus Apinajé, também à luz dos princípios e procedimentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso. O corpus desta investigação é composto por duas notícias, uma veiculada no Portal da Infraero (2016) e a outra no Portal O Coletivo (2012). Ao final deste percurso, espera-se compreender o cingir dessas redes midiáticas na projeção e manutenção de formações imaginárias que estabelecem também a projeção dos espaços urbanos e sentidos circulantes nas espacialidades discursivizadas do Tocantins.

Feito esse sobrevoo pelos textos que formam os capítulos desta obra, “Discursos do Norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes de dizeres sobre o Tocantins”, esperamos contribuir para novos estudos, exames e investigações acerca das relações de poder existentes no interior dos discursos do Norte e sobre o Norte. Além disso, desejamos que as análises empreendidas neste livro demonstrem o potencial interpretativo de fenômenos sociais presentes na região Norte, em especial no Tocantins, com menor atenção do poder público e menor visibilidade em sua produção intelectual. Sem mais delongas, agradecemos a todos os envolvidos neste projeto pelo espaço de exposição. Abaixo, encontra-se a capa da obra ora exposta para apreciação do leitor.

**Thiago Barbosa Soares
Damião Francisco Boucher**

DISCURSOS DO NORTE

**Projeções Identitárias, Apagamentos
e Interpelações em Redes de Dizeres
Sobre o Tocantins**

